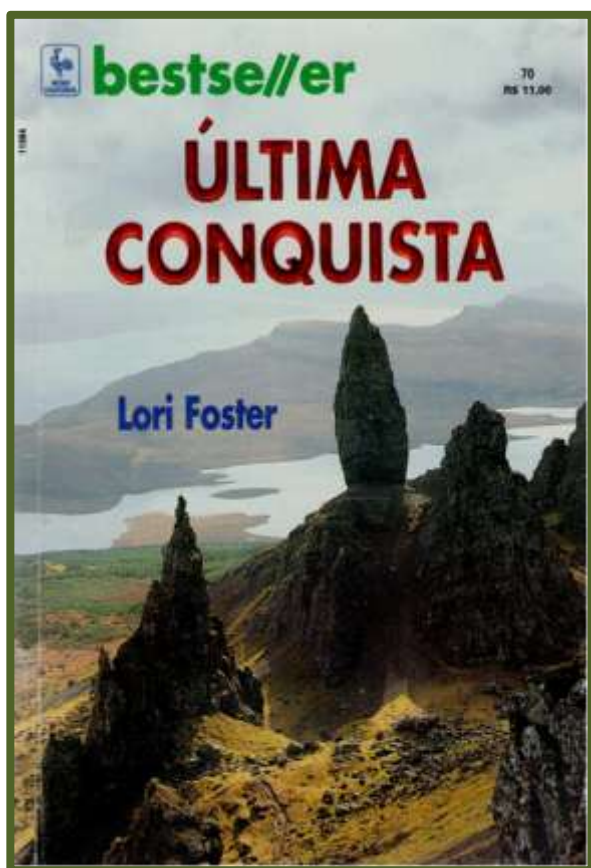


Última Conquista

Lori Foster



Ele queria o coração daquela mulher especial!

Joe Winston tem uma rotina simples com as mulheres: ele existe, logo, elas suspiram. Com seu charme irrepreensível, corpo másculo e estilo machão, Joe é capaz de conquistar qualquer mulher... Exceto aquela que ele de fato deseja.

Secretamente, Luna Clark nutre uma queda por Joe, mas deixou bem claro desde o início que não cometerá a tolice de se apaixonar por ele.

Agora, o destino pregou-lhe uma peça e Luna herdou dois garotos necessitados que vivem numa vila disposta a expulsá-los da comunidade. Ela precisa de alguém que a ajude a protegê-los... Alguém que saiba intimidar... Alguém como Joe!

Formar uma família da noite para o dia não é o que Joe quer, mas pode ser o começo.

Afinal, onde há um Joe, há um meio certo de conquistar o coração de uma mulher!

Título original: Say No to Joe?

Disponibilização: Vania / Digitalização: Marina

Revisora: Ana Karolina / Formatação: Edina





Capítulo I

O corpo musculoso e viril ocupava quase toda a cama de casal. Duas mulheres debruçavam-se sobre ele, tocando-o e suspirando. Estavam tão entretidas com aquela exploração que nem sequer notaram a chegada de Luna, e tampouco a escutaram bater. Ela agora entendia por quê. Joe Winston estava completamente nu. E ele tinha uma... Tatuagem no traseiro? Luna estreitou os olhos para ler as palavras que rodeavam o desenho do coração tridimensional. O texto assemelhava-se a “Eu amo Lou”.

O que significava aquilo?, perguntou-se, intrigada. Tinha a mais absoluta certeza de que Joe preferia mulheres a homens, e as duas mulheres que estavam lá pareciam confirmar essa idéia. Uma delas sussurrou:

—Eu queria que ele acordasse.

A outra suspirou resignada.

—Estou tentando há meia hora e não tive sorte.

Luna clareou a voz e, no mesmo momento, as mulheres olharam para cima, assustadas e com ar culposos.

—A porta da frente não estava trancada. —Luna explicou-se.

Em vez de questionar a súbita interrupção ou mandá-la sair, as mulheres se entreolharam envergonhadas. A loira de seios fartos afastou a mão que acariciava as costas de Joe.

A ruiva mordeu o lábio inferior, nervosa.

—Quem é você?

Vendo que Joe não se movia e que parecia, sem dúvida, estar dormindo, Luna aproveitou a oportunidade única. Ergueu o nariz com desdém e encarou as duas.

—Sou a mulher dele. Saíam agora.

O fato de não a terem confrontado foi prova suficiente para Luna de que aquelas mulheres nada significavam para Joe, pois, do contrário, saberiam que ele era avesso ao casamento.

Sorriu satisfeita quando as dondocas se apressaram para sair. Contudo, o sorriso logo se desfez ao ver o vidro de remédio na mesa-de-cabeceira de Joe.

Luna leu o rótulo e soube que se tratava de um forte analgésico. Por isso, Joe parecia desmaiado na cama. Mas o que acontecera? Por que tomara aquele remédio?

—Joe?

Ele não se mexeu, e resmungou algo incompreensível. Os ombros largos e musculosos atraíram a mão de Luna. Tocou-os, sentindo a pele quente, e... Percebeu que estava perturbada.

Não estava nervosa. Longe disso. O fato era que a nudez de Joe em si já era o bastante para fazer qualquer mulher de sangue nas veias tremer.

Fazia três meses que não o via. A última vez em que a convidara para sair, Joe dissera que, se Luna recusasse, nunca mais a convidaria.

Pois bem, ela o recusara.

Os cabelos negros em desalinho contrastavam com a franha branca do travesseiro. O maxilar de Joe parecia tenso e, quando Luna aproximou-se para examinar-lhe mais de perto, notou uma mancha roxa ao redor do olho. Um hematoma? Sentando-se na beirada da cama, ela o sacudiu.

—Joe, acorde.

Ainda de olhos fechados, ele franziu o cenho e inspirou profundamente. Com esforço exagerado, abriu apenas um olho. Ambos se fitaram por alguns segundos.

De repente, Luna se viu capturada pelos dois olhos azuis.

—Pensei ter reconhecido esse perfume. —Joe murmurou com a voz rouca de sono.

Rindo, Luna levantou-se.

—Lamento, amigo, mas não passei perfume algum hoje...

A declaração morreu no ar quando Joe virou-se de costas e gemeu. A nova posição revelou a luxação na altura das costelas e mais uma variedade de ferimentos no peito, face e abdome.

Alguém o tinha espancado.

Indignada, e ligeiramente agitada já que a posição também permitia a visão gloriosa do corpo nu, Luna levou a mão ao rosto.

Joe Winston podia ser mulherengo e malandro, mas Luna não tinha queixas quanto aos atributos físicos. Ele possuía massa muscular, ossos longos, pêlos pretos e vigor. E muito, mas muito, sex-appeal¹.

Luna tentou desviar o olhar quando Joe agarrou-lhe os braços e puxou-a para si.

—Você não precisa de perfume. —ele sussurrou em tom de sedução.

—Ah, não! —Luna protestou alarmada. —Pode parar.

Mesmo fraco e aparentemente dopado, Joe não teve dificuldade para dominá-la. Luna acabou com os seios colados ao tórax maciço e as pernas entrelaçadas às dele. Joe gemeu de dor e, em seguida, de prazer.

—Por favor, Joe... —começou, mas foi interrompida por um beijo.

Embora estivesse envolvida pelos braços fortes e pelo sabor dos lábios famintos, Luna atinou para o perigo que corria. O homem era

¹ É a atração exercida nas pessoas do sexo oposto.

demais. Sempre fora assim com ele. Bastava tocá-la para o bom senso desaparecer.

Sem a permissão da consciência, Luna fechou os olhos e, por um único instante, entregou-se ao beijo, provando Joe e correspondendo em igual intensidade.

Ele soltou um gemido de fome quando a mão espalmada encontrou o sutiã. Os dedos, ásperos e quentes, deslocaram-se até os quadris e dominaram uma das nádegas, apertando-a com carinho.

Com incrível agilidade, Luna pulou da cama e o encarou. Estava ofegante, irritada e, que Deus a ajudasse, ainda sentia o desejo ardente de devorar Joe.

Os olhos azuis expressivos e intensos estudaram-na.

—Volte para cá. —Joe ordenou como se esperasse que ela obedecesse.

Luna quase o fez.

—Você. —acusou-o, resistindo à tentação. —Está drogado.

Sem o menor pudor, ele deslizou a mão até a virilha e sorriu matreiro.

—Mesmo assim, tudo parece funcionar muito bem.

Luna ficou perplexa.

Oh, Deus, era preciso uma força titânica para não sucumbir à tentação. Achou que ia desfalecer e queria abanar-se para aliviar o calor interno. Desejava principalmente tocá-lo, sentir a pele quente e os pêlos macios.

Absurdo. Homens, mesmo os mais bem-dotados, não a afetavam a ponto de fazê-la ofegar e perder a coerência de raciocínio. Luna obrigou-se a fitar apenas o rosto de Joe.

—Não vim aqui para isso, Joe.

—Não?

—Vim conversar.

—Vamos conversar na cama.

O tom de voz sedutor a enfraquecia. Para tentar outra estratégia, ela ensaiou um sorriso zombeteiro.

—Você é o único homem que conheço capaz de ter uma ereção sob o efeito de analgésicos.

O olhar sedutor fixou-se na curva dos seios.

—Estou tomando esse remédio há três dias, querida, e, acredite, a droga não conseguiu me derrubar.

—Então, você não está tão dopado quanto eu pensei?

Joe gemeu e tentou sentar-se na cama.

—Dopado, não mais. Dolorido, muito. Pode me ajudar?

Atenta, Luna segurou um dos braços de Joe com as duas mãos. Os músculos flexionavam sob as palmas, excitando-a mais. Com o auxílio

de Luna, Joe conseguiu, enfim, sentar-se apoiado no espaldar da cama. Estava tão pálido e fraco que ela quase esmoreceu.

—Deus, minhas costelas estão me matando e meus joelhos doem demais! —Joe queixou-se.

Luna podia perceber tudo isso. A dor causava tensão nos músculos, e havia suor na testa. Porém, Joe não era o tipo de homem que apreciaria paparicos, ainda mais estando nu sobre a cama.

Assim que se acomodou, Joe soltou um longo suspiro. Preferindo discrição à excitação, Luna jogou o lençol sobre as pernas dele.

—Minha nudez a perturba? —ele perguntou, sorrindo.

Sim.

—De jeito nenhum. —Luna o cobriu até a cintura, fazendo de tudo para ignorar o sorriso pretensioso de Joe e a evidente ereção sob o lençol.

—Obrigado. —murmurou com certa ironia e, cuidadoso, alongou as pernas. —Fico feliz que esteja aqui, Luna.

—Estou certa disso. —Ela se afastou da cama e do alcance dos braços poderosos. —Parecia estar sofrendo muito com aquelas duas sobre você.

—Sofrendo? Sim, essa palavra resume tudo. Por que acha que me fingi de morto? —Joe chutou o lençol até liberar a perna direita. —Aquelas tiranas insaciáveis não entendem que sou humano e estou machucado.

Recusando-se a desistir, Luna manteve o olhar no rosto de Joe.

—Quer dizer que elas estavam aqui para fazer sexo?

—O que mais poderiam querer além de sexo? Não tenho dinheiro; portanto, não era isso que desejavam.

—Não acredito que vim até aqui. —Luna resmungou para si mesma.

—Nem eu. A propósito, por que está aqui? Já sei. Você agora é minha mulher, certo?

A expressão era de pura malícia, intensificada pelo nariz levemente torto e pela pequena argola de ouro que ele usava na orelha. Joe adoraria constrangê-la, mas Luna não tinha tempo para tanto.

Respirou fundo e rezou para que ele não a provocasse.

—A verdade, Joe, é que preciso de você.

Ele fez o possível para ocultar a dor que se manifestava em seus músculos, ossos e juntas. Ao verificar o relógio, viu que eram quase oito horas, porém, tinha a impressão de que estava acamado havia séculos.

Mas não podia se dar ao luxo de se distrair com a dor. Luna viera procurá-lo e, por Deus, ele tiraria vantagem daquela oportunidade nem que tivesse de morrer.

—Se bem me recordo —Joe argumentou —você me mandou passear. E, na época, pareceu-me muito sincera.

Ver Luna Clark corar era uma experiência única. Em geral, agia como uma feminista nata, embora não o fosse. Joe jamais testemunhara uma atitude de insegurança da parte dela.

—Você sabe por quê, Joe.

—Porque é frigida? —No instante em que disse isso, ergueu as mãos em defesa própria. —Não abuse de meu corpo já abusado. Mais um soco e estarei perdido de vez.

Luna parecia prestes a socá-lo, e ele merecia. Cada vez que chegava perto dela, Joe perdia o autocontrole e a razão, para pensar apenas em sexo. Mas a rejeição contínua o irritava de tal forma que sempre acabava agindo como um completo imbecil.

Incomodado consigo mesmo, Joe moveu-se e soltou um gemido de dor. Ela se aproximou.

—Afinal de contas, o que aconteceu a você? Molestou uma mulher e ela o espancou com um taco de beisebol?

Joe reprimiu o riso.

—Um simples beliscão no traseiro não é molestar. —ele brincou.

Luna era capaz de diverti-lo nos piores momentos. E, finalmente Joe a tinha ali ao seu lado. Zane, seu primo, telefonara no dia anterior para dizer que Luna o procuraria devido a um problema. A única explicação que Zane lhe dera era que ela precisava das habilidades de Joe.

Evidentemente, dispusera-se a ajudá-la. Sendo a melhor amiga da esposa do primo, Luna pertencia à família. E Joe faria qualquer coisa pela família.

Sim, a justificativa soava plausível para ele.

Luna, porém, chegara mais cedo do que o previsto. Joe precisaria de mais alguns dias para se recuperar antes de seduzi-la.

Os fascinantes olhos castanhos brilhavam de irritação e incredulidade.

—Eu nem sequer o conhecia, Joe. Levei um sanduíche para você e, no minuto seguinte, suas mãos estavam sobre mim.

A despeito das dores e do sofrimento físico, a lembrança o aqueceu.

—É seu corpo, querida. —Joe disse, defendendo-se. —Ele é perfeito e irresistível.

O rubor nas faces aumentou.

—De todas as bobagens que você...

—É irresistível. —ele repetiu, sincero. —Parece implorar pelas mãos de um homem. —A explosão era iminente. Logo, Joe achou melhor distraí-la, mudando de assunto. —E, para sua informação, não fui espancado por uma mulher —retrucou. —Que idéia absurda é essa?

—Não sei. —Luna respondeu trêmula. —Estou com vontade de bater em você.

Oh, Joe adoraria que ela tentasse. Durante aquele breve interlúdio, quando a puxou para a cama e a beijou, sentiu-se vivo, vibrante. A última vez em que sentira tamanha fome fora... Quando a tivera nos braços na primeira vez.

Mesmo assim, Luna permanecia distante. Era uma garota esperta.

—Já que quer os detalhes sórdidos, um cretino me golpeou na cabeça e me deixou inconsciente. Acho que ele usou uma chave de roda, não um taco de beisebol.

—Meu Deus!

Enfim, uma dose de compaixão.

—Exato. O primeiro golpe atingiu minha cabeça e ainda tenho o inchaço para provar. Desmaiei na hora. —Joe esfregou a área atrás da orelha. —É a única coisa de que me recordo, depois acordei e, ainda estonteado, voltei para casa aos trancos e barrancos.

Claro que havia um pouco de exagero nessa parte. Mas realmente subir dois lances de escada até seu apartamento lhe parecera um esforço extraordinário, especialmente com um dos joelhos contundido pela segunda vez. Mesmo com a ajuda que tivera, a empreitada fora difícil.

Com os belos olhos cintilantes de preocupação, Luna chegou ainda mais perto da cama.

—Foi ao médico?

—Fui. Tirei uma porção de chapas e fiz centenas de exames. Não quebrei osso algum, mas a sensação é de que meu corpo está massacrado. O veredicto final foi que, se eu repousar durante uma semana ou duas com bolsas de gelo e remédio para dor, irei sobreviver.

Luna fitou-o da cabeça aos pés.

—Consegue se mover?

Joe sorriu satisfeito.

—Os quadris funcionam muito bem, querida. É claro que será mais fácil se você fizer todo o trabalho... —Ele começou a rir. —Estou brincando, Luna. Não faça careta.

Ela andou pelo quarto e voltou a encará-lo. Joe preparou-se para receber o pior. Luna, no entanto, surpreendeu-o, respirando fundo várias vezes seguidas.

Tratava-se de uma mulher volátil e passional, qualidades que a tornavam ainda mais divertida.

—Conseguiu se conter? —Joe indagou. Luna assentiu.

Mentirosa. Ela queria apenas ganhar tempo.

—Ótimo. —Joe indicou o espaço ao lado dele. —Agora me diga por que precisa de mim. Estou pronto para ouvir.

—Joe, você é irritante. —Luna passou as mãos nos cabelos.

Naquele dia estavam castanhos e cortados à altura dos ombros. Luna possuía o espírito de um camaleão, constantemente mudando. Joe não ficaria assustado se, no dia seguinte, ela estivesse ruiva e no outro, loira. Na verdade, não sabia qual era a cor natural dos cabelos. Mas, tão logo conseguisse despi-la, descobriria tudo. Mal podia esperar.

Enquanto isso, contentava-se com jogos de adivinhação. A novidade o incitava. Sim, era isso, ela era uma novidade.

Desde o início, Luna o intrigara. E Joe não mentira, a mulher tinha um corpo lindo. Atestara essa realidade ao vê-la entrar na loja de informática de Zane, na época em que Joe ajudara o primo a resolver um problema. E porque Joe lhe fazia um grande favor, Zane pedira a Luna que buscasse um sanduíche para ele.

A princípio, ela se mostrara mais que agradável, chegando a flertar de uma forma especial, característica que, Joe descobrira mais tarde, fazia parte da personalidade marcante. Luna o fitara com seus olhos dourados, e Joe vira o que quisera ver: um convite.

Em circunstâncias normais, ele saberia como lidar com a situação. Mas quando Luna estava envolvida, nada era normal.

De várias maneiras, ela frustrara qualquer tentativa de Joe. Naquele dia em particular, Luna havia se virado para deixar o sanduíche no balcão, presenteando Joe com uma vista perfeita dos deleitáveis quadris, sem pensar ou considerar a possibilidade de que ele a... Tocaria.

E assim aconteceu. Joe não se conteve, acariciou a curva dos quadris e, de repente, almejou muito mais.

Luna, por sua vez, ficara rígida e, de um minuto para o outro, Joe viu o sanduíche espatifar-se sobre sua camisa. Ela o atacara sem lhe dar a chance de se desculpar, ou explicar, ou induzi-la a aceitá-lo.

Não fora nada fácil, mas Luna lhe perdoara. Afinal, a química entre os dois era óbvia e inegável. No casamento de Zane, Joe finalmente conseguira um longo e inebriante beijo, desejo que o assombrara durante os últimos três meses.

Depois do beijo, tentara diversas vezes ficar a sós com ela e conseguira se comportar. Não que ele fosse um cafajeste. Durante seus trinta e seis anos de existência, tivera muito tempo para fazer o que bem entendesse. E os trabalhos de guarda-costas, detetive particular e segurança o deixaram um pouco mais descolado e rude. Isso se devia aos ambientes que precisava frequentar em razão dos casos que investigava.

Mas, por Luna, tentara de verdade agir de maneira mais civilizada, e ainda assim ela o rejeitara.

Entretanto, Joe pensou consigo, o destino a trazia de volta. Segundo Zane, Luna precisava de alguém como Joe, um homem durão, inescrupuloso e corajoso. Um camarada que soubesse chutar alguns traseiros quando necessário.

O único detalhe relevante era que precisaria se recuperar antes de chegar a confrontar bandidos. Mas, pela oportunidade de satisfazer seu maior desejo sexual, Luna, Joe conseguiria curar-se em tempo recorde.

—Comporte-se, Joe. —Luna ordenou, antes de se sentar na beirada da cama.

—Claro. Agora me conte tudo.

Constrangida, ela virou o rosto.

—Timidez? —Joe brincou.—Luna, a lunática, é tímida? Luna, a deusa da Lua? Luna, a...

—Está bem! —Com a expressão séria, ela disse: —Tenho duas crianças.

Joe ficou chocado. E, dados os ferimentos, o choque doeu. Levou as mãos às costelas e tentou recuperar o fôlego. Claro que compreendera mal. Zane dissera que Luna tinha um problema que somente Joe podia resolver, e ela própria confessou que precisava dele.

No entanto, deduzira tratar-se de uma ameaça comum, como um ex-namorado ciumento, um senhorio impaciente ou mesmo uma questão financeira. Ele conseguiria lidar com quaisquer situações desse nível. Mas crianças? O que sabia acerca de crianças?

Por fim, a respiração voltou ao normal.

—O que está dizendo?—ele perguntou. —Uma gravidez não leva nove meses?

—Vai falar sério ou não?

—Acredite-me, querida, sou mais sério que uma freira em um domingo.

—Tenho uma prima que faleceu há dois anos. Ela deixou dois filhos. Como ninguém sabe quem é o pai, eles agora precisam de um guardião. —Luna olhou para as próprias mãos e, por um instante, pareceu a Joe que ela iria chorar.

Em uma atitude tipicamente masculina, ele se comoveu. Ver uma mulher chorando fazia o homem sentir-se mais protetor e forte, o herói conquistador pronto para consolar a dama vulnerável. E já que a dama era Luna...

Bem, ela sempre se mostrou tão segura e independente que Joe ficou tocado ao vê-la emocionada.

Se não estivesse tão machucado e dolorido, poderia abraçá-la, acariciar-lhe as costas e... Sem dúvida alguma, teria sido uma experiência deliciosa. Porém, a probabilidade de sair ileso, caso tentasse algo semelhante, era mínima. Melhor seria não tentar.

Mas, enquanto ela se recompunha, Joe ousou segurar-lhe a mão. As unhas estavam pintadas de roxo e vários anéis enfeitavam os dedos. De tão pequena, a mão inspirava certa delicadeza.

Não queria pensar em Luna como uma mulher delicada. Preferia vê-la apenas como uma mulher sensual, ferosa e provocante.

Alimentava várias fantasias, mas nenhuma possuía um caráter tão afetivo. Dessa vez, o gemido foi interno e causado por um impacto em seu cérebro, não no corpo.

—Como ela faleceu? —Joe perguntou gentil.

—Em um estúpido acidente de carro. Certa noite, ela saiu para ir ao supermercado e nunca mais voltou para casa. —Luna suspirou. —Eles enfrentaram tudo sozinhos, Joe.

Brincar parecia ser o melhor recurso de que ele dispunha.

—Juro que, se começar a chorar, não vou conseguir me controlar. E o que será de nós?

No momento seguinte, Luna camuflou a vulnerabilidade, mais uma vez mostrando-se fria.

—Os dois passaram por vários guardiães, mas nenhum permanente. Conversei com Willow, a filha de Chloe, por cerca de meia hora ao telefone. Ela me pareceu... Desesperada. Isso não me agradou.

—Chloe era sua prima? —Joe acariciava os dedos finos, fascinado com a pele macia e sedosa.

—Sim. Nós nos encontramos uma ou duas vezes quando crianças, mas não me lembro muito bem dela. Eu nem sequer sabia que Chloe havia morrido. Ninguém me avisou.

—Por que a procuraram agora?

—Sou a parente mais próxima que restou. Willow ainda não completou quinze anos, mas fala como se fosse mais velha. É ela quem cuida do irmão mais novo e tenta lidar com as mudanças constantes. É demais para ambos. Preciso ajudá-los.

—Claro que sim. —Joe só não entendia por que Luna necessitava dele. Embora não quisesse constituir a própria família, também não era um cretino insensível. —Onde me encaixo nessa história, afinal?

—Está disposto a ajudar?

Ofendido com a pergunta, ele a encarou.

—Quer dizer que não percebeu? E eu pensei que fosse Luna, a deusa da Lua, toda poderosa e vidente...

Novamente ela fez menção de socá-lo. Joe riu.

—Pare com isso, querida. Antes de vir até aqui, você já sabia que eu a ajudaria. Do contrário, não teria se dado ao trabalho de vir.

—Tem razão. —ela concordou. —Após algumas considerações, achei mesmo que poderia contar com você.

—Refere-se à química que existe entre nós. —Joe afirmou triunfante.

—Não. Quero dizer, apenas, que você é um dos melhores homens que conheço. —O tom gentil pegou-o de surpresa. —Zane confia muito em você.

Tal declaração o deixou sem ação. Joe possuía todos os tipos de tiradas sexuais e, por ironia, Luna o derrotou ao elogiar seu caráter.

—Antes de você concordar —Luna prosseguiu —acho importante saber que as crianças são terríveis. Willow deu a entender que ela e o irmão atormentaram tanto os vizinhos com traquinagens inofensivas que agora certas pessoas os culpam por tudo que acontece e os culpam sem piedade.

—Sei. —Joe retrucou pensativo.

A situação devia ser pior, pois Luna tentava dissuadi-lo a colaborar. Ela não era especialmente frágil e, Joe tinha certeza, seria capaz de lidar com vizinhos inconvenientes. E, acima de tudo, Luna sempre deixara claro que não queria nada com ele. Portanto, aquele pedido de ajuda tinha um significado especial.

Você é um dos melhores homens que conheço. A confissão não vencia tudo? Luna não estava lá porque o desejava, mas sim por uma absurda certeza de que Joe possuía nobreza de caráter. Ela ficaria furiosa se descobrisse que ele não tinha um pinga de nobreza e que não seria justo a ela e às crianças envolvê-lo naquela situação.

Que tipo de molecagem poderiam inventar duas crianças? Eram pessoas em miniatura, certo? Mesmo suas habilidades destrutivas eram limitadas.

Joe e a irmã eram solteiros e, sendo assim, não tinham suprido a família com filhos, para a tristeza da mãe de ambos. Mas seus quatro primos haviam tido muitas crianças, cujas idades variavam de oito meses a quinze anos. Joe adorava relacionar-se com elas cada vez que a família toda se reunia. A garotada parecia divertida, justamente porque ele não era o pai.

Uma vez convencido, ignorou o desconforto físico e concentrou-se em Luna.

—Certo. Vamos lá.

—Lá?

—Sim. O que as crianças aprontaram? Em que encrenca se meteram?

—Não sei se estão encrencadas. —Luna ponderou. —Mas há pessoas que querem afugentá-las.

—Que tipo de pessoas?

—Gente graúda. —Luna respondeu.

—Graúda?

—São pessoas perigosas.

Joe sorriu.

—É mesmo?

—E malvadas.

—Muito bem. E você acha que poderá combater fogo com fogo ao me exhibir diante dessas pessoas?

Dessa vez, Luna sorriu.

—Por mais imponente e mau caráter que sejam, você deve superá-las, Joe. Já o vi em ação quando ajudou Zane, e escutei várias histórias contadas por seus primos. Sabe lidar com qualquer um em qualquer situação.

—Talvez, mas não sou malvado. —Por que era tão importante que Luna acreditasse nisso, ele não sabia.

—Será perfeito. Aqueles idiotas não saberão quem os atingiu.

—Você ainda não me disse o que houve. Por que os idiotas estão perturbando as crianças?

Luna fitou um dos hematomas no músculo peitoral de Joe.

Ela parecia querer tocá-lo, tornando o clima ainda mais vibrante para ele, embora não estivesse em condições plenas para um interlúdio amoroso. Luna voltou a encará-lo.

—Willow acha que tudo o que está acontecendo se deve ao fato de a mãe deles nunca ter se casado e, por consequência, agora serem órfãos.

—E ninguém sabe quem é o pai?

—Não. Ele nunca pagou pensão para os filhos, muito menos os visitou. Willow deu a entender que jamais teve um pai e nunca o terá.

—Que tristeza.

—Sim. Como uma cidade pode culpar duas crianças por serem ilegítimas e órfãos? Contudo, nenhum dos tutores jamais considerou a possibilidade de adotá-las. Eles simplesmente desistem delas e as abandonam.

Era sem dúvida uma situação revoltante, mas Joe sabia que os moradores de cidades pequenas podiam ser rígidos em termos morais. De certa forma, eram ainda piores que os moradores das grandes cidades. Em uma metrópole podia-se viver no anonimato, sem se importar com a opinião alheia.

—Quem é o tutor agora?

—Uma tia. Ficará com elas até eu chegar, mas deixou claro que já está impaciente. Houve outro primo antes dela. Soube que a mulher dele foi transferida no emprego e não quiseram levar as crianças. Antes desse casal, surgiu um tio aposentado que desistiu das crianças porque davam muito trabalho. A tia quer se casar, e o noivo não pretende assumir os dois sobrinhos.

Imaginando como as crianças deviam se sentir sem nenhuma estabilidade emocional e financeira, Joe compadeceu-se. Mas ter Luna como responsável...

De alma livre e genuína, Luna era exótica demais e sensual ao extremo para ser mãe. Além disso, ela trabalhava como assistente de uma vidente. Houve momentos em que Joe acreditara mesmo nos poderes sobrenaturais de Luna. Em várias ocasiões, ela pareceu saber mais do que deveria, principalmente em relação a ele.

Como se lesse sua mente, Luna prosseguiu:

—Já passei pela verificação dos antecedentes criminais, mas serei submetida a outra avaliação enquanto estiver com as crianças. Não estou muito preocupada porque, mesmo sabendo que não sou a mãe ideal...

—É você quem está dizendo.

Para puni-lo pela interrupção, Luna beliscou o braço de Joe.

—O Conselho Tutelar está sobrecarregado de trabalho. —ela continuou. —Os assistentes sociais tendem a dar preferência aos parentes mais próximos, segundo me disse a assistente. E sou a última da lista.

—E a assistente social sabe de sua propensão para causar dor? —Joe brincou e preparou-se para defender-se de outro beliscão.

—Não seja infantil. Nem cheguei a machucá-lo.

Era verdade. Acrescido aos vários hematomas e escoriações, um mero beliscão era irrelevante, mas Joe não precisava de mais nenhum agravante.

—Vou me mudar para lá.

—Para lá onde? —Joe indagou, pego de surpresa.

—Carolina do Norte.

Luna morava a uma hora de distância, em Thomasville, Kentucky. Mais que isso seria um grande inconveniente para Joe. Tinha de encontrar um meio de convencê-la a desistir da mudança.

Ele a queria em sua cama. Por quanto tempo, ainda não havia decidido. Porém, até decidir, precisava tê-la o mais próximo possível. Joe gostava de crianças e sabia lidar com idiotas covardes.

Mas correr o risco de jamais descobrir como seria fazer amor com Luna era uma possibilidade muito doída para considerar.

Capítulo II

—Creio que devemos conversar mais a respeito dessa decisão.

—Não vou mudar de idéia. As crianças estão sozinhas, Joe. Há dois anos vivem na incerteza, a cada período vivendo sob a custódia de um adulto. A princípio, pensei em trazê-las para cá, mas a casa de Chloe só pertencerá aos filhos, se o tutor ou guardião viver na residência com as crianças. Trata-se de uma das exigências do testamento.

Joe estranhou o fato. Por que a mãe insistiria para que os filhos permanecessem na casa? Ela, sem dúvida, deveria ter suposto a dificuldade que uma pessoa já estabelecida teria de enfrentar. Além da pesada responsabilidade de criar os filhos de outro, tal cláusula parecia excessiva.

—Chloe deve ter imaginado que a casa representaria um incentivo... —Luna argumentou, como se, novamente, adivinhasse os pensamentos de Joe. —Não há a despesa de aluguel e o financiamento já foi quitado. Ela provavelmente queria evitar que o tutor vendesse a propriedade, gastasse o dinheiro e deixasse as crianças à míngua. Além do mais, as crianças sofreram muitas mudanças. Nos últimos dois anos, aquela casa foi a única segurança que conheceram.

Luna parecia tão determinada que Joe sentiu algo semelhante ao desespero.

—E quanto a sua vida aqui? —indagou. —Seu trabalho com Tamara, amigos e família? —*E quanto a mim?*, quis berrar, sentindo o peito se apertar. Queria que ela o considerasse pelo menos um pouco.

—Minha família está espalhada pelo país. —Luna respondeu despreocupada. —E nunca cultivamos amizade. Acredite, eles não se importam com o que eu faço.

—Não? —Tal idéia pareceu bizarra a Joe, uma vez que ele pertencia a uma família unida.

Luna meneou a cabeça.

—Posso encontrar trabalho em qualquer lugar e sempre é possível visitar Tamara, Zane e outros amigos.

Joe resmungou. Estava claro que ficar longe dele não a incomodava de forma alguma. Porém, acharia um meio de fazê-la mudar de idéia.

—Qual é meu papel nessa história? Quer que eu dê um susto nos idiotas que estão maltratando as crianças? Terei de bater em alguém?

Luna sorriu.

—Desista, Joe, porque não acredito nessa história.

—O que foi? —Esperava que a expressão de inocência parecesse convincente.

—Zane avisou-me que poderia dizer algo tão estúpido quanto isso. Disse que você aproveita qualquer oportunidade para se gabar de seu talento.

Zane podia ser um desmancha-prazeres, mas Joe ainda se lembrava da época em que o primo o acusara de ser um homem bruto. Aparentemente, ele acreditava ao menos um pouco na reputação de Joe.

—Então, diga-me. Qual é meu papel?

—Quero seu apoio e preciso que intimide as pessoas mais agressivas. —Luna fitou o tórax e os ombros largos. Os olhos brilharam, mostrando que o aprovava. —Mesmo machucado desse jeito, não imagino que idiota seria capaz de subestimá-lo.

Malicioso, Joe sorriu.

—Você nunca hesitou.

Ofendida ante a sugestão de que podia ser idiota, ela bufou.

—No meu entender, eu o tenho evitado.

Devagar, Joe abaixou o lençol. Porém, o gesto não foi tão sutil, já que Luna arregalou os olhos e fitou o abdome bem torneado.

—Evitando-me? —ele repetiu e fingiu não perceber o olhar de Luna. —Não era você que estava comigo naquele corredor escuro no casamento de Zane, beijando-me, arranhando minhas costas, gemendo e...?

Luna pulou da cama.

—Um pouco de modéstia não faz mal a ninguém, sabia?

—Modéstia é para fracos. —Joe chutou o lençol. O tecido não poderia tombar mais sem desnudá-lo completamente.

Teimosa, Luna recusou-se a olhar.

—Muito bem. Eu o beijei. Foi uma ausência momentânea de sanidade.

Joe assentiu solidário.

—Costumo causar esse efeito nas mulheres.

O semblante frio mostrava pura determinação.

—Por esse motivo me afastei.

—Mas está de volta. —Apontar o fato irrefutável deu muito prazer a Joe.

—Somente por necessidade. —Como se não resistisse, ela voltou a fitá-lo. As faces ficaram vermelhas e a respiração falhou. —Não há como negar, Joe. —Disse, com suavidade. —Você é uma tentação. Mas não pretendo ser mais uma em sua cama.

Então era uma tentação... As dores no corpo diminuíram um pouco devido à intensidade do desejo.

—Entendo perfeitamente. Não há razão para ficar na defensiva.

—Não estou na defensiva. —Luna virou de costas e cruzou os braços.

—E se eu fosse mais um em sua cama? Não me importaria. Seria muito bom para você. Não estou me gabando, mas...

Outra explosão parecia iminente. Luna cerrou os dentes.

—Vai me acompanhar ou não?

O jeans preto moldava a curva dos quadris com perfeição. Luna virou-se outra vez e, durante o movimento, Joe divisou parte do ventre entre a calça e a camiseta colorida. Para uma mulher com seios e quadris generosos, a cintura de Luna era fina e o ventre, levemente arredondado. Na verdade, ela o fazia lembrar aquelas modelos de calendários: lasciva, curvilínea e sensual.

—Ainda estou considerando a proposta. —ele murmurou, tentando apagar a vontade de despi-la para melhor verificar os detalhes.

—Pretendo remunerá-lo, Joe.

Perfeito. Tal assertiva exterminou o desejo.

—Esqueça. Não quero nem preciso de seu dinheiro.

Luna levou as mãos à cintura.

—Mas disse que está falido.

—Sempre digo isso para que as mulheres não comecem a criar esperanças. E melhor que dizer que sou um péssimo amante, uma mentira em que nenhuma delas acreditaria, aliás.

—Então você mentiu? —Luna perguntou furiosa.

—Claro que não. —Joe tentou parecer ofendido. —Eu apenas exagerei. Não sou rico, mas tenho um estilo de vida moderado e estou sempre trabalhando porque sou bom no que faço. Já economizei o suficiente para viver com certo conforto.

—Você não presta.

—Não fale assim. Sou realista, Luna. Há anos as mulheres tentam me levar para o altar. No entanto, desconsideram a possibilidade de um relacionamento duradouro quando digo que sou pobre.

—Não ligo a mínima para o que você diz às mulheres, mas faço questão de pagar pelo seu trabalho.

—Não. —Joe preferia tê-la em débito com ele. Não pretendia chantageá-la para levá-la à cama, mas, caso o visse como um herói altruísta, talvez Luna abaixasse a guarda.

—Seja razoável, Joe. Não sei em que estaremos nos metendo. Talvez eu precise de você por uma semana ou um mês. Pode ficar tanto tempo sem trabalhar?

Conhecendo as próprias habilidades, Joe calculou uma semana, dez dias no máximo, para resolver problemas e eventualidades que surgiriam. Depois poderia se concentrar totalmente em Luna... E em sua gratidão.

—Posso, sim. —respondeu. —Escute. Eu pretendia mesmo me ausentar por algum tempo. Muita gente se sente livre para passar aqui sem avisar.

—Muitas mulheres, você quer dizer.

Ele respondeu apenas com um sorriso charmoso.

—Se parasse de distribuir cópias da chave...

—Não pode me acusar disso, Luna. Não costumo distribuir cópias de minha chave. —Era justamente o oposto. Joe prezava a privacidade e a condição de solteiro acima de tudo, exceto da família.

—Como Barbie e a amiga entraram?

—Barbie? —Ao sorrir, Joe sentiu enrijecer o maxilar. —Refere-se à Beth? Ela veio com Amélia, a outra que estava abusando de meu corpo drogado quando você chegou. E, para seu governo, não dei uma chave a Amélia. Nós saímos na noite em que fui atacado e foi ela quem me levou ao hospital e me trouxe em casa. Creio que ficou com a chave, e, por razões óbvias, não me senti disposto o bastante para trocar a fechadura.

Uma expressão preocupada apareceu no rosto de Luna.

—Se ela estava com você, por que não se feriu durante o ataque?

—Eu estava longe dela quando aconteceu. —E essa fora a única bênção da noite. Joe não conseguia conceber qualquer agressão a uma mulher sob sua proteção.

De cabeça baixa, Luna percorreu o quarto. Com exceção das roupas que ele jogara no chão, o caminho estava livre. Desde o ataque, Joe não se vestira, pouco se alimentara e somente se aventurava pelo apartamento para tomar água e escovar os dentes. Tencionava comer alguma coisa na cozinha quando Amélia e Beth apareceram.

Evidentemente, elas nem sequer pensaram em lhe preparar algo. Joe imaginava ter perdido alguns quilos nos últimos dias.

—Então, saiu com Amélia naquela noite, mas não estava com ela quando o safardana o atacou?—Luna torceu o nariz. —Muito conveniente, não acha?

—Para quem?

—Ela?

A insinuação ofensiva o animou.

—Não sabia que você era tão desconfiada.

Luna permaneceu em silêncio, à espera de uma explicação.

—Não foi uma conspiração. Caso não tenha notado, Amélia ainda gosta de mim, apesar de eu lhe ter dito que não quero nada sério.

—Não quer nada sério?

—Elas sempre querem se casar. Mas Amélia concordou em manter a relação no plano...

—Sexual?

Joe sorriu.

—Que pergunta estúpida a minha. —Luna resmungou consigo e o encarou. —Conte-me exatamente como aconteceu, Joe.

—Corri até o estacionamento para pegar o carro porque estava chovendo. Sou um cavalheiro, sabia?

—Tudo bem.

Por que ela tinha de ser tão irônica?

—Assim que destranquei a caminhonete, alguém me golpeou por trás. Caí no chão, recebi mais algumas pancadas, mas já estava desmaiado. Portanto, não sei quanto tempo se passou. Como não voltei ao restaurante, Amélia foi me procurar e me encontrou caído no chão. Ela deve ter assustado o infeliz que me espancou. Do contrário, o homem teria me matado. Posso lhe garantir que ele tentou.

Em vez de preocupação, Luna ateu-se a questões práticas.

—Ela chamou a polícia?

—Eu voltava a mim quando Amélia me achou. Depois que o médico de plantão me tratou, falei com os policiais no hospital. Não esperava que eles pudessem ajudar, pois não vi quem me golpeou e não havia muitos dados para relatar.

Luna não pareceu convencida.

—Amélia também não viu ninguém?

—Não. Ela escutou passos no estacionamento, mas me encontrou sozinho ao lado da caminhonete.

—Sei. Você deve ter ficado inconsciente por um bom tempo. — Quando Joe a encarou, ela se corrigiu: —Certo, então, Amélia o adora, embora a tenha desiludido. Faz idéia de quem não sente o mesmo por você?

—Claro. Pensei em alguns suspeitos. —Joe retesou os músculos, sentindo a dor dominá-lo. Quando agarrasse o filho da mãe, faria com que o cretino pagasse por seu desconforto.

—Por exemplo?

—Bruno Caldwell, por exemplo, o mesmo imbecil que atirou em meu joelho.

—Por isso você manca de vez em quando? —Luna arregalou os olhos. —Levou um tiro?

—Achou que eu tivesse me machucado jogando bola?

—Não sei. —Ela parecia aturdida. —Nunca parei para pensar a respeito. Eu sabia que seu trabalho era violento, mas...

Joe quase gargalhou. Era óbvio que Luna não tinha noção de quão perigosa sua vida podia ser.

—Eu devia ter liquidado Bruno quando tive a chance. Ao recapturá-lo um ano atrás, sofri uma crise de consciência e achei por bem entregá-lo às autoridades.

—Uma crise de consciência?

—O ferimento no joelho me obrigou a sair da polícia e me deixou um tanto... Mal-humorado. —A bem da verdade, Joe passara meses sob uma fúria insana. —Admito que por um tempo eu me tornei indisciplinado.

—Eles o dispensaram?

—Pior. Ofereceram-me o trabalho burocrático. —E Joe não conseguira suportar tamanho tédio. Odiava pensar na papelada sem fim que precisava preencher. —Fiquei um bom tempo remoendo essa história. Assim que a superei, tornei-me investigador particular.

—Um investigador manco?

—Eu manco somente quando faço esforço físico exagerado.

O que ela esperava? Que Joe passasse o resto da vida recolhendo impressões digitais na delegacia? Ele ficaria louco em menos de um mês.

—Certo. Então, você prendeu esse tal de Bruno e o entregou à polícia.

Luna simplificava um pouco o caso, mas Joe não entrou no mérito. Ela não entenderia o trabalho de rastrear alguém que não queria ser encontrado ou tinha recursos para continuar escondido, tal qual Bruno Caldwell.

—Exatamente.

—Vocês dois construíram uma bela história.

—Digamos que sim. Eu o prendi e, em troca, levei um tiro. Ele pagou a fiança e desapareceu por um tempo, até eu encontrá-lo novamente. Bruno passou uma temporada preso e conseguiu fugir. Agora está escondido de novo. Ou melhor, ficou escondido antes de decidir que eu representava um problema a ser eliminado.

—Meu Deus! Acha mesmo que ele quer matá-lo?

Joe deu de ombros como se isso não importasse. A verdade era que não pretendia abaixar a guarda outra vez. De agora em diante, estaria preparado para Bruno. E, quando o pegasse, o facínora iria pagar.

—O homem não tem muita escolha, se quiser permanecer livre. Ele sabe que vou agarrá-lo.

Luna apoiou-se na cômoda, pálida.

—Se ele não o pegar primeiro.

Joe tirou vantagem da aflição de Luna.

—Tem razão. Se eu for com você à Carolina do Norte, ficarei fora do alcance de Bruno. Ele não pensará em me procurar nessa região. A distância também espantará algumas moças insistentes. Não conseguindo me achar, elas desistirão.

—Somente até você voltar. —Luna retrucou, recolhendo as roupas de Joe.

Havia certo amargor na voz. *Estaria ela com ciúme?*, pensou, esperançoso.

—De qualquer maneira, eu pretendia me alojar em Kentucky para ficar mais perto de meus primos. —*E de você.* —Acho que Zane sente muito a minha falta.

Tamanha falsidade fez com que Luna cerrasse os lábios para não soltar a verdade nua e crua. Zane gostava mais de Joe agora que um ano atrás, mas nunca confiaria nele plenamente. Na adolescência, os dois competiram por mulheres e, com frequência, Joe vencera.

Agora que Zane estava apaixonado, enxergava somente o amor. Sabia que Joe o respeitava e confiava em sua mulher, Tamara, mas ainda assim ficava incomodado quando Joe se aproximava dela.

Provocar Zane era um dos divertimentos mais genuínos que Joe possuía.

—Joe. —Luna jogou as roupas em uma pilha ao pé da cama. —você fala como se eu lhe estivesse fazendo um favor e não o contrário.

—Você me fará um favor de verdade. —Irá me dar a oportunidade de conquistá-la.

—Isso é um absurdo, e você sabe disso. Não discuta comigo. Também preciso ser honesta comigo mesma. Já tomei minha decisão e preciso de sua ajuda. Portanto, proponho um pagamento por seus serviços. Será um trabalho remunerado como qualquer outro.

—É honestidade que quer, querida? Pois muito bem, eu serei honesto.

Para manter a postura durante aquele confronto, Joe endireitou-se na cama. Doía muito se mover, mas seria ainda mais doloroso perder aquela oportunidade. Odiava o celibato, uma condição à qual não conseguia se habituar, e queria dormir com Luna a qualquer custo. Ela o enfeitara três meses atrás e tê-la tão perto o fazia sentir um comichão interminável. Estava ficando maluco!

—Há algo que deve saber.

Ela se aproximou preocupada.

—Joe, está tudo bem com você? —Ela estendeu-lhe a mão.

—Eu ainda a quero.

Luna ficou imóvel.

—Não vou deixar de querê-la até conseguir conquistá-la.

Os olhos brilharam surpresos; os lábios carnudos entreabriram-se. Ela deu um passo para trás. Joe sentiu o desejo dominá-lo.

—Eu a quero de vários jeitos e inúmeras vezes. —murmurou. — Mesmo assim, creio que tudo isso não será o suficiente.

Luna manteve-se em silêncio.

—Achei que você deveria saber. —Ele deu de ombros. Instantes se passaram até que Luna se manifestou.

—Está estipulando uma condição? Terei de dormir com você para obter sua ajuda?

Joe ficou furioso.

—Não! Jamais forcei nada com uma mulher.

—Então, o que está querendo dizer, Joe?

—Quero dizer que não vou parar de tentar. Vamos passar uma temporada juntos, querida, sob o mesmo teto. E usarei essa vantagem a meu favor.

Luna sorriu lentamente.

—E você acredita que não conseguirei resistir? Sua pretensão chega a ser hilária.

Joe sorriu. Ele adorava um desafio.

—Desde que não me impeça de tentar, tudo bem.

—Obrigada pelo aviso. Ficarei atenta. —Ainda sorridente, ela recolheu as roupas sujas e dirigiu-se à porta do quarto. —Vou preparar alguma coisa para você comer. Notei que está um pouco abatido. Depois conversaremos sobre a viagem.

—Obrigado. Estou faminto.

—Eu é que agradeço, Joe. —O sorriso agora se tornava genuíno. —Estou realmente grata por sua ajuda.

Ela sentia gratidão. *Perfeito*, Joe pensou. Tudo transcorria tal qual ele planejava.

Luna continuou sorridente até sair do quarto para então, gemer. Seu coração batia acelerado.

Desde que conhecera Joe Winston, sua vida passara por mudanças drásticas. Luna não gostava dessa perspectiva. Não gostava dele.

Mentirosa.

Parte do problema jazia no fato de se rebelar contra a possibilidade de precisar de alguém. Luna vivia como queria, era independente, capaz, madura e auto-suficiente.

Contudo, agora precisava de Joe.

Na atual situação, Joe era perfeito para ela e, ao mesmo tempo, tão perigoso que a fazia tremer só de pensar. Durante três meses, oscilara entre telefonar para ele e ignorá-lo, visando o próprio bem. Dormia pensando em Joe, e acordava com a necessidade de tocá-lo.

Luna sempre apreciara a liberdade sexual, mas agora os outros homens lhe pareciam desinteressantes e sem consistência, se comparados à confiança e à postura de Joe. Nada o assustava.

Bem, a menção das crianças o tirara do prumo por um momento. Foi quase divertido observar a reação dele. A verdade nua era que Joe entendia mais de crianças que Luna. Seus quatro primos possuíam filhos em variadas idades, e Joe parecia à vontade com todos eles. Carregava bebês, conversava com crianças pequenas e relacionava-se

com adolescentes. Mostrava-se confortável em todas as situações porque ele nascera em uma família grande e, sendo assim, entendia as dinâmicas e o funcionamento do grupo familiar.

Luna não possuía tais experiências.

Joe a atraía de maneira inédita e desconhecida. Se a atração fosse apenas sexual, não haveria problema. Sabia como administrar um caso ou um romance passageiro e sair ilesa.

No entanto, Joe era também leal, engraçado, implacável ao defender seus familiares e... Ele a fazia sentir-se mais feminina, frágil diante da virilidade masculina e lisonjeada cada vez que notava o olhar lascivo.

Era um homem de táticas diabólicas. Resistir a ele era uma batalha pessoal, mas Luna aguentara firme, lembrando-se que Joe não era um homem qualquer. Não representava um mero fogo de palha, era o inferno em sua glória, pronto para consumi-la, se ela lhe desse uma chance. Nada com Joe referia-se a um meio-termo. Nem o prazer físico, muito menos as emoções que ele a fazia sentir.

Agora, tal qual a informara, Joe teria sua oportunidade de ouro. Luna gemeu outra vez. Precisaria manter a mente focada em itens importantes e nas duas crianças pelas quais se responsabilizaria.

Havia mais peças para lavar na lavanderia da cozinha minúscula de Joe. Para um machista assumido, ele era organizado. Deixava as roupas sujas em uma cesta e a pia estava limpa, exceto por dois pratos no balcão e alguns papéis sobre a mesa. Luna respirou fundo e se pôs a trabalhar.

Joe dispusera-se a ajudá-la, mas, antes de tudo, merecia certo auxílio. Luna colocou as roupas na máquina de lavar e, enquanto separava os ingredientes para fazer sanduíches de queijo quente, o telefone tocou.

Sem dúvida, devia ser uma mulher à procura das carícias de Joe. Silenciosa e detestando o ciúme repentino, voltou ao quarto. Joe não atendeu a ligação. Estava de olhos fechados, como se tentasse suportar alguma dor.

O pobre homem parecia sofrer tanto...

Com falsa doçura, ela perguntou:

—Quer que eu atenda?

Antes que ele pudesse responder, a secretária eletrônica atendeu.

—Joe? —chamou uma voz feminina. —*Por onde anda? Você não atende o telefone há dias. Ligue para mim, está bem?*

Joe continuava de olhos fechados.

—Outra admiradora? —Luna tentou brincar.

—Pensei que você fosse preparar alguma coisa para eu comer. — ele murmurou.

—Que tal um sanduíche de queijo quente? Sua geladeira está praticamente vazia.

—Costumo comer fora. —De súbito, ele sorriu. —Eu não sabia que você cozinhava, Luna.

O lençol havia escorregado ainda mais? O tecido quase não ocultava as partes íntimas, as quais o algodão cobria, mas não escondia. Luna olhou aquele corpo e sentiu-se derreter. Mesmo coberto de hematomas, Joe continuava maravilhoso. A pele morena brilhava sobre os músculos, e peito possuía pêlos negros que quase ocultavam os mamilos amendoados. O abdome, apesar de relaxado, revelava a musculatura bem definida. Os pêlos da estreita trilha que descia sob o lençol pareciam ainda mais macios que os do tórax. Luna tentou sair de seu estado de torpor e falou:

—Queijo quente não é uma culinária sofisticada. Gosto de cozinhar, mas não sou um mestre-cuca. —Ela tocou o ventre. —Como vê, eu me alimento bem.

Um dos olhos se abriu.

—Você é uma mulher adulta, querida. Ganhou curvas deliciosas que estão me deixando louco.

Ele pareceu tão sincero que Luna não soube o que dizer. Como contestar tal comentário? Achou melhor mudar de assunto.

—Quer se alimentar aqui ou prefere ir até a cozinha?

Ao abrir os dois olhos, Joe gemeu um pouco.

—Preciso sair da cama, faz tempo que não me movimento... —Ele lutou para se sentar na beirada do colchão. Luna apreciou a longa linha das costas e o quadril estreito... Até escutá-lo gemer.

Ficou ainda mais preocupada. Sempre acreditara que Joe fosse invencível, provavelmente porque ele mesmo se enxergava dessa forma. Certo de que poderia lidar com qualquer coisa ou qualquer um, o homem jogava-se ao perigo sem considerar o risco pessoal.

Os machucados espalhados pelo corpo não eliminavam o ar de força impenetrável, mas se tratava de um ser humano que, naquele exato momento, estava ferido.

—Talvez devesse permanecer na cama. Trarei o sanduíche para você.

—Quero tomar um banho. —Joe resmungou, segurando a lateral das costelas. —A água quente ajudará a relaxar os músculos doloridos. —Ele se levantou e caiu sentado na cama.

Luna ficou boquiaberta. Não pôde evitar. Joe encarou-a como se não estivesse nu ou se seu corpo não fosse uma escultura perfeita da masculinidade.

—Pode esperar dez minutos?

Luna engoliu em seco. E olhou. E olhou mais um pouco.

—Luna?

Ele pendia para o lado por causa da dor nas costelas. A barba por fazer oferecia um toque selvagem à cena, e os olhos azuis pareciam devorá-la.

Joe puxou o lençol e o jogou sobre as pernas.

—Melhorou?

Luna se recompôs. Não era uma virgem inocente, já tinha visto muitos homens nus. Mas nenhum se parecia com Joe!

—Fique sentado. —ela pediu solícita. —Vou preparar o banho e depois eu o ajudarei.

Joe levou as mãos ao abdome e deitou-se no colchão. A perna machucada permaneceu esticada e ele respirava com dificuldade.

—Como exatamente vai me ajudar, Luna?

—Vou preparar tudo para que tenha apenas de entrar no boxe.

—Vai esfregar minhas costas também?

Ela quase sorriu ao ouvir o tom esperançoso na voz. O homem mal conseguia se mover de dor, e, mesmo assim, continuava a flertar.

—Suas costas ficarão negligenciadas até que seja capaz de esfregá-las sozinho. Vou somente ligar o chuveiro e ajudá-lo a entrar. Que tal?

—Prefiro que tome banho comigo... Não? —ele perguntou diante da careta que ela fez. —Certo, aceitarei o que pode me oferecer. Até agora só tive forças para escovar os dentes e urinar. Mais que isso foi impossível.

—Não se alimenta há três dias? —Luna indagou pasma. Ele sacudiu a cabeça, chamando a atenção de Luna para os cabelos. Eram finos, macios e pretos. Sem pensar, Luna puxou uma mecha que caíra na festa. Joe olhou para ela.

Após alguns segundos, Luna afastou-se.

Joe foi gentil o bastante para não fazer comentário algum.

—Passei o primeiro dia drogado e dormindo. No segundo, tive fome e me arrastei até a cozinha, mas não havia nenhuma comida pronta e cozinhar estava fora de cogitação.

—E quanto às mulheres que entram e saem desta casa? Nenhuma delas se ofereceu para cozinhar?

Joe espantou-se com tamanha indignação.

—Creio que elas não sabem, querida.

—Seu gosto para mulheres é deplorável.

—Duvido. —Joe piscou sedutor. —Acho que tenho um gosto excelente para mulheres.

—Onde você guarda suas cuecas? —Luna perguntou para mudar de assunto.

—Nem pensar em pôr roupa. Quase morri de dor quando tentei me despir.

—Vou ajudá-lo, Joe.

Luna jamais sobreviveria, caso ele continuasse nu. Nunca em toda sua vida, ela conhecera alguém tão à vontade consigo mesmo. Joe agia com total naturalidade com ou sem roupas.

—Desmancha-prazeres. —ele a acusou, antes de indicar: —Olhe na terceira gaveta da cômoda.

Luna pegou um short de algodão.

—Precisa de ajuda para andar?

—Deus, espero que não. —Embora irritado, Joe levantou-se devagar e deu o primeiro passo. —Estou ficando velho —resmungou ofegante.

Luna passou por ele e correu ao banheiro. Escancarou a porta e abriu a torneira do chuveiro para esquentar a água. Joe aproximou-se, mancando, soltou o lençol e entrou no boxe sem nada dizer.

Antes de dar-lhe as costas, Luna observou o corpo viril no instante em que a água quente o cobriu e escutou Joe suspirar de prazer.

Tocada pela situação, saiu à procura de toalhas secas. Joe ficou um bom tempo sob o jato do chuveiro antes de começar a se lavar.

—Tudo bem? —Luna perguntou do corredor.

—Sim, obrigado.

—A que horas você tomou o analgésico?

—Faz muito tempo.

Irritada, Luna entrou no banheiro e abriu a porta do boxe. Joe havia passado xampu nos cabelos e agora os enxaguava. Quando abriu os olhos, fitou-a com uma expressão cômica.

—Deseja alguma coisa, querida?

—Por que não tomou seu remédio?

—Eu bancava o dopado quando você chegou, lembra-se?

—Poderá tomar o analgésico enquanto estiver comendo.

—Sim, querida.

Ela fechou a porta e afastou-se.

—Todas as esposas são autoritárias?

—Provavelmente.

Joe riu.

—Terminei.

—Tome. Agora vou...

Evitando olhá-lo, Luna abriu o boxe e estendeu-lhe a toalha.

—Vai me secar? —Joe apoiou-se no ombro de Luna e saiu do boxe, praguejando e gemendo a cada movimento. Uma poça de água se formou no chão, enquanto ele a encarava e esperava.

Luna hesitou. Jamais imaginara Joe pedindo ajuda. Ele sempre parecera orgulhoso demais para tal. Estaria mesmo impossibilitado de

se secar? Os pensamentos confusos de Luna tornavam-se emoções conflitantes.

—Tudo bem. —ele disse, por fim, desapontado. —Eu entendo. Esqueça o que perguntei. —Ele pegou a toalha e a enrolou na cintura.

Luna sentiu-se egoísta e má. Invadira a casa dele, espantara as namoradas, pedira-lhe um enorme favor, e Joe não se queixara em momento algum. Havia concordado imediatamente em ajudá-la. De graça. Sua única condição foi a de que ela entendesse que ainda a queria.

Luna compreendia muito bem porque também o desejava. Mas, contrário às insinuações sexuais, Joe não estava em condições físicas de fazer nada. Precisava dela, tanto quanto ela precisava dele.

Convencida, Luna pegou a outra toalha.

Capítulo III

Menos de um minuto depois, Joe percebeu que cometera um erro tático, mas era tarde demais para retroceder. Luna roçava-lhe o corpo, enquanto gentilmente lhe enxugava os ombros, o peito e os braços. Ele fitou os cabelos sedosos e inspirou a fragrância de flores. Podia sentir o calor feminino e o toque suave da respiração.

Ao sentir os joelhos bambearem, Joe apoiou-se na parede forrada de azulejos. Se permitisse que ela continuasse, a toalha presa à cintura provaria ser uma cobertura inadequada. E Luna, no mínimo, não apreciava a nudez de Joe, uma vez que agira com naturalidade no quarto.

Ou talvez ela a apreciasse. E muito. De qualquer maneira, não queria pressioná-la. Luna podia irritar-se e abandoná-lo.

—Sente-se bem? —ela perguntou hesitante.

Não.

—Sim.

Lentamente, ela secou a região do abdome, e Joe soube que subestimara o próprio autocontrole.

Obviamente, Luna notou. Mesmo coberta pelo tecido felpudo, a ereção impôs sua presença.

—Você devia aprender a se controlar. —ela resmungou.

—Não consigo. —Joe apressou-se em acrescentar. — Principalmente se você quiser conversar a respeito.

—Meus lábios estão selados.

—Não fale de seus lábios, por favor.

Luna não se ofendeu. Na realidade, riu.

Joe mal conseguia se manter em pé, e ela estava se divertindo.

—Minhas costas. —ele murmurou, sentindo que o desejo mais lhe causava dor que prazer. Estava acostumado a brincar com mulheres, provocá-las para obter o controle da situação. Com Luna, no entanto, sentia-se um trapalhão.

Ela se colocou atrás de Joe e hesitou novamente.

—Estou curiosa, Joe. Quem é Lou?

A existência daquela tatuagem o deixou irritado.

—Ninguém. —Não estava disposto a estragar o momento, relatando aquela história ridícula.

A toalha deslizou sobre as costas, percorrendo a coluna. Luna secara a frente de Joe com certa neutralidade, mas agora não se atinha muito à tarefa.

—Vi a tatuagem quando cheguei aqui. Está escrito que você o ama.

Joe soltou uma furiosa exclamação.

—Lou não é um homem! Deus, Luna, não espalhe boatos desse nível.

Infelizmente, Joe precisaria explicar o ocorrido. Em geral, não se dava ao trabalho de justificar nada, porém, não queria que Luna tivesse uma impressão errada.

—Não ouse rir.

Ela nada prometeu. Agachou-se para secar-lhe as pernas, dificultando ainda mais a situação de Joe.

—Louise era mais uma esposa insatisfeita que namorei.

—Era?

Conversar ajudava um pouco, pois lhe oferecia algo em que se concentrar, em vez de pensar no toque suave e no perfume feminino.

—Creio que a ajudei a eliminar noções patéticas a respeito do amor. Quer escutar a história ou não?

—Estou escutando.

Joe fechou os olhos e tentou ignorar a posição de Luna atrás de si e os locais em que ela tocava. Luna o alisava para enlouquecê-lo ou apenas para torturá-lo? Tal realidade não o surpreenderia. Após três meses de rejeição, ela provara ser determinada, apesar da atração mútua.

—Joe?

—Ah, sim. Parei de sair com Louise porque ela se tornou insistente demais, apesar de eu lhe ter dito que não queria compromisso. Diferente de Amélia, ela não aceitava minha decisão de continuar solteiro. Não parava de me pressionar. Por isso, pulei fora.

—Quer dizer que parou de vê-la?

—Sim. Um mês depois, nós nos encontramos em uma festa. Louise mostrou-se muito gentil, uma atitude da qual eu devia ter desconfiado. Sempre que algo não saía do jeito que ela queria, Louise tornava-se insuportável. Ao longo da noite, ela colocou uma droga em minha bebida e acordei na loja de um tatuador. Eu estava deitado sobre uma maca, com a calça arreada, enquanto um imbecil escrevia “eu amo Louise” em meu traseiro. Levantei-me antes que ele terminasse.

Uma risada ecoou no banheiro, antes de Luna erguer-se. Ela sorria abertamente.

Irritava-o ser tratado como um ser assexuado, especialmente porque ele não podia retribuir o favor. Luna era uma mulher sensual em vários sentidos e sua presença desafiava a razão de Joe.

—Já sequei tudo, exceto certos locais em que não pretendo tocar.

—Covarde.

—Apenas cautelosa.

Joe ergueu as mãos em um gesto de rendição. Luna jogou a toalha nele e virou de costas. Ele terminou de se enxugar. Diante de tamanha frustração sexual, cada músculo latejava e doía. O banho quente o relaxara, mas não o suficiente.

—Vou ajudá-lo a vestir o short.

—Não precisa. Continue de costas para mim. —Já se sentia castigado demais por um dia. Caso Luna se abaixasse a sua frente, uma posição provocante para qualquer homem, Joe não seria capaz de se conter.

Com esforço e alguns gemidos, conseguiu se vestir. Luna não o observava, porém continuava lá, incitando-o e fazendo-o suar de desejo. Ele odiava admitir a própria fraqueza, mas era um alívio saber que ela não o queria todo vestido. Uma calça jeans e uma camisa seriam mais que um desconforto.

Quando se dirigiram à cozinha, Luna segurou-lhe o braço. Ela caminhava devagar para não cansá-lo. Embora fosse um gesto necessário, era também constrangedor. No início, Joe pedira-lhe ajuda só para tê-la por perto. Agora percebia quão debilitado ainda estava.

Quando a oportunidade aparecesse, ele chutaria algumas pessoas só para provar-lhe de que era capaz.

—O que fez ao acordar e descobrir a tatuagem?

Estavam quase chegando à cozinha.

—Fiquei tão furioso que primeiro virei a loja de pernas para o ar.

—Primeiro?

—Quer os detalhes sórdidos? —Joe brincou.

—Depende do grau de sordidez. Não o imagino batendo em uma mulher ou surrando um homem inocente.

—Sua idéia de inocente provavelmente difere da minha. Não se preocupe. Não machuquei o tatuador. Não muito. Digamos que ele agora sabe que não deve tatuar uma pessoa inconsciente. Deve aguardar o consentimento do cliente.

—E a mulher?

Joe deu de ombros. Até onde sabia, Louise havia desistido de persegui-lo.

—Ela é de uma família rica, tem um pai influente e uma mãe esnobe que vivem de aparência. Acham que a filha é doce e ingênua. Creio que forçaram o casamento de Louise com o filho de um senador qualquer. —Joe meneou a cabeça, sorrindo. —É certo que nunca a imaginariam comigo.

—Por que não?

Luna parecia realmente ofendida.

—Nenhuma mãe me considera o genro ideal. —ele respondeu, rindo. —Eu disse a Louise que, se ela chegasse perto de mim novamente, eu publicaria detalhes de nosso relacionamento e certos segredos que ela guardava a sete chaves. A ameaça valeu como uma ordem.

—Que tipo de segredos?

—Quer que eu quebre uma promessa? Que vergonha. —Joe conseguiu sentar-se na cadeira da cozinha. Não era nada aconchegante, mas lhe pareceu melhor que continuar entrevado na cama.

Luna empurrou outra cadeira para que ele descansasse a perna.

—Obrigado.

Ela não se sentou. Simplesmente permaneceu em pé e de braços cruzados, à espera da resposta.

Joe sorriu admirado. Luna parecia fria, mas também determinada. *Por que não lhe contar tudo?*, pensou. Seria engraçado ver a reação dela.

—Louise gosta de sexo mais agressivo. Sabe como esquentar o clima.

—Ela gosta de joguinhos sexuais?

—Espere alguns dias e lhe mostrarei do que ela gosta. —Joe murmurou malicioso.

Uma onda de calor a fez corar.

—Não sou tão curiosa.

—Mentirosa.

Ela o ignorou.

—Então, Louise realizou suas fantasias sexuais com você e agora as está usando contra ela?

—Louise tatuou meu traseiro!

—Tem razão. Creio que a ameaça é justificável.

—É, sim. —Mas ele se sentiu compelido a acrescentar: — Normalmente, tudo o que acontece entre os lençóis permanece lá. É meu lema. Eu jamais teria aberto a boca, mas foi uma maneira de obrigá-la a se afastar.

—Por que não removeu a tatuagem?

A idéia o fazia estremecer.

—Nem pensar. Já sofri o bastante. Essa tatuagem ficou ardendo durante dias. Não vou me submeter a uma cirurgia a laser para retirá-la.

—Não suporta sentir dor? —Antes que Joe pudesse mudar de assunto, ela perguntou: —Não se importa com o que as mulheres possam pensar ao ver a tatuagem?

—A mulher que conseguir tirar minha calça já sabe o que pensar.

—Desculpe. —Reprimindo a risada, Luna ergueu as mãos. — Esqueça minha pergunta.

—Está perdoada. Vamos à comida?

No papel de deusa doméstica, Luna grelhou dois sanduíches de queijo, deixando o pão dourar e o queijo derreter. Ela também lhe serviu um copo de leite e vasculhou os armários até encontrar um pacote de batatas fritas.

Joe apenas apreciava enquanto ela se movia com sedução; o balanço dos quadris e seios era fluido e delicioso. Mas vê-la circulando pela cozinha ofereceu-lhe uma nova perspectiva de vida. A sensação era de aconchego e conforto, sentimentos que sempre o haviam apavorado. Contudo, Joe sorria. Luna cozinhava para ele, e ele nunca imaginou que viveria para ver esse dia.

Quando Luna terminou, ela foi buscar o remédio e, embora resistente, ele tomou a cápsula.

—Isso me deixa sonolento.

—É melhor se alimentar agora antes que comece a cochilar. — Luna cortou o sanduíche, ofereceu uma metade a Joe e ficou com a outra.

O silêncio reinava enquanto comiam, mas Joe estava ciente dos olhares fugidios de Luna e se perguntava em que ela estaria pensando.

—Você fazia tudo que Louise queria na cama? —Luna indagou, delatando-se.

—Ainda está pensando nessa história? —Joe mordeu o sanduíche.

Ela deu de ombros, fingindo desinteresse. Saber que Luna pensava em sexo o deixava excitado.

Uma rápida aventura assim que estivesse recuperado seria o suficiente para esquecer Luna e voltar a viver. Contudo, não queria magoá-la ou ser agressivo como Louise gostava.

—Saiba, querida, que adoro dar prazer à mulher. Mas admito que certos jogos não me agradam. —Joe observou-a pelo canto dos olhos. — Claro que, se quiser, podemos...

—É muita gentileza, Joe, mas não, obrigada. Não gosto de excessos...

—Ótimo. —Joe engoliu o último pedaço do sanduíche. Depois do banho quente, comida e medicação, sentiu-se muito melhor. Não inteiramente recuperado, mas melhor. Luna preparava o café e era bom demais estar com ela. Não se tratava somente de desejo sexual. Joe gostava de conversar e brincar com ela.

—Obrigado pela refeição.

—Foi um prazer.

Era estranho, pois Joe se sentia muito à vontade. Claro, Luna não tentava dissuadi-lo a nada. Mulheres diferentes já haviam se oferecido para cozinhar e limpar, mas sempre o fizeram com o objetivo de envolvê-lo na teia do casamento. Luna não o queria em sua vida; viera procurá-lo porque não tivera escolha.

—Não está sendo tão doloroso quanto eu havia imaginado.

—O quê? —Ela colocou uma xícara de café na mesa.

—Deixá-la me bajular.

A risada soou natural e... Excitante.

—É isso que estou fazendo? Pensei que tentava ajudá-lo a voltar à velha forma.

Joe cerrou os olhos. Poderia ela ser tão mercenária? Achava que não era tão interesseira.

—Quando você poderá partir? —Luna perguntou, após alguns minutos.

Enfim, sentiu-se desafiado.

—Quando você quiser. —*Mas não agora, por favor.*

Muito gentilmente, Luna tocou os hematomas na região das costelas. Joe ficou rígido. Com a mesma casualidade, ela acariciou uma mecha.

—Não creio que esteja em condições de viajar.

Joe segurou-lhe a mão quando ela fez menção de se afastar.

—Sinceramente? Poderei ajudá-la mais, se descansar alguns dias.

Embora desapontada, Luna mostrou compreensão.

—Então, descanse o tempo que precisar.

Joe continuou segurando-lhe a mão.

—Não quero que vá sem mim, se acha que haverá problemas.

Joe esperou uma explosão de fúria. Desde o início, reconheceu o caráter independente de Luna. Ela fazia e dizia o que desejava e esbravejava ante qualquer insinuação de que seria incapaz de solucionar algum problema.

—Posso ficar aqui com você até que se sinta mais disposto. Acha que poderemos partir em, digamos, dois dias?

O choque deixou-o sem fala por instantes.

—Você pode o quê?

—Aceitou me ajudar, Joe. É o mínimo que posso fazer para retribuir sua generosidade.

Dos pés à cabeça, ele sentia diversas dores e ardências diferentes pelo corpo. Até sentar na cadeira doía! Mas nada disso importava, somente um pensamento ocupava-lhe o cérebro e sobrepujava quaisquer considerações: havia apenas uma cama.

—Grande idéia. —Ele sorriu fascinado.

—Que bom. —Luna não escondeu o alívio. —Posso aproveitar o tempo para ajudá-lo a fazer as malas.

Ela também queria fazer as malas? Joe tomou o café, reavaliando a situação. Talvez Luna tendesse mais para o lar do que ele imaginara.

—De qualquer forma, precisaremos de tempo para obter seus antecedentes.

Joe engasgou com o café.

—Meus o quê?

—Antecedentes criminais. —Séria, Luna entregou-lhe um guardanapo. —Qualquer cidadão que se responsabilizar pela tutela das crianças precisará apresentar esses documentos. Não se preocupe. Já dei seu nome, endereço e telefone ao Conselho Tutelar na semana passada, quando decidi ir. A verificação estará terminada antes de partirmos.

—Não quero ninguém bisbilhotando minha vida!

—Tem algo a esconder?

—Sim, minha vida. —Bufando, Joe levantou-se. Era incômodo demonstrar raiva, tamanho o desconforto que sentia. Esbravejar seria impossível, o mínimo que podia fazer era mancar.

—Acalme-se, Joe.

Ele chegou a formular uma resposta, mas o telefone tocou.

—Droga!

—Quer que eu atenda? —Luna ofereceu-se.

—Não. Ignore.

—Pode ser importante.

—Não é.

—Pode ser a representante do Conselho Tutelar. —ela argumentou exasperada. —Talvez você já tenha sido aprovado. —Luna precipitou-se ao telefone, e a secretária eletrônica atendeu.

—Olá, Joe. —disse uma voz feminina. —É Alyx. Quero visitá-lo, mas não pretendo aparecer na hora errada, como da última vez. Juro que quase morri de vergonha. —Uma risada rouca ecoou no aparelho.

Joe sorriu, mas, antes que pudesse explicar quem era a mulher, Luna agarrou o telefone.

—Pelo menos, você tem vergonha. —Luna encarou Joe furiosa. Ela escutou um instante e disse: —Sou a mulher de

Joe. Não estou brincando. Ele agora é um homem casado. Portanto, não precisa ligar outra vez. Entendeu?

Devido ao fascínio, Joe ficou paralisado. Observar Luna era o mesmo que ver um trem desgovernado e devastador, mas imbatível.

—Luna...

—Não, ele não pode falar com você. —Ela sorriu com certo sadismo. —Por quê? Porque não quero. Agora seja uma boa moça e desapareça.

Luna desligou.

—A verificação dos antecedentes é rudimentar —ela continuou, como se nada houvesse acontecido. —Se não possui nenhum registro na polícia, você será aprovado sem maiores problemas.

Joe piscou um pouco transtornado e precisou de alguns segundos para se organizar. Então, soltou uma gargalhada sonora. A dor no corpo foi tanta que precisou encostar-se na parede.

—Qual é a graça? —Luna perguntou.

—Era Alyx —ele balbuciou entre uma risada e outra.

—Quer dizer que ela é especial para você?

—Claro que sim. —Joe encarou Luna e voltou a rir.

—Quão especial? —indagou tensa.

Joe conseguiu controlar a risada. Luna mostrava-se tão perturbada e tão... enciumada.

—Muito especial —ele murmurou, tocando-lhe o rosto.

—Ora, desculpe-me por ofender o amor de sua vida —Luna irritou-se. —Tive a impressão de que você não levava os relacionamentos a sério.

Joe não admitiria, mas já havia percebido que a atração por Luna era séria.

—Alyx —ele informou —é minha irmã.

—Sua...

—Irmã.

—Deus meu... Por que não me avisou? Joe a abraçou.

—Você não me deixou.

Constrangida, Luna não o rejeitou. Escondeu o rosto no peito musculoso e gemeu. Joe gostava de abraçá-la e não se mexeu.

—Não se preocupe, querida. Alyx vai ligar de novo. Pode crer. Às vezes, leva um minuto para...

O telefone tocou.

—Viu?

Ainda abraçando Luna, Joe atendeu. Verificou o número no identificador de chamadas e sorriu.

—Alyx não perde tempo. —disse ao telefone. —Não, mãe. Está tudo bem, juro.

Luna o encarou horrorizada.

—Mãe? —murmurou. Joe assentiu.

—Não fui sequestrado, mãe. —Ele riu. —Ela se chama Luna. E, de vez em quando, é muito brincalhona.

Luna fez menção de beliscá-lo, mas mudou de idéia ao ver o corpo tão machucado. Joe apertou-a contra si.

—Que pergunta boba. —Ele franziu o cenho. —Sei o que ela disse, mãe, mas não me casei. Foi a maneira que Luna encontrou para afastar as outras mulheres. Sim, ela é possessiva. Não me importo —Joe riu novamente. —Estou bem.

Irritada, Luna afastou-se. Joe foi vencido pelo cansado e sentou-se na cadeira mais próxima. Então, esticou as pernas e cocou o tórax.

Fascinada, Luna observava o movimento tentador da mão sobre a pele morena.

—Diga a Alyx que não precisa vir me ver, porque estarei fora da cidade. E, antes que me pergunte, sim, eu pretendia avisá-la. —Joe olhou para Luna e torceu o nariz. Tinha trinta e seis anos e a mãe ainda se preocupava com ele. —Não sei ainda. Ligarei para você quando chegar a meu destino. Obrigado, mãe. Mande um beijo para Alyx. —Ele sorriu. —Até logo.

Joe desligou o telefone e virou-se para Luna. Ela parecia arrasada. O mal-entendido a incomodara tanto assim?

—O que houve? Sente-se bem? Luna começou a recolher a louça suja.

—Claro que me sinto bem. —ela disse ríspida. —Por que pergunta?

Joe não sabia o motivo, mas pressentia algo errado. Levantou-se devagar e aproximou-se dela. A fragrância feminina invadiu-lhe a mente e inspirou profundamente.

Pouco a pouco, voltava a se sentir humano outra vez. O analgésico amenizara as dores e o deixara sonolento, mas agora não sentia uma necessidade absurda de desmaiar sobre a cama. Luna estava com ele e não queria perder nem um minuto sequer da companhia.

Encostou-se nela, mas se manteve atento. Nunca sabia quando Luna poderia reagir com violência.

—Você conseguiu confundir Alyx. Sabe o que ela achou?

—Que sou uma treloucada?

Animado, abraçou-a pela cintura e colou-se a ela. —Talvez. Mas Alyx também achou que alguém me fizera prisioneiro.

Luna relaxou.

—A idéia de você se casar é tão inconcebível assim?

—No momento, sim. —Joe acariciou os cabelos sedosos. —Eu e Alyx somos muito amigos. Ela sabe que jamais me casaria sem lhe contar, por isso deduziu o pior.

—Sua irmã sabe que foi espancado?

—Não. Se souber, Alyx sairá à caça do responsável e terei mais uma preocupação. —Joe acariciou o corpo macio.

Luna suspirou.

—Joe...

Ele beijou a curva do pescoço, causando-lhe um leve tremor.

—Você não devia esconder certos detalhes de sua família, Joe.

—Não conhece minha família. —ele murmurou. —Ficariam loucos de preocupação. Sabem os perigos que meu trabalho pode atrair. Quanto menos souberem, melhor.

—Que bom. —Luna sussurrou. Detendo-se, Joe inclinou para fitá-la.

—Bom?

—Que bom ter uma família que se importa com você... Preocupa-se... E cuida.

Um tanto confuso, ele encostou o queixo sobre a cabeça de Luna. Nunca havia percebido quão baixa ela era em comparação a si mesmo. A presença era sempre tão marcante que a altura pouco importava.

—Você não tem uma família assim?

—Na verdade, não. —De repente, ela virou para fitá-lo e sacudiu a cabeça. —Veja só, você mal consegue se mexer e está em pé há tanto tempo.

—Mas estou vivo. —Joe olhou os lábios carnudos. —Mais vivo do que você imagina.

—Pensei que este assunto estivesse encerrado.

—Estava. —Ele a apertou contra seu corpo para que Luna sentisse-lhe o desejo. —Mas agora tudo mudou.

—Não. —Ela levou as duas mãos ao tórax para afastá-lo um pouco.

Luna possui os olhos cor de mel mais lindos do mundo, Joe pensou encantado. —Precisamos conversar sobre a verificação de seus antecedentes.

—É verdade. Fiquei furioso com isso.

—Você tem ficha criminal?

Joe não pôde acreditar.

—É claro que não! Eu era policial, lembra-se? Pegaram-me algumas vezes, mas isso foi...

—Já foi preso? —Luna arregalou os olhos, chocada e meneou a cabeça, como se estivesse decepcionada.

—Às vezes. —Joe disse, travando o maxilar. — quando a situação se agrava, fica difícil ver quem é o bandido. Em certas ocasiões, medidas extremas se fazem necessárias. A polícia precisa ter cautela e considerar todas as possibilidades. Fui detido uma vez ou duas, mas me soltaram logo em seguida.

Luna caminhou até a mesa.

—Então, não há nada com que me preocupar, certo? Nunca foi preso e não tem um passado obscuro.

—Eu não disse isso.

Ela agarrou o encosto da cadeira.

—Tem algo a esconder? —O semblante transmitia irritação. —Se for rejeitado pelo Conselho Tutelar, terei de ir sozinha. Sendo assim, é preferível partir agora, em vez de perder meu tempo com você.

A tensão era tamanha que os nervos de Joe acabariam em frangalhos até o final daquela conversa.

—Você não vai a lugar algum sem mim.

—Quer apostar? —Luna começou a andar pela cozinha.

—Serei aprovado. —Joe segurou-a pelo braço. —Talvez não apreciem o tipo de trabalho que faço, mas é legítimo e legal. Porém, nada disso lhe dá o direito de bisbilhotar...

—Em que você trabalha, afinal? Sei que foi policial e depois, uma espécie de investigador...

—Já fiz muitas coisas. —Joe respondeu evasivo, sabendo que caminhara por trilhas sinistras algumas vezes. —Detetive particular, caçador de recompensas. Nesse momento, trabalho como guarda-costas.

—Guarda-costas? De quem?

—De qualquer um que precise de proteção. —De súbito, Joe sentiu-se exaurido. —Podemos terminar a conversa na cama? Estou sem energia.

—Sim, claro. —Luna adiantou-se e ajeitou os lençóis. —Sente-se melhor? —perguntou, depois de vê-lo deitado.

—O melhor seria você se deitar comigo.

—Você morreria se ficássemos juntos hoje.

Joe riu.

—Não precisa me deixar com mais vontade, querida. Já estou ansioso para prová-la.

—Não! Quis dizer... —Luna encarou-o. —Não seja irritante!

—Eu morreria feliz, querida.

—Você não está em condições de nada, Joe, e sabe disso. Portanto, pare de me provocar.

—Eu esperava convencê-la aos poucos. Quando voltar à velha forma, que será logo, quero que esteja preparada. Já perdemos tempo demais.

—Não vou...

Joe agarrou-lhe a mão e puxou-a para si, obrigando-a a sentar-se na beirada da cama.

—Não faça promessas que talvez não possa cumprir. Eu a quero e você me quer. Tudo se resolverá.

Ruborizada, Luna levantou-se.

—Vou pegar a mala que deixei no carro. —Ela fitou o corpo viril, agora esticado sobre o colchão. —Está ficando tarde e estou cansada.

—Pensei que quisesse detalhes a respeito de meu trabalho como guarda-costas.

—Amanhã, durante o café.

—Bem longe da cama e da tentação?

Luna assentiu, surpreendendo-o.

—Exatamente. Por que não dorme um pouco? Vou tomar um banho, fazer umas ligações e me ajeitar no sofá.

Que idéia infeliz.

—Por que não dorme aqui? —Joe indicou o espaço vazio no colchão. —Você ficará mais confortável.

Com os olhos, ela percorreu o peito másculo, o abdome, as coxas e suspirou.

—Não, obrigada. Tenho o pressentimento de que se me deitar com você agora seria frustrante e muito desconfortável. Precisa descansar e eu... Bem, acho que dormirei melhor sozinha. —Luna dirigiu-se à porta. —Se precisar de alguma coisa, pode me chamar.

—E se eu precisar de você?

De costas para ele e com a mão na maçaneta, Luna parou diante da porta.

—Acho que teremos de esperar sua recuperação.

Luna fechou a porta devagar ao sair. O sorriso de Joe transformou-se em risada. A vitória dele era iminente. Luna estava muito inclinada a aceitá-lo, graças às hábeis táticas de sedução e ainda lhe restavam várias cartas sob a manga. Esperar por sua total recuperação seria um estímulo a mais.

Esquecendo as dores do corpo, Joe virou-se para pegar a faca que guardava na gaveta do criado-mudo. Fechada, ela era uma arma inofensiva. Aberta, expunha uma lâmina letal. Possuía aquela faca havia anos.

Com um movimento do pulso, a lâmina surgiu tal qual as asas de uma borboleta. Usando a mesma agilidade, Joe ocultou a lâmina no cabo. Somente travava a lâmina quando queria usar a faca. Do

contrário, brincava de abrir e fechar. O clique constante o ajudava a relaxar.

Escutou o chuveiro ligado e imaginou Luna sob o jato de água, completamente nua. Os seios túrgidos, os quadris redondos, a pele arrepiada e molhada...

Sentiu o coração disparar. Estaria a sós com ela nos próximos dois dias. Apenas o banho e o sanduíche já o tinham animado, um fato perceptível, dada à facilidade com que manejava a faca. Dois dias atrás, Joe fora incapaz de praticar um movimento tão automático e agradável.

Em pouco tempo, poderia dar-lhe uma amostra do que havia três meses ela se negava a conhecer. A expectativa o excitava.

Um bom tempo depois de escutar Luna recolher-se no sofá, Joe ainda se mantinha acordado, pensando nela. Por volta da meia-noite, enfim, ele adormeceu, atormentado pelo desejo insatisfeito.

Quando um ruído o acordou, logo imaginou que Luna entrara no quarto. O corpo todo ficou tenso... De repente, escutou um grunhido abafado e sons sorrateiros. Os instintos de Joe ficaram alerta. Em um movimento fluido e silencioso, saiu da cama, ignorando as dores para que não interferissem.

Alguém invadira seu apartamento, e Luna estava no sofá, sozinha. Se o intruso a assustasse ou tocasse nela, Joe o mataria. Simples assim.

Capítulo IV

Luna despertou no instante em que alguém lhe tapou a boca. O pânico a invadiu, impulsionando-a a gritar, mas um corpo musculoso pressionou seu peito, dificultando qualquer reação.

—Sou eu. Fique quieta. —Joe sussurrou.

Luna ficou imóvel, embora seu coração batesse acelerado. Joe soltou-a e, com um comando quase inaudível, disse:

—Não se mexa.

Pelo canto dos olhos, Luna pôde enxergar somente sombras pela casa, causadas pelo luar. O que estava acontecendo? Por que Joe sussurrava?

Somente quando ele se afastou com extrema cautela, Luna percebeu que havia algum tipo de ameaça. Então, escutou um ruído na cozinha, que Joe tencionava investigar.

Determinada a mantê-lo longe de qualquer perigo, tentou segurá-lo. Nem sequer pensou ao agir. Suas mãos chegaram a roçar a pele quente, mas Joe empurrou-a, obrigando-a a ficar no sofá.

—Não saia daqui. —ele ordenou.

Havia algum perigo no ar, Luna deduziu. Joe não mais se parecia com o homem brincalhão e sedutor de sempre. Agora ele agia exatamente como a pessoa de que Luna necessitaria na Carolina do Norte.

Duro, imbatível e mortal, Joe conseguiria lidar com qualquer situação, era o homem que apreciava desafios perigosos.

Luna testemunhara esse traço de sua personalidade quando ele ajudara o primo Zane a eliminar uma ameaça. Joe se mostrara tão mortífero e viril que ela reagira no mesmo instante a tamanho poder.

E, naquele momento, Luna sentia na pele as mesmas vibrações. Estava, porém, decidida a ajudá-lo, porque sabia que Joe estava debilitado.

Rapidamente, sem emitir som algum, Joe afastou-se. Luna endireitou-se no sofá, mas não pôde ver ou ouvir nada mais que as batidas frenéticas do próprio coração. Sentiu o suor umedecer-lhe as mãos. Então, deslizou na almofada e levantou-se devagar.

Se sair mais machucado desta aventura, Joe Winston, ela praguejou em pensamento, vou...

Não sabia exatamente o que pretendia fazer. Imagens do corpo másculo já espancado e maltratado invadiram sua mente. Joe não tinha condições de lutar, não estava em seu estado normal.

Após alguns passos, Luna escutou um barulho estrondoso e viu dois corpos engalfinhados aproximando-se.

—Joe!

Luna correu, mas, no mesmo momento, Joe jogou-se sobre um homem mascarado, derrubando-o sobre a mesa e o abajur. Ela gritou de susto. O abajur espatifou-se no chão e a lâmpada estourou.

Luna se precipitou à cozinha, tropeçando nos móveis e derrubando objetos até encontrar o interruptor de luz. A luminosidade surgiu, ofuscando sua visão e revelando a posição dos dois homens.

Joe estava por baixo. O intruso era corpulento e usava luvas pretas e máscara para esqui também preta. Ele mirava o punho fechado no rosto de Joe.

Uma sensação estranha dominou Luna. O medo se aplacou sob o fogo da fúria e o coração parou de bater acelerado. Sem apelar para a razão, ela avançou, agarrando o abajur quebrado e preparando-se para golpear a cabeça do mascarado.

Mas não teve tal chance. Com os dois pés, Joe empurrou o homem e o jogou em direção à porta. O invasor colidiu contra a parede. Em câmara lenta, o corpanzil esparramou-se no chão.

Segundos depois, Joe já estava em pé e avançava para cima do intruso. Não mancava e tampouco pressionava as costelas fraturadas. O peito expandiu-se, os ombros se alargavam. A expressão do rosto mostrava-se tão ameaçadora quanto a postura do corpo.

Joe parecia tão potente e capaz que Luna, atônita, sentiu a respiração falhar.

Certamente o intruso percebeu o mesmo, pois se levantou e rapidamente destrancou a porta para fugir. Joe o agarrou antes que ele escapasse e desferiu um golpe certo no nariz do homem. O criminoso gemeu e cambaleou para fora, à procura de equilíbrio.

Joe foi atrás dele.

—Joe!

Nada o detinha. Ele não sabia quando parar. Luna precipitou-se porta afora, tomada pelo medo e pela raiva.

—Joe Winston, escute-me.

Joe encarou-a por uma fração de segundo. O olhar percorreu-a da cabeça aos pés, tornando-se mais intenso. Foi somente nesse instante que Luna atinou para a própria aparência. Vestia apenas uma camiseta e uma calcinha de cetim preto, mas agradeceu a Deus por isso, pois durante o momento de distração de Joe, o intruso desceu a escadaria do prédio.

—Fique no apartamento. —Joe ordenou e dirigiu-se ao alto da escada.

—Não, senhor. —Luna tentou pegá-lo, mas como estava seminu não havia em que se agarrar. Odiava suplicar, mas escutou-se dizer: — Por favor.

Aflita, ela o ultrapassou, bloqueando-lhe a passagem. Tolice total. Joe empurrou-a contra a parede e continuou seu trajeto. Em um gesto de desespero, agarrou com as duas mãos o braço musculoso.

—Se for atrás dele, vou segui-lo. —Luna ameaçou. —Escutou, Joe Winston? Juro que vou junto com você.

Enfurecido, ele lançou-se sobre Luna, envolvendo-a com seu calor e sua raiva.

—Vai fazer exatamente o que eu mandei. —Joe ordenou sem elevar o tom de voz.

—Não. —Ofegante, ela esperou para ver o que aconteceria.

Joe enrijeceu o maxilar para conter a ira.

Ambos escutaram a porta de saída do prédio abrir-se. O homem havia escapado e desapareceria facilmente na penumbra da noite.

Existiam vários becos e ruelas para se esconder. Os joelhos de Luna bambearam de alívio.

Mas apenas por um instante.

Joe segurou-a pela nuca e encarou-a nos olhos. O corpo vigoroso emanava o calor da fúria, e Luna teve a nítida sensação de que podia sentir as batidas do coração dele. A frustração saía por todos os poros.

—Ele se foi, Joe. Desista. —Como ainda parecesse decidido a seguir o homem, Luna sugeriu: —Vamos chamar a polícia.

—Eu o teria agarrado.

Luna não estava preparada para vê-lo naquele estado. Muito menos queria ser o alvo daquele humor mortífero.

—Esqueceu-se de que está machucado? —tentou ponderar. —E se os amigos dele estiverem lá fora à sua espera? E se o cretino sacar uma arma? —Luna não conteve a irritação. —Você está quase nu.

—E daí?

Claro que Joe não se preocuparia com esse detalhe.

—Seus vizinhos estão assistindo a tudo.

Caindo em si, Joe notou os rostos curiosos dos outros apartamentos do segundo andar.

—Por favor, chame a polícia, Rob —ele pediu a um senhor mais velho. —Alguém invadiu meu apartamento.

—Claro, Joe. —Rob parecia eufórico ante a oportunidade de participar da ação.

—Marilyn. —Joe dirigiu-se a uma quarentena com duas crianças. —lamento tê-los acordado.

—Não faz mal, Joe. —Ela encarou ambos, preocupada. —Está tudo bem?

—Sim.

—Você não parece bem.

—Ele não está nada bem. —Luna interferiu e recebeu outro olhar de censura, mas não se importou. Fizera o que achara ser necessário e ponto final.

—Estou ótimo. —Joe garantiu a Marilyn. —Desculpe o incômodo. Volte a dormir.

A mulher olhou para Luna com certa compaixão e fechou a porta..

—Por que ela me olhou desse jeito? —Luna perguntou, tentando ignorar o fato de que Joe ainda a pressionava contra a parede. A mão que lhe segurava a nuca não a machucava, mas também não a acariciava.

—Porque ela é mais esperta que você. —Joe virou-se e guiou-a de volta ao apartamento.

Tão logo entraram, ele bateu, a porta e não a soltou. No minuto seguinte, Luna viu-se colada à parede outra vez.

—Nunca mais fique em meu caminho. Entendeu?

Seria burrice provocá-lo naquele momento. Contudo, poderia acalmá-lo, suavizar o mau humor...

—Você não manda em mim.

Os olhos azuis cintilaram de raiva.

—Poderia ter se ferido seriamente, Luna.

O tom ameaçador quase a fez desmaiar, mas ainda assim ela deu de ombros.

—Nada aconteceu a mim.

—Luna... —Joe murmurou.

Ela acariciou o rosto atraente. A pele ainda estava quente.

—Meu Deus, você me assustou, Joe.

Um músculo pulsou na têmpora. O olhar azulado fixou-se nos lábios de Luna. Ele respirou fundo e, de repente, começou a beijá-la. Ou melhor, devorá-la.

Luna amparou-se nos braços fortes, deixando que os sentidos fossem consumidos pelo toque. Joe explorava-lhe a boca quase com brutalidade. Uma das mãos envolveu o seio, acariciando-o avidamente. Ele gemeu de prazer, ou talvez de dor.

O bombardeio de sensações era tão intenso que Luna não conseguia se recompor. Queria aquelas carícias, queria Joe. Ele colou-se a ela, insistente, simulando a dança sexual e demolindo qualquer controle existente.

Luna interrompeu o beijo para tomar fôlego e inalou a essência masculina.

—Joe.

Ele recapturou os lábios carnudos, recusando-se a deixá-la livre. Tomada pelo assalto, Luna rendeu-se e o abraçou pelo pescoço. Agora se lembrava de como o beijo de Joe a afetava, o homem era delicioso demais para resistir.

Tudo mudou com a rendição. Joe apertou-a entre os braços musculosos para absorvê-la por completo. O beijo tornou-se profundo, mais lento e longo. Luna podia escutar a respiração ofegante e os próprios suspiros.

Sem aviso, Joe deslizou a mão pelas costas e percorreu a curva dos quadris sob a calcinha. Assustada com o súbito toque quente, Luna soltou um grito frágil. Mas a reação não o deteve, Joe continuou a beijá-la com ardor.

Os dedos experientes percorreram Luna até encontrar-lhe a intimidade para uma exploração ainda mais tentadora. Ela estremeceu de desejo.

Joe emitiu um gemido de triunfo e ergueu o rosto. Ambos se entreolharam, embebedos pela paixão. Ele incrementou a carícia e... alguém bateu à porta.

—Abra. É a polícia.

Sem se mover, Joe fechou os olhos e praguejou. Luna tremia da cabeça aos pés. Ainda sentia Joe dentro dela, quente, provocante...

—Acho que a brincadeira acabou.

—Não é uma brincadeira. —Joe respirou fundo antes de olhá-la e devagar se afastou. —O que eu quero com você está muito longe de ser uma brincadeira, querida. Pode acreditar. —Ainda fitando-a, ele percorreu os quadris e a cintura fina em uma carícia lenta e sensual. —Não se esqueça disso, está bem?

Luna não fazia a menor idéia do que ele queria dizer, mas a possibilidade tanto a empolgava quanto alarmava. Joe afastou-se um pouco mais e abriu a porta.

A porta.

Estática, ela mal conseguia respirar. Nunca estivera tão excitada na vida, e agora dois jovens uniformizados a encaravam. Sentiu o rubor subir-lhe às faces. Se sobrevivesse àquela noite, mataria Joe.

—Com licença. —ela murmurou com toda a dignidade que conseguiu reunir. Seus pensamentos estavam confusos e seu corpo estava entorpecido.

Cambaleando, Luna puxou o lençol de sobre o sofá e enrolou-se nele. Joe nem sequer se deu ao trabalho de disfarçar a ereção.

Os policiais notaram o fato.

—Viemos ao lugar certo?

—Sim, entrem. —Joe deu um passo para trás e escancarou a porta. Estava à vontade de short e, a despeito dos hematomas e dos cabelos em desalinho, ele parecia mais imponente e responsável que os dois policiais.

—Sou o oficial Clarence, e este é o oficial Denter. Houve uma invasão de domicílio?

—Exatamente. —Joe encarou Luna por um segundo. —Eu quase agarrei o cretino, mas certa pessoa não quis ficar fora de meu caminho.

Luna ergueu o queixo, ofendida e envergonhada pelo modo como os policiais a examinaram.

—Não está em condições de bancar o machão.

Um dos oficiais concordou.

—Ela tem razão. Parece que um elefante passou por cima de você.

—Mas não hoje. —O outro concluiu. —Esses machucados são antigos?

—São. E posso apostar que foram feitos pelo mesmo covarde que me visitou esta noite. —Muito brevemente, Joe relatou o ocorrido.

Pensativo, Denter cruzou os braços.

—Então, apesar de ter sido espancado quase até a morte...

—Parece pior do que foi.

—...conseguiu lutar com o elemento e botá-lo para correr?

—Já trabalhei com gente desse tipo. —Joe admitiu. —Sei o que estou fazendo. —Com floreio, ele contou aos policiais a variedade de serviços que já prestara.

Para o desgosto de Luna, ambos ficaram admirados e mostraram total reverência.

—Pelo jeito, alguém não gosta de você?

—Muitas pessoas não gostam dele. —Luna fez uma careta. —No momento, estou incluída nesse grupo.

Denter olhou o sofá onde ela se instalara.

—Entendo.

Joe gemeu, chamando a atenção de Denter.

—Sente-se bem?

Mancando, Joe sentou-se devagar no sofá, justamente no local onde Luna dormira.

—Com sorte, vou sobreviver.

O outro policial aproximou-se.

—Precisam de uma ambulância? —Ele se dirigiu a ambos, mas olhava apenas para as luxações de Joe.

—Estou bem. —Joe insistiu. —O homem deve ter entrado pela janela da cozinha. Não teve a chance de roubar nada e saiu sem dizer nem uma palavra sequer.

—Acha que foi uma tentativa de assalto?

—Não. Acho que ele estava aqui por um motivo muito diferente.

—Para terminar o que começou?

—Muito provavelmente.

Luna estremeceu ante o modo educado com que Joe confirmara o fato.

—Ele usava uma máscara de esqui e luvas pretas. Portanto, não se dê ao trabalho de recolher digitais. Achei que gostariam de saber disso.

Os dois guardas se olharam.

—Fez bem em nos chamar, mas...

—Sim, eu sei. A menos que alguém tenha visto algo, vocês não têm nada para iniciar uma investigação.

—Vamos conversar com as testemunhas. —Denter informou e dirigiu-se à cozinha. Clarence o seguiu.

Luna aproveitou a chance para se sentar ao lado de Joe. Meneando a cabeça, colocou o travesseiro sobre o colo dele a fim de proporcionar certa compostura.

—Veja só. Há poucos minutos, você estava rolando no chão como um campeão de boxe e agora sente dores até para respirar.

—Minutos atrás, eu estava tomado pela adrenalina. —Ele apoiou a cabeça no encosto do sofá e fechou os olhos. —Senti medo de que ele pudesse feri-la. A dor tornou-se um problema secundário.

Joe preocupara-se com ela? E por que isso era tão importante? Ele não passava de um mulherengo arrogante, presunçoso...

—Verdade?

—Não fique tão surpresa, querida. Em situações extremas, o corpo simplesmente se encarrega de reagir. —Ele a olhou de soslaio. —Raiva, desejo... —murmurou com a voz rouca. — ...tudo funciona da mesma maneira. Você recebe uma dose de endorfina, que atua como um analgésico natural.

—Mas agora está pagando o preço.

Joe gemeu um pouco e tocou as costelas. Os policiais voltaram à sala.

—Parece que ele entrou pela janela. As latas de lixo formaram uma ótima escada para ele escalar a parede até o peitoril da janela.

—Foi o que imaginei. —Joe comentou.

—Se sabia que teria problemas futuros, por que deixou a janela destrancada?

—Tem certeza de que a janela estava destrancada? —Luna indagou.

—Não há sinais de arrombamento. Creio que ele simplesmente abriu a janela e entrou.

—Eu sempre as deixo trancadas. Ora, está fazendo quase trinta graus lá fora e tenho ar-condicionado. Sendo assim, nunca abro as janelas. Provavelmente uma das meninas a destrancou.

—Meninas? —Os oficiais olharam para Luna.

—Ele tem um harém de mulheres. —ela explicou, com expressão de desprezo.

Clarence pegou um bloco de notas, tentando conter o sorriso para parecer sério.

—E nesse grupo a senhorita se inclui?

—Não.

—Sim.

Ela e Joe responderam ao mesmo tempo. Cruzando os braços, Luna o encarou.

—Não.

Joe piscou.

—Espere até eu me recuperar.

Os homens partilharam um olhar cúmplice e riram.

—Foi uma mulher quem o espancou? —O oficial Clarence perguntou. —Eu não ficaria surpreso. Juro.

—Foi exatamente o que eu pensei. —Luna assentiu satisfeita.

Joe torceu o nariz.

—Que absurdo. As mulheres que conheço seriam incapazes de me ferir. Tenho certeza. Além do mais, ele sentou em cima de mim. Portanto, sei que era um homem, não uma mulher. —Joe encarou os policiais. —Acreditem, sei distinguir os sexos.

Denter riu.

—Nunca subestime uma mulher. Elas podem armar as piores armadilhas e usar os homens para obter o que desejam. —Antes que Luna pudesse se defender em nome das mulheres, Denter caminhou em direção ao corredor.

—Vou verificar o resto do apartamento.

—Certo. Não há muito que ver, somente o banheiro e o dormitório.

—Ele não saiu da cozinha?

—Não. Eu estava cochilando, escutei um barulho e vim investigar. Ele chegou a porta da cozinha, onde eu o encontrei.

—Vou verificar mesmo assim. Faz parte da rotina.

Enquanto Denter cumpria seu dever, Joe relatava o evento a Clarence. Contou-lhe a respeito de Bruno Caldwell, o homem que podia ser o responsável pelas agressões. Em seguida, ofereceu uma rápida descrição do suspeito, incluindo peso e altura, os quais combinavam com as dimensões do invasor daquela noite.

Luna percebeu que Joe não poderia ser mais específico, uma vez que não via Caldwell fazia um bom tempo. Disse não saber de nenhuma marca significativa, além do temperamento explosivo e do rosto comum. Também forneceu detalhes do ataque, ainda bastante visível em seu corpo, que dias antes sofrera.

À medida que o escutava, a preocupação de Luna crescia. Bruno Caldwell parecia ter um péssimo caráter, e o fato de que agredira Joe uma vez, e provavelmente o fizera de novo, deixava-a ansiosa em demasia. Talvez Joe tivesse razão, seguir para a Carolina do Norte poderia ser benéfico para ambos.

Clarence fechou o bloco de notas.

—Moreno, baixa estatura e temperamental não são características suficientes para descrever um homem, mas ficaremos atentos a qualquer suspeito.

—E feio. Ele é realmente muito feio.

—Entendi. —Clarence acrescentou após um instante: —Não creio que devemos eliminar outras possibilidades.

—Como mulheres? —Luna quis saber.

—Digamos apenas que eu seria muito mais cuidadoso, se fosse você. —Clarence sugeriu diplomático. —E nada de janelas abertas.

—Não precisa se preocupar. —Luna assegurou. —Não vou permitir a entrada de mulher alguma até que Joe esteja recuperado.

Joe levantou-se com certa dificuldade.

—De qualquer forma, não estaremos aqui. Vamos viajar.

—Vão sair da cidade? —Denter perguntou ao retornar à sala. — Com exceção de uma faca sobre o criado-mudo, o resto do local está limpo.

—A faca é minha. —Joe informou.

—Costuma levá-la consigo?

—Sempre.

—Sabe manejá-la?

—Sim e muito bem.

—Trata-se de uma arma ilegal.

—Estou ciente disso.

Denter encarou Clarence e ambos deram de ombros. Luna deduziu que iriam fechar os olhos para a pequena contravenção.

—Se for pego com ela. —Denter advertiu. —Será apreendida.

Joe assentiu.

—Pretendíamos viajar dentro de dois dias, mas acho melhor levar Luna para um lugar seguro agora mesmo. Portanto, vamos partir ao amanhecer.

—Mas, Joe, você nem sequer consegue andar direito! —Luna protestou.

Ele a repreendeu com o olhar.

—Posso andar até o carro sem problemas. Você dirige. E pedirei a Zane que venha nos ajudar com a bagagem. —Joe despediu-se dos policiais. —Obrigado pela ajuda. Se tiverem alguma novidade, podem ligar para meu celular. —Ele forneceu o número, e Clarence o anotou.

—Parece-me uma boa solução. —Denter comentou, fitando Luna. —Se acredita mesmo que os dois incidentes estejam relacionados.

Clarence assentiu.

—Não costumo estimular exageros, mas se pretendiam viajar... — Ele também encarou Luna. —E melhor que seja agora só para garantir a segurança de todos.

—É ridículo. —Luna correu atrás dos homens, quando estes se reuniram à porta. —Sei que posso cuidar de mim mesma e sei que ninguém está me perseguindo. A vítima dos atentados é Joe, e ele não se encontra em condições de viajar. Aliás, não está em condições de fazer nada.

Clarence coçou os lábios para ocultar um sorriso.

—Eu não teria tanta certeza.

—Ele está bem. —Denter não escondeu o bom humor. —Pelo que pude ver, ele sobreviverá. —Denter tocou o ombro de Joe. —Mas vá com calma, amigo. Nós o informaremos se tivermos alguma pista.

Assim que ficaram a sós, Luna bufou.

—Joe, isso não é um jogo.

Ele a segurou pela nuca e roubou outro beijo. Tal gesto também a enfureceu.

—Não pretendo dar chance ao azar com você, Luna. —Joe acariciou o pescoço macio. —Não conseguirei suportar, caso acabe ferida por minha causa.

Luna ficou perplexa e sem fala, enquanto Joe mancava até a cozinha. Ele se mostrou tão inflexível que ela não conseguiu elaborar nenhum argumento.

Joe estava ao telefone, quando Luna apontou o relógio.

—Sabia que são duas horas da manhã?

Ele fez menção de retrucar, mas sorriu e disse:

—Olá, Zane. Como vão as coisas, primo? É mesmo? Não sabia que era tão tarde. —Piscou para Luna. —Estava dormindo? É uma pena, pois preciso que acorde agora para me fazer um grande favor.

Luna pôde ver como Joe se divertia com a situação. Virou-se indignada e saiu da cozinha. Sentia um turbulento misto de preocupação, expectativa e ansiedade. Queria estar com as crianças, elas precisavam de alguém. E também queria que Joe ficasse longe daquele que pretendia feri-lo. Contudo, não aguentaria causar-lhe mais dor e, ao mesmo tempo, viu-se impelida a cuidar dele.

Estúpida, estúpida, estúpida. Não o via mais como um machão idiota, mas isso não significava que, de repente, ele se tornara dócil e fiel.

Tampouco o fato de estar preocupado com ela significava algum sentimento mais sério. Luna sabia que quando uma mulher se mostrava interessada demais, Joe a dispensava.

Não podia se esquecer disso. Do contrário, corria o risco de se apaixonar por ele.

Quinze minutos depois, quando Joe a encontrou, Luna estava vestindo calça jeans preta e uma camiseta de seda vermelha. Ela se achava no banheiro, escovando os dentes.

Com uma familiaridade que se formara nas últimas duas horas, Joe deslizou as mãos sob os cabelos sedosos e acariciou-lhe a nuca.

—Zane está vindo para cá.

Mesmo com a boca repleta de pasta, Luna conseguiu repreendê-lo. Joe estava abatido e as olheiras tornavam os olhos azuis ainda mais fascinantes. O homem encontrava-se fisicamente agredido, exausto e precisava de tempo para se recuperar, não de uma viagem longa.

No entanto, Joe era teimoso, e Luna não sabia como convencê-lo a mudar de idéia. Sentia-se perdida e odiava a sensação.

—Tamara mandou um beijo para você. —ele comentou. Luna concentrou-se na higiene bucal. Quando terminou, encarou-o.

—Minha bagagem já está pronta. Portanto, posso ajudá-lo no que for preciso. Diga-me o que quer que eu faça.

Joe assentiu.

—Muito bem. Tire suas roupas e vá para minha cama.

Irritada, Luna levou as mãos à cintura, mas nada disse.

—Oh, refere-se a nossa partida? —Joe fingiu inocência, sem esconder o riso. —Venha comigo.

Juntos, pegaram a mala na prateleira superior do armário. Enquanto Luna separava várias peças de roupa, Joe se vestia. Notou que ele parecia mais ágil agora, talvez um sinal de melhora. Embora lento, conseguiu arrumar-se sem tantos gemidos ou xingamentos.

—Quer tomar outro analgésico? —Luna sugeriu.

—Não. Quero ficar alerta. Não estou convencido de que nosso amigo tenha desaparecido.

—Não precisa mostrar tanta alegria ao afirmar isso.

Joe encarou-a e, em seguida, pegou a faca sobre o criado-mudo, guardando-a no bolso da calça.

—Nada me daria mais prazer, além de vê-la nua e desejosa, que colocar minhas mãos em Bruno Caldwell.

—Pare com as piadas maliciosas, Joe. —Luna explodiu. Ao abrir a gaveta do criado-mudo, Joe tirou uma caixa de preservativos e jogou-a na pilha de roupas dentro da mala.

—Não vou deixá-la esquecer quanto a desejo. Foi nosso acordo, lembra? Você terá de aguentar minhas tentativas de sedução.

—Sedução? Chego a pensar que é capaz de bater em minha cabeça e me arrastar pelos cabelos para me dominar.

—Essa estratégia funcionaria?

—Não. Por que eu, Joe? Segundo o que me disse, você tinha duas mulheres disponíveis quando cheguei. Não seria mais fácil ficar com elas?

—Essa é uma daquelas perguntas femininas de duplo sentido? —Joe indagou, cauteloso.

—Pode ser. —Luna postou-se diante dele e esperou. Após alguns instantes de silêncio, arriscou: —Foi porque eu o recusei? Não está acostumado a rejeições. Sou um desafio.

Ele sorriu.

—Sua fê em meu talento é impressionante.

—Só estou repetindo o que você me disse.

—Não mentiria para você, mas talvez eu tenha exagerado. —Joe fitou os lábios de Luna. —Você não foi a primeira a me dispensar.

—Alguém disse não a Joe Winston, o garanhão extraordinário? —Luna riu, mas Joe a fitava com tamanha intensidade que se sentiu constrangida. —É mesmo? Inacreditável.

—Não foi um drama. —Ele roçou-lhe a face, acariciando-a com afeto. —Quando uma mulher diz não, outra diz sim. Sexo é sexo. Mas não desejei ninguém mais depois que a conheci.

Tal declaração a pegou de surpresa. A rejeição ocorrera havia três meses, e esse tempo para Joe representava uma eternidade.

—Não sou obrigada a acreditar...

—Acredite em que quiser, querida. —Joe beijou-lhe a testa, revelando respeito e carinho. —Não fará a menor diferença. De um jeito ou de outro, vou levá-la para a cama e teremos momentos de delírio total. Prometo.

Ele se retirou, deixando Luna atarantada e... Curiosa.

Não! Não podia se permitir tais pensamentos. Aquela viagem significava a conquista de duas crianças, não de um homem, muito menos de Joe. Ela seria capaz de manobrá-lo; não tinha dúvidas disso.

Por motivos que desconhecia, Joe conseguira impressioná-la como nenhum outro homem jamais o fizera. Luna, porém, orgulhava-se de manter os pés na realidade e sua atual realidade eram duas crianças emocionalmente necessitadas. Mesmo que quisesse arriscar o coração, não podia deixar as crianças se apegarem a ele, pois sabia que Joe não estava preparado para compromissos em longo prazo. Esperava somente que ele se tornasse amigo das crianças, ajudasse Luna a resolver os problemas e depois partisse sem causar maiores danos sentimentais.

E tudo isso significava que teria de manter o lado platônico da relação, a despeito do que Joe e ela queriam.

—Luna sabe tudo e vê tudo. —murmurou consigo em tom de zombaria. —E Luna vê muita dor de cabeça à frente. —Determinada, fechou a mala e a arrastou à sala.

Enfim, por volta das seis da manhã, estavam prontos para partir.

Capítulo V

Joe e Luna observaram Zane mais uma vez verificar o cabo que usara para prender o carro de Luna à caminhonete de Joe. Já estariam na estrada, não fosse Luna ter insistido em levar o próprio automóvel

para não depender de Joe. Sendo assim, Zane alugara um cabo de aço para o Dodge de Joe puxar veículo de Luna ao longo do trajeto.

A partida súbita não havia agradado Zane. Ele chegara resmungando e continuava mal-humorado. Os cabelos em desalinho e o rosto abatido eram provas cabais de que Joe o tirara do conforto da cama e dos braços carinhosos da esposa. Zane sempre fora ranzinza e, após se casar com Tamara, ele tinha piorado ainda mais para o divertimento de Joe.

—Você é mais irritante que uma velha, Zane —Joe o provocou. — Por acaso, está apanhando de Tamara?

Impacientes, Zane e Luna o encararam, quase fazendo Joe soltar uma gargalhada. No momento, ele parecia ser o único a cultivar o bom humor, um fato que se devia à nova aventura que viveria com Luna. Sob essa perspectiva, tudo corria muito bem.

—Estou preocupado, Joe. —Zane resmungou. —Ainda não entendo por que não contou a ninguém que foi surrado de maneira tão violenta.

—O que você teria feito, primo? Bancaria a ama-seca? Faria sopa de legumes para mim? Tomaria minha temperatura?

—Eu poderia matá-lo para lhe poupar tanto sofrimento. —Zane gritou indignado.

—Obrigado, mas prefiro continuar vivo. Aliás, sinto-me melhor a cada minuto. —Joe mandou um beijo a Luna, que parecia prestes a esmurrá-lo. Ela ficava ainda mais adorável quando irritada.

Quando Joe perdera o controle e quase a possuía contra a parede, Luna mostrara-se tão fogaosa que poderiam ter feito amor durante horas sem que as dores no corpo o perturbassem. A sensação de acariciá-la ainda o atormentava, e o modo como ela se movera quando... Oh, mal podia esperar para senti-la por inteiro.

—Terra para Joe.

Sobressaltado, voltou a atenção a Zane.

—Se eu telefonasse para você cada vez que um cretino me bate, ficaria sem dormir pelo resto da vida, Zane. —Joe brincou.

—Quantos anos tem, Joe? Quase quarenta?

—Morda sua língua! Tenho trinta e seis. —E sentia o peso de cada ano que passava. Aos vinte, já estaria recuperado da surra após um dia de repouso. Mas agora precisava de concentração para permanecer em pé.

—Não tem mais idade para brincar de polícia e ladrão e precisa sossegar antes que alguém consiga matá-lo.

—Se eu sossegar, morrerei de tédio em menos de uma semana. Não obrigado, Zane. Gosto do que faço. —Mas Joe não se importaria de tirar longas férias com Luna.

—Pense a respeito. —Zane insistiu. Ele olhou para Luna, que tirava os óculos escuros da bolsa. —Talvez acabe gostando da vida de casado.

Joe sorriu e abraçou Zane pelos ombros, enquanto dirigiam-se à porta da caminhonete. Ele se apoiou no primo.

—Por que todo o homem que se enforca quer o mesmo para seus amigos solteiros?

—Sabedoria talvez?

—É engraçado ouvi-lo falar assim, uma vez que partilhava de minhas crenças não muito tempo atrás.

—Sim, mas conheci a mulher certa. Quando conhecer a sua companheira, irá se sentir como eu.

Joe começava a considerar tal possibilidade, contudo não confessaria nada, já que Luna estava escutando a conversa. Ela não retrucou os comentários de Zane, embora o rosto delicado estivesse corado. Raiva ou constrangimento? Não importava. Ele a achava linda de qualquer maneira.

—Tem certeza de que aguenta dirigir o dia todo? —Joe perguntou a ela.

—Você me faria essa pergunta se eu fosse homem? —Luna rebateu.

—Não. Mas, Luna querida, você não é homem.

—Fique quieto, Joe. —Ela entrou na caminhonete. Joe riu. Definitivamente estava zangada.

—Ela é divertida, não acha?

—Em raros momentos.

Quando Luna ligou o motor e acelerou, Zane aproveitou a deixa para falar em particular.

—Brincadeiras à parte, tem certeza de que está disposto a ajudá-la?

—Claro que sim.

—Não será fácil, Joe. Pelo que entendi, metade da cidade abomina essas crianças.

—É mesmo?

Teria Luna ocultado informações? Isso importava? Não. Na verdade, saber que a situação podia ser ainda pior reforçaria a decisão de Joe de protegê-la e ajudá-la. Talvez até houvesse um pouco de ação.

—Se eu soubesse que estava em guerra com esse tal de Bruno Caldwell, não o teria recomendado a Luna. —Zane admitiu.

—Nesse caso, estou feliz porque não soube de nada.

De repente, Joe sentiu a intuição alertá-lo. Os músculos se contraíram em preparação para qualquer ameaça. Esquadrinhou a área e logo avistou um carro parado do outro lado da rua. Havia um homem

à direção. Os cabelos loiros estavam quase ocultos pelo boné e os óculos escuros mascaravam o rosto. Ele não olhava para a caminhonete, mas Joe já havia pressentido que estavam sendo vigiados.

Mantendo a atenção no suspeito e silenciando Zane ao mesmo tempo, Joe tentou decidir como agir, mas o homem começou a mexer em algo no banco ao lado. Ele olhou para Joe e ligou o motor.

—Droga... —Joe correu pela calçada e, ao atingir a esquina, o veículo acelerou e partiu. Bem treinado, ele distinguiu o modelo e memorizou a placa do carro quando este desceu a rua.

Zane o seguiu.

—O que aconteceu?

—Preciso de papel e caneta. —Joe virou-se e quase atropelou Luna. Segurou-a pelos braços e repetiu: —AM768U.

—O quê?

—Decore essa placa. —Ele foi à caminhonete e pegou seu celular. —Ache papel e caneta para mim, querida. —Digitou um número, e alguém atendeu no segundo toque. —Olá, é Joe. Sim, pode investigar uma placa?

Joe percebeu que Zane e Luna o observavam em silêncio. Ambos ignoravam as conexões que ele obtivera em seus vários trabalhos e agora iriam testemunhar a vantagem de conhecer tantas pessoas.

—Pronto? —Joe aceitou a caneta e o papel que Luna lhe oferecia. Enquanto falava, escrevia os dados. —Conversível dourado, licença de Ohio, AM768U. Sim, ligue para meu celular. —Ele forneceu o número e desligou.

—Joe, o que foi? —Luna perguntou apreensiva.

—Estávamos sendo observados. —Ele guardou o papel no bolso.

—Tem certeza? —Ela olhou ao redor, agora mais alerta. Joe arrependeu-se. Não pretendia alarmá-la, mas faria o possível para mantê-la a salvo, o que incluía informá-la dos perigos.

—Era aquele Bruno Caldwell outra vez?

Luna parecia pronta a brigar em defesa de Joe.

—Não pude vê-lo direito, mas este parecia mais novo, tinha cabelos claros e compridos. Bruno é calvo e moreno.

—Devemos chamar a polícia?

Joe abraçou-a em uma atitude protetora.

—E dizer o quê? Que um idiota nos observava do outro lado da rua? Não há leis contra isso. —Ele conduziu Luna de volta à caminhonete. Quanto mais cedo saíssem da cidade, melhor. —Prefiro fazer as coisas do meu jeito.

—O que quer dizer, Joe? —Zane perguntou.

—Quero dizer que confio somente em mim e minhas capacidades.

—Não estou gostando nada disso. —Zane cruzou os braços. Era um pouco mais baixo e mais leve que Joe, mas a postura tornava-o maior. Ele apontou a mão de Joe. —Pretende usar isso, se o pegar?

Assustado, Joe percebeu que havia pegado a faca sem notar. A lâmina era longa e afiada e, quando a segurava, tornava-se uma extensão de seu braço. Sabendo como manejá-la, a arma podia ser quase mortal. Estava tão habituado a ela que podia armá-la em menos de um segundo.

Quando o invasor entrara em seu apartamento, Joe deixara a faca no quarto de propósito. Sua visão noturna era excelente, mas com Luna circulando pela sala, não quis arriscar nenhum acidente.

Joe guardou a faca.

—Sim, vou usar isso, se for preciso. —No mesmo instante, notou o olhar apreensivo de Luna. —Você a está assustando, Zane. —murmurou irritado. —Pare de se preocupar e cuide da casa para mim.

—Prometa tomar cuidado.

—Prometo, mamãe. —A atitude protetora do primo era desconcertante. —A propósito, falei com Alyx. Ela virá ajudá-lo a empacotar tudo. Sabe o que é meu e o que pertence ao apartamento. Mas não a deixe sozinha, Zane. Você a conhece. Se Alyx vir alguém espionando, é capaz de ir atrás do elemento e obrigá-lo a entregar-se à polícia.

Zane sorriu, apesar do mau humor.

—Ela continua a mesma?

—Não mudou nada. —Joe não gostava de pensar em como a personalidade da irmã assemelhava-se à dele. Fora uma péssima influência para Alyx. —Acho que nunca se casará porque os homens têm medo dela.

—Ela se parece com Luna nesse aspecto.

—Sim. —Joe concordou em voz baixa. —Mas Luna não me amedronta. Sei lidar com ela.

—Fala como se estivesse cego de paixão. Sabe que vai acabar engolindo essas palavras, não? —Zane meneou a cabeça e riu. —Espero presenciar a cena.

—Não se anime tanto. —Joe voltou ao assunto principal.

—Depois de empacotar minhas coisas, entregue a chave para o senhorio e suma. O aluguel deste mês já está pago, mas se houver problemas com o contrato, avise-me. Alyx sabe onde guardar meus pertences. Entendeu tudo?

—Vamos partir ainda hoje ou vocês pretendem continuar a fofocar no meio da rua? —Luna reclamou.

Joe abraçou o primo com carinho e entrou na caminhonete. Então, colocou o cinto.

—Você se incomoda se eu cochilar um pouco? Não dormi muito esta noite...

Assim como Joe pretendia, a raiva de Luna evaporou. Era interessante ver como ela sempre ocultava o lado carinhoso que possuía. Gostava dela e não se aborrecia com o excesso de preocupação. A maioria das mulheres o irritava nesse aspecto, mas Luna o deixava... Feliz.

—Não é melhor tomar o remédio? —ela começou. —Guardei-o em minha bolsa. E trouxe um travesseiro para se acomodar melhor no carro. —Luna o colocou atrás da cabeça de Joe. —Fique à vontade e relaxe. Eu o acordarei quando pararmos para abastecer.

—Pare de mimá-lo, Luna. —Zane apoiou-se na janela. —Ele aguenta o tranco.

—Eu sei. —Luna respondeu com doçura. —Mas não suporto ver nem mesmo uma cobra sofrendo.

Zane ria, enquanto Joe fingia estar ofendido. A bem da verdade, nem sequer ligava para as brincadeiras sarcásticas, pois sabia que Luna estava lutando para conter a forte atração que sentia por ele. Não era cego. Notara que ela havia percebido a química que os unia.

A doce dama o queria, mas o desejo a assustava. Joe a assustava. E, para uma mulher como Luna, o medo era inaceitável.

A melhor estratégia no momento seria não forçar nada, decidiu. Tudo se complicaria, caso o mau humor prevalecesse. Joe acomodou-se no banco do carro.

—Adeus, Zane.

—Boa viagem. E não se esqueçam de ligar assim que chegarem à Carolina do Norte.

—Pode deixar. —Luna prometeu. —Obrigada por tudo, Zane.

—De nada. —Ele recuou. —Avise-nos se precisar de ajuda com as crianças.

—Obrigada novamente. —Luna engatou a marcha.

—E, Joe? Tenha cuidado.

Joe o saudou quando Luna acelerou. Para sua surpresa, estava realmente com sono. Talvez pudesse fechar os olhos por alguns minutos. Luna era plenamente capaz de seguir as coordenadas e transportá-los com segurança.

Minutos depois, Luna sorriu ao ver Joe dormir profundamente. As mãos achavam-se entrelaçadas sobre o ventre, a cabeça escorregara do travesseiro e agora estava apoiada na janela, e o sol da manhã cintilava no brinco de ouro. Os cílios longos e negros suavizavam-lhe os traços, um contraste significativo com a barba por fazer e o nariz levemente torto devido a uma fratura antiga.

Pelo jeito, até as montanhas tinham momentos de vulnerabilidade.

Luna suspirou. Por que essa fraqueza o tornava ainda mais atraente?

Por causa das roupas simples e da residência humilde, ele deduzira que Joe Winston estava falido. Entretanto, tal dedução foi reavaliada no momento em que a dispendiosa caminhonete passou pelo beco onde ele se escondera. Joe Winston era muito seletivo em se tratando de gastar seu dinheiro. E, segundo a fama de Joe, podia jurar que o veículo era novo. O homem não brincava em serviço.

Quando a caminhonete passou, ele já havia desligado o “grampo” e removido os fones de ouvido. Uma atitude sábia, pois, do contrário, o som do motor teria estourado seus tímpanos. O equipamento de escuta estava programado para desligar a qualquer ruído mais alto, mas às vezes não era preciso o bastante para evitar que ele tivesse danos cerebrais.

Quando comprara o “grampo”, precisara de um tempo para aprender como usá-lo corretamente. De longe, o aparelho absorvia o mais suave dos sussurros, como também todos os outros sons, tornando o uso inviável em áreas congestionadas. A sorte o acompanhava naquela manhã, porque Winston decidira fugir ao raiar do dia. Houvera alguns distúrbios devido ao canto dos pássaros, mas tinha escutado o que precisava.

Então, Winston estava ciente de Bruno. Não se surpreendia, pois o ex-policial não era imbecil. O fato de Joe saber complicaria o trabalho, mas não deixaria que isso o influenciasse.

Não dessa vez.

Agora que a área estava livre, ele saiu do carro para remover os pratos de escuta. Fez o mesmo na traseira do veículo e guardou-os em sua sacola de lona, junto com o fone e outros acessórios. Para aquela missão, ele adquirira um bastão de cinco mil volts a fim de desencorajar intrometidos, binóculo de visão noturna, um suprimento de balas de festim e vários tipos de luvas e sapatos, revestidos de ferro e de náilon.

Pensativo, lembrou que haviam mencionado crianças e sentiu um nó no estômago. Tinha uma consciência velha e enferrujada, chegando às vezes a duvidar de sua existência, contudo, não era tão cruel a ponto de desconsiderar o bem-estar de duas crianças. Ora, não queria que nenhum inocente atravessasse o fogo cruzado, muito menos crianças.

Fechou os punhos e disse a si mesmo que Joe os manteria longe de qualquer perigo. Tinha questões mais importantes a considerar, como o fato de que haviam mencionado o destino daquela viagem. Carolina do Norte. Verificou o relógio. Sim, precisava se apressar.

Largou o veículo dourado no beco, sabendo que a polícia o localizaria rapidamente e o devolveria ao verdadeiro proprietário. Se

tivesse um minuto, ele faria uma denúncia anônima, mas ainda não era hora.

Antes do amanhecer, havia estacionado seu velho e indescritível sedan marrom poucos metros à frente. O carro fazia parte do equipamento necessário. Com uma fina tela de metal separando os assentos dianteiros dos traseiros, o automóvel servia como uma viatura para transportar criminosos. Não possuía maçanetas internas, impossibilitando qualquer fuga. Se lá prendesse alguém, a pessoa permaneceria isolada até que ele próprio a soltasse. Podia apostar que Winston possuía certa vez um veículo semelhante.

Satisfeito, guardou todo o equipamento no porta-malas, inclusive o ridículo boné que usara, e dirigiu-se para os limites da cidade. Seguiu a rodovia que Winston e a mulher deviam estar utilizando. Abriu a janela para que o ar úmido o mantivesse acordado. Os cabelos loiros roçavam seu rosto, lembrando-o de que precisavam de um corte, e cuidaria disso depois de finalizar aquela missão.

Em vinte minutos, alcançou a caminhonete. Estavam em baixa velocidade graças a um caminhão. Portanto, foi fácil avistá-los.

Sem dúvida, Winston era um filho da mãe muito esperto. Porém cometera vários erros até agora, a começar pelo fato de ter sido pego desprevenido algumas noites atrás.

Infelizmente, Amélia aparecera ávida para mostrar a exagerada preocupação pelo bem-estar de Winston, antes que ele pudesse agir. Por causa dela, não tivera a chance de terminar o serviço, mas não desperdiçaria outra oportunidade.

Não importava quão bom Joe Winston era.

Ele sabia ser ainda melhor.

—Onde é essa cidade? Estamos na estrada há horas.

Luna respirou fundo pela milionésima vez. Joe estava cansado e mal-humorado.

Compadecia-se por ele, mas o homem podia, ao menos, cooperar. Ela não aguentava mais aquela atitude impaciente, sentia dores nas costas e no pescoço após oito horas na direção e estava faminta. Não queria sanduíches gordurentos, mas sim comida de verdade. Mesmo pasta de amendoim e geléia serviriam, mas não suportaria engolir outro hambúrguer de estrada.

—Não está muito longe. —respondeu, quando, na realidade, não sabia.

Telefonara para Patrícia no meio da manhã. Ela os estaria esperando, mas com todas as paradas que Joe insistira em fazer, a mulher teria de esperar mais que o combinado.

—Pelo que me explicaram, temos de continuar nesta rodovia até chegarmos à saída para Welcome County.

—Welcome County? —Joe repetiu, atento ao espelho lateral da porta do passageiro.

—Esse nome soa estranho, não? Também achei.

Durante a maior parte do dia, Joe comera e dormira, possibilitando pouco tempo a Luna para contar-lhe sobre a viagem. Ele tinha um apetite inacreditável e alegava estar compensando os dias em que não se alimentara, e Luna tentara não reclamar cada vez que paravam nos restaurantes e lanchonetes à beira da rodovia. Ela comera pouco, já que não era adepta de fast food.

—Já estive nessa região. —Joe contou-lhe. —Quando ainda trabalhava como caçador de recompensas. Ao investigar um homem, esbarrei com uma dupla de infratores, sendo que um deles possuía um mandado de prisão. Então, contatei a polícia local e eles ficaram aliviados quando viram que eu os capturara. O policial encarregado disse que os dois haviam ludibriado a polícia em diversas ocasiões. Ele agradeceu e convidou-me para voltar quando quisesse. Como eu precisava de uma folga, aceitei o convite.

—E passou a maior parte do tempo bebendo e paquerando as mulheres da cidade?

Joe riu.

—Não. As mulheres me paqueraram. Eu passei a maior parte do tempo pescando e dormindo. Levei seis semanas para agarrar o homem que procurava. Por isso, merecia um descanso.

—Sabe pescar?

—Acabo de lhe contar a aventura de ter capturado dois bandidos, e você só se atém à pescaria? Sim, sei pescar. Não que eu seja um especialista no assunto, mas acho o esporte muito relaxante.

—Então, vai adorar o lugar em que nos hospedaremos. —Luna comentou animada.—A casa está localizada à beira de um lago. As crianças possuem pouco mais de catorze acres.

Joe ficou surpreso.

—Eles têm um lago?

—Sim. Creio que Chloe os sustentava com o dinheiro obtido em atividades recreativas, mas a tia me disse que fechou o lago quando se mudou.

—Mas... —Joe calou-se ao verificar o espelho lateral. Então, disse: —Há uma sorveteria logo à frente. Vamos parar para um suculento sorvete.

Luna esfregou a testa.

—Joe, não acredito que esteja com fome.

—Sorvete não tem nada a ver com fome. —Ele acariciou a perna de Luna. —Não está com calor? Eu estou. Um sorvete cremoso poderia me refrescar.

—A essa velocidade, nunca chegaremos e quero sair dessa caminhonete.

—Minha caminhonete não é confortável?

Luna saiu da rodovia e dirigiu-se ao estacionamento da sorveteria.

—Prefiro meu carro. Mesmo regulando o assento da caminhonete, tenho dificuldades de alcançar os pedais.

Ela esperava algum tipo de comentário, mas Joe não a escutava. Continuava a olhar pelo espelho lateral. Enfim, Luna percebeu que ele devia estar observando algo. Ou alguém.

—O que está havendo, Joe?

—Nada. Estamos sendo seguidos, só isso.

Luna apertou o braço musculoso.

—Só isso?

—Não quis assustá-la. —Joe virou-se para observar o tráfego da rodovia. —Ele é cauteloso. Continua nos seguindo apesar de saber que o estou observando.

—Como ele sabe disso?

—Porque paramos muitas vezes. —Joe respondeu, como se dissesse o óbvio. —O homem teve o cuidado de não parar nos mesmos lugares. Contudo, apesar das várias vezes que paramos ou do tempo que levamos para sair, ele sempre mantém uma distância discreta.

A lógica a espantou.

—Poderia ser mera coincidência.

—Não acredito em coincidência.

De tão cansada e irritada, Luna o esmurrou no ombro.

—Seu cretino.

—Ei! —Ele agarrou-lhe o pulso. —Por que está me atacando?

Como conseguiria responder, se Joe pressionava sua mão de encontro à coxa musculosa? Luna podia sentir o calor do corpo viril. Ele era diabólico, pensou, mas não se deixaria vencer tão facilmente.

—Por que não me contou? —perguntou teimosa.

Joe olhou ao redor, reparando que várias pessoas os observavam.

—O que você teria feito? —indagou com a voz calma. —Ficaria tão nervosa que poderia até causar um acidente na estrada.

—Eu não teria causado acidente algum. —Mas ficaria muito nervosa, sem dúvida. —De agora em diante, quero que me conte tudo. Tudo, Joe. Entendeu?

—Entendi e será como quiser, querida.

Ele não pareceu sincero. Quando Luna fez menção de retrucar, Joe calou-a com um beijo. Ela agarrou a coxa, musculosa. Joe mordeu o lábio inferior com delicadeza.

—De que sabor você gosta? Além do meu, claro. Há um cardápio muito variado aqui.

A estratégia de misturar insinuações sensuais à conversa casual tinha o objetivo de confundi-la. De súbito, Luna reparou que ainda apertava a coxa de Joe. Recuou e tentou ao máximo ignorar a risada zombeteira.

—E quanto ao homem que está nos seguindo?

Joe saiu do carro.

—Vou dirigir o resto do caminho. Ele não conseguirá nos acompanhar.

—Mas...

—Quieta. Vou pedir um sorvete de chocolate. Quer um? Ou prefere dividir o meu? —Joe afastou-se do carro. —Vamos dividir. Gosto da idéia. Assim, você pode segurar o copo para mim.

Ele se foi sem esperar resposta e ficou no fim da fila. Joe não mais mancava como naquela manhã. Talvez a tranquilidade da viagem e o cochilo o houvessem ajudado. Parecia melhorar a cada hora.

Ainda sentindo o beijo roubado, Luna fitou-o entre pais e filhos que aguardavam na fila do sorvete. Rodeado de garotos, Joe parecia ainda mais poderoso. Os cabelos negros brincavam com a brisa, e o semblante sério, inspecionando os arredores, dava-lhe um ar sombrio e ameaçador. Parecia preparado para qualquer emergência.

Alguém o seguia.

Luna olhou ao redor. Ocorreu-lhe que nem sequer sabia que veículo o perseguidor dirigia. Como conseguiria ficar em guarda, se não podia reconhecer o homem?

Ainda ponderava quando Joe bateu à janela, assustando-a.

—Levou um susto? —Ele sorriu. —Pule para o outro banco. Vou dirigir.

—Joe, posso continuar na direção.

—Não.

Luna sentiu o sangue ferver. Joe dava ordens, esperando que ela as cumprisse sem reclamar.

—O que foi? —indagou com a maior inocência, ao ver que Luna não se movia. Então, acariciou-lhe o rosto e pescoço. —Não fui educado?

Luna meneou a cabeça, sabendo que perdera aquela pequena batalha.

—Você não é educado e sabe disso.

—Não é verdade. Mas, de qualquer maneira, estou quase sempre certo. Pelo menos, em situações como essa. —Joe afagou os cabelos de Luna, mostrando-lhe quão gentil podia ser. —Confie em mim. Sei enganar um perseguidor com facilidade. E estamos quase chegando a nosso destino, certo?

Luna hesitou. Sentir-se-ia mais eficiente, se soubesse quem exatamente os estava ameaçando. Resignada, pegou as coordenadas que vinha seguindo e examinou-as.

—Sim, estamos quase lá.

—Ótimo. —Joe abriu a porta e obrigou-a a deslocar-se para o outro assento. —Ponha o cinto de segurança.

—Sempre ponho o cinto. —ela resmungou, acomodando-se. Aquela atitude autoritária a irritava sobremaneira. —Me dê esse sorvete.

—Sim, senhora. —Rindo, Joe entregou-lhe o sorvete e ajustou o banco do motorista.

Luna saboreou algumas colheradas, deliciando-se com o chocolate.

—Quem está nos seguindo?

—E um sedan marrom, cerca de dez carros atrás de nós. Não quero que ele nos acompanhe até a cidade. Não seria seguro para as crianças. Prefiro me afastar a arriscar sua vida e a delas.

Luna odiava considerar tal possibilidade, porém, se necessário, deixaria Joe partir. Agora que as crianças passariam a ser sua responsabilidade, elas viriam em primeiro lugar. Com sorte, Joe conseguiria despistar o carro marrom e percorreriam o restante do trajeto sem imprevistos.

À medida que tomavam um desvio após o outro, o cenário mudava. Rodovias movimentadas transformaram-se em estradas desertas e de pavimento ruim. Se alguém os tivesse seguindo, seria facilmente visto. Mas não havia sinal algum de um veículo marrom.

Quando entraram em Welcome County, não viram nenhuma placa que indicasse a direção da cidade chamada Visita. Árvores frondosas os rodeavam e somente uma casa ou construção ocasional indicavam sinal de habitação. Pareciam estar no meio do nada, e Joe não estava gostando da aventura.

Ele parou a caminhonete e pegou seus óculos de leitura. Então, tomou as coordenadas e o mapa de Luna e os verificou.

—De acordo com o mapa, devíamos estar em Visita.

Luna deslizou o dedo sobre o papel, apontando o caminho que fizeram.

—Pelo jeito, devemos seguir em frente ou até onde a estrada nos levar.

—Não gosto disso. Não vi placas que indicassem Visita. Que cidade é essa, afinal? —Ele vasculhou a área deserta. —Começo a me lembrar daqueles filmes de terror.

Nervosa, Luna quase gargalhou, mas reprimiu a risada ao notar a tensão repentina de Joe. Ele a fitou com olhos frios. Estava prestes a perguntar-lhe o que acontecia quando, com um movimento sutil, Joe puxou a faca. Apreensiva e surpresa, prensou as costas contra o encosto do banco.

Foi nesse momento que avistou o homem. Ele estava em pé ao lado da janela de Joe e não sorria. Deus, a barba negra e os olhos duros compunham uma visão maligna. O coração de Luna disparou e, de repente, quase parou, gelando-lhe o corpo.

Joe, por sua vez, parecia não sofrer de reação semelhante.

Capítulo VI

Joe não se lembrava da última vez em que se sentira tão irado. Como alguém podia se aproximar tanto sem que ele percebesse? Estava mesmo ficando velho e lento, talvez fosse hora de sossegar para evitar que as pessoas o pegassem de surpresa.

Em menos de dois segundos, abriu a porta do carro e rendeu o desconhecido. Prensando-o contra o tronco de uma árvore, Joe o imobilizou pelo pescoço e pressionou a faca na costela do estranho.

—Quem é você?

O homem encarou Joe. Para seu espanto, ele parecia divertir-se com a situação. Não manifestou nenhum sorriso, nada que suavizasse o rosto austero. Contudo, o brilho dos olhos o delatava, e ele definitivamente não estava com medo.

—Se não sabe quem sou —o estranho indagou. — por que está me atacando?

Joe não tinha resposta. Agira por puro instinto, tomado sem dúvida pelo estresse do momento e pelos esforços para garantir a segurança de Luna.

—Você chegou sorrateiro demais.

—Não. —O homem respondia às questões mas permanecia imóvel. —Só me aproximei do carro para falar com vocês.

—Sem provocar som algum? —Joe perguntou.

Os olhos do estranho cintilaram. Embora Joe não pretendesse se mover, sentiu-se compelido a recuar um passo.

—Talvez você não estivesse ouvindo. —ele disse com uma voz profunda.

—Voltemos a minha pergunta original. Quem é você?

—Jamie Creed. Moro na montanha.

Joe mirou a parede impenetrável de árvores que forravam a montanha e não avistou nenhuma estrada ou trilha. Jamie parecia ter simplesmente surgido do nada.

—O que está fazendo aqui?

—Vim buscar suprimentos.

—Que tipo de suprimentos?

—É um interrogatório? —Jamie retrucou, sem titubear. —Muito bem. Preciso de comida, munição e alguns itens elétricos. E, antes que pergunte, caço para comer. Por isso preciso de munição.

—Veio até aqui a pé? —Joe examinou o homem. Ele usava um jeans velho, botas surradas e uma camiseta sob uma camisa desbotada. Era magro, mas forte, e a barba por fazer dava-lhe a aparência de eremita. Talvez fosse mesmo um eremita.

Jamie riu tão logo o pensamento ocorreu a Joe.

—Minha vida é a menor preocupação de vocês. Estão procurando uma cidade chamada Visita. —Tratava-se de uma afirmação, não de uma pergunta. —É perto daqui. Após três quilômetros, a estrada adquire um declive profundo, que lhe dará a impressão de não ter fim. Então, verá uma estrada logo à esquerda.

De súbito, Jamie parou de falar e encarou Joe.

—Você vieram por causa das crianças.

—Que crianças? —Joe perguntou.

Os olhos escuros pareciam penetrar na mente de Joe, deixando-o nervoso.

—Willow e Austin Calder. —Jamie murmurou distraído. —A mãe deles morreu há algum tempo e agora precisam de proteção.

Jamie olhou para a caminhonete e, embora a expressão não mudasse, seus olhos brilharam ao focarem Luna. O olhar era tão intenso que fez Joe resmungar.

—Sim, estão aqui por causa das crianças.

Como se Jamie a atraísse com o olhar, Joe escutou a porta da caminhonete se abrir e Luna se aproximar. Ela não conseguia conter a curiosidade?

Joe fez menção de repreendê-la, mas Jamie voltou a encará-lo com intensidade.

—Ele não é uma ameaça.

Quando Luna chegou mais perto, Joe a empurrou para trás. Ainda segurava a faca e pretendia mantê-la consigo até que tudo estivesse

bem. Luna, que pela primeira vez mostrou-se sábia, permaneceu atrás dele.

—Quem não é uma ameaça?

—O homem que está seguindo vocês. Ele não é o problema.

Mais um segundo dessa conversa enigmática, e Joe começaria a esmurrar o eremita.

—O que quer dizer exatamente? —ele resmungou, cerrando os dentes.

Despreocupado, Jamie estendeu a mão a Luna.

—Sou Jamie Creed.

Luna riu, enfurecendo Joe. O que ela achava engraçado?

—Olá. Sou Luna Clark. —Ela apertou a mão morena.

—Estão aqui por causa das crianças —Jamie repetiu. Luna não pareceu tão espantada com a afirmação quanto Joe estivera.

—Sim, estamos. Você as conhece?

—Conheço. É bom saber que vocês vieram. —Jamie levou a mão de Luna ao peito, mantendo-a sobre o coração, enquanto a fitava com profunda intensidade, como se pudesse ler sua alma.

Após alguns segundos, Jamie assentiu satisfeito.

—Será perfeita para eles.

Luna soltou uma risada nervosa. Tomado pelo ciúme, Joe puxou a mão de Luna. O que aquele eremita pretendia, flertando com ela de forma tão explícita? Joe por acaso parecia um otário? Por sua vez, Luna permitiu e até o encorajou.

—Você parece saber muito a respeito de nossa passagem por aqui —Joe comentou.

—Em geral, sei muitas coisas. —Jamie fitou o céu azulado. —Tenho de ir. Preciso chegar em casa antes de escurecer. A caminhada é longa.

—Agradecemos sua ajuda —Luna apressou-se em dizer. Incrédulo, Joe a encarou.

—Ajuda? De que maneira ele nos ajudou? Fazendo comentários obscuros, dos quais não devia saber nada?

Luna fitou-o surpresa.

—Ora, Joe, ele nos disse... Não sei. Disse que as crianças precisam de mim, que sou perfeita para elas e que nosso perseguidor não é uma ameaça.

—E você acreditou nele?

—Sim. Por que não?

Revoltado com tamanha ingenuidade, Joe voltou-se a Jamie... E notou que o homem se fora.

—Cretino! —Joe praguejou, soltou a mão de Luna e vasculhou rapidamente a área.

Não havia sinal de Jamie em lugar algum. A estrada achava-se vazia e o pasto ao lado continuava tão tranquilo quanto antes. Joe não viu nem ouviu nada além do farfalhar das folhas. Ou Jamie Creed era um fantasma, ou um perigoso assassino.

Luna tocou-lhe o braço.

—Ele é incrível, não? —comentou fascinada.

O ciúme voltou a dominá-lo. Precisava se controlar em face de uma emoção tão desconhecida.

—Vamos embora. —Ele puxou Luna que, alheia ao humor lúgubre de Joe, começou a assobiar.

O assobio tornou-se um gemido agudo quando ele a tomou nos braços.

—O quê...?

Para lembrá-la de que o trouxera à Carolina do Norte por um único motivo, Joe beijou-a com ardor. Ela suspirou, derretida. Estaria assim por causa dele? Ou pensava ainda naquele eremita?

Incerto, Joe deu um tapinha em Luna.

—Já para o carro, mulher.

Ela teve a audácia de rir, enquanto esfregava os quadris.

Pouco importava se era homem ou fantasma. Caso Jamie Creed aparecesse de novo, Joe obteria algumas respostas. Até lá, Luna precisaria ser esperta para não provocá-lo.

Percorreram os três quilômetros seguintes em silêncio e, de repente, a estrada realmente mudou. O tombo foi tão radical que Joe e Luna prenderam a respiração. Mas, assim como dissera Jamie Creed, um desvio à esquerda os levou a uma estrada.

De longe, o declive parecia mais perigoso do que na verdade era. Havia casas nas imediações e uma placa imensa com os dizeres: Visita. Gostamos dela onde está.

—Segundo as coordenadas que obtive, a casa de Chloe está na periferia da cidade. Só precisamos continuar na estrada principal.

Viajaram por mais dez minutos antes de encontrarem a alameda de pedras que levava à casa. O caminho possuía mais de dois quilômetros e terminava em uma pequena clareira.

A alameda continuava à esquerda, penetrando na mata quase virgem. À direita, várias árvores frondosas formavam uma floresta. Não podiam avistar o lago, mas ainda assim a área era pitoresca e muito privativa.

No meio de tudo achava-se uma casa ampla que, embora necessitasse de reforma, causava certo espanto devido ao tamanho. Um enorme terraço rodeava três laterais da residência e as portas do segundo andar, provavelmente os quartos, possuíam aconchegantes sacadas.

De tão velho e desgastado, o telhado corria o risco de desabar a qualquer momento, Joe pensou, preocupado. A fachada era mesmo linda ou pelo menos assim seria, caso ganhasse uma pintura nova. A copa de duas árvores gigantes oferecia sombra para a lateral E a frente da casa.

Luna inclinou-se para ver melhor. Não parecia tomada pelo desespero.

—Com alguns cuidados, a casa ficará maravilhosa. Joe estacionou o carro e desligou o motor.

—Felizmente, sou bom no trabalho manual.

—Seu convencido. Os homens são todos iguais.

Joe riu.

—Não estava me gabando.

—Que pena, porque não o trouxe aqui para trabalhar.

—Eu quis dizer apenas que sou bom em ambos os sentidos. —Joe esperou que os olhos cor de mel o fitassem e disse: —Posso fazê-la gritar de prazer e bater alguns pregos pela casa com a mesma eficiência.

—Você já me faz gritar de frustração, Joe. —Ela abriu a porta e desceu da caminhonete.

—Porque você insiste em dizer não. —Joe argumentou, seguindo-a.

Mais uma vez, ele esquadrinhou a casa. Sim, poderia melhorá-la muito. Sempre gostara de trabalhar com madeira e tinta. Além disso, seria vantajoso auxiliar Luna nessa empreitada. Quando notasse quão útil Joe podia ser, talvez ela parasse de suspirar pelo tal Creed.

Assim que subiu o primeiro degrau do terraço, Joe escutou a comoção. Luna franziu a testa ao ouvir as vozes esganiçadas que se aproximavam da porta.

—Parece mais uma briga de gatos.

—Vamos descobrir. —Ele segurou-a pelo braço e dirigiu-se à porta.

Luna bateu, mas ninguém atendeu. Escutaram mulheres discutindo, sendo que uma se queixava, outra parecia determinada e a terceira soava maldosa e impaciente.

—Olá? —Luna chamou ao abrir a porta.

As vozes se calaram. Joe e Luna espiaram pela fresta da porta, quando o som de passos ecoou. A primeira a avistá-lo foi uma quarentena, usando um avental sobre o corpo volumoso. Era uma mulher atraente, mas emanava certo cinismo. Ao ver Joe, ela sorriu abertamente.

—Quem é você?

Endireitando os ombros, Luna adiantou-se. —Meu nome é Luna Clark. Sou prima da mãe das crianças.

A mulher a ignorou. Ajeitou os cabelos loiros, umedeceu os lábios e voltou a sorrir para Joe.

Outra mulher, magra, bem vestida e de cabelos pretos, correu à sala.

—Graças a Deus, você chegou. Agora poderá resolver... —Quando viu Joe, deteve-se e sorriu. —Olá.

Joe ouviu um resmungo de desprezo de Luna e decidiu vingar-se. Afinal, ela flertara com Jamie Creed.

—Sou Joe Winston. —Ele estendeu a mão. —Vim com Luna.

A mulher de avental o cumprimentou primeiro.

—Seja bem-vindo. Meu nome é Dinah Belle, sou a governanta. —Ela o mediu da cabeça aos pés. —Se precisar de qualquer coisa, Joe, basta me avisar.

Joe sorriu com falsidade.

—Obrigado, Dinah. —Ele só conseguiu desvencilhar-se da governanta, quando a outra mulher se aproximou.

—Sou Patrícia Abbot, a tia das crianças. —Ela fitou o tórax de Joe. —Oh, não imaginei que Luna traria um homem consigo.

—Há algum problema nisso?

Patrícia apertou a mão de Joe.

—Claro que não. Chegaram bem na hora do lanche. Podemos comer alguma coisa antes de eu partir.

—Já vai embora? —Luna indagou.

—Lanche? —Dinah estranhou. —Desde quando? Você não me disse nada sobre o lanche.

Ruborizada, Patrícia repreendeu Dinah com o olhar.

—Estou dizendo agora.

Para uma governanta, Dinah mostrava-se inexperiente demais e desrespeitosa ao extremo diante da patroa. Ela torceu o nariz para Patrícia.

A outra mulher bufou. De braços cruzados, ela mantinha uma expressão obstinada. Parecia ter uns trinta anos e, diferente das outras duas, ela olhava apenas para Luna.

—Então é a senhora Clark?

—Eu mesma.

—Sou Julie Rose, a professora substituta do curso de verão. Vim falar das crianças e não vou sair até me fazer ouvir.

Patrícia gemeu de modo teatral. Dinah meneou a cabeça.

—Perfeito. —Luna exultou. —É um prazer conhecê-la, senhora Rose. Também quero muito falar a respeito das crianças. A propósito, onde estão elas? Quero conhecê-las.

Julie encarou Patrícia com ar acusatório.

—Que curioso. Ninguém aqui sabe o paradeiro das crianças.

—Não sabe onde estão as crianças? —Luna perguntou a Patrícia.

Foi a governanta quem replicou de modo relapso:

—Estão por aí. Quem sabe onde se meteram? É impossível controlar aqueles dois. Vivem fugindo...

—Fugindo? —Luna repetiu, tentando controlar a raiva.

—Brincando. —Patrícia ratificou apressada. Em seguida, forçou uma risada.—As crianças gostam de brincar na beira do lago e na mata. Devem voltar antes do anoitecer.

Joe era cauteloso por natureza, mas após tantos anos lidando com o perigo, tornara-se muito mais cuidadoso. Crianças deviam ser protegidas e supervisionadas. Sabia por experiência própria que a ausência prolongada de uma criança poderia significar problemas.

—É um tanto perigoso, não acha? Se não me engano, a garota tem catorze anos e o menino, nove.

—Exatamente —Julie assentiu. —Precisam de limites e estrutura.

—Bobagem. Austin tem muitos amigos para brincar e Willow está sempre rodeada de garotos. —Patrícia baixou o tom de voz e disse: —Ela se aparece muito com a mãe nesse aspecto.

Julie Rose indignou-se.

—Ela é uma jovem sensível e muito inteligente.

—Senhora Rose —Luna tentou ser diplomática —'por que não lancha conosco? Assim, discutiremos suas preocupações e poderá me colocar a par da rotina das crianças.

Após um olhar desafiador a Patrícia, a professora concordou.

—Será um prazer, obrigada. E, por favor, chame-me de Julie.

—E totalmente desnecessário, Luna. —Patrícia argumentou. —Julie quer trabalhar com as crianças durante o verão por uma quantia descabida, e já lhe disse que o orçamento não permite. Isso, sem mencionar a terrível perda de tempo. Aqueles delinquentes não querem aprender.

—A única alegria deles é meter-se em encrencas. —Dinah completou.

Julie ficou furiosa, e as três recomeçaram a discutir. Bufando, Luna encarou Joe.

—Acredita nisso?

Pela maneira com que as mulheres descreviam o cenário, as crianças eram monstros que não mereciam qualquer preocupação. Por ter nascido em uma família amorosa, aquela atitude enojava Joe.

Ele tocou o ombro de Luna e a sentiu tremer de raiva. Estava pronta para cortar algumas cabeças.

—Não mate ninguém ainda. —Joe aconselhou, beijando-lhe a testa. —Patrícia irá embora logo e, então você decidirá o que fazer com as crianças.

—Vamos para o lanche? —Luna bradou em voz alta para romper a discussão.

Joe sorriu, apreciando a faceta de autoridade. Luna podia ser dominadora quando queria e imaginou se ela teria a mesma atitude na cama.

Dinah empinou o nariz e retirou-se, rebolando os quadris. Patrícia ajeitou os cabelos negros, ignorando Julie Rose.

—Sim, claro. Por que não trazem as bagagens para se instalar. O lanche será servido em meia hora.

—Há quartos para nós? —Luna quis saber. Patrícia assentiu.

—Luna pode ficar no dormitório superior. É a suíte principal, muito confortável. Mas, infelizmente, ficará perto do quarto das crianças.

—Infelizmente?

—Sim. Elas gostam de fazer bagunça durante a noite. —Patrícia meneou a cabeça. —Precisei comprar protetores de ouvido para conseguir dormir.

—Comprou protetores de ouvido?

Mais uma vez, Luna pareceu prestes a atacar. Joe esfregou-lhe as costas para acalmá-la.

—Como eu disse, é o melhor quarto da casa e, por isso, fiquei com ele. E espaçoso e possui uma linda sacada que oferece vista para o lago. Já fiz as malas e mandei Willow mudar a roupa de cama. —Ela encarou Joe. —Vocês vão dividir o quarto?

Joe não havia pensado nisso. De qualquer forma, o relacionamento entre ele e Luna não dizia respeito a ninguém mais.

Antes que Luna destratasse a mulher, Joe adiantou-se.

—Não. Prefiro um cômodo só para mim, se possível.

Patrícia sorriu satisfeita.

—Ótimo. Pode ficar no quarto dos fundos. É pequeno, mas oferece privacidade. Pegue suas malas, e eu o acompanharei ao quarto.

Sentindo-se um objeto em disputa, Joe abraçou Luna. Ela estava tensa e furiosa.

—Tudo bem. Posso me instalar sozinho. —Joe puxou Luna até o carro, antes que ela cometesse algum desatino.

A bem da verdade, gostava de ver Luna agir de forma possessiva e ética. Ela podia recusá-lo, mas não admitia vê-lo com outra mulher. Isso sem dúvida significava alguma coisa.

—Que temperamento explosivo! —Joe brincou quando saíram da casa.

—Aquelas duas quase o engoliram vivo. —esbravejou Luna.

—Sim. —Ele sorriu. —Eu notei.

—Fingiram que eu não existia. Foi o mesmo que ser invisível.

—Nunca será invisível, querida. Confie em mim.

—Confiar em você? Ficou o tempo todo calado, enquanto elas o assediavam.

—O que posso fazer se as mulheres, exceto você, acham-me irresistível? —Joe começou a retirar a bagagem do porta-malas.

—Não seja tão pretensioso, Joe. —Luna estreitou os olhos. —E por que não está mancando? Quer causar uma boa impressão às suas admiradoras?

—Estou aqui para impor respeito, lembra-se? —Joe argumentou. —Tenho de causar a impressão certa. As mulheres adoram fofocar. Quer que saiam por aí dizendo que você trouxe um manco para ajudá-la?

Alguns segundos se passaram, enquanto Luna assimilava os argumentos.

—Tem razão. —ela cedeu, por fim.

—Lógico que tenho.

—Não me provoque, Joe.

—Somente na cama, querida. Vou provocá-la até não aguentar mais.

—Você é impossível. —ela resmungou. —Como está se sentindo? Quero a verdade.

—Um pouco dolorido, mas a caminho de minha total recuperação, graças a você. —Então, para provocá-la mais, acrescentou: —Não se preocupe. Darei conta daquelas duas.

—Não vejo graça nisso, Joe.

Ele quase gargalhou ao notar o semblante furioso de Luna, que pegou as malas e marchou até a varanda.

—Ande logo, Joe. —ela gritou ao avistar Patrícia à porta.

—Sim, querida. —A mala pesava uma tonelada, mas Joe conseguiu carregá-la sem demonstrar muito sofrimento. Pretendia mesmo esconder sua condição de Patrícia. Ela podia estar noiva, mas o olhava com intenções lascivas, fato que a tornava indigna de confiança.

Julie Rose surgiu ao lado de Luna. Era mais alta e magra, tinha uma aparência comum, porém, os olhos castanhos transmitiam determinação.

—Deixe-me ajudá-la. —Ela pegou a valise mais pesada. —Poderemos conversar enquanto desfaz as malas.

Comum e bastante assertiva, Joe concluiu, vendo que Luna não teve escolha. Ela olhou para Joe, hesitante, mas Patrícia já o tinha pegado pelo braço e o conduzia ao quarto.

Ele deu de ombros, soprou-lhe um beijo para mostrar que tudo estava bem e deixou Patrícia levá-lo.

Passaram pela sala de jantar, empoeirada devido à falta de limpeza, e entraram na cozinha, onde Dinah preparava sanduíches. Ela sorriu ao ver Joe.

—Espero que goste de salpicão de frango.

—Gosto, sim.

—Fiz uma quantidade considerável. Um homem de seu tamanho deve ter muito... Apetite. —Dinah examinou o físico de Joe, explicitando a que tipo de apetite se referia.

Na verdade, a mulher não o atraía. No momento, Joe desejava apenas Luna, por mais disponível que Dinah se mostrasse. E, após tantas paradas para comer, ele não tinha fome. Mas sabia que precisava de forças para se recuperar, logo, não recusaria alimento.

—Obrigado. —disse simplesmente.

Determinada, Patrícia praticamente o arrastou à lateral esquerda da cozinha, onde se localizava o aposento. Joe entrou curioso. Em uma das paredes, duas portas abriam-se para os fundos da residência. Ao longe, via-se o impressionante lago e a mata.

O quarto era pequeno e simples, possuindo apenas uma cômoda e uma cama de solteiro. Joe gemeu, pensando quão desconfortável aquele colchão seria para seu corpo surrado.

Patrícia riu e colou-se a ele.

—Não se preocupe, Joe. Farei com que Willow traga a cama de Austin para cá.

—Não será necessário. —Joe afastou-se dela. Com sorte, passaria as noites seguintes no quarto de Luna. E, acima de tudo, não pretendia tirar a cama do menino. Ele já havia perdido muito.

—Austin não vai se importar. Ele gosta de acampar à beira do lago e chegou a dormir no chão algumas vezes. Como lhe disse, o menino adora passear à noite. Além do mais, as necessidades de um adulto são maiores que as de uma criança, certo? —Patrícia o fitou sensual.

—Errado.

O tom grosseiro da resposta mostrou como Joe se sentia em relação a ela.

—Bem, eu...

Joe agarrou-a pelo braço e a acompanhou à porta.

—Vou desfazer as malas agora e me juntarei a vocês em poucos minutos.

Patrícia virou-se e deslizou as mãos sobre o peito de Joe.

—Posso ajudá-lo, se quiser.

—Não. —Joe retrucou, sem hesitar. Segurou os pulsos da mulher, desejando enxotá-la do quarto. Sentia pena do pobre infeliz que pretendia casar-se com ela.

—Mas...

Joe fechou a porta. Era repulsivo ver uma mulher tão fria e calculista fingir que se preocupava com duas crianças vulneráveis. Agora estava grato por Luna ter decidido interferir. Ele a ajudaria a organizar a situação e, depois, poderia convencê-la a voltar para casa. Se ela resolvesse levar as crianças, Joe não se oporia.

Em vez de abrir a mala, ele parou à soleira da porta. O lago e as árvores ao redor formavam um belo cenário. Os raios do sol cintilavam na superfície plácida da água como diamantes.

Uma construção retangular achava-se a alguns metros da beirada do lago. Um depósito? Parecia grande demais para isso e espelhava o estilo da casa. Um pássaro circulou no céu e pousou no telhado do prédio.

O peito de Joe expandiu-se com uma estranha emoção. Parecia... Contentamento. A despeito dos machucados, da contínua rejeição de Luna e das circunstâncias, sentiu-se relaxar. A natureza sempre lhe causava tal efeito. Por isso, adorava pescar. Sempre que se encontrava na água, rodeado por plantas selvagens, sentia uma imensa paz de espírito.

Virou-se para avaliar o quarto. Precisava procurar lençóis e travesseiro em algum lugar. A cômoda era bem velha, mas serviria para guardar suas roupas. Notou uma porta e abriu-a, descobrindo um banheiro.

Após se lavar rapidamente, Joe resolveu enfrentar as mulheres. Felizmente, Luna entrava na cozinha no mesmo instante. Ela sorriu, e Julie Rose apareceu, também sorridente. Pelo jeito, as duas haviam entrado em um acordo. Joe ficou aliviado.

Então, puxou as cadeiras para ambas se sentarem à mesa e acomodou-se à cabeceira. Dinah aproximou-se com o prato de sanduíches e serviu chá gelado para todos.

—Parecem deliciosos. —ele comentou educado. Provou o sanduíche, assentiu e... Sentiu um pé roçar-lhe a virilha.

Joe engasgou.

—O que houve? —Luna indagou assustada.

Ele meneou a cabeça e tomou um gole de chá. Quem se atrevia a tamanha ousadia?

Patrícia, sentada à sua esquerda, aproximou-se.

—Meu Deus, Joe. Sente-se bem? —Ela esfregou-lhe as costas, quase acariciando seu traseiro.

Do outro lado, Dinah levantou-se para buscar um guardanapo.

—Deixe-me ajudá-lo. —Ela se inclinou e esfregou os seios nele.

Ambas mantinham o ar de inocência, enquanto se insinuavam abertamente. Joe olhou para Luna, esperando que ela o tivesse acariciado com o pé, mas viu apenas o semblante enciumado.

Fitou, então, Julie Rose com sérias dúvidas.

—Devia mastigar mais a comida —ela aconselhou. Para fugir das mulheres, Joe levantou-se. Patrícia e Dinah recuaram; Julie e Luna o fitaram assustadas.

—Passei o dia sentado, prefiro ficar em pé.

—Enquanto almoça? —Luna perguntou.

—Sim. —Ele pegou o prato e o colocou sobre o balcão. —Continuem almoçando. Estou bem.

Patrícia, embora surpresa, fingiu naturalidade.

—Pretendo partir em uma hora. Estou ansiosa para ver meu noivo. Ele me espera em Illinois.

—Ótimo. —Joe disse.

—Por que vai partir tão cedo? —Luna indagou. —Não acha que as crianças precisam de tempo para se acostumar a Joe e a mim?

—Não devemos deter Patrícia. —Dinah interveio, sorrindo para Joe. —Além do mais, estarei aqui para ajudar. As crianças às vezes são difíceis de lidar.

—Nunca tiveram uma figura paterna. —Patrícia acrescentou. —Ninguém sabe quem é o pai e nenhum homem está disposto a adotá-los.

—Mas precisam de mão firme. —Dinah continuou. —Perturbam a cidade toda e, por consequência, somos destratadas porque vivemos com eles.

—Não é verdade. —Julie manifestou-se. —As crianças apenas...

A porta da frente se abriu, interrompendo o discurso de Julie. O som de passos ecoou pelo corredor e, segundos depois, um menino loiro adentrou a cozinha. Estava sem camisa e os pés descalços estavam imundos. Encarou Joe e, em seguida, fitou Patrícia.

—Quem é ele?

Joe sorriu. A bermuda do menino parecia folgada no corpo magricela e os cabelos estavam embaraçados devido ao vento e à água. O garoto era realmente simpático.

De súbito, Joe notou um pequeno detalhe que o revoltou.

No rosto sujo do menino havia um hematoma abaixo do olho. Alguém o esmurrara. O instinto protetor surgiu com força avassaladora.

Capítulo VII

Joe largou o prato sobre a mesa e caminhou em direção a Austin, que, por sua vez, deu um passo para trás ao vê-lo avançar. A atitude

defensiva fez com que Joe hesitasse por um momento. Então, tocou o queixo de Austin, obrigando-o a fitá-lo.

Não foi fácil, mas conseguiu manter a voz calma e moderada.

—O que aconteceu com você?

O menino estreitou os olhos desconfiado.

—Nada.

Patrícia levantou-se aflita.

—Austin Calder, você andou brigando outra vez?

—Não. —ele respondeu furioso.

—Além de desobediente, é mentiroso. —Dinah retrucou.

—Agora chega! —Luna empurrou a cadeira e postou-se ao lado de Joe. Em seguida, afagou os cabelos emaranhados do menino. —Austin, sou sua prima, Luna Clark. Fico feliz que tenha chegado.

Austin a fitou com olhos hostis.

—Por quê?

—Porque eu queria conhecê-lo. —Luna sorriu. —Já que vamos morar juntos, não acha uma boa idéia?

—Não sei.

De súbito, uma jovem entrou na cozinha. Ao contrário de Austin, ela usava roupas limpas e os cabelos loiros e compridos haviam sido escovados. A bem da verdade, os olhos da adolescente eram tão escuros e indefinidos como os do irmão.

Luna olhou-a surpresa.

—Willow?

A garota esquadrinhou a cozinha, observando os presentes e aproximou-se do irmão. Tal qual Joe fizera, tocou o queixo de Austin.

—Você nunca aprende, Austin.

—Ele apanhou mais que eu. —o menino retrucou.

Joe reprimiu a risada. Aquele garoto o divertia. Austin era pequeno para nove anos e bem magricela, mas agora com Luna para alimentá-lo ele haveria de crescer.

Willow suspirou. Pegou a mão do irmão e o levou à pia para lavar o olho roxo. Austin permaneceu quieto, como um menino obediente.

Joe não sabia o que pensar da jovem. Se Austin não parecia ter nove anos, Willow jamais se passaria por uma adolescente de catorze. Joe estremeceu ao pensar no trabalho que Luna teria para manter as crianças longe dela.

—Quem é você? —Willow perguntou a ele. Educado, Joe estendeu a mão.

—Joe Winston. Vim com Luna.

A mão de Willow era fria e suave, mas firme.

—Você é o namorado dela?

—Estou tentando.

Incomodada com a situação, Luna riu alto demais.

—Ele é apenas um amigo, Willow. Você mencionou algumas dificuldades por aqui e achei que Joe poderia nos ajudar a resolver essas dificuldades.

—Sou parecido com seu irmão. —Joe tocou o ombro de Austin.

Patrícia olhou-os chocada.

—Pelo amor de Deus, não os encoraje.

—Deus proíbe qualquer tipo de encorajamento. —Julie murmurou.

A cada minuto, Joe gostava mais e mais de Julie. Era franca e mostrava-se tão envolvida com as crianças quanto Luna. E, na atual conjuntura, uma aliada pareceu-lhe uma boa idéia.

Luna ajoelhou ao lado de Austin.

—Certo, garoto. Como conseguiu esse olho roxo?

—Provavelmente provocando alguém. —Dinah zombou, mas calou-se quando Luna lançou-lhe um olhar feroz.

Austin pareceu indeciso e, por fim, Willow tomou a palavra.

—Eu voltava para casa quando uns rapazes decidiram me molestar. Austin tem o hábito de me seguir, bancando o cão de guarda. —Ela encarou o irmão, que a ignorou.

—Por que ele tem que tomar conta de você? —Joe indagou.

—Desde que nossa mãe morreu... —Willow olhou em volta, perturbada, mas prosseguiu: —Desde então, as crianças acham que sou uma mulher fácil.

—Porque ela lhes deu essa impressão. —Patrícia reclamou.

O olhar de desprezo que Willow lançou para Patrícia continha cinismo demais para uma adolescente.

—Saí com um rapaz apenas uma vez e, então, ele começou a se gabar. Quase tudo que disse era mentira, mas todos acreditaram nele, inclusive Patrícia.

Antes que Patrícia pudesse retrucar, Joe entrou na conversa, alegando o óbvio:

—Você é jovem demais para namorar.

—Vou fazer quinze anos em breve.

—Jovem demais. —Joe repetiu.

—Então esses garotos se aproximaram de você dizendo grosserias. —Luna concluiu. —E Austin interveio?

Willow fitou Luna e suspirou de novo.

—Podemos nos sentar, se quiser escutar a história inteira.

—Você interrompeu nosso lanche, senhorita. —Dinah reclamou irritada.

Joe simplesmente estava farto daquela mulher.

—Dinah, não precisaremos mais de seus serviços. Luna é uma excelente cozinheira e eu também estarei aqui para auxiliá-la.

—Como? —Dinah espantou-se.

—Você está despedida. —Luna foi mais direta. Dinah encarou Joe surpresa, e rapidamente desviou a atenção para Luna.

—Isso é um absurdo!

Joe esperou para ver se Luna a amaldiçoaria ou se soltaria uma gargalhada. Mas nenhuma das alternativas ocorreu.

—Você precisa de ajuda para fazer as malas? —Luna perguntou de modo casual.

Por um momento, o rosto de Dinah tornou-se vermelho, como se ela fosse implodir. Contudo, após olhar as crianças com desprezo, ela se retirou.

Patrícia levou as mãos ao peito.

—Isso foi desagradável e um tanto imprudente, creio eu. —Ela apelou para Joe. —Dinah pode ser atrevida, sem dúvida. Mas chegou aqui com ótimas recomendações. Não faltou nenhum dia e reclama pouco das atitudes das crianças. Vocês não imaginam como elas podem ser bagunceiras. Quando brincam à beira do lago, há muitas roupas para lavar, e estão sempre com fome...

—Sim. —interrompeu Joe, atento a Luna, já que ela podia ser imprevisível. —Você disse que também está com pressa, certo?

As crianças o fitavam com olhos arregalados. De repente, Luna soltou uma risada sonora. Tomou a mão de Patrícia com certa simpatia.

—Foi melhor assim. Vamos nos instalar e nos acostumar com as crianças. Você mesma disse que seu noivo a aguarda em Illinois... Por que deixá-lo esperar?

Presumindo o que acontecia, Julie se levantou.

—Vamos, Patrícia, vou acompanhá-la à porta.

As duas mulheres se foram, deixando Joe e Luna a sós com as crianças.

Ver Luna em ação fora muito excitante, Joe pensou empolgado. Sua deusa da lua revelava uma surpresa atrás da outra, e ele desfrutava de cada momento.

—Agora vamos descobrir o que está havendo aqui.

Luna sentiu vontade de abraçar Joe por causa do apoio despretenso. Em princípio, achara que a presença de Patrícia ajudaria a acalmar as crianças a mais uma mudança. Porém, logo percebera que não havia afinidade entre a tia e os sobrinhos, e que Patrícia não atinava para as necessidades deles.

—Já me sinto melhor. —Joe informou. —Alguém está com fome? Podemos conversar enquanto comemos. Sentem-se. —Ele se jogou na cadeira, engoliu um sanduíche e sorriu enquanto mastigava outro.

Luna indicou uma cadeira a Austin. Não queria forçá-lo a nada, mas não conteve a compaixão ao ver o olho roxo.

—Está doendo?

—Meu olho? —O tom de desagrado na voz mostrou o que ele achava da preocupação de Luna. —Não foi nada.

—Sei que os homens não gostam de mostrar que sentem dor. Eu mesmo faço isso o tempo todo. Mas quando uma mulher realmente se preocupa, é legal receber o carinho dela.

Austin fez uma careta.

—Carinho é para maricas.

Joe deu risada.

—Você quer me ofender, garoto?

Austin pareceu tão horrorizado com essa probabilidade que Luna entrou na conversa para tranquilizá-lo.

—Joe levou uma surra semana passada e me deixou cuidar dele.

Surpreendidos, os dois encaravam Luna e Joe.

—Porque você gosta dele? —Willow perguntou com cautela.

Luna ficou sem fala. Gostava muito de Joe, mas confessar o sentimento seria encorajá-lo demais. Felizmente, Austin a poupou da resposta.

—Você levou uma surra?

—Sim. —Joe ficou em pé e levantou a camiseta. —Um idiota conseguiu me pegar desprevenido.

—Porque ele desmaiou.

—Eu não desmaiei, Luna. Fui nocauteado. Há uma diferença enorme entre os dois estados e obrigado por lembrar-se dela.

Willow observava-os com curiosidade.

—Eu acho que são dois loucos.

—Apenas Luna é definitivamente louca, faz parte de seu charme. —Joe fingiu não ver a expressão irritada de Luna. —Agora nos contem o que aconteceu. Queremos ajudar.

Austin pulou da cadeira e sacudiu o punho no ar.

—Um filho da puta chamou Willow de vagabunda, e eu dei uns socos nele.

Luna e Joe ficaram boquiabertos ante a declaração impetuosa de um menino de nove anos. Willow bufou antes de ruborizar.

—Austin! Não use esse linguajar.

—É um filho da puta sim. —Austin insistiu.—Eu o odeio. Na próxima vez, vou quebrar o nariz dele.

Tudo que Luna pôde fazer foi reprimir o riso.

—Se ele xingou sua irmã desse jeito, concordo com você. Mas não precisa usar palavras tão feias.

—Minha mãe nunca permitiu que ele falasse assim, mas Patrícia prefere ignorar o vocabulário de Austin.

—Porque Patrícia é uma...

—Quer saber como eu chamo esse tipo de pessoas? —Joe o interrompeu.

De repente, Austin ficou muito atento.

—Como?

—De verme, estafermo, trapaceiro...

—Babaca. —Austin sugeriu. Joe caiu na risada.

—Joe... —Luna o chamou em advertência.

—Desculpe. —Ainda com um sorriso leve, ele disse a Austin: —“Babaca” é tão grosseiro quanto “filho da puta”. Além do fato de você ser jovem demais para usar esse tipo de linguagem, não é gentil falar assim na presença de mulheres. Não quer ser mal-educado, certo?

Austin examinou as duas mulheres presentes e deu de ombros.

—Claro que não quer. —Joe insistiu. —Portanto, quando quiser ofender alguém, use a imaginação. Combinado?

Por um momento, Austin ficou pensativo.

—O que há de errado com canalha, pentelho ou trouxa?

Willow gemeu aborrecida. Joe conteve o riso.

—Quase nada. Mas um homem de verdade evita palavrões e, ainda assim, diz o que pensa de alguém.

—E não deve atacá-lo cada vez que ele diz uma bobagem a meu respeito. —Willow interveio.

—Na próxima vez, vou achar um pedaço de pau bem grande. Ou talvez uma pedra, ou...

Willow ficou furiosa e o empurrou.

—Sempre uso trajetos diferentes para ir à cidade, mas as crianças acabam me achando, mesmo quando corto caminho pela mata. Foi o que fiz hoje. Eles gostam de provocar Austin só para vê-lo irritado.

—Eles a incomodam porque é bonita e porque querem fazer coisas feias com você. —Austin virou-se para Joe. —Ela é bonita, não é?

—Muito. —Joe confirmou.

—Willow parece como nossa mãe. —Austin contou a Luna.

—Então, sua mãe deve ter sido bonita mesmo. —Joe falou seriamente.

As crianças, enfim, começavam a se acalmar.

—Por que vocês vão à cidade? —Luna perguntou, notando o constrangimento de Willow.

—Ela tem aulas de piano. —Austin respondeu.

—É verdade? —Luna ficou surpresa. —Gosta de música? Estou impressionada. —Não houve reação. Ela suspirou. —Por que vai a pé à cidade, Willow, já que sabe que poderá enfrentar aborrecimentos?

—Porque ninguém daria carona a ela.

Willow parecia prestes a enforcar o irmão.

—Eu tenho boca, ratinho. Pare de falar por mim.

Austin virou-se para Joe.

—Ratinho também é palavrão?

—Depende como você usa a palavra. Sua irmã a usou em um bom sentido. Mas se usá-la com um valentão, o homem é capaz de se ofender.

—Está certo. Mas acho que Willow usou a palavra para me ofender.

—Não. —Ela beliscou o irmão. —Esses garotos são mais fortes que você, Austin. Não pode se meter com eles.

—Chutei a bunda dele. —Austin olhou para Joe. —Quero dizer, o traseiro dele.

—Você o chutou e depois saiu correndo. Mas ele conseguiu alcançá-lo. —Willow apontou o olho roxo.

—Que idade esses garotos têm? —Joe perguntou.

—Dezesseis anos. —Willow respondeu.

Luna percebeu a súbita tensão de Joe.

—Mas que diabo! —Ele se levantou indignado. Austin ergueu as sobrancelhas, espantado.

—A gente pode falar assim?

—O quê?

—Você disse “diabo”.

—Certo. Desculpe. —Joe murmurou envergonhado.

—Tudo bem. —Austin concedeu.

Joe olhou para cima, à procura de inspiração divina. Mas não houve resposta.

—Onde posso encontrar esses garotos?

Willow o fitou relutante.

—Em geral, eles aparecem aqui minutos depois de eu chegar. Sempre se queixam de Austin para Patrícia, e ela o coloca de castigo.

—Ela faz o quê? —Luna indagou, rígida de raiva.

—Não adianta nada. Consigo fugir de qualquer jeito. Sou bom nisso. —Austin envaideceu-se de orgulho.

—Que Deus nos ajude. —Joe abaixou-se diante de Austin e tocou-lhe os ombros. —Vamos estabelecer novas regras, certo? Primeira: sua irmã não irá mais à cidade sozinha ou a pé. Luna e eu a levaremos. —Joe piscou para Luna.

—Combinado. —Só de imaginar Willow caminhando sozinha até a cidade, Luna estremecia de medo. Então, engolindo as preocupações, dirigiu-se a Austin. —Se quiser acompanhá-la, tudo bem, mas também não fará esse trajeto sozinho.

—Como assim?

Como assim? Aquelas crianças haviam tido algum tipo de supervisão após a morte da mãe? Luna perguntou-se.

—Não é seguro, Austin.

—Não tenho medo desses filhos... Vermes.

—Sabemos disso —Joe reforçou. —Mas existem outros perigos. E eu e Luna não aguentaríamos ver um de vocês machucado.

—Vocês nem sequer nos conhecem. —Willow rebateu com frieza.

—Não importa! —Luna exclamou. —Adultos responsáveis precisam tomar conta dos mais novos e é o que pretendemos fazer.

Willow nada disse, mas deixou clara sua incredulidade.

—Willow. —Luna aproximou-se. —Nós nos conhecemos pouco, mas eu e Joe já gostamos de vocês dois.

—Sei.

O coração de Luna se contraiu ante o comentário sarcástico. è

—Terei de conhecê-la melhor, é verdade, mas tenho certeza de que nos daremos bem. Minha intuição nunca falha.

—É verdade. —Joe reforçou.

—Já sabemos que seu irmão é honrado o bastante para defendê-la de garotos maiores e mais velhos que ele. E sabemos que você tem maturidade para evitar que ele se machuque ao tentar protegê-la. Ambos são valentes e leais. Trata-se de qualidades excepcionais. Conheço várias pessoas que não as possuem.

—Como tia Patrícia.

Luna quis concordar, mas vacilou. Afirmar que a tia não havia cuidado bem dos sobrinhos pareceu-lhe contraproducente.

—Creio que sua tia não nasceu para ser guardiã. E acredito que ela tenha dado o melhor de si.

Austin examinou Luna, com esperança e medo.

—Você nasceu para ser guardiã?

O coração de Luna se derreteu.

—Nunca me responsabilizei por alguém, além de mim mesma. Contudo, sou muito teimosa. Se decidir algo, vou até o fim. Mas não sou perfeita, Austin. Quando eu cometer erros, espero que você e Willow me avisem para que possamos discutir o assunto e encontrar uma solução satisfatória para todos. Combinado?

—Isso vale para mim também. —Joe completou. Luna espantou-se. Por que Joe fazia aquela promessa?

Afinal, não permaneceria com as crianças tanto tempo assim.

—Se alguém ofender sua irmã —ele continuou —ou você, eu quero saber, certo?

—Por quê?

Luna não sabia que crianças podiam fazer tantas perguntas.

—Porque sou bom em resolver esses problemas.

Willow pareceu, de repente, apavorada.

—E como você resolveria isso?

Até Luna estava curiosa. Se os ofensores fossem homens adultos, Joe não teria pudores. Mas não podia socar uma turma de adolescentes.

—Primeiro, eu teria uma longa conversa com eles. Se isso não funcionasse, conversaria com os pais deles.

—Joe sabe intimidar as pessoas. —Luna acrescentou, agora satisfeita por tê-lo trazido.

Triste, Austin baixou o rosto.

—Os pais deles não se importam. Não gostam da gente.

—E por quê? —Joe levantou o queixo de Austin.

—Não sei.

—Mentiroso. —Willow retrucou, parecendo mais velha. —Austin andou aprontando aqui e ali.

—É mesmo? O que ele fez?

Willow usou os dedos para enumerar os delitos do irmão.

—Ele passou cocô de cachorro na cadeira do diretor da escola, quebrou a janela do carro da bibliotecária com uma pedra, atropelou as rosas premiadas do quitandeiro...

Luna fitou Austin incrédula. Não podia acreditar que um menino doce e inocente fosse tão travesso.

Preparado para se defender, Austin levou as mãos à cintura.

—Joguei uma pedra no carro porque o filho da bibliotecária cuspiu em mim quando passou ao meu lado. Ele tem dezoito anos. Por isso, pensei que o carro fosse dele, não o de sua mãe. —E com um murmúrio completou: —Quis provocá-lo para eu poder lhe dar um chute. Mas ele simplesmente foi embora, o covarde.

—Ele cuspiu em você? —Joe ficou pasmo.

—Sim. O cuspe chegou a molhar meus cabelos. Ele merecia levar um chute, não acha?

—Você contou a Patrícia? —Joe quis saber.

—Ela não se importa. Teria me deixado de castigo, se soubesse. Foi o que aconteceu, quando pisei sem querer naquelas flores bobas.

—Sem querer?

—Eu tentava olhar pela janela.

—Por que queria olhar pela janela? —Luna perguntou sem conter a curiosidade.

Notando o silêncio do irmão, Willow segurou-lhe a mão para apoiá-lo.

—Estava havendo uma festa. Todos os meninos tinham sido convidados, menos Austin.

—Eu não queria ir àquela festa idiota!

As palavras de revolta não esconderam a tristeza no olhar do garoto. Deus, a situação ficava cada vez pior. Pobre Austin. Luna não

podia condená-lo. Mesmo insegura, achou melhor ficar a par de todos os problemas para depois pensar em como resolvê-los.

—E quanto às fezes que passou na cadeira do diretor?

—Ele não viu o cocô e se sentou na cadeira. —Austin tentou esconder o riso. —Vocês precisavam ver a cara dele quando viu a sujeira na calça.

Joe riu, mas conteve-se quando Luna o encarou. Não entendia muito a respeito de crianças, mas sabia que Austin não podia ser incentivado a aprontar desse jeito.

—Por que fez isso, Austin?

Ele e Willow ficaram quietos.

Julie voltou da cozinha, esfregando as mãos e indicando que tinham se livrado de Patrícia.

—Posso responder a essa pergunta. —Ela se sentou. —Estou na cidade há poucas semanas. Leciono em uma escola particular perto daqui, mas quando soube que precisavam de professora para o curso de verão, eu logo me ofereci.

—Que generosidade a sua.

Ela ignorou o comentário de Joe.

—Tornei-me professora para me relacionar com crianças, não para bajular os ricos. —Ela cruzou os braços. —Além disso, precisava ficar um tempo longe de meu noivo.

Luna e Joe se entreolharam perplexos.

—Lamento que esteja tendo problemas com...

—Meu noivo é um tédio às vezes, mas não importa —Julie retrucou. —A questão é que levei três dias para perceber que Clay Owen é um jovem desorientado. Do seu jeito, ele se esforça para chamar a atenção de Willow.

—Ele a chamou de vagabunda!

—Eu sei, Austin, e isso é imperdoável. O rapaz não foi educado, infelizmente. O padrasto encobre todos os erros de Clay.

—É o mesmo garoto que lhe causou esse olho roxo? —Luna perguntou.

—É um animal! —Austin exclamou. —Clay era amigo de Willow. Eles brincavam sempre quando mamãe estava viva. Mas agora ele a faz chorar.

—Cale a boca, Austin! —Willow esbravejou.

—Ele não terá desculpas para mim. —Joe ameaçou. Julie não ficou impressionada.

—Homens. —ela disse com desdém. —Se quiser viver nesta cidade, senhor Winston, precisa se entender com Quincy Owen.

—Por quê?

—Ele praticamente manda na cidade. É muito respeitado pela maioria.

—A maioria?

—Ainda não me convenci de sua respeitabilidade. —Julie confessou.

—O padrasto de Clay faz doações para o Corpo de Bombeiros. —Willow explicou. —E pertence ao conselho da cidade e da escola. Também subsidia o time de futebol e oferece bolsas aos universitários. Todos vão a ele quando precisam de algo. Menos a gente. O senhor Owen não gosta de nós.

—Ele beija todos os bebês e paquera todas as velhas. —Austin acrescentou enojado.

—Quincy controla boa parte da cidade. —Julie contou. —É proprietário do único Shopping Center da região e da fábrica. Isso significa que o homem emprega a maior parte da população. Os habitantes dependem dele. Por isso, o enteado abusa.

—E o diretor da escola —Joe concluiu —permite que Clay saia ileso quando ofende ou maltrata Austin.

—Quincy Owen tem muita influência. —Julie confirmou.

—Também tenho minha cota de influência. —O celular de Joe tocou, diminuindo o impacto da declaração. Ele o tirou do bolso e atendeu. —Winston.

Luna ficou apreensiva. Teria a polícia descoberto quem os seguira? Esperava que sim.

—Tem certeza de que a placa era falsa? —Joe perguntou nervoso. —Um carro roubado? —Ele bufou frustrado.

Austin pulou na cadeira e olhou para Luna e Julie.

—Obrigado. —Joe desligou o celular e o guardou. —Desculpem-me, senhoras. Foram notícias desoladoras.

—Alguém roubou seu carro? —Austin quis saber, ávido por alguma aventura.

—Não —Joe disse, dirigindo-se a Luna. —A placa era fria. O interessante é que o carro se encaixa na descrição de um veículo roubado, que foi encontrado pela polícia com a numeração original. —Joe coçou o queixo. —Acho que o sujeito do sedan marrom é o mesmo que vi esta manhã. Ele simplesmente trocou de automóvel.

Julie nada entendia. Willow e Austin estavam atônitos. Luna não queria que tivessem medo de Joe.

—Poderemos falar disso mais tarde. —ela sugeriu. —Agora pretendo organizar um cronograma.

—Que tipo de cronograma? —Austin perguntou desconfiado.

—Quero que sua irmã compareça às aulas de piano e ao curso de verão na escola.

—O curso de verão? —Willow sorriu maravilhada.

—Para quê? —Austin retrucou aborrecido.

—Vocês dois estão um pouco atrasados em relação à turma. — Julie explicou. —Mas não são os culpados. Examinei suas provas e trabalhos e sei que têm plena capacidade de acompanhar os colegas.

—Não gosto de estudar. —Austin protestou.

—Mas não há como fugir dos estudos, Austin, e você sabe disso. — Julie olhou para Luna. —Os dois são muito inteligentes.

Luna sorriu orgulhosa, embora os conhecesse pouco. Contudo, a animação de Willow desapareceu, dando lugar a certo amargor.

—O diretor não gosta de nós. —ela alegou infeliz. —Chamou-me de encrenqueira e disse que Austin é um moleque sujo. Ele até aconselhou Patrícia a nos mandar para um internato.

—Vocês não vão a lugar algum. —Luna garantiu. —E acho que vou ter uma conversa com esse diretor.

Joe gemeu preocupado.

—Deixe o diretor comigo. —Julie prontificou-se. —Sei como lidar com ele.

—Obrigada, Julie.

—Então, está decidido. Vou trabalhar com vocês dois e, Austin, garanto-lhe que será tudo diferente. Aposto como irá gostar do curso.

Austin não pareceu muito convencido, mas Willow assentiu, mais animada.

—Poderei comparecer às aulas de piano à tarde. O que vocês acham?

—Quem ministra as aulas ? —Luna queria conversar com o professor e agradecer-lhe a influência construtiva.

—Eu mesma. —Julie respondeu. —E Willow é uma excelente aluna.

—Tia Patrícia disse que não poderíamos pagar as aulas. —Willow confessou. —Por isso, a senhora Rose não cobra nada.

Julie ficou corada e, para esconder o rubor, mostrou-se ainda mais modesta.

—E um prazer para mim. Você é uma aluna talentosa e divertida, Willow. Que professora eu seria, caso ignorasse tais qualidades?

—Está evidente que é uma ótima professora. —Luna sorriu.

—Gosto de pensar que sou mesmo.

—De agora em diante, iremos pagar pelas aulas.

Julie não objetou.

—Seria bom. Sinto-me aliviada de poder trabalhar com Willow. Não gostava de vê-la caminhando sozinha pela cidade. Por essa razão, vim até aqui conversar com Patrícia, mas ela se recusou a encarar o problema.

—Não sou como Patrícia —Luna assegurou.

—Posso ver que não é mesmo. —Julie examinou-a da cabeça aos pés.

—Levaremos Willow a sua casa no horário que achar mais conveniente.

—Perfeito. Podemos iniciar o curso de verão segunda-feira, digamos, às nove horas? Assim vocês terão a semana toda para conhecer as crianças e se acomodar.

—Ótimo.

—Preciso ir, agora. —Julie levantou-se. —Foi um prazer conhecê-la.

—Igualmente.

—Senhor Winston, obrigada. —Julie apertou a mão de Joe. Enquanto acompanhavam a professora à porta, discutiram seus honorários, os quais Luna achou razoáveis. Já na varanda, Willow fez perguntas acerca do que estudariam e de quanto tempo passariam juntas. Austin permaneceu reservado até Julie dizer-lhe que saíam a campo para pesquisar insetos.

Tão logo Julie seguiu em seu carro, um jipe esporte surgiu na estrada, levantando poeira e com o som no máximo. Willow observou o veículo assustada.

—Aqueles são Clay Owen e seus amigos, Darren e Lee. —ela murmurou, rígida de medo.

—Os meninos que a incomodaram? —Luna perguntou. Willow assentiu.

Joe esfregou as mãos, animado.

—Chegaram na hora. —Ele atravessou o jardim para recebê-los.

Sabendo que Joe podia chegar a extremos, Luna pediu às crianças que esperassem dentro de casa.

—Não mesmo. —Austin seguiu Joe.

—Se eu conseguir mantê-lo vivo até os dez anos, será um milagre —Willow comentou inconformada.

Compadecida, Luna a abraçou. Willow ficou tensa, mas não a repudiou, o que foi um bom sinal.

—Você se saiu muito bem, querida. Mas agora estou aqui para ajudá-la.

—Pode ser. —Quando o jipe parou em frente à casa, Willow virou-se.—Vou esperar lá dentro. Boa sorte. —disse a Luna, antes de fechar a porta.

Precisariam mesmo de sorte, ela pensou, postando-se ao lado de Austin e notando o sorriso satisfeito de Joe.

Alheio a tudo, Clay Owen desligou o motor, interrompendo a barulheira do rádio. Sob o repentino silêncio, ele continuou sentado diante da direção, observando Joe.

Luna teve de admitir que se tratava de um rapaz muito bonito. Cabelos castanhos, pele bronzeada e corpo atlético. O jovem devia causar um frisson entre as meninas.

Uma das crianças achava-se sentado ao lado de Clay, exibindo uma postura desafiadora. O outro estava no banco traseiro e apoiava os pés no console. Os três bebiam refrigerante em lata e usavam óculos escuros.

Arrogante, Clay olhou ao redor, aparentemente procurando Willow. Então desceu do jipe e caminhou em direção à casa.

—Willow está? —perguntou a ninguém em particular. Austin estufou o peito, pronto para defender o próprio lar.

—Não vai se dar bem, Clay.

Ele tirou os óculos escuros, revelando bonitos olhos verdes.

—Verdade, moleque? —Clay riu e, ignorando Austin, continuou seu trajeto.

Casual, Joe moveu-se, bloqueando a passagem. Clay deteve-se, derrubando um pouco de refrigerante.

—O que há, cara?

—Meu nome é senhor Winston —Joe informou respeitoso. —E você está invadindo esta propriedade.

—Invadindo? —Clay retrucou. —Patrícia me deixa vir aqui quando quero.

—Pois eu não deixo.

—Onde está Patrícia?

—Ela se foi. —Joe sorriu diabólico. —Agora é comigo que você terá de lidar.

—E comigo. —Luna deu um passo à frente. —Sou Luna Clark, prima de Willow. —Ela estendeu a mão, surpreendendo Joe.

—Estão aqui para cuidar de Willow e Austin? —Clay indagou ao cumprimentá-la.

—Exatamente. —Joe esperou imóvel.

—Não entendo. —Clay disse.

—E muito simples. Você ofendeu Willow e bateu em Austin. —Joe explicou. —São atitudes inaceitáveis. Se não aprender a se comportar, não será bem-vindo aqui. Agora sugiro que entre em seu carro e vá embora.

Clay ficou boquiaberto e encarou os amigos, chocado.

—Está me ameaçando? —ele enfrentou Joe.

—Claro que não. —Luna riu. —Joe não ameaça crianças.

Clay ficou ainda mais chocado ao ser chamado de criança.

—Mas...

—A questão é que não quero ver Willow ofendida ou Austin espancado. —Luna explicou. —Viu o olho dele?

Orgulhoso, Austin encarou Clay.

—Foi esse pirralho que começou. —Clay acusou. —Eu só queria falar com Willow, e ele pulou nas minhas costas.

—Você xingou minha irmã. —Austin atacou. Clay soltou uma risada nervosa.

—Eu não disse nada que ela já não tenha escutado. Além disso, só estávamos brincando.

Joe segurou Austin antes que ele avançasse em Clay.

—Vá embora, Clay, e não volte se não for convidado por Willow.

Embora indeciso, o rapaz endireitou os ombros.

—Quero falar com Willow.

—Não. —Luna meneou a cabeça. —Ela entrou quando o viu chegar.

—Preciso apenas de um minuto com ela. —Clay apelou.

—Ela não quer vê-lo.

Clay praguejou e jogou a lata de refrigerante no chão.

—Escutem, se o problema é o moleque, saibam que não quis machucá-lo. Ele pulou em mim e eu o empurrei com o braço. Não foi culpa minha.

Os amigos de Clay riram ao lembrar a cena.

Joe abaixou-se, pegou a lata de refrigerante jogou-a dentro do jipe. O líquido espalhou-se pelo assento de couro, causando pânico em Clay.

—Meu Deus! —Ele tirou a camiseta para enxugar o banco.

Os amigos, atarantados, tentaram ajudá-lo. Com total desprezo, Joe aproximou-se do jipe. Austin o seguiu, divertindo-se.

—Não jogue lixo no jardim e não xingue Austin.

—Meu padrasto ficará furioso. —Clay avisou. —Espere e verá.

—Ótimo.—Joe abriu a porta do jipe para Clay.—Talvez ele lhe dê um belo castigo, que é o que você merece.

—Não em mim! —Clay exclamou patético. —Em você!

—Entre. —Joe ordenou. Sem escolha, Clay obedeceu.

—Diga a seu pai que estou ansioso para falar com ele. —Joe comunicou.

—É meu padrasto. —Clay o corrigiu.

—Tanto faz. Nesse ínterim, acho que vou ligar para a polícia de Welcome County. Aposto que você infringiu algumas leis hoje.

Clay encarou Luna e Joe.

—Não infringi lei alguma.

—Perturbação da paz, velocidade elevada, ausência de cinto de segurança, linguajar indecoroso... Posso pensar em mais itens, se

quiser. Fui policial, Clay, portanto conheço as leis e sou uma excelente testemunha. —Joe encarou cada uma das crianças. —Se eu der queixa, a polícia baterá à porta de vocês ainda hoje.

Amedrontado, Clay respirou fundo.

—Safando-se ou não, acha que seu padrasto irá gostar de receber uma visita da polícia?

Clay continuou em silêncio.

—Você já tem idade, e talvez inteligência, para agir como homem, em vez de bancar o delinquente. Sua vida será mais fácil se tentar.

—Enquanto não aprender a se comportar. —Luna acrescentou . — fique longe daqui.

Após um instante, Clay olhou em direção a casa. Então, ligou o jipe e, praguejando, engatou a marcha. Luna notou que ele não acelerou e abaixou o volume da música.

—Covardes. —Austin resmungou, chutando a terra. Sério, Joe abaixou-se e ergueu o menino. Mesmo sabendo que ele ainda sentia dores, Luna não interferiu.

—Homens de verdade não se vangloriam.

—O que significa isso? —Austin perguntou, sacudindo os pés.

—Significa que quando alguém está em desvantagem, não se pode xingá-lo ou humilhá-lo. Se agir assim, você perde a dignidade e também vira um covarde.

—Não sou covarde.

—Não? Então, não se rebaixe, agindo como eles. Quando eu falar com a polícia, quero ter certeza de que você não aprontou confusão alguma. Qualquer disputa deverá começar e terminar com eles, não com você. Entendeu?

Austin assentiu com sinceridade, e, no final, um sorriso surgiu no rosto sujo.

—Foi muito legal assistir ao que fez com eles.

Joe conseguiu se conter por três segundos antes de cair na gargalhada.

—Ratinho. —Ele colocou Austin no chão e afagou-lhe os cabelos, levantando uma pequena nuvem de poeira. —Quer me ajudar a tirar o cabo do carro de Luna? —perguntou. —Depois podemos dar um mergulho no lago e pescar. O que acha?

—Legal! Vamos caçar minhocas para a isca.

Luna torceu o nariz ante a perspectiva.

—Tudo bem para você? —Joe a abraçou.

—Parece-me uma ótima idéia.

—Quer vir conosco? —convidou-a, quase a beijando. —Eu adoraria vê-la de biquíni.

—Não, obrigada. —Luna afastou-se. —Vão vocês dois e divirtam-se.

Joe beijou-lhe os lábios e retirou-se.

Ver os dois caminhando lado a lado foi engraçado para Luna. Escutou a risada de Austin e riu também. Por que Joe Winston tinha que ser bom em tudo?

Na verdade, era tudo que Luna queria em um homem. Mas não servia para ela.

Ao virar-se para entrar na casa, notou um movimento na cortina da janela. Então soube que Willow não desprezava tanto Clay Owen como dissera. Teria o rapaz visto que ela observara a cena? Luna tinha o pressentimento de que Clay não desistiria. Não precisava ser paranormal para prever problemas.

No fim das contas, ela e Willow tinham algo em comum. Ambas gostavam do homem errado.

Pelo menos, com Willow tratava-se de uma paixão adolescente. Para Luna, era muito mais.

Capítulo VIII

No alto de uma colina, de onde era possível avistar a frente da casa, o homem escondido atrás de arbustos meneou a cabeça. Para que o sol não refletisse nas lentes, abaixou o binóculo e retirou os fones de ouvido. Joe Winston parecia muito à vontade.

Segui-lo não havia sido nada fácil. Winston o avistara logo de início, obrigando-o a manter uma distância considerável. Podia ter trocado de carro, mas correria o risco de perdê-los. Na realidade, não seria catastrófico caso Winston o descobrisse. Teria de mudar os planos, mas nada alteraria os resultados.

Limpou o suor do rosto com o braço. O calor era quase insuportável. Pena não poder refrescar-se no lago atrás da casa, como Winston e o menino pretendiam.

Bufando, sentou-se entre os arbustos. Então, sentiu a nove milímetros prensar-lhe as costas. Era desconfortável, mas sempre a mantinha consigo. Como Winston, ele estava preparado. Porém, diferente de Winston, preferia um revólver a uma faca.

Andar armado representava somente uma das tantas coisas em que se assemelhavam. Ser implacável era outra.

E possuíam também um inimigo em comum. Talvez ele e Winston fossem mais parecidos do que imaginara de início.

Impaciente e aborrecida, Dinah esgueirou-se entre as sombras do pequeno chalé de hóspedes próximo à piscina. Era um risco tremendo adentrar aquela propriedade, mas nunca havia sido despedida e não gostava da nova sensação.

Após vinte minutos de espera, ele finalmente saiu ao pátio e caminhou em sua direção. Quando a alcançou, Dinah começou a falar, mas o homem a repreendeu com o olhar. Agarrou-a pelo braço e a levou para bem longe, onde podiam ficar escondidos.

Então, ele agarrou o outro braço de Dinah e prensou-a contra o tronco de uma árvore. Tinham quase o mesmo peso, mas ele a superava em força.

—Como ousa vir me procurar em minha casa?

O coração de Dinah disparou. Nunca o vira tão zangado. Sempre o considerara calmo e sofisticado demais. Talvez tivesse sido um erro procurá-lo.

—Eu queria lhe dizer que... Fui despedida.

Pensativo, ele a soltou.

—A prima a dispensou? Por quê?

Menos assustada agora, Dinah conseguiu se recompor.

—Quem sabe? Ela é ridícula e excêntrica, tal qual você disse. Mas trouxe um homem consigo.

—Quem é ele?

—Chama-se Joe Winston. —Só de pronunciar o nome, Dinah sentia arrepios pelo corpo.

Como nunca pedira muito, somente satisfação sexual e risadas, poucos homens a ignoravam. Joe Winston, por sua vez, mostrara indiferença, mas ela não desistiria dele.

—Creio que é namorado dela. Não são casados, disso tenho certeza.

Ele deu um passo à frente e encarou-a com olhar ameaçador.

—O que você fez de errado, Dinah?

—Nada.

—Mentira. Você se insinuou? Usou seu charme vulgar para atraí-lo?

Dinah gostaria que a pergunta não soasse tão humilhante. Em geral, os homens eram fáceis de conquistar, mas Joe Winston não, e, infelizmente, isso o tornava ainda mais atraente. Ele a rejeitara como mulher.

—Eles não acreditam nas histórias que envolvem as crianças. Expliquei como são, falei das confusões que vêm causando, e me despediram.

—Não faz sentido. —ele disse praticamente a si mesmo. —Aqueles fedelhos só sabem criar problemas.

—Eu sei.

Ele fora generoso ao encontrar trabalho para Dinah, pagando uma quantia extra para obter informações inofensivas. O homem tudo fazia sob a fachada do cidadão respeitável e pai de família. Mas Dinah o conhecia bem. Só gostava de si mesmo.

—O que vou fazer agora? —ela indagou. —Preciso de um emprego.

—Espere uma semana. —ele sugeriu. —Até lá verão em que se meteram e pedirão que você volte para colocar as crianças na linha. Ou irão embora, vencidos pelo cansaço. É apenas uma questão de tempo.

—Patrícia estava pronta para partir com as crianças antes de aquele imbecil pedi-la em casamento.

—Está com inveja?

Passivo, ele a olhava com um sorriso sardônico. Poucas pessoas conheciam aquela faceta. O cretino era capaz de ser frio ao extremo.

Dinah empinou os seios em um gesto de dignidade.

—Posso conseguir o homem que eu quiser.

—Sou uma exceção. —Ele riu. —E pelo jeito, o tal de Joe Winston também.

—Em apenas uma semana, ele estaria em minha cama... —Dinah profetizou furiosa.

—Mas não obteve uma semana. —O sorriso tornou-se cruel. —Nem sequer conseguiu um dia inteiro.

Não seria prudente confrontá-lo, percebera desde o princípio que ele não nutria respeito algum por mulheres. Para conseguir o que queria, o ganancioso passaria por cima de homem, mulher ou criança.

—Tem razão, e agora estou desempregada. O que vou fazer enquanto espero Luna Clark cair em si? E se ela não mudar de idéia? E se decidir ficar aqui? Preciso de dinheiro para viver.

Ele tirou a carteira do bolso, selecionou várias notas de vinte e entregou-as a Dinah.

—Talvez eu fale com o senhor Winston. Tentarei dissuadi-lo.

—Será mais difícil do que pensa. Tive a impressão de que Winston não se deixa dobrar facilmente.

—Todos os homens têm fraquezas, Dinah. Descobrirei a dele e então você verá como é fácil.

Dinah observou-o afastar-se.

Luna entrou na cozinha com uma lista. Eram quase dez horas e tinha acabado de colocar as crianças na cama, depois que disseram boa-noite a Joe.

Havia sido uma experiência doméstica e reconfortante, ele pensou.

E o pegara de surpresa.

Após nadar no lago, Austin alegara estar suficientemente limpo. A poeira superficial saíra, mas a sujeira impregnada na pele ainda permanecia. Portanto, Luna insistira para que o menino tomasse um banho de verdade. Não fora uma batalha simples. No final, Luna vencera, mostrando a Austin que não era páreo para ela.

Mais tarde, quando Austin descera para falar com Joe, ele estava perfumado e transmitia a aparência inocente de um menino de nove anos. Austin não abraçara Joe, mas chegara perto, mostrando-se tímido e inseguro. Joe, por fim, afagou-lhe os cabelos e mandou-o para cama com um toque no ombro.

Willow viera em seguida. Os cabelos estavam soltos e escovados, e ela usava um casaco surrado sobre a camisola. Joe achou-a linda e experiente demais para alguém tão jovem. Esperou um segundo a fim de que ela decidisse o que fazer.

Depois de fitá-lo por um longo tempo, Willow assentiu.

—Obrigada.

Espantado, Joe tirou os óculos para leitura.

—Por quê?

—Por vir.

Dito isso, ela se retirou, comovendo o coração de Joe e obrigando-o a reprimir a vontade de abraçá-la. Já havia resolvido não apressar as crianças para que se acostumassem a ele naturalmente.

Mas não seria fácil.

Luna sentou-se a seu lado. Ela também tinha tomado banho e provocava sua libido. Joe inspirou o perfume doce e feminino, desejando roçar os lábios na curva do pescoço, dos seios, das coxas. Sentiu o abdome se contrair.

Ela se aproximou para examinar os papéis que Joe espalhara na mesa.

—Em que está trabalhando?

—São as contas do lago. Tem idéia de quão próspero era esse negócio? Não imagino por que Patrícia decidiu fechá-lo. Foi uma decisão inoportuna, e agora resta pouco dinheiro em caixa para as crianças.

—Você está examinando a situação financeira?

—Pareceu-me pertinente. Eu não estava bisbilhotando, Luna. Você me pediu para ajudá-la a organizar as coisas. Bem, precisará de dinheiro para o funcionamento da casa e não sobrou muito.

—A casa já está paga.

Concordando, Joe olhou ao redor. A cozinha era imensa, mas não estava bem equipada.

—Você nunca cuidou de crianças, Luna. Lembro-me de minha mãe se queixar da quantidade de roupa que eu e Alyx sujávamos. —Ele sabia que era uma mulher capaz, mas talvez ela enxergasse a situação

com certa ingenuidade. —Contas de água, eletricidade, telefone, impostos, planos de saúde... Idas ao supermercado somente acrescem qualquer orçamento. Calcule o que costuma gastar consigo mesma e quadruplique o valor. Crianças são infinitamente dispendiosas.

—Sugere que eu desista?

—Não! —Joe exclamou.—Mas vai precisar de dinheiro. Há uma quantia considerável no banco, e existem formas de fazer esse dinheiro render.

—Refere-se ao mercado de ações?

—Ou fundos de renda fixa. Mas, nesse ínterim, o lago é a solução. As atividades recreativas davam lucro. Sua prima Chloe ganhou muito dinheiro com isso. Porque Patrícia quis fechá-lo?

—Meu palpite é de que ela não queria ter trabalho. Parece ser uma mulher fútil, preguiçosa e egoísta.

—Sim. Concordo plenamente. —Joe lembrou-se do pé em seu colo e meneou a cabeça. Não sabia se fora Patrícia ou Dinah, mas não importava. Ambas eram inaceitáveis. Suspirando, voltou a atenção à papelada. —Se não se importa, eu gostaria de verificar todos os documentos e avaliar o que é preciso para reabrir o lago.

—Claro. —Luna havia se trocado após o banho. Agora vestia uma camiseta justa que lhe moldava os seios e uma calça larga. Não usava mais maquiagem e tirara os anéis e brincos. Mesmo com aquelas roupas confortáveis ela conseguia ficar sensual e exótica. Era assim que ela devia parecer pela manhã depois de uma noite de amor.

O pensamento o aqueceu. Joe gostava de conversar com Luna à noite. Quase formavam uma família, uma sensação que, em vez de preocupá-lo, fazia-o sentir-se... Necessário.

Em que estava pensando, afinal? Quantas bobagens. Meneou a cabeça, atraindo a atenção de Luna. Mostrou-lhe então um papel.

—Esse é o único grande lago da região. E, já que estamos no verão e as crianças estão de férias, aposto que muita gente querera passar os dias ensolarados aqui. Sem dúvida, é uma excelente fonte de renda.

Luna pegou a programação das atividades sazonais.

—Há mais divertimentos que apenas nadar?

O perfume dos cabelos e a indescritível fragrância de Luna invadiram Joe. Se não a possuísse logo, ficaria louco.

—A construção ao lado do lago costumava ser uma loja. Há um freezer gigantesco que precisará de alguma manutenção, mas nada muito complexo. Austin me disse que a mãe vendia sorvetes e refrigerantes, gelo e petiscos para os banhistas. Também vi bóias, canoas e equipamento de pesca para alugar. Tudo que você pode imaginar está disponível. Austin falou que a maior parte do material está estocada naquele abrigo, no porão e no sótão da casa.

—Entendo. —Luna encostou-se na cadeira, e o movimento revelou os seios túrgidos. —Há um computador no quarto de Willow. Creio que a maioria dos registros deve estar nele.

—Bem pensando. —Era difícil concentrar-se no que ela dizia quando seu cérebro visava apenas sexo. —Vou verificar então.

Ela sorriu, meiga e confiante. Joe sentiu os músculos do corpo se retesarem.

—Você parece muito entusiasmado.

Estou entusiasmado por sua causa.

Não revelaria nada disso antes que pudesse refletir melhor, mas Luna o impressionara. Desde o momento em que chegaram, ela enfrentava um problema atrás do outro sem perder o motivo que a levava até Visita: cuidar das crianças.

—Até agora, estou me divertindo. —Joe segurou-lhe a mão.

Luna riu, aumentando ainda mais o desejo de Joe.

—Que lista é essa?

—Estou anotando tudo de que precisamos. Porém, a lista está ficando longa. As roupas de Austin são de segunda mão, umas grandes demais, outras minúsculas. E precisa de sapatos novos. O guarda-roupa de Willow não é tão ruim, ela me contou que, como parou de crescer, as roupas velhas ainda lhe servem. Há anos não compra um vestido novo, por exemplo.

Era difícil para Joe imaginar uma moça tão jovem parando de crescer, mas Willow era quase tão alta quanto Luna e possuía corpo de adolescente.

—Os meninos demoram mais para amadurecer, pelo que ouvi dizer. E creio que Austin é mais descuidado com as roupas que Willow.

—Exatamente. Ela me disse que Patrícia recusou-se a comprar roupas novas para Austin porque ele sempre as suja ou rasga. —Luna fechou os punhos indignada. —Também contou que Patrícia achava Chloe uma tola por não ter revelado a identidade do pai e obrigado o homem a pagar pensão. Pelo jeito, a mulher atormentou as crianças acerca dos possíveis pais a fim de arranjar um candidato para si.

—Ele devia mesmo estar pagando pensão, Luna —Joe ponderou. — Os filhos também são responsabilidade dele.

—Eu sei, Joe. Não o estou justificando, quem quer que ele seja. Mas não é justo implicar as crianças nessa história, ainda mais agora. Acredito que Chloe teve seus motivos para recusar a ajuda do pai. Eu só... Eu queria ter estado com eles desde o início.

Se no passado ela houvesse conhecido as crianças, Joe pensou, Luna não teria ido visitar Zane e Tamara. E, por consequência, Joe nunca a teria encontrado. Tal possibilidade apertou-lhe o peito.

—Quando está planejando ir às compras?

—Nesse final de semana. Quero que comecem o curso de verão com roupas novas. Precisamos de comida também. A geladeira está quase vazia, foi pura sorte encontrarmos hambúrguer para o jantar.

Sem se conter, Joe beijou a mão de Luna.

—O espaguete com almôndegas estava ótimo. —ele comentou e beijou novamente a mão delicada, lambendo um dos dedos. —Para uma assistente de paranormal, você é uma excelente cozinheira.

—Obrigada. —Luna disse com a voz trêmula.

—Pelo jeito, planeja um dia inteiro de compras. —Joe deduziu através da lista.

—Creio que sim. —Ela puxou a mão e respirou fundo. —Quer vir conosco?

—Na verdade, não gosto de fazer compras, mas, já que resolvi adquirir uma cama, acho que vou acompanhá-los.

—Não há uma cama em seu quarto?

—Há, mas não é muito boa. —Joe também pretendia ficar de olho neles. Não tinha certeza de que não haviam sido seguidos até Visita. E, acrescido a isso, não confiava em Jamie Creed. O homem o assustara, algo difícil de acontecer em circunstâncias normais.

Fitou Luna, perguntando-se quanto tempo ainda esperaria até que dormissem juntos.

—Eu prefiro uma cama king size, mas creio que não caberá naquele quarto. Sendo assim, comprarei uma de casal com um colchão mais alto.

De súbito, o telefone tocou. Joe levantou-se para pegar o aparelho pregado à parede da cozinha.

—Quem poderá ser a essa hora da noite?

Luna percebeu o tom cínico que Joe não tentou esconder. Ambos aguardavam uma ligação de Quincy Owen a qualquer hora do dia.

—Alô?

Houve um instante de silêncio.

—Aqui é Quincy Owen. Com quem estou falando?

Joe não ficou surpreso ao notar que Quincy Owen não consideraria um horário para telefonar. De acordo com Julie, ele possuía a maior parte da cidade, o que significava a suposta liberdade de fazer o que bem entendesse com imunidade.

—É o pai de Clay Owen?

—Sim, o padrasto dele. E você quem é?

—Joe Winston. O que posso fazer por você, Quince?

—E Quincy. —ele corrigiu irritado. —Você poderia me explicar o que aconteceu hoje na residência dos Calder?

—Clay foi desrespeitoso, ofensivo e rude. Como não tolero esse tipo de comportamento em adultos, muito menos em crianças, mandei-o embora e o proibi de voltar.

—Talvez você não saiba quem eu sou.

Joe sabia que Luna o observava com fascínio.

—Fui informado de sua influência, Quince. O fato é que espero que eduque seu enteado e talvez eu permita que ele se aproxime.

—Como se atreve? —A calma foi substituída pela raiva. —Creio que não saiba dos problemas que os moleques Calder têm causado, mas...

Joe colocou o telefone no gancho da parede.

—Ele desligou? —Luna perguntou.

—Não. —Joe sorriu. —Não gostei do que ele estava dizendo.

O telefone tocou novamente. Joe atendeu, como se não soubesse quem poderia ser.

—Alô?

—Assumirei que a ligação caiu.

—Assuma o que quiser. Mas se insultar Willow ou Austin outra vez, a ligação cairá.

Segundos se passaram antes de Quincy conseguir se controlar.

—Senhor Winston, não liguei para brigar.

—Que bom. Porém, não há muito que discutir. Testemunhei a cena e posso garantir que Clay passou dos limites.

—As crianças Calder o provocaram. Já aconteceu outras vezes.

—Tenho minhas dúvidas quanto a isso, mas dessa vez não foi o caso. Willow entrou em casa assim que viu o carro de Clay, e Austin, que só tem nove anos, ganhou um olho roxo graças ao seu filho. —Joe fez uma pausa e acrescentou: —Ele parece um tanto covarde, não acha?

O som de dentes rangendo ecoou pelo aparelho.

—Clay me disse que o menino pulou nele.

—Ele lhe contou por quê? Claro que não, pois nenhum *homem* toleraria o linguajar grotesco que Clay utilizou para se dirigir a Willow. Austin fez o que qualquer irmão honrado faria ao ver um idiota ofender a irmã. Fale com Clay, Quince, e diga a ele o que significa ser um homem.

—Está me dando ordens?

—É apenas um conselho, pelo bem de Clay.

—Quem é você afinal?

—Já lhe disse. —Ele parou de sorrir.—Sou Joe Winston.

—E daí? —Quincy o provocou. —Fala como se seu nome tivesse algum significado para mim.

—E tem. Significa que estou cuidando de Willow e Austin agora e levo minha responsabilidade a sério. E algo de que vai se lembrar.

—Então, temos algo em comum, porque também possuo responsabilidades. Seria adequado você estar a par dos desastres que os Calder vêm causando. Talvez assim perceba que o melhor será tirá-los daqui.

—Não.

—As crianças poderiam recomeçar em outro lugar. Na cidade, todos sabem que são ilegítimos e órfãos. Não há nada aqui para eles.

—Eu estou aqui. É o recomeço de que precisam.

—Está se responsabilizando por uma tarefa gigantesca, dado o passado desses dois. São arruaceiros sem estirpe e respeito por...

—Deixe que eu me preocupe com isso, Quince. —Joe desligou o telefone, sentindo-se ótimo.

Então, virou-se para Luna e... Ela se jogou em seus braços.

—Joe...

—O quê...? —Passado o susto inicial, Joe apertou-a contra si, lutando para manter ambos sobre a cadeira. —Você está bem?

—Muito obrigada. —Luna começou a beijar-lhe a orelha, a face, o queixo.

Cada toque parecia queimá-lo por dentro. De repente, Joe agarrou os cabelos sedosos e envolveu os lábios femininos, afoito. Luna soltou um suspiro de prazer e ficou absolutamente imóvel, exceto pelas batidas aceleradas do coração.

—Isso mesmo. —Joe murmurou, saboreando a maciez e o sabor da boca. Podia possuí-la naquela posição, pensou, com as pernas envolvendo-o. Ele gemeu e devorou os lábios novamente.

Aos poucos, Luna afastou-se para fitá-lo. Ofegante, ela entreabriu os lábios e sussurrou:

—Joe?

—Sim, querida?

—Você é um homem extraordinário.

—O que quer que eu tenha feito —ele disse com a voz rouca — lembre-me de fazê-lo mais uma vez. —Joe beijou o pescoço e o ombro exposto.

Luna começou a rir. Então, abraçou-o mais uma vez e levantou-se.

—É melhor eu ir para a cama.

—O quê?

Ela planejava deixá-lo na cozinha. Sozinho.

—Tenho muito que fazer amanhã e ainda quero rever essa lista hoje à noite. —Ela fez menção de sair, mas hesitou. —Acha que haverá problemas com o senhor Owen?

Joe levantou-se e observou-a, à espera de algum sinal de indecisão.

—Estou certo disso.

Assentindo, Luna caminhou à porta.

—Até amanhã.

—Luna...

—Não.

A cabeça de Joe ameaçava explodir.

—Estou ficando cansado de ouvi-la dizer essa palavra.

—Não tem sido fácil. —Luna o fitou da cabeça aos pés. —Você é irresistível, Joe Winston, e sabe disso. Mas é nossa primeira noite aqui e as crianças podem estar acordadas... —Ela o encarou, indefesa. — Não.

—Nesse caso, vá agora antes que eu mude de idéia. Trancarei as portas.

Ela hesitou.

—Vá.

Luna correu da cozinha, como se também lutasse contra a vontade de se render.

Por que ele necessitava tanto daquela mulher?

Joe escutou os passos de Luna no andar superior, antes de se certificar de que todas as janelas e portas estavam trancadas. Aquela inspeção o ajudou a esfriar o desejo, mas não o eliminou. Nada o faria, aliás. Somente Luna seria capaz de aliviá-lo.

A casa era grande e, quando Joe terminou, a necessidade diminuía a ponto de permitir pensamentos racionais. Percebeu que as trancas estavam velhas e soltas, oferecendo a qualquer ladrão livre acesso. A residência localizava-se em uma região distante da cidade, o que facilitava a ação de elementos mal-intencionados. Antes de deixar Luna e as crianças sozinhas, precisava tornar a casa mais segura.

Depois de apagar as luzes, Joe dirigiu-se a seu quarto e fechou a porta. A cama estreita e desconfortável não lhe pareceu atraente e saiu ao pátio para apreciar a noite. A lua crescente despontava no céu, rodeada por um cobertor de estrelas. Era uma noite que inspirava romance, uma noite capaz de atizar o sangue de um homem.

Joe gemeu, voltou ao quarto, jogou-se na cama e... Escutou um ruído. Em seguida, ouviu algo semelhante ao estalo de uma madeira. Levantou-se, caminhou até as portas, mas nada avistou. Tratava-se de uma casa muito antiga e, também, não estava acostumado aos sons da noite. Porém, a suspeita não o deixaria dormir enquanto não investigasse o restante da residência.

Ao sair do quarto, escutou novamente o mesmo ruído. Alguém vagava pela casa.

Mesmo no escuro, Joe conseguiu subir a escada. Tudo agora estava quieto, mas havia uma luz sob a porta de Willow. Quando ouviu a voz de Luna, ele parou para escutar.

A porta estava entreaberta, dando uma visão parcial de Luna sentada na cama e Willow, à escrivania.

—Não consegue dormir? —Luna perguntou a ela. Willow deu de ombros. —Pode conversar comigo.

—Não quero incomodá-la.

—Oh, querida, você não me incomoda. Juro. Quero ajudá-los, por isso estou aqui.

—Você está aqui porque não temos ninguém mais.

Willow parecia sentir-se culpada. Joe queria intervir e dizer que moças da idade dela não deviam ocupar-se com tantas preocupações. Mas se conteve, confiando em Luna.

—Não. —Luna segurou a mão da adolescente. —Estou aqui porque somos da mesma família. E quero que você e Austin gostem de mim. Nunca tive uma família de verdade, portanto são muito importantes para mim.

O que ela quis dizer?, Joe perguntou-se. Claro que Luna tinha uma família. Todos tinham família. Willow pareceu tão espantada quanto Joe.

—É verdade. —Luna sorriu. —Nunca tive intimidade com meus pais. Eles viviam brigando quando estavam juntos e acabaram se divorciando. Fiquei com meu pai, minha mãe se casou de novo, e eu a vi poucas vezes depois disso. Tenho dois meio-irmãos que nem sequer conheço.

—Você costuma visitá-los?

—Eles moram em outro estado. Fui vê-los uma vez, mas foi estranho.

Joe lembrou-se de que Luna mencionara ter uma família espalhada pelo país. Ele não percebera que...

—E seu pai?

—Ele se dedicou exclusivamente ao trabalho depois que minha mãe se foi. Quando terminei o segundo grau, ele se casou novamente e ganhou uma enteada. Mas eu e ela não temos muito em comum e moramos em cidades distantes.

—Não tive pai. Nunca o conheci.

—Eu sei.

—Como nunca o conheci e nem sequer sei quem é, não sinto falta dele. Mas de minha mãe sinto muita saudade. Você deve sentir falta de seu pai, não?

—Nunca parei para pensar no assunto. —Luna deu de ombros. —Tem sido assim há muito tempo. Mas agora que conheci você e Austin quero fazer o que é certo. Pretendo ficar aqui.

—Não será fácil. —Willow a alertou.

—Resolveremos os problemas, prometo. Nesse ínterim, pode me procurar sempre que quiser conversar. Não tenho todas as respostas, mas darei o melhor de mim e a escutarei.

—Patrícia disse que não poderia sustentar esse casarão. —Willow desabafou. —Pretendia nos mandar para outro lugar antes de o namorado a pedir em casamento.

Luna suspirou.

—Willow querida, não sou Patrícia e não vou abandoná-la. Prometo.

—Mas você falou em nos comprar roupas.

Joe notou o medo e a esperança no tom de voz e compadeceu-se. Quando fora a última vez em que a garota comprara algo novo?

—Isso mesmo. Você não quer roupas novas?

—Não sobrou muito dinheiro. —Willow indicou os papéis sobre a escrivaninha. —Eu olhava algumas contas e não...

—Willow, eu tenho dinheiro.

—Não pode gastar seu dinheiro conosco! —Ela soou consternada, fazendo Joe cerrar os dentes. Ora, ele também tinha dinheiro e não o usava para nada no momento.

—Por que não? —Luna retrucou. —Estou morando aqui e, portanto, não preciso pagar aluguel. O que é meu é de vocês. Além do mais, estou louca para ir às compras. Faz tempo que não visito lojas com outra mulher.

Willow, enfim, conseguiu sorrir. Mas quando Luna reparou em um recorte de jornal sobre a mesa, ela enrijeceu.

—Não é nada.

—É um artigo a respeito de Clay Owen. Ele foi o atleta do ano?

—Foi. Ele é excelente aluno. Também joga como zagueiro no time de futebol e é rebatedor no de beisebol. Todos o acham perfeito.

—Ele é uma graça. —Luna comentou cautelosa.

—Acho que sim.

—Gosta dele, Willow?

—Não, eu o odeio.

Como se ela não houvesse respondido, Luna acrescentou:

—Porque, se gosta dele, entendo perfeitamente.

Willow meneou a cabeça.

—Éramos amigos. Embora ele seja um pouco mais velho, sempre nos demos bem. Eu o conheço desde o primário. —Ela abaixou a cabeça. —Mas agora Clay me trata mal.

—Certos homens não sabem como agir. —Luna acariciou os cabelos de Willow. —Não há desculpas para o jeito maldoso com o qual ele a trata, mas Julie acha que Clay está tentando chamar sua atenção.

—Antes ele gostava de mim. Depois que os boatos a meu respeito começaram a surgir, Clay tornou-se grosseiro e vulgar.

—Você ainda gosta dele, não gosta? —Luna indagou com carinho. —Sei muito bem o que é gostar do homem errado. O bom senso diz uma coisa e o coração diz outra.

Os músculos de Joe ficaram tensos. De quem Luna gostava?

—Joe? —Willow arriscou.

—Exato.

O quê? Joe apoiou-se na parede, com o coração em disparada. Desde quando ele se tornara o homem errado?

Mas já conhecia a resposta à pergunta: jamais fora o homem certo. Não para uma mulher como Luna.

—É um homem maravilhoso. —ela disse sincera. —Um dos melhores, mas não quer compromisso.

Luna falava por ele sem saber o que Joe realmente queria. Ora, na verdade, não sabia mesmo o que queria. Depois que conheceu Luna, tudo em sua vida ficou incerto.

—E você quer compromisso?

—Quero, sim. Mas agora estou feliz com a idéia de viver com você e Austin. E Joe terá de voltar para casa em breve. Sendo assim, não há razão para gostar tanto dele se sei que a relação não irá durar.

—Se não fosse por nós...

—Não, Willow. Mesmo antes de saber de vocês, eu já dizia não a Joe.

Joe podia atestar tal verdade.

—Por quê? —Willow indagou surpresa.

—Porque há certos homens no mundo que parecem ter nascido para magoar as mulheres. Ele se orgulha de ser solteiro. Sabia que Joe tem quatro primos que já se casaram? Creio que ele está feliz pelos parentes, mas abomina a idéia de se unir a uma mulher só.

—Joe faz sucesso?

—Com as mulheres? —Luna soltou uma risada zombeteira. —Faz muito sucesso. Mas Joe não é o tipo do homem com quem você pode se divertir e depois manter a amizade. É dinâmico demais. O melhor é não chegar muito perto para não se queimar.

—Acho que você já chegou bem perto dele. —Willow concluiu sagaz.

—Creio que tem razão. —Luna parecia resignada. —Mas se Joe não souber de nada, ficarei bem.

Joe sorriu. Então, Luna pretendia esconder seus sentimentos? Agora que sabia, não esqueceria jamais. De um jeito ou de outro, acabaria obtendo aquela preciosa informação e tiraria vantagem dela.

—É mais ou menos assim que me sinto em relação a Clay. Penso nele o tempo todo. Quando ele aparece, tento ignorá-lo, apesar de ser difícil. Mas Austin sempre interfere. —Willow fechou os punhos. —Disse a Clay que, se ele machucasse meu irmão outra vez, eu o socaria.

—Felizmente, conseguimos convencê-lo a se afastar.

—Duvido. Ele vai voltar. Tenho certeza.

Com os olhos repletos de afeto, Luna tocou o queixo de Willow.

—E embora desejasse o contrário, você fica feliz com isso?

—Fico. —Willow gemeu.

—Agora será difícil ele conseguir maltratá-la. —Luna apontou. —Você não sairá mais sozinha. Se Clay quiser vê-la, terá de vir aqui. E isso significa que ele precisará se comportar.

Willow nada disse. Por fim, Luna levantou-se.

—Não quer tentar dormir? Tudo fica mais claro depois de uma noite de repouso. —Luna sorriu. —Pensei em revisarmos a lista de compras amanhã. Então, poderemos ir à cidade sábado. Talvez possamos almoçar por lá ou ir ao cinema.

—Cinema? Verdade?

Apesar da confissão de Luna, Joe conseguiu perceber a empolgação na voz de Willow. Deus, se ela gostava de filmes, acrescentaria um videocassete à lista e alugaria um filme por dia. Willow merecia ser feliz, e Joe faria de tudo para tanto.

—A casa precisa de uma boa faxina. —Willow anunciou determinada. —Não tive tempo porque vou a pé à cidade para as aulas de piano, e Dinah e Patrícia não se importavam com isso.

—Mas pensei que Dinah fosse a governanta.

—É o que ela gostava de dizer. —Willow explicou. —Cozinhava de vez em quando e vivia xeretando.

Xeretando o quê?, Joe pensou.

—Não gostava dela?

—Eu tentava ficar longe dela. Dinah podia ser odiosa.

O coração de Joe quase desfaleceu e, ao escutar a voz de Luna, percebeu que ela também se compadecia.

—Prometo nunca ser odiosa. E limparemos a casa juntas. Joe e Austin podem nos ajudar.

—Quer que Austin ajude na limpeza? —Willow dirigiu-se à cama. —Boa sorte. Em geral, ele é melhor fazendo bagunça.

—Só porque é do sexo masculino não significa que ele não possa trabalhar na casa. Tenho o pressentimento de que Joe irá ajudar e talvez Austin também queira.

Sorrindo, Willow abraçou o travesseiro.

—Joe é diferente, não é?

—Não conheço homem algum como ele.

—Minha mãe me falou que não se pode julgar os homens pela aparência. Dizia que se mostravam educados e gentis, mas depois de conhecê-los melhor, podiam se transformar em cascavéis egoístas.

Joe estranhou. Teria Chloe falado por experiência própria? Estivera ela referindo-se ao pai de Willow e Austin?

Fazia sentido, já que o homem a abandonara para criar os filhos sozinha.

—Acha que Joe é uma cascavel? —Luna perguntou.

—Não. Acho que ele é justamente o oposto. Quando o vi pela primeira vez, Joe pareceu... Não sei. Grande e malvado, como se gostasse de provocar os mais fracos e fiquei preocupada, principalmente porque Austin costuma xingar e atacar como um moleque. Mas assim que o vi conversar com Austin, tive certeza de que Joe era legal.

—Ainda tem medo de Joe?

—Não. —Willow fez uma pausa, antes de acrescentar: —Mas acho que você tem.

—Confio plenamente em Joe.

—Mas tem medo que ele a magoe. —Willow lembrou-a.

—Podemos continuar essa conversa amanhã? —Luna sugeriu. —Acho que você está precisando de uma boa noite de sono.

—Tudo bem. —Willow deitou-se, suspirando. —Luna? Obrigada.

—Eu é que agradeço, querida. Adorei nossa conversa. —Luna beijou-lhe o rosto, apagou o abajur e dirigiu-se à porta.

Joe correu para esconder-se no banheiro do corredor. Por que Willow não era uma adolescente comum? Precisava ser filósofa? Luna tinha medo dele? Se assim era, ela sabia fingir muito bem.

Luna caminhou para o próprio quarto e fechou a porta.

Joe espiou pelo vão da porta e respirou aliviado. Talvez devesse conversar com ela ou, pelo menos, dar-lhe um beijo de boa-noite. Podia dizer quão orgulhoso estava dela e quão disponível sentia-se para ajudá-la.

Convencido de seus motivos altruístas, Joe fez menção de sair do banheiro quando sentiu alguém respirar em suas costas. Virou-se rapidamente. Um punho diminuto socou-lhe as costelas.

—Merda.

—Você fala mais palavrões que eu. —Austin murmurou. Joe viu os planos para Luna evaporarem-se.

—O que está fazendo aqui?

—Eu ia sair para passear.

Joe sentiu um arrepio na nuca.

—Passear onde?

—Na beira do lago.

O coração de Joe quase parou.

—Deus me ajude.

—Se me dedurar, vou dedurar você. —Austin ameaçou.

—De que está falando? Vai me dedurar pelo quê?

—Por espionar Luna.

Joe considerou a possibilidade de acordar Luna e pedir-lhe ajuda, mas mudou de idéia. Ela já tinha deveres demais, e ele poderia lidar com aquele menino.

Além disso, não queria que Luna soubesse que ele escutara a conversa com Willow. Podia ficar envergonhada e até duvidar de sua sinceridade quando provasse que jamais a magoaria.

Como iria provar tal assertiva, Joe não sabia. Mas acabaria pensando em algo.

Verificou o corredor escuro a fim de certificar-se de que ninguém acordara.

—Vamos para seu quarto. —disse a Austin, puxando-o pelo braço.

Tão logo entraram no aposento, Joe fechou a porta. Agora tinha total privacidade para conversar.

—Tem uma lanterna?

—Lanternas são para maricas.

—Está obcecado por essa história de maricas, não? Não importa. A luz da lua é o suficiente. —Joe abriu as cortinas da janela, deixando a luminosidade prateada entrar. —Certo. Vamos conversar.

—Ficou louco? —Austin parecia preocupado.

—Não. —Joe o ergueu e o sentou ao pé da cama. —Sou cuidadoso. Isso é muito diferente.

—Qual é a diferença?

Joe não sabia responder.

—Austin, você sabe que não pode passear sozinho à noite.

—Sempre faço isso.

—Agora não mais, garoto. —Ele se sentou ao lado de Austin. —Primeiro, quero que saiba que não escondo nada de Luna. Nunca. Portanto, não tente me chantagear.

—Você estava escutando a conversa dela.

—É verdade. —Joe admitiu.—Mas eu estava preocupado e fiquei escondido porque não queria atrapalhar. —A explicação parecia plausível.

—Vai dizer a Luna que estava escutando a conversa?

Joe não tinha escolha.

—Pela manhã. E direi também que você queria passear sob o luar. Austin ficou ansioso.

—Ela vai ficar brava?

—Não, apenas ficará preocupada como eu. Quando Luna o coloca na cama, ela espera que você fique deitado.

—E se eu tiver de ir ao banheiro?

—Pode se levantar para ir ao banheiro.

—E se eu tiver sede?

—Tudo bem.

—E se...

—Não pode sair da casa, Austin. Combinado?

Austin balançou os pés, resmungou e, então, assentiu.

—Combinado.

—Obrigado pela cooperação. —Joe levantou-se. —Agora quero vê-lo debaixo do lençol.

Austin pulou no colchão e acomodou-se sob a coberta. —Quer que eu feche as cortinas? —Joe perguntou.

—Quero. Luar é para...

—Maricas. Eu sei. —Apesar de tudo, Joe riu. —Faça como quiser, mas vou deixar minhas cortinas abertas. Gosto de olhar as estrelas quando vou dormir. E não ouse me chamar de maricas.

—Não ousarei. —Houve um silêncio. —Acho que também gosto de olhar as estrelas.

—Então, vamos deixar a cortina aberta. —Ele afagou os cabelos despenteados de Austin. —Boa noite.

—Boa noite, Joe.

Joe ainda sorria quando se deitou em seu quarto. Usando apenas cueca, ele ajustou o travesseiro e, de fato, apreciou as estrelas. Tinha tanto em que pensar que mal notou o colchão fino e os pés para fora da cama.

Depois de tudo que escutara de Luna, a situação se complicara. Sentia-se ainda mais confuso, um sentimento que o levava à indecisão, algo que jamais se permitira.

Por causa de seu trabalho, Joe sempre fazia julgamentos rápidos. Atirar ou levar um tiro, aceitar um caso perigoso por dinheiro ou optar por um mais simples. Brigar ou ir embora.

Como sempre confiou no próprio instinto, as decisões da vida pessoal haviam sido naturais. Quando queria uma mulher, dormia com ela para ambos se divertirem. Caso percebesse a necessidade de um compromisso mais duradouro, Joe se afastava antes que a situação se complicasse.

A situação agora estava complicada.

Decisões rápidas... Decidira ter Luna assim que a conhecera, mas quem teria previsto aquele desenrolar dos acontecimentos? Agora ele tinha de repensar tudo e não estava disposto a isso. Queria subir, tomá-la nos braços e amá-la a noite toda até fazê-la esquecer as reservas e a bobagem de achar que a magoaria.

Aborrecido, Joe suspirou e fechou os olhos. Ao menos, conseguira colocar Austin na cama.

Ou pensou que havia conseguido.

Capítulo IX

Sonolenta, Luna servia-se de café fresco na cozinha quando Joe entrou. Devagar, ela ergueu os olhos e o fitou à soleira da porta. Não se importaria de vê-lo daquele jeito pelo resto de seus dias.

Com a caneca de café à mão, apreciou os cabelos em desalinho, os olhos avermelhados e a barba por fazer. Ele estava sem camisa e, enquanto Luna o admirava, levou a mão ao peito, esfregou-o um pouco e o coçou, excitando-a.

—Que horas são? —ele indagou, bocejando. A visão de Luna ficou turva, o que a levou a apoiar-se no balcão para não cair. Ainda não tinha se acostumado com a presença de Joe, e duvidava de que algum dia se acostumaría. Ele era tão... Viril. Tão macho.

—Quase dez.—Luna tomou o abençoado café e queimou a língua.

A conversa com Willow na noite anterior servira somente para reavivar os sentimentos por Joe. Pensara tanto nele que conciliar o sono fora impossível. Sabia que Joe jamais se envolveria com ela seriamente.

Seria tolice deixá-lo ir sem experimentar a nudez daquele corpo maravilhoso? Ou sem senti-lo dentro de si mesma? Só de pensar Luna estremecia.

Durante toda a noite fora incapaz de encontrar uma resposta. Agora sua cabeça latejava e os olhos ardiam.

—Quer café? —ela ofereceu.

Joe gemeu quando Luna virou-se para encará-lo.

—Uau!

Confusa, olhou para si mesma. A camiseta que usara para dormir estava toda amarrotada. Havia substituído a calça larga por short por causa do calor da manhã. Não usava sutiã, mas Joe já a tinha visto sem sutiã. E porque rolara na cama sem dormir, os cabelos estavam um caos total.

—Eu queria tanto um café que nem sequer tive tempo de... —Luna deteve-se ao notar o brilho sensual nos olhos azuis. Ele aproximou-se. Agora parecia muito desperto.

—Joe... —ela protestou com a voz fraca.

—Fui dormir pensando em você. —contou em voz baixa. —E acordei invadido pelo desejo e agora você está aqui, linda e sexy e doce. —As últimas palavras soaram como um sussurro antes de ele beijar-lhe o pescoço. Então, colou-se a Luna, obrigando-a a sentir a ereção através do short.

Zonza de desejo, ela deixou a caneca de café no balcão e cruzou os braços em um gesto defensivo, mas não se afastou. A sensação da pele quente contra a dela a intoxicava.

—Não sei quanto tempo mais conseguirei aguentar, querida. —Ele beijou o ombro nu, fazendo-a estremecer. Enquanto isso, as mãos a acariciavam e a incitavam. —Só sei que preciso tê-la, Luna.

Ainda confusa, ela meneou a cabeça. Então, afagou o tórax musculoso.

—Joe...

—Diga que também me quer. —Ele mordiscou o lábio carnudo.

Luna fechou os olhos. Estar com ele àquela hora da manhã, após a noite insone, era uma grande desvantagem.

—Eu o quero.

Quando os braços fortes a envolveram, Luna soltou o ar que nem sequer sabia estar segurando. Joe beijou-a com ardor e intensificou as carícias. Uma das mãos agarrou-lhe os quadris. Ele a apertou contra si para intensificar a ereção. Ambos tornaram-se ofegantes.

—Que nojento.

Joe soltou-a tão rapidamente que Luna quase caiu. No mesmo instante, os dois se viraram para ver Austin abrir a geladeira e pegar a garrafa de refrigerante. Os cabelos loiros estavam embaraçados e a bermuda de algodão parecia prestes a cair.

Luna olhou para Austin, que procurava um copo no armário, e, em seguida, fitou Joe, que tinha uma ereção.

—Joe. —sussurrou desesperada. —Vá se vestir.

Ele a encarou pálido, até escutar Willow descer a escada. Então, correu o mais rápido que pôde e escondeu-se no quarto.

Em choque, Luna continuou estática por alguns segundos antes de soltar uma gargalhada sonora. Austin fitou-a, torceu o nariz e a fez rir ainda mais. Tinha certeza de que Joe jamais fora reprimido por um garoto de nove anos. Mostrara-se tão estupefato, tão perdido que nem não soubera como agir.

Willow entrou na cozinha, viu Austin com o refrigerante e dirigiu-se a ele.

—Qual é a graça? —perguntou a Luna, enquanto tirava o copo da mão do irmão.

Austin irritou-se.

—Joe estava abraçando Luna e depois fugiu.

Willow e Luna se entreolharam cúmplices.

—É verdade? —Willow colocou o copo de refrigerante na pia.

—Devolva meu copo! —Austin exclamou.

—Não pode tomar refrigerante no café da manhã, Austin. Você sabe disso.

Luna encarou Willow. Por que não podia haver refrigerante no café? Seria mais uma das regras maternas que ela nunca conhecera? Austin tentou pegar o copo, e Willow bateu na mão do irmão.

Luna enfim se recompôs. Devia assumir o papel de guardiã; precisava, portanto, aliviar o fardo que Willow carregava.

—Austin, Austin, Austin. —Ela atravessou a cozinha, tentando parecer conhecedora do assunto. —Willow está certa. Refrigerante não é bom pela manhã. Por que não toma um suco?

—Não temos suco. —Em seguida, ele acrescentou: —Patrícia não liga para o que eu bebo.

Nem Luna. Na verdade, um refrigerante gelado pareceu-lhe uma boa pedida. Mas...

—Não sou Patrícia. Leite?

—Detesto leite.

Willow serviu-lhe leite.

—Beba tudo.

—Não. É nojento. —Então, Austin provocou: —É tão nojento quanto ver Joe lambendo o rosto de Luna.

Willow o beliscou.

—Não seja bobo.

Uma briga entre os irmãos começou, deixando Luna perdida. Aquela situação era nova para ela tanto quanto para Joe. De manhã, precisava de tempo para acordar. No entanto, encarava uma batalha de xingamentos, beliscões e cuspes de leite.

Olhava de uma criança à outra, mas só conseguia ver a expressão pálida de Joe. Ela começou a rir de novo.

—Não ache graça. —ele gritou do quarto.

Austin parou de brigar com a irmã só para ouvir Joe.

Luna escutou Joe gemer e lutou para conter as risadas. Concentrou-se nas crianças, esperando aplacar os ânimos antes que apelassem para socos.

—Que tal panquecas? —ela sugeriu em meio à briga. Os dois pararam e a fitaram. Austin mostrou-se cético.

—Vai cozinhar para a gente?

—O desjejum? —Willow esclareceu.

Parecia tão incompetente assim?, Luna indagou-se.

—Sim, é uma refeição típica de nosso país. Panquecas e talvez bacon. —Pensativa, murmurou para si: —Acho que vi bacon na geladeira.

Austin ficou paralisado. Para um menino que, minutos antes, usava palavrões para xingar a irmã, ele pareceu meigo e extremamente vulnerável.

—Mamãe preparava panquecas todos os domingos.

—E, às vezes, durante a semana. —Willow completou. —Patrícia não gosta de cozinhar, muito menos pela manhã.

O clima da cozinha mudou de repente, deixando Luna perdida novamente e, acima de tudo, indignada. As crianças tinham sido negligenciadas.

—Eu gosto de cozinhar. Ainda mais quando tenho pessoas famintas para alimentar.

—Eu estou com fome. —Joe gritou.

Willow encarou-a por mais um momento e dirigiu-se à geladeira. Abriu, vasculhou as gavetas e retirou um pacote.

—Sim, temos bacon.

—Ótimo. Que tal eu começar a preparar as panquecas?

—Posso tomar refrigerante com panquecas? —Austin pediu.

—Não! —Luna e Willow responderam juntas.

—Você não manda em mim! —Austin, mais uma vez, voltou-se contra a irmã.

—Esperem aqui. —Luna pediu antes que outra guerra começasse. —Voltarei em um minuto. —Foi ao quarto de Joe e abriu a porta. Agora vestindo uma calça jeans, ele caminhava pelo cômodo com os braços erguidos e as mãos atrás da cabeça. Parecia estar sentindo dores.

Luna permitiu-se alguns instantes para admirá-lo. Suspirou, encantada com o corpo másculo, e entrou, fechando a porta.

—Tudo bem?

Joe encarou-a e apontou a ereção que ainda tinha sob o jeans.

—Lamento. —Luna sorriu.

—Não parece lamentar nada, Luna. —Joe respirou fundo e fitou o corpo de Luna. —Santo Deus. Vir a meu quarto não me ajuda em nada, querida.

Nada fazia sentido para ela. Devia estar horrível com os cabelos despenteados e a ausência de maquiagem.

Como se lesse seus pensamentos, Joe comentou:

—Sua aparência é de quem passou a noite em claro.

—E passei mesmo.

—Eu também.

—Meus cabelos estão um desastre.

Joe abaixou os braços e respirou fundo.

—Já que iremos nos ver nessa situação mais de uma vez, prometo ignorar seus cabelos, se você ignorar meu mau humor matinal.

—Não sei. —Ela fitou o corpo de Joe. —É difícil de ignorar.

—Não. —Joe fechou os olhos. —Se falarmos sobre isso, vai começar tudo de novo.

—Certo. —Luna dirigiu-se à porta. —Tem cinco minutos para... Fazer o que precisa. Estamos à sua espera na cozinha.

—Dez minutos. Vou me barbear.

—Tudo bem.

Ao retornar à cozinha, encontrou Willow e Austin sentados à mesa como anjos.

—O que houve?

—Quer que eu ponha a mesa? —Austin sugeriu.

—Posso ajudá-la a cozinhar —Willow se ofereceu. —Ou poderíamos comer cereais, para que não tenha tanto trabalho.

Comovida, Luna fitou os rostos sinceros.

—Certo. —Levou as mãos à cintura. —O que está acontecendo?

—Nada. —Willow retrucou.

Mas Austin não ficou quieto por muito tempo.

—Willow disse que você e Joe estavam discutindo por nossa causa, e, como não queremos que fique brava e vá embora, prometemos nos comportar e ajudar nas tarefas da casa, e não vou tomar refrigerante de manhã, ou fazer caretas quando você e Joe estiverem se beijando, ou brigar com Willow, se ela parar de mandar em mim, e não vou mais fugir à noite. —Ele respirou fundo exaurido.

—Estou impressionada, Austin. —Luna confessou. Ele sorriu orgulhoso. —Mas não vou a lugar algum. —Aos poucos, ela assimilou o discurso do menino. —Fugir à noite? De que está falando?

Willow gemeu e beliscou o braço do irmão. Ele apenas franziu o cenho e se conteve para não reclamar. Luna sentia vontade de arrancar os cabelos.

—Willow, por favor, não machuque seu irmão.

—Ele tem uma língua comprida.

—Ele tem nove anos, querida. Diz o que pensa, e isso é bom. Austin, que história é essa de fugir à noite?

Joe entrou na cozinha, ainda mancando um pouco.

—Eu pretendia conversar com você sobre isso.

—Conversar sobre o que exatamente? —Luna perguntou. Após servir-se de café, Joe sentou-se ao lado de Austin.

—Sobre as peripécias de Houdini.

—Quem é Houdini? —Austin perguntou.

—Alguém que é melhor que você em desaparecimentos. —Willow o informou, o que fez Austin mostrar a língua.

—Joe, o que há?

—Peguei Austin tentando sair de casa ontem à noite.

—Para ir onde?

Joe encarou Austin, que corou.

—Só queria sair. —o menino murmurou.

—Ele vai ao lago. —Willow contou-lhes. —Quando o escuto sair, vou atrás dele. Mas meu irmão sabe como não fazer barulho.

—Não o suficiente. —Joe a corrigiu. —Eu o interceptei três vezes ontem à noite.

A tarefa monumental que tinha pela frente, enfim, pesou sobre Luna. Ela engoliu em seco, olhou os dois garotos e perguntou-se como conseguiria sobreviver a tudo aquilo. Nada sabia a respeito de crianças e aqueles dois estariam sob seus cuidados para sempre. Encarou Austin, tentando pensar no que lhe dizer.

O menino endireitou os ombros em um gesto de determinação. Luna sabia que precisava fazer ou dizer alguma coisa naquele instante.

—Austin...

Ele apontou para Joe.

—Joe escutou sua conversa com Willow ontem à noite.

—O quê? —Luna voltou-se a Joe.

Austin fez menção de continuar, mas Joe o calou, erguendo a mão.

—Escutei Austin levantar ontem à noite e saí para investigar. Você e Willow conversavam no quarto. Como não quis interromper, não me anunciei.

—Ele ouviu tudo!

Palavras, imagens e relances atravessaram a mente de Luna. Sentiu-se mortificada de vergonha.

—Escutei, sim. —Joe confirmou, observando-a atentamente. —Primeiro, porque eu estava preocupado com Willow. Depois, encontrei Austin e o coloquei na cama, mas o garoto não dormiu. Fiz isso três vezes. Portanto, acho que ele deveria receber um castigo.

Furioso porque voltava a ser o alvo da bronca, Austin apelou para Luna.

—Não está brava porque Joe escutou sua conversa?

Brava? Sentia-se humilhada e magoada. Ele ouvira toda aquela bobagem sobre compromisso que confidenciara a fim de permitir que Willow se sentisse bem.

—Mesmo que eu esteja brava com ele, Austin. —Luna começou, tentando conter a vergonha. —isso não muda o que você fez. Não pode esperar que todos estejam na cama para sair de casa.

—Mas eu...

Uma batida à porta da frente ecoou pela residência. As duas crianças levantaram sobressaltadas, como se aguardassem a invasão de fantasmas.

—Vou ver quem é. —Joe ofereceu-se.

—Vou para meu quarto. —Austin murmurou.

—Você —Joe dirigiu-se a ele —continuará aqui até que possamos terminar essa conversa.

Apavorado, Austin arregalou os olhos. Luna sentiu o coração se apertar. Estaria com medo de ser castigado? Ele tocou o ombro do menino.

—Está tudo bem, Austin.

No minuto seguinte, quando Joe voltou à cozinha com um policial, Luna reconsiderou o que acabara de dizer.

—Cafê? —Joe ofereceu ao homem.

—Obrigado. —Ele estendeu a mão a Luna. —Delegado Scott Royal, senhora. Lamento perturbar seu desjejum.

—Delegado. —Luna apertou a mão dele e notou o olhar de censura em direção às crianças. —Sou Luna Clark.

—A nova guardiã. Eu sei, Joe já me contou. Prazer em conhecê-la, senhora Clark.

—Chame-me de Luna, por favor. —Ela indicou a mesa. —Fique à vontade, policial.

Joe entregou o café a Scott.

—Luna, lembra-se de que lhe contei que conheci alguns oficiais em Welcome County? Bem, foi Scott quem me convidou para passar um tempo aqui.

Scott tirou o chapéu e sentou-se. Luna gostou dele à primeira vista. Tinha cabelos castanhos, gentis olhos azuis e um sorriso simpático.

—Quase agarramos aquele marginal uma dúzia de vezes. —Scott contou. — mas ele sempre escapava. Eu já estava desistindo, quando Joe apareceu e nos entregou o bandido.

Austin fitou Joe, admirado.

—Você prendeu um bandido?

Scott assentiu.

—Ele prendeu um monte de bandidos. Joe é um dos melhores caçadores de recompensa da região.

—Não mais. —Joe o corrigiu. —Mudei de profissão.

—É uma pena, pois sua fama se espalhou pelo país. —Scott voltou-se a Austin. —Joe me disse que você passou a noite toda em casa.

—Passei, sim. —Ele confirmou desconfiado.

—Que bom, Austin, porque recebi algumas queixas de vandalismo, e as vítimas acusaram você.

—Não fiz nada! Joe não me deixou sair. Tentei, mas ele sempre aparecia e me levava para cama. —Austin olhou para Joe. —Não é verdade?

—Fico tranquilo em saber. —Scott disse. —Porque, se o pegasse de novo, eu precisaria levá-lo para a delegacia.

De novo? Agora entendia porque as crianças ficaram tão alarmados. Visitas da polícia local seriam uma rotina?

—O que aconteceu? —Luna indagou.

—Várias coisas. —Scott pegou o bloco de notas. —Armadilhas em jardins, janelas quebradas, cocôs de cachorro em varandas. —Ele olhou para Austin. —Traquinagens típicas de Austin.

—Não fui eu.

—Como o peguei algumas vezes em ação, Austin, não poderei acreditar em sua palavra. Esse é o problema de se meter sempre em encrencas, às vezes pode ficar difícil provar sua inocência. Mas conheço Joe e confio nele. Se ele diz que você estava na cama, acredito nele.

Austin ficou aliviado, mas Willow não se satisfaz. —Como disse, delegado Royal, eram traquinagens típicas de Austin.

—Receio que sim.

—Isso significa que alguém está tentando incriminar meu irmão.

Luna não havia pensado nessa possibilidade, mas reparou que Joe e Scott sim.

—É provável. —Scott acatou.

Joe olhou para Luna, tentando mandar uma mensagem muda, a qual ela não entendeu.

—Acho que vou instalar sensores de luz e talvez uma câmera —Joe comentou. —E, sem dúvida, trocarei as fechaduras da casa.

—Boa idéia. —Scott tomou o café. —Dessa forma, cada um ficará onde deve estar, e você poderá dormir. —Ele sorriu para Joe. —Está péssimo, colega.

Joe riu.

—Estou melhor, se quer saber. As duas últimas semanas foram difíceis.

—Talvez possamos sair uma noite dessas para conversar. —Scott sugeriu. —Mas antes terei de acalmar um bando de moradores dispostos a obrigar Austin a pagar pelos danos. Não ficarão felizes ao descobrirem que ele é inocente.

—Tenho certeza de que o verdadeiro responsável irá aparecer. —Luna disse, lamentando a fama de Austin. Scott pareceu cético quanto a isso, mas nada disse.

—Precisará ir à cidade para comprar o que precisa, Joe. Posso lhe dar o endereço de uma boa loja. São duas horas de viagem, mas valerá a pena.

—Obrigado, Scott.

—Vocês devem tomar cuidado, já que não sabemos quem foi. E, Austin, espero que entenda quão sério é o problema. Se Joe não estivesse aqui, você teria de me acompanhar agora.

Luna não sabia se Scott queria apenas assustar Austin, mas gostou da intervenção.

—Obrigada, delegado.

—Scott, por favor. Os amigos de Joe são meus amigos também. — Ele terminou o café e levantou-se.

Joe acompanhou Scott à porta. Enquanto isso, Luna cortou o bacon e jogou as fatias na frigideira, pensativa. Por fim, encostou-se no balcão e enfrentou o problema.

—Por que sempre sai no meio da noite, Austin?

—Só para andar e pensar nas coisas —ele respondeu cabisbaixo.

Luna ponderou acerca da resposta, buscando alguma referência em sua infância, quando também apreciara dar longas caminhadas para pensar. Então, quebrou três ovos para a panqueca e acrescentou leite.

—Sabe de uma coisa, Austin? Você pode me acordar para que possamos passear juntos.

Joe adentrou a cozinha.

—Ninguém vai sair desta casa à noite.

—Claro que não. Eu jamais arriscaria o bem-estar de Austin.

—Então, façam seus passeios durante o dia.

—Austin não quer passear durante o dia. —Luna rebateu, irritada com tamanho autoritarismo.

—Não. Gosto de sair à noite.

—Por quê? —Joe inquiriu o menino.

—É mais sossegado. Todo mundo está dormindo, ninguém grita comigo.

Era fascinante ver Joe Winston comover-se diante de uma criança, Luna pensou.

—Joe tem razão, Austin. Não é seguro sair durante a noite, ainda mais com essas confusões que andam ocorrendo na vizinhança. Talvez possamos caminhar ao redor da casa e conversar. E se preferir o silêncio, ficarei muda. O que me diz?

Austin fitou-a por alguns instantes.

—Sim. Pode ser.

Ainda havia suspeita no ar. Luna sabia que o menino precisaria de tempo para confiar nela.

—Ótimo. Faremos nosso passeio hoje à noite, se quiser.

—Então, você já trabalhou como caçador de recompensas? — Willow perguntou a Joe.

Sob os olhares atentos das crianças, Joe beijou o pescoço de Luna.

—Tudo ficará bem. —sussurrou no ouvido dela e virou-se à mesa.
—Larguei a profissão um ano atrás.

—Por quê?

—Por muitos motivos. O principal foi que fiquei cansado de viajar tanto. Caçadores de recompensa vão para qualquer lugar, às vezes envolvidos em muitos casos diferentes. Portanto, eu vivia na estrada.

—Rastreando suspeitos? —Austin indagou maravilhado.

—Sim. E nesse trabalho não existe hora para nada, porque podemos receber pistas a qualquer momento. Quando a pista é boa, devemos segui-la mesmo após uma ou duas horas de sono. Cheguei ao ponto em que precisava organizar minha vida pessoal. Por isso, desisti.

Luna despejou uma concha de massa na frigideira. Então, Joe queria uma vida pessoal? Ora, ela o levava àquela cidade no meio do nada e ainda o presenteara com duas crianças órfãs. Nunca se sentira tão egoísta.

—O que você faz agora? —Willow perguntou.

—Trabalhava como guarda-costas. Felizmente, finalizei um serviço antes de levar essa surra. Em seguida, sua prima bateu à minha porta e me convidou para vir conhecê-los. E aqui estou.

—Um guarda-costas usa arma? —Austin indagou.

—Usa. Mas somente para proteger a pessoa para quem trabalha. Sou bom com as mãos. —Joe gabou-se.

—Mostre-me seu músculo. —Austin pediu, e Joe obedeceu sorridente. Austin usou as duas mãos para apalpar o bíceps de Joe. — Nossa!

—Estar em forma é importante. —Joe explicou. —Porque sempre que preciso procuro usar apenas a força corporal.

—Quer dizer que não atira nas pessoas?

—Significa que não machuco as pessoas, se puder evitar. Meu último trabalho foi proteger uma jovem que iria testemunhar contra o marido.

—Por quê? O que ele fez? —Willow mostrou-se curiosa.

—O marido era um mau-caráter que a maltratava. Para levá-lo à prisão, ela teria de testemunhar no tribunal. Como ele não queria ser preso, tentou intimidá-la.

—Como? —Willow interessou-se na história.

—Ameaçando-a fisicamente, machucando-a. Certa noite, ele tentou invadir a casa dela. —Joe flexionou o braço, aumentando a expectativa das crianças. —Mas eu o agarrei.

—O que você fez? —Austin perguntou admirado. Luna também ficou curiosa.

—Eu... O detive até a polícia chegar.

—O que fez a ele? —Willow quis saber.

—Para mim, aquele homem era a escória. Ele gostava de ferir pessoas mais fracas, inclusive mulheres.

—Mas você era maior que ele, certo?

—Muito maior. —Joe empolgou-se. —Eu o algemei e o prendi em correntes de aço. O infeliz só conseguia rolar no chão e choramingar. Eu o entreguei à polícia nesse estado. Ele acabou pegando quinze anos de prisão.

—Nossa!

—Se quiserem mesmo ouvir histórias interessantes, falem com Luna. Sabem o que ela faz?

Austin e Willow menearam a cabeça.

Sorrindo, Joe levou as mãos à nuca e colocou os pés sobre uma cadeira vazia.

—Vou lhes contar o que Luna, a deusa da Lua, faz. —Ele começou, piscando para ela. —Luna sabe tudo, Luna vê tudo.

Luna não viu aquilo, ela pensou, surpreendida. Jamais imaginara que Joe pudesse se sentir tão à vontade com as crianças. Para um solteirão convicto, extraordinário caçador de recompensas e guarda-costas, ele, acima de tudo, gostava de estar na companhia de Willow e Austin.

Qualquer um afirmaria que Joe Winston apreciava aquela situação em família. Luna poderia pensar que ele adoraria bancar o marido de uma ex-assistente de paranormal e pai de duas crianças abandonadas.

Mas a realidade era muito diferente.

Emocionada, Luna escutava fragmentos das histórias que Joe contava a Willow e Austin. Ele incluiu passagens hilárias do primo Zane e da esposa cigana, Tamara, que possuía a loja.

Os dois ficaram tão curiosos que Luna, em meio às panquecas, teve de ler mãos, explicar preceitos da astrologia e alguns detalhes da paranormalidade. A despeito dos eventos matinais, o desjejum foi divertido.

Estavam quase terminando quando Austin os surpreendeu com uma simples pergunta.

—Você é igual a Jamie?

—Conhecem Jamie Creed? —Joe indagou tenso.

—Claro. Ele vem nos ver às vezes. —Willow explicou. —Patrícia gostava dele e sempre tentava obrigá-lo a ficar, como outros homens fizeram.

Luna e Joe se entreolharam preocupados.

—Mas Jamie nunca ficava por muito tempo. —Willow pareceu indecisa. —Você devia saber de uma coisa, Luna...

—De quê, querida?

—Jamie... Foi ele quem me mandou telefonar para você.

Capítulo X

Luna ficou perplexa. —Mas não o conheço.

—Jamie conhece tudo mundo. —Austin afirmou com veemência. — E tudo mundo aqui conhece Jamie. Algumas pessoas têm medo dele porque é quieto demais e não age como os outros.

—Mas a maioria gosta dele. —Willow sorriu para Joe. —Os homens têm ciúmes às vezes porque as mulheres suspiram por Jamie. Ouvi Patrícia dizer que Jamie é tão misterioso que chega a lhe dar arrepios.

—Ele é mesmo um homem interessante. —Luna comentou o mais casual possível, já que achava Jamie mais que meramente interessante.

—Ele apareceu aqui no dia que Patrícia conversava com o senhor Owen. Ela nos mandou passear no lago para que não a incomodássemos. Pegamos a canoa e estávamos à procura de tartarugas quando Jamie surgiu no pesqueiro. Ele nos disse que Patrícia logo iria embora e que eu deveria telefonar para a prima de minha mãe. Não entendi direito, mas Jamie sugeriu que eu ligasse para alguns parentes que, sem dúvida, lembrariam o nome.

Austin assentiu.

—E logo depois Patrícia nos avisou que pretendia ir embora. Disse que teríamos de morar em um orfanato porque ela não podia mais cuidar da gente.

—Disse que seria o melhor para nós porque a cidade não nos aceita. —Willow olhou para as próprias mãos. —Não foi fácil ouvir isso, principalmente porque Austin estava muito assustado.

—Não estava, não!

—Mas fiz o que Jamie pediu. Liguei para todos os parentes de minha mãe a fim de perguntar se queriam viver aqui. Ninguém quis. — Ela respirou fundo e fitou Luna. —Eles me davam o telefone de outros parentes e, finalmente, alguém mencionou você e... Você veio, como Jamie disse que aconteceria.

Luna sempre se achara uma mulher forte e orgulhosa, vivendo sob os próprios princípios. Tal qual os familiares ciganos de Tamara, considerava-se um espírito livre. Gostava de brincar e rir e não perdia tempo com coisas que não podia mudar.

Apesar de tudo isso, teve dificuldades de conter as lágrimas.

—Não tem certeza de que Jamie se referiu a mim, Willow.

—Ela tem, sim. —Austin confirmou. —Jamie sabe tudo.

—Ele disse que você viria, e aqui está você. —Willow mostrou-se filosófica demais.

Sabendo que não mudariam de idéia, Luna desviou o assunto.

—Você mencionou o fato de Patrícia trazer homens para cá.

—Ela paquerava tudo mundo. Acho que gosta de todos os homens que conhece.

—Patrícia estava sempre lambendo os homens. —Austin completou enojado. —Como Joe fez com você.

—Eu não a lambi. —Joe protestou.

Willow quase derrubou o irmão ao empurrá-lo. Ainda de olho nele, prosseguiu:

—Creio que também gostavam dela, porque eles voltavam sempre. Exceto Jamie.

—E Scott Royal. —Austin fez uma careta. —Vi Patrícia lambendo a orelha dele uma vez, mas o delegado a empurrou.

—E quanto a Quincy Owen? —Joe perguntou. —Patrícia o beijou alguma vez?

Ao escutar o nome do padrasto de Clay, Willow enrubesceu. Austin tomou a palavra.

—Ele vem muito aqui. Às vezes, aparece só para se queixar de mim ou de Willow. Nunca os vi se beijando, mas já devem ter feito algo parecido. Patrícia beija todo mundo.

—E quando Patrícia não estava molestando um homem, Dinah o fazia. —Willow contou.

—Interessante. —Joe comentou.

—Não, é nojento.

Saindo de seus devaneios, Joe fitou Austin.

—Então, Luna, que castigo devemos dar a Austin por não ter ficado na cama ontem à noite?

Austin endireitou o corpo, assustado. Willow levantou-se e se postou atrás da cadeira do irmão.

Ambos surpreendiam Luna. Havia passado por experiências tristes de abandono e ainda assim eram leais como irmãos. Sem dúvida, Chloe fizera um excelente trabalho antes de morrer.

—Acho que a visita de Scott o ajudou a ver os erros que vem cometendo. —Luna falava com Joe, mas olhava para Austin. —Se ele sair durante a noite e mais atos de vandalismo ocorrerem, será apontado como o principal suspeito, mesmo que seja inocente. Mas, Joe, você teve mais experiência com criminosos. O que acha?

Austin encarou Joe, quase desesperado. Nem Joe com toda sua força seria imune ao olhar suplicante de um menino.

—Acho que um homem de valor é aquele que cumpre sua palavra. Se Austin me disser que não vai mais fugir, eu lhe darei o benefício da dúvida. Austin?

Ele assentiu em silêncio solene.

—Austin. —Joe segurou-lhe o queixo. — nunca tenha medo de mim ou de Luna. Jamais faremos mal a você ou a Willow.

—Vocês queriam me castigar.

—Sim, mas pensei em mantê-lo no quarto por uma tarde ou obrigá-lo a limpar o jardim. O que achou que faríamos?

—Achei que me mandariam embora ou me entregariam para o delegado Royal.

Joe suspirou.

—Em primeiro lugar, Scott não quer prendê-lo. Do contrário, ele teria de procurar cocô de cachorro no assento, cada vez que fosse entrar na viatura.

Os lábios de Austin se curvaram, mas ele não riu. —Ele só captura criminosos e, como disse Luna, conheço esse tipo de gente e sei que você não pertence ao grupo.

Um tanto desconfiado, Austin fitou Joe.

—Scott gosta de você e de Willow. Quando lhe falei de Clay e das outras crianças, ele prometeu ficar de olho para que ninguém mais incomode você e sua irmã.

—Verdade?

—Claro. Scott é policial, e isso significa que ele não gosta de bandidos.

Luna abraçou Willow.

—Austin, entende que estou aqui para ficar e que me importo com vocês?

—Acho que sim.

—E bom ser cauteloso. —Joe garantiu. —Também sou muito cuidadoso. Com o tempo, confiará em Luna, como confio nela. Mas, até lá, seria melhor não darmos motivo para outra visita de Scott Royal. Concorda?

—Concordo.

—Vai me dar sua palavra de que não sairá de casa sem nossa permissão?

Finalmente, ele assentiu com firmeza.

—Vou.

—Ótimo. —Joe levantou-se. —Vou tomar um banho. Talvez possamos nadar no lago outra vez no fim da tarde. O que acha?

O rosto de Austin se iluminou.

—Posso lhe mostrar como catar moluscos no fundo do lago.

—É mesmo? Mal posso esperar.

—Pessoal, subam para se lavar e trocar de roupa. —Luna pediu. — Temos muito trabalho hoje.

Eles se retiraram sorridentes e leves, enchendo de esperança o coração de Luna.

—Está brava comigo? —Joe perguntou ao abraçá-la.

—Por quê?

—Por escutar sua conversa.

—Não devia ter feito isso, Joe.

—E se eu lhe pedir desculpas? —ele perguntou muito próximo aos lábios de Luna.

—Talvez ajude. —ela respondeu ofegante. —Se me prometer não repetir a atitude.

—Não posso. —Joe sorriu sedutor. —O único jeito de eu descobrir mais a seu respeito é escutando suas conversas particulares. —Ele beijou-lhe os lábios. —Eu nunca a magoaria de propósito, querida.

Luna sentiu a face corar. Queria rejeitá-lo, mas era impossível resistir ao toque quente e gentil.

—Querendo ou não, Joe, alguém sempre pode ficar magoado.

—Talvez —ele murmurou contra os lábios de Luna. —eu a surpreenda.

Ao lembrar como Joe lidou com Willow e Austin, ela assentiu.

—Já me surpreendeu.

—É mesmo? —Ele sorriu satisfeito. —É um excelente sinal, não é?

—Não. —Luna recuou devagar. —Você está me confundindo e não gosto disso.

—O que quer dizer?

—Dê-me algum tempo, Joe.

Luna afastou-se, na esperança de impor certa distância. Não que isso fosse ajudá-la. A despeito dos comandos da razão, ela fizera algo muito estúpido.

Apaixonara-se por Joe Winston.

Quando se viu sozinho na caminhonete, a caminho da cidade, Joe pegou o celular e ligou para a irmã.

Alyx atendeu no terceiro toque, parecendo sonolenta e mal-humorada.

—O que é?

—Que vergonha, Alyx. É quase meio-dia, e você ainda está dormindo.

—Joe? Ainda bem que ligou. Mamãe está preocupada.

—E você não? Estou magoado.

—Sei. —Alyx retrucou sem muito entusiasmo. —Como vai? Já resolveu tudo?

—Estou chegando lá. Tem papel e lápis em mãos? —Joe deu-lhe o telefone da casa somente para uma emergência. Em outras circunstâncias, ela usaria o celular.

Após anotar o número, Alyx sentiu-se acordada o bastante para perguntar:

—Sua esposa ainda está com você?

—Claro que está.

—Você não fez objeção quando ela inventou essa história de esposa. —Alyx ponderou.—Eu esperava que já estivesse cansado dela. Deve ser um recorde, não?

—Eu bateria em você, se estivesse aqui.

—Ah! Você tentaria apenas.

Joe sorriu. Eles pareciam Willow e Austin.

—Luna é diferente das outras. —ele confessou à irmã, sem saber por quê.

—Como assim? —A voz de Alyx adquiriu um tom mais alerta.

—Em primeiro lugar, ela não confia em mim.

—Mulher esperta. Já gostei dela.

—Ela também não quer se envolver comigo.

Alyx assobiou.

—Nossa! Devia casar-se com ela. Parece ser uma mulher especial.

—Não me azucrine. —Joe apertou o telefone. —Só lhe disse que ela não quer se envolver.

—Mesmo tendo sexo casual? Uma coisa não tem nada a ver com a outra. As mulheres impõem regras para o sexo casual somente quando correm o risco de se apaixonar.

—Você fala como se entendesse muito do assunto.

Ela riu.

—Tenho vinte e oito anos, Joe. Acorde.

Vinte e oito anos, linda, inteligente e teimosa. Joe sabia que a irmã tivera vários namorados, mas o instinto protetor não estava preparado para tanto.

—Não quero saber.

—Ótimo. Vamos falar de Luna. —Alyx animou-se. —Você é tão esperto, como não enxergou o que está à sua frente? Ela tomou conta de seu apartamento e expulsou as concorrentes. Sei disso porque tentou me descartar, e isso significa ciúme, por mais que ela negue. Além disso, bancou a enfermeira para você, uma tarefa difícil, já que é insuportável quando está doente ou machucado. E ainda o convidou para essa viagem. Portanto, ela confia em você, certo?

Joe aguardou alguns segundos antes de responder.

—Parabéns, Alyx. Eu a desperto de um sono profundo e você logo começa a me analisar. Impressionante.

—Sei que sou demais, meu irmão.

Joe riu.

—Muito bem, já que tem todas as respostas, como conseguirei atraí-la até mim?

—Seu tolo. Peça-a em casamento de verdade.

Por um instante, Joe quase perdeu o controle da direção.

—Meu Deus, Alyx, sabe que não quero me casar.

—Não quer casar-se com aquelas mulheres vazias e fúteis com as quais saía. Luna é diferente, você mesmo afirmou.

—Você não me entende. —Joe queixou-se.

—Entendo que ela o deixou confuso. Isso é mais que suficiente para mim.

—Vou desligar agora.

—Covarde.

—Pare, Alyx. Não sou do tipo que se casa e você sabe.

—Quem disse?

Luna. Mas Joe não admitiria tal verdade à irmã nem a si mesmo.

—Tudo mundo sabe disso. —Afinal, passara a maior parte da vida adulta afirmando a todos que não se prenderia com os laços do matrimônio.

—Obviamente, essas pessoas não o conhecem como eu o conheço. No íntimo, você é doce, e seu coração... —Quando Joe gemeu, ela se apressou, rindo. —Não desligue ainda. Mamãe quer saber o que dizer às outras moças que ligam à sua procura.

—Que outras moças?

—Deus, você deve estar péssimo, se nem sequer lembra quem são elas.

—Alyx...

Ela suspirou.

—Amélia já ligou várias vezes.

Joe imaginou que Luna a houvesse espantado de vez.

—Amélia não acredita que estou casado?

—Ela é uma sanguessuga, Joe, não uma imbecil. Além do mais, Amélia alega ter ouvido você dizer que nunca se casaria.

—Disse mesmo. —Na verdade, dizia isso a todas as mulheres. —Mas Amélia não se importou.

—Acreditou nela? E pensei que fosse esperto. —Alyx pareceu desapontada. —Aposto como ela pretendia dissuadi-lo com o tempo.

—Bem, agora ela sabe que não adianta perder tempo. —Joe sempre fora sincero com Amélia e jamais acreditara que estivesse mesmo apaixonada.

—Mamãe disse-lhe que você saiu da cidade. Ela quer saber para onde foi.

Joe ficou tenso. Não precisava de outra mulher tresloucada em seu pé.

—Não se aflija. Mamãe não disse nada. Mas Amélia alegou estar preocupada com você porque foi espancado.

—Ela estava comigo quando tudo aconteceu. —Joe contou, mas sua mente já trabalhava em alta velocidade.

—Não se preocupe. Posso cuidar dela.

A possibilidade de Alyx bancar a defensora era apavorante.

—Não se meta com ela, Alyx. Diga-lhe apenas que me casei e deixe por isso mesmo.

—Acha que se continuar repetindo que está casado, os outros acabarão acreditando? Você poderia fingir...

—Vou desligar, Alyx.

—Não, espere. Quero saber como se sente. Zane disse que foi triturado.

—Estou bem melhor, juro. —Joe percebeu que era verdade. As dores no corpo haviam diminuído muito.

—Brincadeiras à parte, estou aliviada, Joe. Não gostei de saber que foi espancado. —A voz de Alyx tornou-se mais grave. —Sinto-me revoltada de pensar que alguém teve coragem de atacá-lo tão brutalmente. Se eu puser as mãos nesse cretino, vou...

Joe escutava aquilo desde que Alyx tinha cinco anos de idade. Aos treze, ele fora incapaz de se atracar com as outras crianças porque Alyx sempre se metia no meio das brigas, sem saber se estavam brincando ou não.

Na época, preocupara-se e agora ficava ainda mais assustado. Pensar em Bruno Caldwell perto de sua irmã querida deixava-o furioso. Joe jamais permitiria tal atrocidade.

—Você pegou tudo que havia em meu apartamento? —ele indagou, interrompendo as ameaças.

—Lógico que sim. Por que acha que ainda estou na cama? Zane e eu trabalhamos até altas horas. Todos os seus pertences estão aqui em casa.

—Obrigado, querida.

—Você me deve uma. Algo mais?

—Sim. —Joe sorriu, considerando a reação dela. —Eu a amo.

Alyx ficou em silêncio.

—Tem certeza de que está bem?

—Tenho, sim.

—Certo. —Ela não pareceu convencida. —Só isso?

—Mais uma coisa.

Alyx soltou um suspiro exagerado.

—O que é?

Joe engoliu em seco.

—Não namore homens como eu, está bem?

—Eu prometo, irmão querido. —Alyx riu.—Felizmente, não há ninguém mais no mundo como você. —ela completou carinhosa.

Alyx desligou, deixando Joe com um sorriso largo nos lábios.

A conversa com a irmã havia durado o tempo de atingir os limites da cidade. Dessa vez, fazendo o caminho contrário, ele subiu e virou à direita. Estava quase no local onde vira Jamie Creed pela primeira vez.

Joe não mais pensara no homem até vê-lo encostado em um poste à beira da estrada. Jamie parecia estar à sua espera, algo que não fazia o menor sentido. Mesmo assim, Joe parou a caminhonete.

Começou a abaixar o vidro da janela, quando notou que Jamie dava a volta no carro, em direção à porta do passageiro. Ele a abriu e entrou.

A calça jeans estava tão surrada que havia rasgado na altura do joelho. Ele prendera os cabelos em um rabo-de-cavalo, tornando a barba mais proeminente.

Joe o encarou, pasmo.

Desinteressado, Jamie olhou o interior da caminhonete.

—Vou pegar uma carona com você. Preciso de alguns itens da loja de equipamentos de segurança. Fitas, baterias e uma lente nova. —Ele colocou o cinto e esperou.

—Quem disse que vou a essa loja?

—O delegado Royal.

Então Jamie não adivinhara? Joe meneou a cabeça. Não podia estar acreditando naquela bobagem.

—Por que não vai sozinho?

—Não tenho um automóvel.

—Por que não?

—Um veículo não pode subir a montanha.

—Você poderia encomendar o que necessita pela internet. —Joe sugeriu, mesmo sabendo que o eremita não devia possuir computador.

—E me privar de sua companhia? —Os olhos escuros o fitaram intensamente. —Precisamos conversar.

Joe apertou a direção.

—Sim, senhor. —Tinha alguns pontos que queria esclarecer, principalmente no que se referia a Luna.

—É um quebra-cabeça. —Jamie anunciou.

—O que é um quebra-cabeça? —Joe voltou à estrada.

—Tudo isso. —Jamie abriu um compartimento do console que Joe usava para guardar alguns objetos, como CDs e disquetes. —Você tem problemas com mulheres.

Joe fechou a tampa do compartimento.

—Não tenho mesmo. —A situação com Luna não ia bem, mas acabaria se resolvendo. De algum jeito, Joe dormiria com ela, e a experiência seria gloriosa. Precisava acreditar nisso ou ficaria louco. Se Jamie pensava em estragar...

—Não me refiro a Luna. Mas existe perigo e tudo me parece misturado. É difícil de decifrar. —Fascinado, ele começou a apertar os botões do painel. —Obscuro.

Joe respirou fundo, o que não ajudou.

—Quero que fique longe de Luna.

A ordem pareceu divertir Jamie, embora não houvesse um sorriso em seu rosto.

—Não estou competindo com você.

—Não mesmo.

—A pergunta é —ele murmurou, ignorando Joe —quem o está seguindo?

O olhar de Joe focou-se no espelho retrovisor. Não avistou nada nem ninguém na estrada deserta.

—Ninguém. —Tinha certeza de que o sedan marrom o perdera.

Jamie coçou a barba pensativo.

—As imagens estão turvas em minha mente.

—Não diga. —Mentes turvas eram sinônimo de loucura, na opinião de Joe.

—Alguém o está vigiando. Mas... —Ele meneou a cabeça. —Uma pessoa, duas, uma dúzia. Não sei. Há ângulos envolvidos, percepções difusas...

—Bruno Caldwell? —Joe perguntou, apesar do ceticismo.

—Desconheço nomes. Às vezes, é negro e sinistro em relação a você, a Luna e até as crianças. —Ele fechou os olhos, pesaroso. —Não sei. Não gosto disso.

—Quem é você, Jamie Creed?

Jamie abriu os olhos, mas não havia expressão no rosto. Ele parecia distante, alheio a Joe e ao resto.

—Não sou ninguém, não existo.

Joe perdeu a paciência.

—O que quer dizer?

A cabeça de Jamie pendeu, como se ele estivesse em transe.

—Você me obriga a me mostrar —disse com a voz sombria. — e isso é perigoso. E as crianças... Há uma trama complexa a seu redor, Joe Winston. Passei anos desaparecido, mas ajudarei no que puder.

Joe cerrou os dentes, irritado.

—Precisa acreditar. —Jamie/ergueu a cabeça e fitou Joe. —E precisa escutar.

—Ah, tudo bem. —Joe concedeu. —Vamos escutar.

Luna estava segurando a escada para Joe.

—Foi tudo o que ele disse?

—Ele disse um punhado de sandices, o que me deu vontade de esmurrá-lo. Mas... —Joe apertou o último parafuso que prendia a câmera. —Jamie pareceu-me convicto quando conversamos. Não confio nele, porém, meus instintos me dizem que há algo acontecendo. Talvez ele até esteja envolvido e me usando para se despistar.

A câmera filmava em preto-e-branco. Quando localizava algum sinal de movimento, ela acionava a fita do videocassete. Seria ligada durante a noite ou quando estivessem fora de casa.

Luna deduziu que Joe gastara uma boa soma com aquele equipamento, embora não soubesse o valor exato. Quando mencionou que queria reembolsá-lo, ele deu de ombros, dizendo que não precisava daquela quantia.

—Não. Jamie é do bem.

Joe resmungou.

—Luna sabe tudo, vê tudo?

—Não seja irritante. Também tenho instintos. Eles me dizem que Jamie é um bom homem.

—Eu diria que seus instintos estão embaralhados.

Por mais que o adorasse, Luna às vezes sentia vontade de enforcá-lo.

—Por que o odeia tanto?

—Jamie? Não o conheço suficiente para odiá-lo. O fato é que não confio nele. —Joe ajustou a imagem da câmera em frente à casa. —O homem me disse coisas tenebrosas e, a julgar pelo equipamento de ponta que comprou, a montanha dele deve ser uma fortaleza. O que ele esconde lá em cima?

—Perguntou a ele?

—Sim, e obtive comentários ainda mais obscuros. Uma ladainha a respeito das sombras que possuímos dentro de nós.

Joe desceu a escada, enquanto Luna a segurava. Ele transmitia força e segurança. Em contraste, Luna sentia-se muito feminina e frágil ao lado dele.

Seu coração se acelerou ao admirá-lo. Oh, Deus, a situação estava ficando difícil!

—Acho que Jamie tem um dom paranormal. —ela comentou para mudar seu pensamento em Joe.

—Ele tem um problema mental grave, se quer saber.

—Mas você conseguiu comprar a câmera, apesar de toda a interferência dele.

—Consegui. —Joe começou a recolher as caixas. —Uma câmera para frente e outra para os fundos, sensores de movimento, fechaduras

novas, alarmes para as portas e janelas... Como eu disse, Jamie me dá arrepios. Passar duas horas com ele na caminhonete foi uma aventura e tanto.

—Eu queria ter ido com você. —Luna suspirou.

—Você —Joe ergueu o dedo em riste —vai ficar longe dele.

—Pare com esse ciúme bobo, Joe. Ele é intrigante e nada mais.

—Ciúme bobo? É isso que pensa? Que estou com ciúme?

Willow saiu à varanda.

—É o que toda a cidade vai pensar, se continuarem gritando.

—Você e Austin também devem manter distância de Jamie Creed.

—Joe ordenou enfurecido. —O homem não é de confiança.

Willow aproximou-se de Joe e o abraçou. Ele ficou surpreso no início, mas logo correspondeu ao gesto carinhoso. Luna comoveu-se.

—Viu? —Ele dirigiu-se a Luna. —Ela agradece minha preocupação.

Willow soltou uma risada.

—Não. Estou grata pelo videocassete e pelas fitas. Austin está muito feliz.

Para Luna, era Willow quem estava nas nuvens. Os olhos da adolescente brilharam de felicidade quando Joe lhes entregara os presentes. Austin pulara de alegria, e Willow, madura demais para gestos infantis, simplesmente agradecera. Os dois irmãos instalaram o vídeo rapidamente e começaram a assistir a um dos filmes que Joe comprara.

—Foi um prazer, querida. —Joe beijou a testa de Willow. —Há uma locadora de vídeo na cidade que me parece muito boa. Mas não entrei para conhecer porque não sabia de que você e Austin gostam.

—Os filmes que você trouxe são ótimos. Austin está se preparando para uma maratona diante da tevê.

Ver Joe interagindo com Willow deixou Luna boquiaberta. Ele continuava fazendo coisas que tornavam impossíveis não amá-lo.

Quando lhe pedira para vir, estava consciente de que sexualmente ele seria uma tentação. Não havia previsto que Joe também tentaria seu coração e desencadearia tantas emoções turbulentas.

Luna tentou se recompor. Devia supervisionar as crianças e não suspirar por Joe.

—Austin poderá assistir a somente um filme por dia. Não quero vê-lo ocioso no sofá.

—Austin? Muito difícil. —Joe retrucou. —Ele se parece com minha irmã, Alyx, sempre em constante explosão. Não se preocupe. Eu o manterei ocupado.

Pelo resto do dia, Austin ajudou Joe a instalar as fechaduras novas, a cortar a grama e a retirar as ervas-daninhas. A princípio, Luna temera que Joe exagerasse, mas ele alegara que o trabalho físico fazia

bem aos músculos doloridos. Então, Willow juntou-se a ela, e o assunto tornou-se uma questão familiar.

Todos se organizaram para a limpeza da casa e, quando terminaram, tudo ficou brilhante e perfumado. As paredes precisavam desesperadamente de pintura e o teto, de reparos. Mas teriam de esperar mais um pouco.

Após um jantar trivial, Luna e Willow resolveram examinar os armários para anotar o que precisavam comprar. Enquanto as mulheres se ocupavam, Joe e Austin foram ao lago. Nadaram durante horas antes de retornarem exaustos à casa.

Luna sabia qual era a intenção de Joe. Esperava fatigar Austin para que este dormisse a noite toda. Bem, a estratégia funcionou para Joe. Às dez horas, ele praticamente dormia em pé e Austin, embora cansado, encontrava uma desculpa após a outra para permanecer acordado.

Apesar de Joe garantir que estava bem, Luna insistiu para que fosse se deitar.

—Posso ver que está melhor, Joe. Mas suas costelas ainda não estão totalmente recuperadas e prefiro que descanse.

Como as crianças estivessem no andar superior, Joe prensou Luna na pia da cozinha.

—Dormirei melhor, se ficar comigo esta noite.

O tom de voz sussurrado quase a fez render-se. Sabia que não conseguiria resistir para sempre, conhecia as próprias limitações. Dizer não a Joe não soaria espontâneo e tornava-se mais e mais difícil a cada hora. Portanto, era preferível render-se, estabelecendo as próprias condições. Assim, estaria no controle.

Decidir entregar-se a Joe Winston e dizer-lhe isso eram atitudes completamente diferentes. Ela respirou fundo e acariciou o peito musculoso.

—As crianças ficarão na escola por três horas a partir de segunda-feira.

Joe ficou paralisado. Os olhos azuis a fitaram, cheios de expectativa.

—Está dizendo o que imagino que esteja dizendo?

—Não fique chocado. É o que sempre quis, não?

—Entre outras coisas.

O que significava aquela resposta? Joe não lhe deu tempo para perguntas.

—Você me quer?

Luna assentiu.

—Sempre o quis, Joe. Você sabe disso.

—Fez um bom trabalho escondendo o desejo.

—Acha que conseguirá aguentar até segunda-feira?

—Oh, eu aguento. —Joe sorriu com total sensualidade. —Mesmo que eu morra, vou esperar. Segunda-feira? —Ele beijou-lhe o pescoço. —Mais três dias. Setenta e duas horas. Minutos infinitos que não tenho disposição para contar...

—Joe.

—Beije-me para me consolar, Luna.

O comando preciso foi tão eficiente quanto uma carícia física.

—Sim.

O beijo se iniciou com total doçura, uma tímida promessa... Até que Joe começou a devorá-la com a boca. Ele a apertou entre os braços, gemendo. A respiração ficou ainda mais ofegante quando as mãos afoitas começaram a acariciar os quadris.

Luna tentou tomar fôlego, mas Joe voltou a beijá-la com ardor, quase a enlouquecendo.

—Estou a sua espera desde sempre, Luna. —ele murmurou, entre gemidos.

—Só três meses. —ela o corrigiu, sôfrega.

—Parece uma eternidade. —Joe beijou-a novamente, voraz e famélico.

Ávidos de paixão, os corpos se roçavam e Luna sentiu-se tremer.

—Deus, como é difícil. —Ele a soltou com esforço. —Quero tocar todo seu corpo, mas sei que quando começar, Austin vai aparecer.

—Quer me tocar onde? —Luna o provocou, sensual. Joe fechou os olhos como se sofresse e murmurou palavras ininteligíveis.

—Eu adoraria sentir tudo isso, Joe. —Luna sussurrou.

—Ah! —Ele a abraçou. —Não pode dizer coisas desse tipo para mim, querida.

—Foi você quem começou.

—Por sua causa. —Joe riu, sugou o lóbulo delicado e sussurrou: —E quer que eu vá dormir agora? Ficarei acordado a noite toda.

—Também não será fácil para mim.

Joe inclinou-se para beijá-la, quando ambos escutaram passos na escada.

—Viu? Crianças têm radares. Acho melhor me esconder em meu quarto, já que minha condição não é adequada para audiência. —Ele tocou o queixo de Luna. —Não o deixe dominá-la. Se precisar que eu interfira, avise-me.

Como Luna, ele parecia entender que os passeios noturnos de Austin eram algo maior que apenas traquinagens. Com o coração cheio de amor, Luna beijou-lhe os lábios.

—Vou me sair bem. Pode ir dormir.

Ao escutar os passos de Austin se aproximando, Joe começou a se afastar.

—Prometa que irá me chamar, se precisar.

—Ficaremos bem.

Ele parou à porta.

—Prometa-me, Luna. Do contrário, não vou dormir.

Austin entrou na cozinha, viu que os dois estavam separados e respirou aliviado.

—Estou com fome de novo.

Luna riu.

—Prometo, Joe. Boa noite.

Ele se despediu dos dois e fechou a porta.

Uma hora depois, Joe ainda estava acordado quando escutou Luna e Austin fazerem outro passeio pela cozinha. Era a quarta vez.

O coração de Joe pareceu não caber no peito. Tudo dentro dele confundia-se e atrapalhava-se por causa de Luna. Nenhuma outra mulher o afetara dessa maneira, e não sabia se gostava da experiência. Para completar a confusão, jamais bancara o guardião de duas crianças necessitadas.

Levantou-se, encostou o ouvido na porta, esperou que Luna e Austin se retirassem da cozinha e saiu do quarto. Pôde ouvir Luna dizer:

—Todo mundo tem pesadelos, Austin. Mesmo quando estamos acordados, as imagens podem nos assustar. Não acha?

—Acho. Às vezes, as imagens parecem verdadeiras.

—Como o sonho que sempre tem com Willow?

Joe esgueirou-se para escutar melhor, sem o menor peso na consciência. A maioria das luzes estava apagada; somente a luminosidade da varanda atravessava as janelas. Austin segurava a mão de Luna, e ambos caminhavam pelo perímetro da sala de jantar.

—Sim. —Austin respondeu. —Sonho que não posso encontrá-la e, de repente, um estranho aparece e me diz que Willow se foi como minha mãe e...

A voz de menino falhou. Joe sentiu a dor do garoto reverberar em sua alma.

Austin tentou conter o choro. Luna esperou. Por fim, ele disse com a voz fraca:

—Odeio esse sonho.

—Eu também odiaria, em seu lugar.

—Sinto muita saudade de minha mãe. —Austin esfregou os olhos.

—Não quero perder Willow.

Luna parou no pé da escada e sentou-se no primeiro degrau.

—Austin, preciso de um abraço agora mesmo. Tudo bem para você?

Austin hesitou por um instante e jogou-se nos braços de Luna, surpreendendo Joe. Afetuosa, ela o apertou contra si.

Joe escutou um soluço, mas não sabia se era de Luna ou de Austin.

—Mamãe me abraçava assim. —Austin admitiu. —Ela gostava de abraços.

Quando os olhos de Joe ficaram marejados, ele recuou alguns passos antes que o ouvissem. Então, tentou acalmar as batidas aceleradas do coração, respirando fundo.

As emoções o dominavam. Primeiro, Willow o abraçara naquela tarde, depois, Luna admitira que o queria e agora a confissão de Austin. Como um ex-policia! rude deveria lidar com tudo isso?

—Sei que não sou sua mãe. —Joe escutou Luna dizer. — mas eu adoro abraços como esse.

—Você vai ficar? —Austin indagou inseguro.

—Nem uma manada de búfalos selvagens me tiraria daqui.

—Joe também? —Antes de Luna responder, Austin completou: — Quero que ele fique.

Joe cerrou os dentes e engoliu o choro. Não se emocionava assim desde... Esqueceu-se de quando fora a última vez. Devia ter sido antes de terminar o segundo grau.

—Não posso falar por Joe, querido, mas sei que ele gosta muito de você. Mesmo que ele vá embora, virá visitá-lo sempre. Prometo.

Sem dúvida, Joe pensou.

—Ele gosta do lago?

—Sim, gosta. Mas gosta muito mais de Willow e de você.

De súbito, Austin bocejou.

—Estou com sono. Acho que vou dormir.

O degrau de madeira rangeu quando ambos se levantaram.

—Eu o colocarei na cama, se não se importar.

—Porque as meninas gostam de fazer isso, certo?

—Certo. E se tiver outro sonho ruim, vá me acordar. Combinado?

—Combinado.

Assim que os dois subiram, Joe postou-se ao pé da escada. Precisava tomar algumas decisões, e quanto mais cedo, melhor.

Uma coisa era certa, não sairia daquela casa tão cedo. Como dissera Luna, nem uma manada de búfalos o arrastaria dali. Esperaria um tempo para contar a Luna que mudara os planos. Sabia que ela contestaria. Austin queria que Joe ficasse, talvez Willow também quisesse. Eventualmente, conseguiria convencer Luna.

Jamais considerara a possibilidade de formar uma família, mas agora... Queria tentar de verdade. Queria fazer diferença na vida deles.

A decisão tirou um peso de seu coração. Joe daria o melhor de si para que tudo desse certo.

Capítulo XI

O encontro entre Luna e Austin significou uma reviravolta para todos eles. Nos dias que se seguiram, trabalharam, brincaram e conversaram juntos. As visitas do delegado Royal pararam de acontecer, e as crianças começaram a relaxar. Willow continuava reservada, mas a introspecção fazia parte de sua personalidade.

Certa vez, quando Joe se atracara com Austin no chão, ela sentou-se do lado, riu e brincou com eles sem se envolver. Luna, entretanto, juntou-se aos dois. No instante em que Joe vacilou, ela e Austin o atacaram.

Ele contava os dias e os minutos, ávido para estar a sós com ela na segunda-feira, quando finalmente aliviaria seu sofrimento. Mas Joe não esperava passivo. Usava todas as oportunidades para se certificar de que Luna estava pronta.

Se a via sozinha, beijava-lhe o pescoço, a orelha, acariciava os seios, afagava os quadris que ele tanto apreciara desde o primeiro encontro. E ela não se queixava.

Na verdade, deixava-o louco perceber que Luna aceitava as carícias e se deleitava. Joe considerava tais momentos como uma longa preliminar que o levaria ao limite. Luna, sem misericórdia, provocava-o de propósito.

Sempre que se encontravam no mesmo espaço, ela o fitava com os olhos dourados, desafiando-o a se aproximar. Desfilava com roupas mais sensuais: saias curtas, expondo as pernas esguias, camisetas justas que modelavam os seios fartos e os sapatos. Embora estivessem no campo, Luna não aderira a tênis e botas. Usava salto alto e sandálias graciosas que ninguém mais possuía em Visita.

Mais e mais, Joe tinha de apelar para mergulhos no lago a fim de recuperar o autocontrole.

Também utilizava os dias para planejar a reabertura do lago. Como Luna havia sugerido, dados imprescindíveis achavam-se no computador de Willow. Só restava agora o alvará de funcionamento. Se tudo

ocorresse como ele planejava, o lago estaria funcionando em menos de quatro semanas, tempo suficiente para tirar proveito dos dias de verão.

As crianças haviam aprovado os planos de Joe e ajudavam no que podiam. Pelo que se lembravam, o lago sempre estivera aberto ao público para uma variedade incrível de eventos. Depois que a mãe deles falecera, o espaço recreativo fora fechado e sentiam falta daquela familiaridade.

Discussões a respeito do lago sempre originavam conversas sobre Chloe. Às vezes, riam de histórias pitorescas, outras partilhavam lágrimas. Mas Willow e Austin gostavam de falar da mãe, por isso Luna e Joe sempre os ouviam.

Sábado à noite, Joe estava sentado à mesa da cozinha, revisando alguns detalhes enquanto Luna e Austin faziam o passeio noturno ao redor da casa. Podia escutar os sons das vozes, misturados aos passos sobre o piso de madeira. Aqueles passeios haviam se tornado rotina e as conversas, mais leves. Aliás, ambos criavam jogos de uma hora para a outra.

Em um minuto estavam falando e, no outro, apostando uma corrida.

Por duas vezes, iniciaram uma guerra de travesseiros quando Luna tentou colocar Austin na cama.

Joe receava que a necessidade de Austin de conversar antes de dormir se tornasse um vício. No entanto, Luna apreciava tais momentos mais que o menino. Talvez também precisasse de atenção tanto quanto Austin.

Luna agora parecia ter a família com a qual sonhara. E Joe, sem dúvida, queria fazer parte dela.

Luna adoraria conhecer Alyx. Sua irmã podia ser irritante, mas era um aspecto que ela tinha em comum com Luna.

Quando notou que Luna e Austin haviam subido, Joe levantou-se e caminhou pela casa, pois criara o hábito de verificar todas as trancas antes de dormir.

Satisfeito com a segurança, afastou-se da porta e... Escutou um barulho no quintal.

Em estado de alerta, Joe puxou a cortina da janela para verificar a área. Uma sombra se movia perto dos carros. Podia ser qualquer coisa, um animal, o movimento de um galho...

Mas o instinto de Joe dizia o contrário.

—Filho da mãe. —Murmurou furioso. Só haveria um motivo para alguém se esgueirar no meio da noite: aprontar alguma maldade.

Embora estivesse descalço e sem camisa, Joe certificou-se de que a faca achava-se no bolso. Era a única arma de que necessitava e, assim como dissera a Austin, também sabia usar as mãos.

Silencioso, ele destrancou a porta.

—O que está havendo? —Luna apareceu no alto da escada.

—Joe? —Austin murmurou apavorado.

Droga, ele queria cuidar disso sem que Luna notasse. —Fique aqui dentro, Luna.—Joe encarou-a com firmeza. —É sério.

—Claro que ficarei aqui dentro. —Ela desceu a escada.

—Qual é o problema? O que vai fazer?

Sem tempo a perder com respostas, Joe abriu a porta o suficiente para passar e embrenhou-se na escuridão. Respirando devagar e com os músculos tensos, aproximou-se dos carros e esperou.

Após um momento, perdeu a paciência. Reparou então em uma sombra que não pertencia à paisagem do quintal. Ela se movia, ganhava forma até Joe divisar um homem agachado ao lado da caminhonete. A luz do luar iluminou os cabelos loiros e as roupas pretas.

A ira invadiu Joe. Lembrava-se bem do homem que os vigiara quando se preparavam para partir. Pelo jeito, ele os seguira tal qual Jamie Creed dissera.

Com incrível agilidade, Joe desceu da varanda e disparou a correr. O joelho queixou-se, enviando agulhadas através da coxa e do quadril, mas tratava-se de um ferimento antigo e familiar com o qual aprendera a conviver graças a Bruno Caldwell. Se aquele fosse um de seus capangas, seria preciso mais que uma dor física para impedir Joe de trucidá-lo.

Ao som dos passos de Joe, o homem levantou-se. Com um grito de medo, ele contornou a caminhonete e precipitou-se para a mata adjacente à propriedade. As árvores e os arbustos barravam o acesso à estrada principal.

Sabendo que o canalha devia ter um carro à sua espera, Joe aumentou a velocidade, determinado a pegá-lo. Com aguda concentração, suas longas pernas o aproximavam cada vez mais do intruso. A sola dos pés descalços registrava pedras e outros fragmentos no terreno.

Atingiram a mata, repleta de esconderijos e folhagens. O solo estava coberto de raízes, galhos quebrados e espinhos. Joe praguejou e esticou um dos braços, quase alcançando o homem. Em um impulso final, agarrou a camisa preta.

Emitindo um grito, o intruso virou-se e começou a socar e chutar. Um dos punhos esmurrou o queixo de Joe e um dos pés atingiu as costelas luxadas.

Ele persistiu.

Em meio à briga, os dois tombaram em uma cama de galhos pontiagudos. Joe caiu sobre o intruso. O homem protegia o rosto com

os braços, enquanto chutava e se debatia. Joe ergueu o punho para esmurrar o nariz do canalha.

No último segundo, ele virou o rosto e o soco atingiu a têmpora. Gemendo, o idiota soltou os braços. Joe aproveitou o ensejo para acertar um murro certo que o deixaria inconsciente.

De repente, escutou Willow gritar.

Havia pavor na voz da jovem. Joe teria calculado mal? Seriam dois homens? Levantou-se, trazendo o intruso pelo colarinho. Assustado, virou-se em direção à casa e divisou fogo perto de sua caminhonete.

Em um instante de distração, o homem fugiu mata adentro. Joe tentou alcançá-lo novamente, mas tropeçou em um tronco caído no chão. O joelho falseou, causando uma dor quase insuportável quando ele caiu.

A frustração acrescentou mais lenha à fúria. Levantou-se no mesmo momento, mas o intruso já havia desaparecido no matagal. Embora escutasse os passos do homem, Joe não conseguia enxergar nada. Hesitou, sabendo que não pegaria o canalha sem uma lanterna e sapatos. Ficou doente com a idéia de deixá-lo escapar. Outra vez.

Então, Luna apareceu com aquela camiseta branca que usava para dormir.

—Joe? —Ela apalpou o rosto e o tórax, frenética. —Você está bem? Joe, responda.

—Estou bem. —Ele a abraçou e avistou o fogo. Irritado, Joe começou a mancar em direção à casa. Luna forçou-o a apoiar-se nela.

—Você não está bem! Como pôde sair sem uma arma...

—Eu precisava de sapatos, não de uma arma. Minha faca é o suficiente. Não costumo sair por aí cortando pessoas que não conheço.

—Escute, Joe. Estou aqui para cuidar das crianças e sei que elas vêm primeiro. É fato.

Graças a Deus. Preocupada com as crianças, Luna não atrapalharia Joe.

—Contudo, não suporto ficar para trás, enquanto você se coloca em perigo. Eu esperei o homem fugir para sair, mas no futuro...

—No futuro, fará a mesma coisa. —Através de uma das janelas, Joe viu os rostos pálidos de Willow e Austin. Alguém os assustara covardemente. Joe não toleraria mais isso.

—Liguei para Scott Royal. —Luna informou. —O que você deveria ter feito antes de bancar o valente sem nenhum senso de...

—As esposas podem ser insuportáveis. —Joe mantinha a atenção no fogo. Era pequeno, mas capaz de fazer um belo estrago na caminhonete.

Ao aproximar-se da lata que continha o fogo, ele a chutou para longe. Se não houvesse escutado um barulho, seu carro estaria agora em chamas?

—Vou pegar um cobertor velho antes que o fogo se espalhe. —Luna apressou-se.

Willow destrancou a porta da frente para Luna entrar.

—Há uma mangueira na lateral da casa, Joe. Quer que eu vá buscá-la?

—Não, querida. O fogo é causado por gasolina. A água poderá espalhá-lo.

Os pés de Joe ardiam. O joelho latejava. Havia arranhões pelo peito e braços, e a raiva causava acidez em seu estômago. No entanto, não pretendia reagir a nada disso enquanto as crianças o estivessem observando.

Luna voltou com cobertores, e Joe apagou o fogo. Quando restava apenas fumaça, ele ligou a caminhonete e estacionou-a perto da casa, sob a luz da varanda. Foi ao sair do carro que viu a mensagem arranhada na pintura.

“Leve a vagabunda embora antes que alguém se machuque.”

Joe sentiu um toque suave no braço e virou-se para ver Willow lendo a mensagem.

—Refere-se a mim.

—Você não tem certeza. —Luna argumentou. —Talvez se refira a mim.

—Você?

—Imagino que Dinah tenha contado a muita gente que eu a despedi. —Luna segurava a mão de Austin, e os três pareciam chocados com a mensagem grosseira.

—Escutem bem. —Joe postou-se diante deles e três pares de olhos o fitaram com expectativa e medo. —Estão sob minha proteção. —Não queria parecer tão dramático, mas a situação exigia medidas drásticas. —Vocês agora são meus. Ninguém irá machucá-los e ninguém irá nos afugentar daqui. Juro que encontrarei esse filho da mãe. E quando o fizer, ele pagará muito caro por isso.

Os olhos de Luna suavizaram-se com uma expressão amorosa.

—Está certo, Joe. —ela acatou, dócil demais. Willow assentiu e ensaiou um sorriso trêmulo.

—Está bem. —concordou tal qual Luna.

Austin agarrou-se à perna de Joe. Comovido, ele sentiu as emoções aflorarem. Nem sequer sabia que possuía sentimentos profundos até que as crianças e Luna os trouxessem dos recônditos da alma.

Joe afagou os cabelos do menino.

—Austin?

—Tudo bem. —Austin o fitou admirado. —Gosto ver você sendo desrespeitoso.

O comentário os fez rir.

Sob o luar, com o cheiro de fumaça ainda no ar, eles permaneceram ali. Um caçador de recompensas aposentado, uma assistente de paranormal e duas crianças órfãs agora formavam uma família única e singular. Apesar da rapidez dos eventos, Joe aceitava aquela nova realidade. Precisava deles e não permitiria que ninguém os ferisse.

Enfim, havia se transformado em um homem que apreciava o casamento. Agora a parte mais difícil seria convencer Luna.

Segundos depois, sirenes e luzes invadiram a noite. Joe observou Scott estacionar a viatura no quintal. Quando o policial os viu com roupas de dormir, ele desligou a sirene.

Não parecia nada feliz.

Admirado, ele abaixou o binóculo de visão noturna que lhe permitira assistir a todo o drama. Fora um prazer observar Winston em ação. Ele possuía uma combinação de velocidade, agilidade e força, não havia como não admirá-lo.

Novamente utilizando o binóculo especial, ele localizou o invasor que saía da mata e precipitava-se a um veículo parado no acostamento da estrada. O homem corria feito um peru apavorado. Winston o teria massacrado, caso o sujeito não houvesse escapado. Que pena. Sentia-se tão entediado que qualquer forma de diversão seria interessante.

Não que detestasse Visita, na verdade acabara se afeiçoando à cidade. À noite, o céu era tão estralado que chegava a emocionar. E ele que sempre se considerara um homem sem emoções... Quando tudo isso terminasse, poderia comprar um pedaço de terra e construir uma casa. Visita seria o local perfeito para sossegar ou, ao menos, passar algumas temporadas quando estivesse estressado.

Sorriu, imaginando se Winston gostaria de tê-lo como vizinho.

Mas primeiro tinha um trabalho a fazer. Poderia até ajudar Winston com certas dicas.

Aquela distância, não conseguia distinguir os números da placa. O binóculo não era tão eficiente, mas pôde ver que se tratava de uma picape antiga e vermelha. O que Winston faria com essa informação? Talvez, no momento certo, ele a fornecesse só para ver o resultado.

Sim, faria isso.

Quando chegasse a hora certa.

Luna sentiu-se ridícula segunda-feira pela manhã. Ficaria a sós com Joe naquele dia, motivo suficiente para fazê-la tremer de expectativa. Amá-lo e desejá-lo originavam sensações intensas.

Também estava nervosa porque Joe passara a agir de forma diferente. Notara mudanças sutis, como o jeito que a olhava ou a tocava. Cada beijo ou carícia ainda revelavam possessividade, mas existia uma ternura nova. Tudo a empolgava e a confundia ao mesmo tempo.

Outras mudanças eram menos sutis.

Desde a noite do fogo deliberado e do estrago na caminhonete, Joe mostrava-se mais ameaçador que nunca. Parecia maior e mais imponente.

A fita do sistema de segurança nada revelara além do topo da cabeça de um homem e as roupas pretas. Não houvera uma só imagem do rosto. O intruso se mantivera nas sombras, impedindo que a câmera filmasse qualquer característica.

Scott Royal ainda analisava a lata de gasolina, sem grandes esperanças já que o objeto era velho e enferrujado demais para encontrar impressões digitais. Além do fato de o intruso ser loiro e gritar como uma moça, segundo Joe, não tinham nenhuma outra pista.

Luna supôs que Joe quisesse cancelar o passeio à cidade no dia seguinte. Mas ele recusara-se a estragar o divertimento das crianças. Luna os levava às compras em seu carro, e Joe os seguira na caminhonete, sempre atento a tudo e a todos.

A vigilância de Joe nunca fora tão ostensiva. As pessoas o olhavam espantadas e mantinham distância. Luna não as recriminara. Mesmo na segurança relativa do Shopping Center, Joe observava cada passante com olhar de suspeita. Sua expressão era tão implacável que somente Willow e Austin pareceram imunes a ela.

A ida às compras tornara-se uma odisséia de prazer a Willow, e uma tortura chinesa para Austin e Joe.

Em menos de meia hora, Joe escolhera uma cama maior para acomodar seu corpanzil. Austin queixara-se e fingira mancar para livrar-se da empreitada, para a diversão de Joe. Dissuadi-lo a provar roupas fora impossível, portanto, Luna escolhera algumas peças que podiam servir e poupou-lhe maiores torturas.

As reclamações de Austin os tinham irritado tanto que Luna pensara que Joe também começaria a se queixar. Mas a animação de Willow fora tamanha que ele, sem objeções, havia segurado as sacolas que a jovem lhe entregava e a incentivara a comprar mais. Que homem maravilhoso!

Graças a paciência de Joe, as crianças agora usavam roupas e sapatos novos para o primeiro dia de aula. Luna observava Joe, enquanto este dirigia e lhe dava pouca atenção.

Ela não gostava de se ignorada. De propósito, usava um vestido novo que lhe moldava o corpo. Sentia-se sensual naquela roupa, mas Joe apenas a olhava rapidamente sem tecer comentário algum.

As crianças estavam no banco traseiro do carro de Luna, dominados pela ansiedade do primeiro dia.

—Vocês têm o celular de Joe, certo? —Luna indagou, também ansiosa.

Como ela fizera aquela pergunta centenas de vezes, os dois torceram o nariz e responderam em coro:

—Sim.

—Estou bancando a chata, não estou?

—Não está, não. —Joe afirmou, de olho na rua e nos arredores.

Austin deu de ombros, mas Willow sorriu.

—Mamãe era pior. Ela se estressava com tudo.

—Então estão acostumados. —Luna comentou.

—Estamos e ficaremos bem, Luna. Julie não deixará que nada aconteça.

Austin ergueu o queixo.

—Se alguém tentar alguma coisa, eu...

—Você vai me telefonar. —Joe interveio. —Entendeu?

O tom de voz não permitia protestos. Austin encolheu-se no banco e resmungou.

—Falo sério, Austin.

—Está bem. Vou ligar para você. —o menino acatou. Quando Joe parou diante da escola, Julie Rose os esperava à porta, sorridente. Luna aproximava-se da professora para cumprimentá-la quando Austin apontou o outro lado da rua.

—Clay está ali!

A reação de Willow foi imediata. Corou de alegria e, no mesmo instante, franziu o cenho.

—Não olhe para ele, Austin. —Willow agarrou o braço do irmão e o puxou.

Ambos cumprimentaram a professora e entraram na escola.

Julie meneou a cabeça.

—Relaxe, senhor Winston. Vou tomar conta das crianças. Prometo. Joe indicou Clay.

—Ele também está matriculado no curso de verão?

—Não. Clay e os amigos sempre vivem vagando pela cidade. Eu pessoalmente acho que deviam trabalhar. Soube que adoravam passar o dia todo no lago antes de Patrícia fechá-lo.

—Estamos pensando em reabri-lo. —Luna contou-lhe. —Joe está verificando todas as possibilidades e ainda temos de ir à prefeitura para obter o alvará.

—Precisarão falar com Quincy Owen também. —Julie avisou. —Ele controla o prefeito e, pelo que Patrícia me contou, o homem forçou-a a fechar o lago.

—Por quê? —Joe ficou intrigado.

—Não faço idéia, mas de acordo com Patrícia dava muito trabalho. Claro que não entramos no mérito da questão. Nossas discussões giravam em torno da escolaridade das crianças.

—Já que estamos aqui —Joe esfregou as mãos. — talvez eu fale com ele agora mesmo.

A idéia de prolongar a ida à cidade ofendeu Luna. Afinal, tinham planejado passar as horas seguintes juntos, quando voltassem para casa.

Sabia que Joe ainda a desejava, tinha total segurança de que o sentimento não havia mudado. Mas desde o fogo, ele andava distraído, quieto e tenso. A fúria dentro de si parecia prestes a emergir. Embora uma confrontação fosse iminente, Joe continuava gentil e paciente com Willow e Austin.

Luna combinou com Julie o horário de buscar as crianças e atravessou a rua com Joe, onde Clay estava, encostado em seu jipe.

O jovem endireitou o corpo quando Joe aproximou-se.

—Bom dia, Clay. —Luna apressou-se em cumprimentar. A saudação jovial o fez relaxar um pouco, mas Clay não tirava os olhos de Joe.

—É bom vê-lo outra vez. —ela disse.

—Bom dia, senhora Clark.

Joe colocou as mãos sobre os ombros de Luna e, gentilmente, puxou-a de lado.

—Tivemos um imprevisto ontem à noite.

—Eu soube. —Clay retrucou, defensivo e desafiador. —Ainda bem que ninguém se feriu.

—Sabe de algo mais?

—Só o que a cidade está comentando.

Luna beliscou o ventre de Joe e sorriu amorosa para Clay.

—Estamos querendo discutir certos assuntos com seu padrasto, Clay. Onde podemos encontrá-lo?

—Normalmente ele fica em seu escritório no Shopping Center. Mas hoje está em casa de cama.

—Está doente?

—Ele estava fechado no quarto quando eu saí. —Clay deu de ombros.

—Vou concluir que você não veio até aqui para ver Willow. —Joe anunciou.

Silêncio.

Luna fez menção de beliscá-lo de novo, mas ele foi mais rápido e a segurou.

—Se, por acaso, veio ver Willow. —Joe continuou. — espero que seja educado e que seus amigos também a tratem com respeito.

Luna relaxou porque, afinal, queria o mesmo. Desde que Joe não ordenasse o afastamento de Clay, Luna sabia que Willow podia lidar com o rapaz sozinha. Era uma jovem inteligente.

Clay respirou fundo e encarou Joe com coragem.

—Eu pretendia me desculpar.

—É mesmo? —Joe espantou-se.

—É. —Clay olhou para Luna e corou. —Posso passar na casa do lago para ver Willow?

—Somente Willow poderá responder, Clay. —No íntimo, Luna queria gritar de alegria. Tinha o pressentimento de que Willow faria Clay esforçar-se pelo perdão. —Se ela concordar, não farei objeções.

—Ela é muito menina para namorar.

A declaração de Joe pareceu desconexa naquele momento.

—Ela tem quase quinze anos. —Luna alegou, contendo a raiva. Então, fitou Clay. —Vamos viver um dia de cada vez.

—Obrigado. —Clay assentiu aliviado.

Antes que Joe reprimisse mais o garoto, Luna despediu-se e o arrastou ao carro. Quando entraram no veículo, ela o socou no ombro.

—Por que me deu esse soco? —Joe indagou confuso.

—Sei que está preocupado, Joe. E eu o trouxe até aqui para que bancasse o guarda-costas em situações como essa.

Joe ligou o carro e saiu.

—Sim, por isso você me trouxe.

O modo como ele disse isso a deteve.

—Joe, eu realmente aprecio seu... Entusiasmo.

—Meu entusiasmo?

—Você se mostra sombrio, atento e ameaçador. Está tão tenso que poderia explodir a qualquer momento.

—Exato. —Ele concordou.

—Que bom. Quero que use sua experiência para garantir a segurança das crianças. Mas pensei... —Luna hesitou. Como confessar que o queria cego de desejo?

Joe sorriu.

—Estou tenso, Luna.

—Eu sei. —Ela suspirou, percebendo quão tola era. As crianças eram prioridade. —O que aconteceu ontem à noite foi...

—Estou tenso —Joe a interrompeu —porque eu a quero tanto que nem sequer consigo respirar direito.

Luna o encarou.

—Achou que a tensão vinha da raiva? Não, querida. O melhor jeito de lidar com isso é manter-se alerta. —Joe acariciou a coxa de Luna sob a barra do vestido. —Mas não sei o que fazer com o que sinto por você. Depois que passarmos uma hora ou duas embaixo dos lençóis, poderei me concentrar nos eventos que ameaçam o bem-estar das crianças. E, acredite, vou resolver esse mistério. Prometo.

A mão de Joe deslizou entre as coxas, roçando-lhe a calcinha.

—Mas primeiro temos assuntos mais urgentes a tratar. —ele sussurrou com a voz rouca.

—Temos, sim. —murmurou sôfrega. —Joe? Pise no acelerador.

Capítulo XII

Eles fizeram o trajeto de volta à casa em tempo recorde. Tão logo Joe parou o carro, Luna desceu e correu para dentro. Ver que estava tão apressada deixou-o ainda mais ansioso.

Chegou à porta segundos depois dela. Trancou-a e puxou Luna com força exagerada. Ela não se queixou. Na verdade, envolveu-o em um abraço forte e sensual.

—Luna. —Joe murmurou quando ela o fitou para beijá-lo. Desde o momento em que a conheceu, fora atormentado pela constante necessidade sexual. Detestava perder o controle, mas com Luna não havia escolha.

Beijou-a com fome e a prensou contra a parede, acariciando-lhe um dos seios. O vestido e o sutiã não impuseram barreiras e, quando sentiu o mamilo túrgido, quase enlouqueceu.

Interrompendo o beijo para tomar ar, Luna inclinou-se para trás e gemeu.

—Estou sentindo seus mamilos, Luna. —Joe sussurrou ávido. —Você gosta disso? —Enquanto a beijava no colo, ele acariciava os seios com certa agressividade.

—Joe. —Luna agarrou os cabelos negros.

—Você escolheu este vestido só para me provocar, não?

Ela meneou a cabeça.

—Não sei.

Assim que Joe ergueu a barra do vestido, as coxas esguias enlaçaram sua cintura. Gostaria que Luna já estivesse nua para que pudesse senti-la. Segurando-a pelos quadris, apertou-a contra si, movendo-a em um ritmo tentador.

Quando Luna soltou um gemido profundo, Joe cobriu-lhe a boca, abafando o som.

—Você vestiu roupas demais, mulher. —murmurou ainda beijando-a.

—Você também.

De repente, Joe abaixou-se e a carregou nos braços.

—Suas costelas!

—Que costelas? —Ele começou a subir a escada.

—Aonde vamos?

—A sua cama é maior.

Enquanto Joe percorria os degraus, ela sussurrou:

—Que romântico.

Ele chutou a porta para abri-la e praticamente jogou Luna na cama. No mesmo instante, ela se sentou e observou Joe tirar a camisa e os sapatos.

O olhar percorreu os arranhões que ele ganhara na noite em que perseguiu o intruso pela mata. Luna parecia triste e consternada, mas Joe não a queria distraída. Inclinando-se sobre ela, imediatamente começou a lhe tirar o vestido.

Ofegante e sentindo os músculos trêmulos, ele fitou a calcinha de renda, tão pequena que mal cobria o sexo de Luna. Oh, Deus. Viu-se tão atraído por aquela tentação que destruiria o último traço de delicadeza que lhe restava.

Com um gemido, Joe beijou-lhe o ventre e mordiscou o quadril.

—Luna. —Podia sentir o perfume feminino. Jogou o vestido no chão e acomodou-se entre as pernas.

—Joe, espere. —ela protestou.

—Não me faça parar agora, Luna, por favor.

—Claro que não. Mas...

O corpo de Luna arqueou quando Joe beijou-lhe a região pubiana. Inspirou fundo, absorvendo a essência erótica e instigando sua necessidade, mas não foi o bastante. Então se ergueu e tirou a calcinha de renda para admirá-la por inteiro.

Fascinado, permitiu-se uma apreciação lenta e torturante. Luna calçava sandálias sensuais. Joe não as tirou e começou a lamber a pele alva. Então, fitando-a intensamente, passou a acariciá-la.

Os olhos de Luna tornaram-se pesados e vagos. Joe mal conseguia respirar.

Luna fechou os olhos e entreabriu a boca. Os músculos da coxa enrijeceram e o peito expandia-se a cada respiração profunda. Joe assistia às mudanças, encantado.

Gentilmente, ele a fez sentar-se. Assustada, Luna o encarou quando Joe segurou-a pela cintura antes de começar a desabotoar o sutiã. Assim que abriu o colchete, livrou-se do adereço feminino.

Os mamilos eram de tom suave e clamavam por Joe. Ele gemeu e, ainda a segurando, ergueu-a para levar os seios à altura de sua boca.

Luna gritou e agarrou os ombros largos. Joe estava de joelhos entre as pernas esguias e ela, naturalmente, o abraçou com as coxas à procura de equilíbrio. Sustentando-a com um braço, Joe usou a outra mão para acariciar as nádegas, enquanto atijava os mamilos com a língua.

—Joe...

—Diga-me o que quer, querida.

—Pare de me atijar.

—Não a estou atijando. —Mas sabia que estava. Queria aumentar o prazer e a antecipação dela.

—Oh, Joe... —Havia um tom de frustração na voz. Luna apertou-o contra si antes de implorar: —Faça-me gritar.

O comando incendiou o sangue de Joe. Devagar, ele a deitou na cama. Então, continuou a acariciar os seios, enquanto Luna movia-se e emitia sons suplicantes.

Percorrendo as curvas do corpo, Joe beijou a cintura, o umbigo, a maciez do ventre. Dessa vez, as pernas se movimentaram sem seu comando. Ele segurou as coxas para mantê-la imóvel, enquanto a admirava.

Controlando a necessidade de devorá-la, Joe a sugou lentamente. Ela gritou e ergueu os quadris, buscando mais. Joe, então, atendeu-lhe o pedido.

A reação foi imediata. Luna experimentou um orgasmo, selvagem e quente. Espasmos a fizeram tremer e ela ofegou, tomada totalmente pelo prazer. Joe continuou a excitá-la até ouvi-la gritar e tentar se libertar.

Em um instante, ele se deitou sobre Luna e a beijou apesar do protesto frágil. Então, acariciou os mamilos ainda sensíveis.

—Oh, Deus. —Luna gemeu.

—Não vou aguentar nem mais um minuto, querida. Mas prometo recompensá-la.

Com os olhos pesados e lábios inchados, ela sorriu.

—Como quiser.

A aceitação incrementou a urgência. Joe havia esperado meses para estar com ela e agora seu autocontrole se esvaía. Tirou a calça

jeans em tempo recorde. Antes de jogá-la no chão, tirou o celular e o colocou na mesa-de-cabeceira. Então, pegou um preservativo.

Luna o fitou, desejosa.

—Quero olhar para você, Joe.

O pedido sensual quase o fez chegar ao clímax sem penetrá-la.

—Agora não, querida. —Joe segurou o rosto delicado e a beijou.— Preciso estar dentro de você, Luna, neste instante.

Ela abraçou os quadris de Joe com as pernas e sorriu.

—Quando você quiser.

Joe continuou a fitá-la, enquanto acariciava o sexo feminino. Luna ainda estava excitada. Com a respiração apressada, ele a penetrou devagar e Luna fechou os olhos.

—Abra os olhos, querida. —Joe pediu. —Quero vê-la.

Ela respirou fundo e ergueu as pálpebras.

—Isso mesmo. Tem idéia de quão deliciosa é? —Joe movimentava-se de forma a provocar ambos, sem penetrá-la profundamente ainda.

Luna tentou erguer-se, mas ele a segurou pelos punhos.

—Pensei tantas vezes nesse momento... Como seria, como você estaria... Quis transar com você dois minutos depois de conhecê-la.

—Eu... Também. —Luna balbuciou.

A admissão seguinte destruiu-lhe a disciplina.

—Isso é mais que uma transa.

Joe queria que ela soubesse, entendesse, que o relacionamento não mais se resumia à atração física. Para enfatizar sua fala, ele intensificou os movimentos.

Luna gemeu de prazer e aceitação.

—Joe...

—Quieta. Quero tudo, Luna. —Joe ergueu os quadris para aumentar a penetração.

As pupilas de Luna se dilataram e sua respiração tornou-se mais sôfrega. Joe regozijava-se com o modo como Luna acompanhava os movimentos e gemia para incentivá-lo.

Ele se afastou e penetrou-a novamente com tanta força que a cama tremeu e os seios sacudiram. Luna gritou e cravou as unhas na pele musculosa de Joe. Uma sensação de prazer absoluto o invadiu. A nova posição tornara a penetração ainda mais profunda.

Luna gemeu outra vez e, para a satisfação de Joe, começou a atingir o clímax. Foi o suficiente. Foi demais. Joe mergulhou o rosto no pescoço suave e, quando ela gritou, ambos chegaram juntos ao orgasmo.

Segundos se passaram e o silêncio do quarto foi rompido apenas pela respiração ofegante. Joe deitou-se ao lado dela, ainda com as

pernas entrelaçadas às dela. O odor rico do sexo permeava o ar, ambos estavam molhados de suor.

Com esforço, Joe sentou-se e tirou o preservativo, embrulhando-o nos lenços de papel que Luna mantinha na cabeceira da cama. Virou-se para fitá-la. Os olhos estavam fechados, os cabelos em desalinho, e o corpo ainda pulsante.

O que sentia por aquela mulher não podia ser medido ou descrito em palavras. Era tão plenamente linda para ele... O corpo, o espírito, o coração.

—Está pronta?

Luna abriu os olhos.

—Pronta?

—Acha que terminei?

—Eu... —Luna ficou chocada. Joe deitou-se sobre ela.

—Ainda não terminei. Você me ignorou por tanto tempo que talvez eu precise de uma semana para me acalmar e possuí-la somente uma ou duas vezes por dia. Como não precisaremos nos preocupar com as crianças por algumas horas e tenho muitos preservativos, acho que o clima está favorável para nós.

—Dito dessa maneira... Por que não?

Durante o resto da semana, eles criaram uma rotina muito conveniente para Luna. De manhã, levavam as crianças à escola e depois voltavam para casa para fazer amor. A cada encontro, Joe tornava-se mais feroz e íntimo, era insaciável e irrecusável. Excitava-a de várias maneiras e sempre a fazia gritar de prazer. O corpo másculo e o toque sensual transformaram-se em vício para Luna. Quanto mais tempo ele ficava, mais o amava, e mais o queria para sempre com ela.

Sabia ser impossível. Um dia Joe voltaria para sua família e suas mulheres. Mas o perigo ainda o espreitava já que Bruno Caldwell estava solto. Sendo assim, Joe não mostrava sinais de querer partir.

Passavam os finais de tarde trabalhando na casa e agora o quintal parecia bem melhor. O jantar era definitivamente uma reunião familiar com muita conversa, piadas e as inevitáveis brigas entre Willow e Austin. Depois, brincavam ou assistiam a um filme até a hora de as crianças se deitarem.

Então, Joe e Luna sentavam-se na quietude da cozinha para discutir a reabertura do lago, calcular custos e criar estratégias. Ele até já havia feito o pedido do alvará de funcionamento.

Juntos, também examinavam um orçamento para restaurar o exterior da casa. Luna sempre fora responsável somente por si mesma e agradecia a ajuda de Joe. Sua dedicação era impressionante.

Cada vez que alguém saía, ele insistia em acompanhar. Apesar de nada ter acontecido, Joe alegava que seus instintos lhe diziam para

ficar atento. Tudo caminhava tão bem e Luna confiava tanto nele, que não mais criava caso devido ao excesso de proteção.

Aliás, ela o compreendia muito bem já que havia desenvolvido o instinto maternal em relação a Austin, Willow e... Joe. Mas não deixava transparecer. Ele não toleraria tal cuidado, era arrogante demais e achava que a própria habilidade os protegeria de qualquer perigo.

E agora todos estavam sob a responsabilidade dele. Luna não quisera lhe entregar esse fardo. Cada vez que olhava os arranhões que Joe ganhara naquela noite fatídica, lembrava-se do pânico que sentira ao vê-lo embrenhar-se na escuridão para enfrentar um vândalo. Mas a atitude de Joe havia impressionado as crianças e reforçado o fato de que eram amados.

Os passeios noturnos de Austin tinham diminuído. Ele seguia Joe a todos os lugares e agia como um menino de nove anos, brincando muito e divertindo-se.

Willow encontrava mais motivos para sorrir, especialmente quando Clay aparecia, o que ocorria com certa frequência. Apesar de tudo que lhe acontecera, Willow mostrava um auto-respeito significativo e não perdoaria Clay tão facilmente. Luna tinha orgulho dela e a amava mais a cada dia.

Começava a relaxar no papel de guardiã quando, na quarta-feira de manhã, enquanto se preparavam para ir à escola, Austin notou pela janela uma mensagem deixada no abrigo à beira do lago. Todos se reuniram para ler o odioso comentário.

A tinta vermelha na parede do abrigo não combinava com a calmaria do lago, e a natureza exuberante não amenizou a mensagem: *“Lixo se joga fora.”*

—Por quê? —Willow perguntou aos prantos. —Por que não nos deixam em paz?

Alarmada com a reação da jovem, Luna a abraçou. Ao ver as lágrimas da irmã, Austin se irritou.

—Vou esfregar a cara dele na lama.

—Dele quem? —Willow rebateu, agarrada à Luna. —Não sabemos quem é.

Sério, Joe ainda olhava pela janela.

—Sei que se trata de um covarde. Alguém que não vale suas lágrimas nem a raiva de Austin.

—Joe tem razão. —Luna reforçou. —Só um completo covarde deixa mensagens como essas. Ele quer magoar vocês e está conseguindo. Não o deixem vencer, vocês são muito melhores que esse idiota.

—Não somos, não. —Willow ainda chorava. —Todos sabem que somos bastardos, que nunca tivemos um pai, que mamãe nunca se casou.

—Cale a boca, Willow! —Austin gritou.

—É verdade. —ela rebateu no mesmo tom. —Por isso, querem nos expulsar daqui, por isso eles nos odeiam. Nosso próprio pai não nos quis.

Joe pegou Austin e o sentou em uma cadeira.

—Chega.

—Agora preste atenção, Willow. —Luna ordenou com a voz firme. —As pessoas não são julgadas pelos pais que tiveram ou deixaram de ter. E isso é uma bênção porque meus pais nunca deram a mínima importância para mim.

Joe encarou-a com tanta intensidade que Luna sentiu-se arrepiar. Além do profundo contato físico, haviam adquirido uma intimidade emocional. Ela não previra isso. Imaginara que ao se satisfazer com ela, Joe simplesmente se afastaria.

A verdade era o oposto. Mostrava-se cada vez mais envolvido. Contudo, Luna receava partilhar seu passado com ele. Como Willow, não queria ser julgada. Queria que todos a vissem como uma mulher valente, e não como a criança que sofrera decepções.

—Eles não foram bons pais, Willow, e isso significa que não formamos uma família. Com a idade de Austin, eu já me sentia um ser solitário no mundo. Mas Chloe, sua mãe, foi muito melhor que vários casais jamais serão. Ela os amou e construiu uma família sem um marido ou o pai de vocês. Se alguém os julgar por Chloe, saberão quão maravilhosos vocês são.

Willow fitou o irmão e limpou uma lágrima.

—Ela nos amou muito.

—Eu sei. E isso torna você e Austin especiais.

Willow encarou Luna por um longo tempo.

—Ela fazia muitas coisas que você faz. Conversava conosco, gostava de nos abraçar quando menos esperávamos.

—É verdade. —Austin concordou. —Patrícia nunca fez nada disso. Mas não me importo porque nunca gostei dela.

Luna sabia que iria chorar e virou-se para o fogão.

—Azar de Patrícia. —disse.—E do pai de vocês também, porque está perdendo a chance de conhecer duas pessoas especiais.

—Talvez ele tenha outros filhos. Como seu pai, Luna.

—Acha mesmo? —Austin perguntou. —Acha que ele nunca irá nos conhecer?

—Não sei, querido. —Luna sentiu o peito se apertar. —Você gostaria de conhecê-lo?

—Não. —Willow respondeu, de pronto. —Ele não ficou com minha mãe, por isso não quero saber dele.

—Eu também não. —Austin retrucou.

Sabendo que mentiam devido à dor, Luna virou e os abraçou.

—Talvez um dia mudem de idéia. Enquanto isso, cada vez que alguém os julgar porque Chloe não se casou, saibam que essa pessoa não merece a consideração de vocês.

Joe acariciou os cabelos de Luna e sorriu.

—Vou encontrar o homem que está nos perturbando, querida. — Joe garantiu a Willow. —Mas não deixe que traquinagens idiotas a afetem. Quero que você e Austin mantenham a cabeça erguida e mostrem a todos que são maiores que essas mensagens. Entenderam?

—Sim. —Austin assentiu sério.

—Entendi. —Willow suspirou. —Mas eu gostaria que tudo isso acabasse.

—Vai acabar. —Joe afirmou. —Tem minha palavra.

Se não acabasse, Luna pensou, talvez considerasse a idéia de tirar as crianças da região. Ao fitar Joe, percebeu que ele pensava o mesmo. Adoravam a casa, mas o importante era a estabilidade e a segurança de Willow e Austin.

—Preciso terminar o desjejum.

—Vou ligar para Scott e depois descerei para limpar a parede do abrigo.

—Quero ajudá-lo. —Austin se ofereceu.

Minutos depois, Willow observou Joe e Austin caminharem até o lago. Em seguida, voltou-se a Luna com um sorriso determinado.

—Vou ajudá-la com o café da manhã.

Eram *realmente duas crianças especiais*, Luna pensou consigo. Não se sentia solitária porque tinha Willow e Austin. Por quanto tempo mais Joe faria parte daquela família tão singular?

A resposta não importava no momento. Por enquanto, desde que ele estivesse a seu lado, Luna aceitaria o que ele lhe oferecia.

Capítulo XIII

Não foi fácil investigar os arredores do abrigo com Austin dançando e falando o tempo todo. Joe conhecera muitas crianças, mas jamais percebera a força natural que possuíam. Eram seres complexos e instigavam os adultos devido às diferentes facetas da personalidade delas.

Não levou muito tempo para concluir que Austin lançava mão de várias máscaras quando se sentia ameaçado. A valentia mascarava seus

maiores medos: perder Willow e ser abandonado. Era briguento quando irritado, barulhento quando inseguro e sempre despejava perguntas a respeito de tudo e de todos.

Tratava-se de um menino orgulhoso, que se recusava a admitir as inseguranças.

Willow reagia às preocupações de maneira oposta. Dizia o que pensava e sentia e, quando estava triste, nada falava e fechava-se tal qual uma ostra.

Durante dois anos, carregara o peso do mundo em seus ombros e conseguira estabelecer prioridades e cumpri-las. As circunstâncias a obrigaram a desenvolver uma maturidade em geral adquirida por pessoas cinco ou seis anos mais velhas que ela. No entanto, Willow ainda possuía a vulnerabilidade de adolescente.

Ficara arrasada naquela manhã e compadecera o coração de Joe. Como alguém tinha coragem de magoar aquela jovem delicada estava além de sua compreensão. Tal qual Austin, Willow agora era especial para ele e ambos haviam se tornado sua família.

Pensou nos comentários que Luna fizera na cozinha e sentiu-se péssimo. Tivera tanta pressa em levá-la à cama que nem sequer considerara perguntar-lhe sobre sua vida pessoal.

Se não era próxima à família, onde Luna passava os feriados de fim de ano? Sozinha?

Joe podia apostar que ninguém jamais lhe oferecera uma festa de aniversário... Ora, ele nem sequer sabia quando Luna havia nascido. Mas descobriria. De cem maneiras diferentes, iria recompensá-la. Luna entendia a responsabilidade de uma família, agora Joe queria lhe mostrar quão divertida uma família poderia ser.

Enquanto removia a tinta da parede do abrigo, ele inspecionou a área cuidadosamente. Havia pegadas no solo úmido, revelando o tamanho dos pés de um adulto. Não se tratava de tênis ou botas, mas sim de sapatos sociais.

As pegadas estavam frescas e não eram de Joe.

A pessoa que havia escrito aquelas palavras sem dúvida invadira a propriedade pela mesma mata onde Joe se arranhara após o último incidente. Sendo assim, uma câmera na estrada seria uma boa idéia, pensou decidido.

Uma viagem à loja de equipamentos de segurança seria a segunda tarefa do dia. Luna vinha primeiro. Queria fazer amor com ela e continuar sua campanha para conquistá-la. Ela ainda não havia compreendido, mas agora pertencia a Joe e com ele ficaria. Em breve, Luna perceberia tudo ao notar que ele não mais partiria.

Willow caminhava do lado de fora da escola, mas não estava à procura de Clay. A senhora Rose lhe havia sugerido uma pausa, enquanto ela e Austin estudavam insetos.

Desde o primeiro dia de aula, vira Clay vagar diante do prédio. Willow o ignorara de propósito. Ele nunca vinha com os amigos, estava sempre sozinho. Esperando por ela?

Ao sair do prédio, olhou ao redor e logo o avistou encostado na cerca do parquinho, como se não soubesse que ela apareceria. Willow o odiava, mas ficou muito feliz ao vê-lo.

Assim que Clay a avistou, Willow empinou o nariz e virou-se, desejando magoá-lo como ele a magoara.

—Willow! —Clay pulou a cerca e correu até ela.

—Vá embora, Clay. Não quero falar com você.

A persistência a surpreendia e, secretamente, alegrava-a.

—Então, deixe-me falar.

—Também não quero ouvi-lo.

—Willow, por favor. Você não atende meus telefonemas, não me deixa visitá-la. —Clay ficou vermelho, mas prosseguiu. —Eu... Quero lhe pedir desculpas.

Willow ficou chocada, mas conseguiu esconder a emoção.

—Pelo quê? —perguntou, cruzando os braços.

—Por tudo. Por... Ter sido grosseiro e ter dito coisas horríveis a você.

O coração de Willow disparou.

—Por que fez tudo isso?

—Não sei. —Clay fitou-a confuso. Então, deu mais um passo à frente. —Você saiu com aquele cara e...

—E ele inventou um monte de mentiras a meu respeito. —Willow avançou dois passos. Se Clay a ofendesse, ela daria um soco em seu nariz. —E acreditou nele, não acreditou? Odeio você.

—Não odeia, não. —Ele chegou bem perto e baixou a cabeça. —Desculpe-me, Willow.

—Certo. Aceito suas desculpas.

Ela detestava chorar. Lágrimas nada resolviam e, sem dúvida, não trariam sua mãe de volta. Acordava todas as manhãs com a esperança de poder enfrentar o dia até o fim. Odiara Patrícia, mas tivera medo de dizer. Dinah sempre ameaçara mandar ela e Austin para um orfanato, caso não se comportassem. Patrícia não abusara deles, simplesmente na maior parte do tempo os ignorara. E Willow havia considerado tal situação muito melhor que as anteriores.

Mas nunca existira amor, por isso, sentia-se oca por dentro.

E Clay... Ele acrescentara mais sofrimento à situação sem Willow entender por quê. As lágrimas alcançaram seus olhos, obrigando-a a se afastar.

—Willow. —Ele segurou-lhe o braço.

Clay também parecia prestes a chorar, mas Willow nem se importou.

—Solte-me.

—Não. —Muito gentilmente, ele a fez voltar. —Agi como um idiota, Willow, e não a culpo por não querer falar comigo. Fiquei louco de ciúme porque gostava tanto de você...

—Imagino como seria caso me odiasse. —ela retrucou irônica.

—Eu jamais a odiaria. —Clay acariciou os cabelos longos. —Podemos recomeçar, Willow?

—Porquê?

—Por que o quê?

—Por que está sendo tão gentil? —perguntou desconfiada.

—Tive a impressão de que aquele grandalhão em sua casa nunca me deixaria chegar perto de você, se eu não me desculpasse.

—Joe? Está sendo gentil por causa de Joe?

—Não! Fiquei furioso quando ele me mandou passear e cheguei a pensar em maneiras de ver você sem que Joe descobrisse. E me perguntei por que queria vê-la tanto a ponto de correr o risco de ele me pegar. —Clay abaixou a voz. —Ele sabe intimidar.

—É verdade, mas é muito bom para mim e Austin. Não sei como Joe se sente a seu respeito —Willow o provocou.

Clay engoliu em seco.

—Desde que sua mãe morreu, as pessoas têm dito coisas horríveis sobre você e Austin. Tudo mudou e odeio essas mudanças. Acho que... Descontei minha raiva em você.

—Muito bom, Clay. Obrigada.

—Desculpe mesmo, Willow. —Ele juntou as mãos. —Por favor, dê-me outra chance.

—Outra chance para quê?

—Poderíamos ser amigos... Se for isso que você deseja.

Ele falava como se quisesse muito mais, mas Willow não estava disposta a lhe perdoar tão rapidamente. Contudo, queria e precisava de um amigo.

—Muito bem. —aceitou ainda desconfiada. —Mas terá de ser gentil com Austin também.

Ele sorriu, causando arrepios em Willow. Clay era tão lindo.

—Consegue mantê-lo longe de mim?

—Se for gentil, Austin irá se comportar. Como Joe, acho que ele não gosta muito de você.

—Vou conquistar Austin.

—E seus amigos?

—Não quero saber deles. Se forem rudes com você, eu os mandarei passear.

A felicidade começou a brotar dentro de Willow.

—E quanto a seu padrasto?

De repente, Clay pareceu ter mais que dezesseis anos.

—Lamento ele nunca ter gostado de você. Ele leva muito a sério seus deveres para com a cidade e acha que você e Austin são más influências por não terem tido um pai. Mas não me importo com o que ele pensa.

—Ele pode ficar bravo se souber que somos... Amigos.

—Ele não precisa saber. Mas, se descobrir, não me importo. —Clay aproximou-se mais. —Somos amigos há muito tempo, Willow. Você é tudo que importa.

Clay tentou beijá-la, mas Willow virou o rosto e o beijo roçou-lhe a face. Foi o suficiente para fazê-la corar. Queria mesmo experimentar o beijo de Clay, mas antes tinha de saber se ele estava sendo sincero.

—Preciso entrar.

—Certo. —Ele respirou fundo. —Se eu telefonar mais tarde, vai conversar comigo?

—Claro. —Willow virou-se para voltar à escola, tentando em vão conter o sorriso. Tudo parecia diferente agora.

Então, de súbito, notou alguns arranhões nos braços de Clay. Sentiu um arrepio gélido e empalideceu.

—Willow? —Clay a amparou. —O que foi?

—Seus braços. —Ela recuou desconfiada.

—Meus braços?

—Como conseguiu esses arranhões, Clay?

—Nada de especial. Quincy apareceu em casa com um gatinho que está tendo dificuldades de se ambientar. Ele é rebelde... O bichano se parece com Austin, na verdade. —Clay brincou, deixando Willow ainda mais incrédula.

—Um gatinho? —Quincy Owen não era do tipo que gostava de animais. —Quer que eu acredite que seu padrasto levou um gato para casa?

—Por que eu mentiria? Venha até minha casa e veja. Nós o alojamos na garagem. Vou levá-lo ao veterinário amanhã para vaciná-lo.

Willow não queria mostrar-se tão vulnerável, mas não teve escolha.

—Não minta para mim, Clay.

—Não estou mentindo. —Ele acariciou-lhe o rosto. —Juro, Willow.

—Tudo bem. —*Deveria contar a Joe?*, perguntou-se angustiada. —Eu... Tenho de ir agora.

—Espere. Por que me perguntou...

Willow não o deixou terminar. Correu até a escola e entrou. Acreditava em Clay, mas... E se ele estivesse mentindo? Os arranhões pareciam tão feios quanto os de Joe. E se Clay fosse o responsável pelas maldades que vinham fazendo a ela? Afinal, o padrasto a odiava, a cidade queria expulsá-la.

Trêmula, Willow apoiou-se na parede. Precisava contar a Joe. Se Clay fosse o culpado, ela queria saber.

Talvez fosse inocente. Talvez uma pequena parte de sua vida pudesse voltar ao normal.

Exausta e repleta de amor, Luna acomodou-se ao lado de Joe. Ele era delicioso, as mãos, os lábios, o corpo inteiro. Estremeceu de prazer e beijou-lhe o peito.

—Posso saber por quê?

—O quê?

—O tremor.

—Eu pensava em quão talentoso você é.

—Na cama?

Ela assentiu.

—Ainda bem que notou. E, se quer saber, ficarei melhor com a idade.

O comentário a fez rir e causou-lhe certa melancolia. Não veria Joe envelhecer, até lá ele já teria partido para dividir sua magia com outras mulheres, o sem-vergonha.

—Tenho certeza disso. Posso imaginá-lo de bengala e beliscando o traseiro das mulheres.

—Bem, seu corpo é único, querida. Não preciso de outro.

Luna virou-se para encará-lo. Por acaso ele insinuara que envelheceriam juntos?

Joe abriu os olhos, revelando pura intenção sexual.

—Venha aqui. —A voz rouca a incitou.

—Não, espere. —Após mencionar a possibilidade de um futuro juntos, ele não podia agir como se nada dissesse. —O que você...

—Pensei que estivesse cansada de dizer não. —Joe riu e, puxando-a para si, sugou o mamilo. —Podemos conversar mais tarde.

—Mas, Joe... —Luna fechou os olhos e suspirou de prazer.

—Adoro seu sabor, querida. —Ele a segurou pela cintura e sentou-a sobre si mesmo. —Fique aqui para que eu possa acariciar esse quadril maravilhoso.

Durante dias, ele a presenteara com tanto prazer que Luna não tivera a chance de retribuir. Mas agora se deparava com a oportunidade certa para deleitar-se com o corpo maravilhoso de Joe.

—Quieto. —ela pediu, percorrendo a anatomia masculina com os olhos. —Fique deitado e aproveite o momento. Os olhos azuis cintilaram.

—O que vai fazer? —Joe perguntou em tom sensual.

—Nada que já não tenha feito a mim.

Ele gemeu.

—Que Deus me ajude.

Poderosa e controladora, Luna riu.

—Um homem grande e forte como você conseguirá aguentar?

Joe verificou o relógio.

—Temos duas horas até buscarmos as crianças na escola. Preciso de apenas uma para me recuperar, certo?

Ele tinha um senso de humor tão contagiante que era impossível não rir.

—Certo. —Luna sentou-se ao lado da perna musculosa. —Por onde começar? —Usando o dedo, ela traçou o pênis. —Aqui?

—Oh, sim.

—Vire-se —ela ordenou.

—Virar-me? —Joe fitou-a duvidoso.

—Você parece tão inseguro quanto Austin.

Joe resmungou e deitou-se de bruços.

—Nunca me sinto inseguro na cama. —Ele tentou parecer relaxado, mas a tensão era evidente. —Ande logo, mulher.

—Já lhe disse que, por algum motivo insano, gosto de ouvi-lo me chamar de mulher?

—É mesmo?

—Sim. —Luna deslizou os dedos sobre a linha da coluna. Os músculos bem definidos a excitavam. —Também gosto de seu corpo. Claro que essa tatuagem ridícula...

—Mandarei retirá-la.

—Pensei que temesse a dor. —Acariciou o desenho sobre o bumbum firme e estremeceu. —Não me incomoda.

Joe deitou-se novamente de costas.

—Mas a mim começa a incomodar.

—Por quê?

—Quer conversar ou ir direto ao assunto?

Sorrindo, Luna tocou o pênis quase enrijecido.

—Você está animado.

—Você está nua, querida. O que esperava?

—É isso que queria? —ela murmurou.

—É, sim.

Sem avisá-lo, Luna inclinou-se e o acariciou com os lábios. Joe gemeu de prazer. Ela incrementou a carícia e foi presenteada com outro

gemido de deleite. Quando se afastou um pouco, ele ergueu o quadril para segui-la.

—Relaxe, Joe.

Com as mãos atrás da cabeça, ele resmungou. Satisfeita diante tanto esforço para se conter, Luna o recompensou.

—Parece estar sofrendo, Joe.

—Sim, é tão gostoso que nem sequer consigo suportar.

—Perfeito. —Luna prosseguiu, aumentando os movimentos devagar.

Entre gemidos de encorajamento, Joe começou a tremer. Após alguns minutos, ficou tão rígido que podia quebrar.

—Não estou aguentando, querida. Luna?

Ela adorou o tom desesperado com o qual a chamou.

Praguejando, Joe tentou puxá-la, mas Luna deixou claro que não desistiria de seu intento. Por fim, rendendo-se, Joe chegou ao clímax.

Luna esperou que ele retomasse o ritmo normal da respiração para deitar-se a seu lado. Joe a abraçou e permaneceu imóvel.

—Joe?

—Sim?

Eu o amo. Não, Luna não faria isso com ele, deixando-o constrangido até o dia de partir. Resignada, engoliu a emoção e beijou-lhe o peito.

—Obrigada por tudo que fez e tem feito.

—Não precisa agradecer.

Ele ainda parecia sôfrego.

—As crianças o adoram.

Joe abraçou-a com mais vontade.

—Também gosto muito deles. São engraçados, inteligentes e lindos.

—Ele meneou a cabeça e beijou a testa de Luna. —Para um espírito livre, você desenvolveu o melhor instinto maternal que poderia existir. Eles gostam de mim e confiam muito em você. Em pouco tempo, mostrou-lhes que um abraço pode fazer toda a diferença.

—Poderíamos progredir ainda mais, se não fossem essas agressões idiotas. Quando imagino que tudo acabou, algo acontece.

—Não entendo por que alguém quer maltratar aqueles dois. E pensar que o pai os abandonou...

Joe sentou e encarou Luna.

—O que foi?

—Tem alguma idéia de quem possa ser o pai deles?

—Não. —Luna percebeu que a mente de Joe trabalhava em alta velocidade. —Ninguém sabe de nada. Pelo que entendi, ele nunca fez parte da vida dos filhos.

—Quero verificar uma coisa. —Joe levantou-se e saiu do quarto.

Curiosa, Luna foi atrás.

Joe entrou na cozinha e pegou a pilha de papéis sobre o microondas. Eram registros do lago e dos negócios que Chloe administrava antes de morrer. Ele folheou os papéis até encontrar os originais.

—Muito bem. —Joe esticou o braços para ler melhor, já que estava sem os óculos.

—O que é, Joe?

—Sabia que sua prima obteve o lago e a propriedade quatorze anos atrás?

Se havia algo significativo na informação, Luna não percebeu.

—E daí?

—Foi quando Willow nasceu. Como uma mulher solteira e grávida poderia ter comprado tudo isso? Mesmo que na época a área não tivesse muito valor, ainda assim deve ter custado uma boa quantia. Por que uma mulher com um bebê recém-nascido viveria sozinha em uma casa gigantesca como essa?

—Não sei onde quer chegar, Joe.

—Acho que o pai de Willow deu a propriedade a Chloe. Acho que o filho da mãe sabia que ela estava grávida e a comprou com a casa.

—Por quê? Muitos homens engravidam mulheres e não se casam com elas. Estamos em uma nova era. Há mães solteiras em todos os lugares. E Austin? Joe, ele nasceu cinco anos depois e ambos são muito parecidos.

—Também parecidos com Chloe?

—Sim. Austin e Willow se assemelham à mãe, e ele parece a versão masculina de Chloe com aqueles olhos castanhos. De fato, não é uma combinação comum. Em geral, uma pessoa tão loira tende a ter olhos azuis ou verdes.

—É verdade. Os dois possuem uma aparência exótica.

—Mas pais diferentes teriam certa influência na aparência? E se tiverem o mesmo pai, por que o homem abandonou Chloe e voltou para engravidá-la outra vez?

—Não sei, Luna. Talvez fosse casado e receasse que a pensão alimentícia pudesse delatá-lo. Ele devia usufruir da companhia de Chloe e ainda mantinha a relação em segredo. Seria mais fácil esconder a compra de uma casa a encobrir pagamentos mensais.

—Talvez Chloe o amasse demais e não tivesse coragem de rejeitá-lo.

—Pode ser. Vou descobrir onde Chloe trabalhou. Isso pode nos dar uma pista de...

Uma batida à porta ecoou na cozinha, assustando a ambos. Joe praguejou. Luna escondeu-se atrás dele.

Uma mulher desconhecida estava em pé diante da porta. Ela olhou pela vidraça ao redor do batente e, com um grito de horror, Luna precipitou-se ao quarto de Joe, seguida por ele.

Ambos se olharam, ofegantes.

—Covarde —ele comentou, rindo.

—Não vejo graça, Joe. Quem é ela?

—Como vou saber? —Ele abriu a porta e notou que a desconhecida ainda espiava a cozinha. —Acho que ela me viu.

—Vista uma calça —Luna sugeriu. —Enquanto você atende a porta, eu subo para me vestir.

—Como quiser, querida. —Joe pegou uma calça na cômoda e vestiu-a. —Não se sinta tão culpada. Somos adultos e podemos nos divertir sempre que quisermos.

—Ela nos viu. Tenho certeza, Joe.

—E daí? —Joe questionou. —Ela não devia espiar a casa dos outros dessa maneira. —Depois de beijá-la, ele levou a mão à maçaneta. —Pronta?

—Pronta.

Joe abriu a porta e, bloqueando a visão com o próprio corpo, permitiu que Luna escapasse. Ela correu até a escada, escutando a risada divertida de Joe.

Enquanto se vestia, pensava mais em como Chloe conseguira a propriedade do que na visita repentina. Devia ser uma vizinha ou alguém se queixando de Austin. Luna não deixaria que ninguém o ofendesse já que era testemunha do comportamento exemplar do garoto.

Ao retornar à cozinha, usando um vestido solto e sandálias, ela teve um choque.

Joe estava no balcão, sem camisa e descalço, preparando um café. Ele fitou Luna e anunciou, sério:

—Esta é a senhora Grady... Do Conselho Tutelar.

Vendo que Luna não conseguia falar, a mulher se levantou. Ela parecia bem-humorada, dadas as circunstâncias.

—Tentei a porta da frente, mas ninguém atendeu, —ela se explicou. —Por isso, tomei a liberdade de verificar os fundos da casa, achando que talvez os encontraria no quintal.

—Entendo. Nós... —Luna engoliu em seco. Estiveram tão envolvidos no ato amoroso que nada os teria interrompido. Mas não podia contar isso à senhora Grady.

A mulher assentiu, sorrindo, como se compreendesse o que Luna não conseguia verbalizar.

—O Conselho Tutelar costuma fazer visitas inesperadas para verificar a situação familiar. —Ela riu e fitou Joe. —Pelo jeito, eu cheguei em hora realmente inesperada.

Capítulo XIV

Joe serviu café à senhora Grady e sentou-se. —As crianças não estão em casa.

—Não? —À senhora Grady provou o café. —Delicioso. E onde poderiam estar?

—Estão na escola, fazendo um curso de verão para reforço escolar. —Luna explicou. —Julie Rose, a professora, disse-me que são excelentes alunos, mas encontram-se um pouco atrasados em relação aos colegas. Por isso, concordamos em...

Odiando vê-la tão nervosa, Joe interrompeu a explicação.

—Iremos buscar as crianças em meia hora.

—Nesse caso, não vou me demorar. —Os olhos castanhos examinaram Luna e depois, Joe. Ela sorriu e comentou, parecendo mais séria. —Recebemos uma ligação anônima acusando os senhores de um comportamento ilícito que poderia prejudicar o bem-estar moral das crianças.

Um tanto constrangido, Joe desviou o olhar e ignorou o gemido de desespero de Luna.

—A pessoa que telefonou está muito mal informada.

—Que tipo de situação as crianças vivem aqui? —a senhora Grady perguntou.

Luna chegou a abrir a boca, mas Joe foi mais rápido.

—Luna é uma excelente guardiã. As crianças a adoram, e ela as adora.

—E o senhor?

—Joe é...

—O que há para não adorar? —Joe rebateu. —Como eu disse, são crianças maravilhosas.

Porque ele a interrompeu de novo, Luna o encarou. A senhora Grady riu.

—Então, o senhor pretende ficar aqui?

Joe colocou a xícara de café na mesa e levantou-se. Assustada, Luna também se ergueu.

—Senhora Grady —ele começou. — não sei quem telefonou, mas...

—Não sabemos quem telefonou. Mas a pessoa parecia pensar que o fato de não serem casados poderia causar sérios danos morais às crianças.

Joe não havia planejado aquela situação, contudo, faria o possível para não prejudicar Luna.

—Quer dizer que precisamos ser casados para Luna poder ficar com as crianças?

—Casados? —Luna caiu sentada na cadeira. Ofendido com a reação de Luna, Joe inclinou-se sobre a mesa.

—Se for esse o caso, senhora Grady, eu...

Rindo, a assistente social interrompeu o discurso altruísta de Joe.

—É evidente que não sabem como trabalhamos. E a pessoa que fez a ligação anônima também ignora nossos procedimentos; do contrário, ela não teria perdido seu tempo. Por favor, acalmem-se. Não há motivo para drama. —Ela voltou-se a Luna. —Eu poderia comer um biscoito com o café?

Eficiente, Luna levantou-se.

—Claro. Temos biscoito de aveia e passas. Willow e eu fizemos ontem. Austin salpicou as passas. Bem, ele jogou as que não comeu e...

—Ótimo. Aceito dois.

Joe nunca vira Luna tão insegura. Ela fora capaz de jogar um sanduíche e enfrentá-lo como ninguém mais havia feito. Confrontara Dinah e Patrícia sem pestanejar. Acolheu duas crianças emocionalmente perturbadas e cuidava delas com amor. Mas agora, diante da assistente social, gaguejava e corava, como se não soubesse o que fazer. Joe não estava gostando daquilo.

—Com licença. —ele pediu e foi ao quarto vestir uma camisa. Ao menos, enfrentaria a inquisição com roupas. Parte do desconforto de Luna se devia a ele. Não estava qualificado para o papel de guardião e era óbvio. E, para piorar, usava brinco.

Felizmente, a senhora Grady não notara a tatuagem em seu bumbum.

Quando Joe voltou à cozinha, vestido, a assistente social sorriu.

—O senhor dorme aqui embaixo?

A mulher mostrava-se calma demais para um inquisidor.

—Pode me chamar de Joe, por favor. Luna dorme no andar superior, e eu, neste quarto. —Ele sentiu a pálpebra tremer. Estava velho demais para se explicar. —Somos muito discretos diante das crianças.

—Não é problema meu, mas como vê, o telefonema anônimo... Bem, achei que seria o momento propício para visitá-los. Não porque vocês tenham um relacionamento. Hoje em dia, nós nos deparamos com

todos os tipos de situações familiares. E, acredite, de minha perspectivado importante é que as crianças sejam bem cuidadas.

—Elas são. —Joe assegurou-a. —Nem tudo é perfeito, mas estamos nos esforçando.

—Sim, ouvi dizer que surgiram alguns problemas. Essa informação também veio do telefonema anônimo.

Luna colocou o prato de biscoitos na mesa e sentou-se.

—Willow e Austin ainda estão elaborando a morte da mãe. Não tiveram tempo para viver o luto com tantos guardiães entrando e saindo de suas vidas e os constantes problemas com os vizinhos.

—Vizinhos? —a senhora Grady indagou.

Joe calou-se e deixou Luna explicar. Agora mais calma, conseguiu detalhar as encenanças em que Austin se metera com o intuito de se defender e mostrar valentia. Contou quão madura Willow era e revelou a preocupação de que a jovem não tivera tempo para sua adolescência.

Também falou dos planos de reabrir o lago e das eventuais reformas da casa. Queria que as crianças entendessem que a presença de Luna era permanente. Esperava que com a segurança emocional, eles parassem de tentar agir como adultos antes da hora.

Joe ficou orgulhoso dela. Sua deusa compreendia como ninguém as crianças e, quando ele olhou para a senhora Grady, notou que a assistente social tinha a mesma opinião. Luna causava uma ótima impressão sendo ela mesma.

Quando chegou o momento de buscar as crianças na escola, a senhora Grady levantou-se.

—Pena que não pude ver Willow e Austin, mas estou certa de que tudo está correndo bem. —A assistente cruzou os braços e encarou a ambos. —Só um detalhe me preocupa.

—A animosidade das pessoas? —Joe arriscou.

—Sim. O Conselho Tutelar não recebe bem comentários negativos. O fato de que alguém fez um telefonema anônimo para prejudicá-los é mais alarmante que o conteúdo da ligação. A ação sugere que vocês tenham um inimigo, e isso pode afetar Willow e Austin.

—Estou cuidando disso. —Joe garantiu. —O delegado Scott Royal está ciente dos problemas. Instalei câmeras de segurança pela casa, alarmes e trancas novas. Estamos sempre de olho nas crianças e, em breve, descobrirei quem é o responsável por tal vandalismo.

A senhora Grady deixou que Joe a acompanhasse à porta.

—Quero ser informada constantemente. —Ela entregou seu cartão a Luna. —Se a situação piorar e eu sentir que as crianças correm algum perigo, será necessário levá-las para um local seguro até que os problemas sejam resolvidos.

Luna ficou pálida.

—Pretendia fazer isso, caso achasse prudente. E sem dúvida eu os acompanharia.

—Não será preciso. —Joe afirmou irritado.—Resolverei os problemas.

Parando ao lado do carro, a senhora Grady sorriu.

—Tenho certeza, senhor Winston. —Ela entrou no veículo e antes de partir comentou: —Não vi a governanta, Dinah Belle.

—Dinah não trabalha mais aqui. —Esperando afastar o olhar apreensivo de Luna, Joe tomou-lhe a mão. —Nós a dispensamos.

—Entendo. —A mulher, de repente, começou a rir. —Uma sábia decisão, a meu entender. Nunca gostei do jeito dela. Mas tal atitude pode gerar especulações, não acham?

Luna franziu o cenho.

—A pessoa que fez a ligação anônima era uma mulher. —a senhora Grady informou. —Talvez já saibam quem é o inimigo.

Luna continuou muda após o carro da assistente social desaparecer na estrada. Joe sabia em que ela pensava, e isso o aborrecia.

—Não foi com Dinah que eu me atraquei na noite do incêndio.

Embora não dissesse, Joe sabia que ela estava incrédula. Luna o fitou por um longo tempo e entrou na casa.

—Não era uma mulher. —ele insistiu. —Quando uma mulher puder correr mais rápido que eu e me nocautear, darei um tiro em meu próprio pé.

Luna o olhou, compadecida.

—Que desperdício.

—Estou lhe dizendo. —Joe cerrou os dentes. —Sei a diferença entre um homem e uma mulher.

—Sabe mesmo. —Ela sorriu sedutora. —Mas recusa-se a ver que uma mulher pode estar envolvida nessa história.

—Não foi uma mulher que invadiu meu apartamento e o murro que dei no invasor teria derrubado uma mulher.

—Tem razão.

—E... —Joe continuou agora que ela caía em si. —não foi uma mulher que iniciou o fogo. Consegui pôr as mãos no safardana e pela estrutura óssea soube que não podia ser uma mulher. —Ele respirou fundo. —Sabe quem eu acho que está fazendo todo esse vandalismo?

—Quem?

—O pai de Willow e Austin.

Luna ficou pasma.

—O pai deles?

O celular de Joe tocou antes que ele pudesse expor sua teoria. Infelizmente, deixara o aparelho no quarto de Luna.

Temendo que pudessem ser as crianças, ambos correram escada acima.

Luna chegou primeiro e atendeu a ligação.

—Alô?

Houve uma pausa e, então, uma voz feminina perguntou:

—É Luna?

—Sim. —Ofegante, ela indagou. —Quem está falando?

—Alyx, a irmã de Joe. Você parece... Sem ar. Interrompi alguma coisa?

Luna jogou-se na cama, enquanto Joe a encarava preocupado.

—Olá, Alyx. Você não interrompeu nada. Estávamos lá embaixo e Joe deixou o celular aqui em cima...

—Ao lado da cama? —Alyx deduziu.

—Sim, eu...

—Esse é meu irmão. —Alyx comentou com a mesma irreverência de Joe. —Fico feliz em saber que as coisas estão indo... Bem.

—Se quiser falar com Joe, ele está aqui.

—Ele está à espreita? —Alyx suspirou de modo teatral. —Joe sempre fica rondando as pessoas quando se sente protetor. Acredite-me, sei como é.

Luna riu.

—Estou certa de que sabe.

Joe cruzou os braços impaciente. Luna deu de ombros. Alyx parecia não ter pressa para falar com o irmão.

—Eu gostaria de conversar um pouco com você, Luna. Diga para Joe dar uma volta.

—É fácil falar.

Agora irritado, Joe sentou-se ao lado de Luna e perguntou em voz alta para a irmã escutar:

—O que quer, Alyx? Estamos com pressa. —Ele pegou as meias e os sapatos para calçá-los.

—Estão com pressa? Ele é um péssimo exemplo para mim.

—Não, ele não se referia a isso, Alyx. —Luna riu.

—Embora eu queira. —Joe retrucou, fazendo Alyx soltasse uma gargalhada.

Os dois irmãos eram muito parecidos, Luna concluiu.

—Não quero ser rude, Alyx, mas temos poucos minutos. Precisamos buscar Willow e Austin na escola.

—Ah, sim! Como Joe está lidando com a paternidade?

—Ele não... —Luna o fitou espantada. Na verdade, Joe mostrava-se um pai amoroso. —Está indo muito bem. As crianças o adoram.

—Claro que sim. Quem não adoraria Joe?

Boa pergunta. Luna também não conseguira resistir a ele. Alyx notou o silêncio.

—Luna?

—Sim?

—Diga a Joe que pretendo visitá-los. Aliás, já estou a caminho. O problema é que preciso das coordenadas para chegar aí.

—Espere um minuto. —Luna voltou-se a Joe. —Sua irmã está vindo nos visitar.

—É mesmo? —Ele sorriu, aproximando-se do telefone. —Essa sua curiosidade exacerbada um dia lhe causará sérios problemas, Alyx.

—Você sabe que adoro problemas.

Desistindo, Luna entregou o celular a Joe.

—Sua irmã precisa das coordenadas.

Pegando o aparelho, Joe saiu ao terraço. Enquanto admirava a paisagem, brincava e explicava à irmã como chegar à casa.

Luna não estava pronta para conhecer a família de Joe. O relacionamento de ambos era temporário, e ela não pretendia ter um envolvimento maior com os parentes dele.

Joe desligou o telefone e o guardou no bolso.

—O que foi? —perguntou ao notar a expressão de Luna.

—Nada.

—Luna —Ele a segurou pelos ombros. — eu a conheço. Está preocupada com alguma coisa. Minha irmã lhe disse algo que a aborreceu?

—Não. —E para mudar de assunto, ela disse: —Alyx me pareceu ótima pessoa.

—É insuportável, às vezes, mas eu a amo. —Joe guiou-a para fora do quarto. —Vai amá-la também. Prometo.

Como estivessem um pouco atrasados, não conversaram até Joe alcançar a estrada. Luna verificava o relógio a cada minuto.

—Pare de se preocupar. Estamos apenas alguns minutos atrasados. Não é grande coisa.

—É irresponsabilidade.

—Não, é humano. Acostume-se a isso. Pequenos erros acontecem. Não pode ser perfeita, Luna.

—Por que não?

Joe riu.

—Não faz parte do trabalho. Os mais sábios do mundo são aqueles que reconhecem os próprios erros, especialmente em relação a crianças. —Como Luna continuasse quieta, Joe estranhou. —Está apreensiva por causa da assistente social?

—E se eu não fizer um bom trabalho, Joe? —ela desabafou. —E se Willow e Austin forem para um orfanato por que a senhora Grady me achou incompetente? O que sei a respeito de crianças? Nada.

—Não importa se tem ou não experiência, querida. Você é uma pessoa linda.

—Sei. Luna, a deusa da lua. Luna sabe tudo, vê tudo. —ela imitou em tom místico. Fazia muito tempo que não se sentia tão insegura. — Para começar, sou ex-assistente de uma paranormal. E sabe o que fiz antes de trabalhar com Tamara?

—Não, o quê?

—Fui garçõete em um bar. Antes disso, vendia calcinhas em um Shopping Center. E antes ainda, tirei algumas fotos para uma fabriqueta de lingerie.

—Verdade? —Joe se animou. —Você ainda tem as fotos?

Apesar dos medos, Luna riu.

—Não, e mesmo que eu as tivesse, não as mostraria a você. Era jovem e magra demais.

—O oposto de ser velha e... o quê? —Ele sorriu provocativo. — Fofinha?

—Pode parar, Winston.

—Amo seu corpo, Luna. Já não lhe provei isso?

O fato de Joe ter utilizado o verbo amar não passou despercebido.

—Obrigada. —Luna sentiu-se ruborizar. —O problema é que nenhum desses trabalhos me capacita para criar as crianças.

Joe acariciou a coxa esguia.

—A despeito do que os especialistas no assunto disseram, a única coisa que irá qualificá-la é a prática, é o exercício de criar os garotos. Mesmo assim, você teria de finalizar o trabalho a fim de ver quão capaz é para se classificar como experiente.

Luna não prestou muita atenção. Haviam feito amor horas antes, e ainda sentia o calor e o prazer do ato.

—Mesmo assim —Joe prosseguiu. — há uma vantagem a seu favor.

—Qual é? —ela perguntou, tentando concentrar-se.

—Sobra compreensão, atenção, carinho e presença.

—Como não compreender Willow e Austin? Eles passaram por tantas dificuldades nos últimos dois anos e ainda conseguiram manter a integridade.

—Exatamente. —Joe sorriu. —E também é leal e responsável. Eles sabem que podem contar com você.

—Claro que podem. Somos uma família agora.

—Também tem muita paciência. Está dando tempo a eles para se adaptarem a nós. E, por mais perguntas que Austin faça, você o escuta e aguenta as briguinhas entre os dois.

—Eles estão se entendendo. —Luna dispensou tais elogios porque nada significavam. As brigas eram mesmo cansativas, mas supunha ser normal entre irmãos. Conhecia os primos de Joe, os irmãos Winston. Eram adultos e ainda se espezinhavam. E quando Joe se envolvia, pareciam deliciar-se com as trocas de insultos. Por que um menino de nove anos e uma adolescente de catorze seriam diferentes?

Joe apertou-lhe a coxa, despertando-a.

—Você também tem muito amor para dar.

Aquela palavra outra vez. Cautelosa, resolveu checar os comentários.

—Você acha?

—É a mulher mais amorosa que conheço.

Luna ficou sem fala.

—Tem tudo de que uma pessoa necessita. Segurança, amor e compreensão. Acredite em mim. Está fazendo um belo trabalho, Luna.

Os elogios ofereceram-lhe a confiança de que precisava.

—Espero que esteja certo.

—Claro que estou. —Joe desceu a rua da escola. —Importa-se em me deixar na oficina? A caminhonete ficará pronta hoje e quero ir àquela loja de equipamentos de segurança antes do anoitecer.

—Sem problema. —Luna gostou da idéia de passar algum tempo sozinha para organizar seus pensamentos.

—A questão é a seguinte. —Joe continuou. —Ainda estou preocupado com esse vândalo. Quero que prometa ir direto para casa e lá permanecer até eu voltar.

—Joe, ninguém jamais ousou nos perturbar durante o dia. O vândalo só age à noite.

—Até agora ele só agiu à noite.

—Tudo bem. Prometo ficar em casa. Preciso começar a preparar o jantar e darei algumas tarefas às crianças. Você vai demorar? —Não era apenas Joe que se preocupava.

—Não. Farei o possível para voltar logo.

As crianças estavam sentadas na escadaria da escola junto com Julie. Joe estacionou perto da curva e, curioso, observou a professora.

—O que ela fez?

Os cabelos de Julie estavam em desalinho, tornando-a atraente. Os olhos brilhavam e havia um sorriso meigo no rosto. Ela abraçava os ombros de Willow, mas sua atenção concentrava-se em Austin.

—Ela parece... —Luna não soube explicar.

—Sensual? —Joe arriscou.

—Sim. Nunca a imaginaria assim.

—Ninguém jamais o faria. Julie é sempre tão correta. —Joe saiu do carro e aproximou-se. —Tudo certo?

Austin pulou e correu até ele.

—Veja. Ganhei um brinco igual ao seu!

Luna notou o clipe de papel que havia na orelha de Austin.

—Ficou interessante.

—Julie não me deixou furar a orelha de verdade. Disse que o clipe serviria por enquanto.

—Foi um dia excelente. —Julie contou. Os primeiros botões da blusa estavam abertos e ela dobrara as mangas.

—Posso furar a orelha como Joe? —Austin pediu. —Posso?

—Claro. —Joe retrucou, sentindo-se culpado.—Quando tiver quarenta anos.

—Você tem quarenta anos?

—Estou quase lá.

—Mas não quero esperar tanto tempo.

Julie suspirou profundamente.

—Austin, você esqueceu sua coleção de insetos lá dentro.

—É mesmo. —Austin voltou à sala de aula.

—Austin preferiu me contar as diversas maneiras de imitar o senhor Winston do que estudar. —As faces de Julie estavam coradas. —Brincos, facas, lições de luta... Ele deu trabalho hoje.

—Ele estava insuportável. —Willow reforçou.

Por que Austin se comportava tão mal? Luna perguntou-se apreensiva.

—Lamento, Julie. Vou falar com ele.

—Apesar de tudo, ele é muito engraçado. Terminamos o dia brincando de pega-pega e, devo confessar, o menino é veloz.

—Você correu atrás dele?

—Sim. Foi uma brincadeira, nada mais. Meninos precisam gastar essa energia antes de o macho dentro deles se libertar. Eu me diverti, na verdade.

Joe conteve o riso e fingiu apreciar o céu. —Não me importei com a bagunça de Austin, mas Willow não se sente bem.

Pela primeira vez, Luna notou o abatimento de Willow.

—O que foi, querida? Está doente? —Ela tocou a testa de Willow, mas não estava quente.

Willow fitou Joe e logo desviou o olhar.

—Acho que é uma simples dor de barriga.

Austin apareceu, carregando uma cartolina repleta de insetos. Luna recuou assustada, e Willow ameaçou espancá-lo caso o menino aproximasse dela aqueles bichos, algo que Austin devia ter feito o dia

todo. Joe chegou perto para olhar melhor e protegeu Willow com o próprio corpo.

Luna observava fascinada.

—Só trabalhamos com insetos mortos. —Julie explicou. —Por isso, alguns estão esmagados. Mas Austin encontrou espécimes interessantes.

—Essa coleção vai no porta-malas. —Luna anunciou enojada.

—Obrigada. —Willow murmurou.

Joe pegou a coleção e carregou Austin sob o braço, como se o garoto fosse um saco de batatas.

—As damas podem deixar a mim e ao grande caçador de insetos na oficina. Depois de fazer compras, levaremos pizza para o jantar.

Willow agradeceu aliviada, enquanto Austin gargalhava sob o braço de Joe. Luna despediu-se de Julie e seguiu-os até o carro.

A caminho da oficina, Austin continuou irritante e barulhento. A despeito dos pedidos de Luna, ele provocava a irmã sem cansar.

—Acho melhor levá-lo comigo, Joe —Luna ponderou, sabendo que Austin a escutava. —Ele não vai se comportar na loja.

Em vez de parar, Austin começou a implorar, reclamar e prometer ser um bom menino. Ele até chutou o assento de Luna uma vez.

A velocidade verbal e o volume a deixaram irritada. Nunca havia lidado com situação semelhante. Claro que as crianças ficavam, de vez em quando, barulhentas. Imaginou que o abuso de Austin poderia ser um sinal de que não mais temia ser abandonado por ela. Estaria confortável o bastante para testá-la? No fundo, gostaria de ter mais respostas e experiências.

Mais uma vez, ele chutou o assento, enervando-a.

—Austin!

O menino se calou. Foi a primeira vez que Luna gritara e estava tão surpresa quanto ele. Passou as mãos nos cabelos, confusa. Joe tocou-lhe a perna para encorajá-la e revelou um sorriso sutil.

—Se me mostrar que sabe se comportar —Luna disse mais calma. — talvez eu ainda o deixe ir com Joe. —Ela rezou para a tática funcionar.

Felizmente, funcionou. Luna ficou aliviada ao ver que Austin desceu devagar do carro. Joe, por sua vez, surpreendeu-a beijando-lhe a boca quando lhe entregou a direção.

—Voltaremos logo para casa. —ele sussurrou.

Luna olhou ao redor. Austin fazia uma careta de repulsa, e Willow, sorridente, colava o rosto no vidro do carro.

—Dirija com cuidado. —Luna disse constrangida. Sempre pronto para imitar Joe, Austin aproximou-se dela.

Quando Luna se abaixou, ele a abraçou e beijou-lhe o rosto. Então, ajeitou a bermuda e disse com voz masculina:

—Tomaremos cuidado. Não se preocupe.

De repente, lágrimas invadiram os olhos de Luna. Willow saiu do carro e caminhou até Joe. Sem dizer nada, ela o abraçou e sentou-se no banco da frente.

—Vamos, Austin. —Joe chamou contente. —Temos muito a fazer.

—As mulheres se preocupam, não? —Austin perguntou ao entrar na oficina. —Por isso a gente as beija.

—Isso mesmo. —Joe afagou os cabelos sedosos.—Além disso, é gostoso beijá-las.

—Não foi tão ruim. —Austin comentou sem convicção. O coração de Luna ficou pleno de amor. Juntos os quatro formavam uma família especial. E, com ou sem intenção, Joe Winston era o centro daquela família.

Austin o adorava, Willow o admirava e Luna o amava ao extremo. Talvez Joe não quisesse admitir, mas sentia o mesmo pelas crianças. Talvez até sentisse o mesmo pôr ela. Precisava fazê-lo descobrir seus próprios sentimentos.

De um jeito ou de outro, Luna o faria amá-la porque não o deixaria partir nunca mais.

Capítulo XV

A cabeça de Joe estava a ponto de explodir quando retornaram da cidade. Austin falava sem parar e, na loja de equipamentos de segurança, o menino mexera em todos os objetos atraentes que pôde encontrar. Por fim, resolvera comprar um binóculo para manter o garoto ocupado. Austin passou o resto do tempo observando as pessoas sob outra perspectiva.

Ao percorrer a cidade, Joe inconscientemente procurou Jamie Creed até atinar para o que estava fazendo. Ora, não acreditava que o eremita soubesse a hora exata em que devia aparecer. Esse tipo de bobagem mística cabia a Luna, não a ele. As crenças de Joe estavam pautadas na realidade e na experiência.

Ainda pensava em Jamie quando o celular tocou. Austin abandonou o binóculo para pegar o aparelho, mas Joe felizmente foi mais rápido.

—Aqui é Joe.

—Olá. Sou eu, Willow.

—O que houve? —ele perguntou alarmado.

—Nada! —Ela hesitou por um segundo. —Eu... Preciso de um favor.

Joe parou o carro em uma rua da cidade agarrou o colarinho de Austin quando este soltou o cinto “de segurança e tentou abrir a porta.

—O que é, querida?

Willow hesitou novamente.

—O que foi?

—Poderia passar na farmácia para mim?

—Está doente, Willow? Acho melhor chamar um médico.

—Não, eu só preciso de uma coisa.

Joe ficou mais aliviado.

—Algo para sua dor de estômago?

—Não se trata de meu estômago.

—Certo. —Joe não entendia nada. —De que precisa, Willow? Diga.

—Eu pretendia pedir a Luna, mas ela entrou no banho depois que me deitei e receava que você já estivesse a caminho de casa. Não queria que voltasse à cidade só por minha causa. Detesto pedir, Joe, mas...

—Não se acanhe, querida. Diga-me o que é.

—Absorventes.

Joe ficou mudo. Willow tinha apenas catorze anos e... Não sabia ao certo quando as jovens se tornavam mulheres.

—Bem...

—Eu sei, Joe. Desculpe, mas não há nenhum aqui e você já está na cidade.

—Claro. —Ele olhou para Austin. —Você tem razão. Prefere alguma marca especial?

Willow lhe deu um nome e desligou envergonhada.

Joe respirou fundo. Conhecera centenas de mulheres, porém nunca precisara se preocupar com assunto tão íntimo. Jamais comprara produtos femininos. Alyx certa vez tentara mandá-lo à farmácia, mas Joe se recusara. Sabia prender bandidos, enfrentar brigas e não tinha a menor idéia de como comprar um simples pacote de absorventes.

Olhou para Austin que o estudava através do binóculo. Joe abriu a porta do carro.

—Vamos. Pediremos a pizza antes e depois iremos à farmácia para sua irmã.

Pobre Willow. Por isso, parecera tão abatida. Joe ainda não havia encontrado uma mulher que não se mostrasse desanimada e pálida nos primeiros dias ou mais. Pelo jeito, Austin bancara o insuportável só para fazê-la sentir-se pior.

Quando saíram da pizzeria, Austin, ainda utilizando o binóculo, apontou alguém na rua principal.

—Aquele é o senhor Owen.

Joe fez o menino parar.

—Quem?

Austin indicou um homem alto que usava terno. Joe reparou em dois detalhes: os cabelos loiros de Quincy e os sapatos sociais.

Enquanto o homem entrava em um Mercedes preto, Joe atinou para a expressão cínica e, ao mesmo tempo, desgostosa do rosto austero. Quando Quincy se virou para verificar o tráfego, ele notou Joe. O semblante tornou-se pálido e, em seguida, assustado. Após alguns segundos, ele encarou Austin e voltou a fitar Joe. Assentindo, Quincy foi embora acelerando.

—Não gosto dele. —Austin segurou a mão de Joe.

—Por quê?

Eles caminharam em direção à farmácia.

—Ele sempre me olha daquele jeito.

—De que jeito, Austin?

—Como seu eu fosse sujo ou algo parecido.

Joe abraçou os ombros do menino.

—Ainda lembra o que eu lhe disse?

—Para eu erguer a cabeça?

—O queixo. Ele não vale o ar que você respira, Austin, já que não é um cara legal.

—Certo. —Austin ergueu tanto o queixo que não conseguiu usar o binóculo.

Com a mente repleta de suspeitas, eles entraram na farmácia e um senhor de óculos e jaleco branco os cumprimentou por detrás do balcão.

—Austin Calder, faz tempo que não o vejo. —O farmacêutico tirou os óculos. —Como vai, filho? E sua irmã?

—Willow está doente.

O homem olhou para Joe.

—Lamento saber. É grave?

—Não. —Joe sentiu-se corar. —E apenas um mal-estar passageiro.

—Posso ajudá-lo com alguma medicação?

—Não, obrigado. —Para desviar o assunto, Joe aproximou-se do balcão. —Sou Joe Winston. Estou com a prima de Austin e Willow, Luna Clark.

—Sou Marshall Peterson. —O homem sorriu. —Ele já está de olho nas balas de goma. Chloe sempre passava por aqui uma vez por semana e comprava essas balas coloridas para Austin.

Joe ficou surpreso com a disposição afetiva de Marshall.

—Willow também tinha um doce favorito?

—Bombons recheados de cereja. Se bem me lembro, ela comia um e guardava o restante para depois. Dizia que eram especiais e queria saboreá-los devagar.

—É bem o estilo de Willow. —Joe sorriu. —Levaremos dois dólares de balas de goma e uma caixa de bombons.

—Muito bem —Marshall aprovou.

Então, Joe aproximou-se da seção feminina. Passaram por várias pessoas que cumprimentaram Austin sem a menor hostilidade. O garoto ficou um tanto espantado no início. Após algumas apresentações, Joe viu-se liberado para fazer sua compra.

Não tinha noção da variedade de absorventes que existia. Colocou os óculos, leu algumas embalagens e, desistindo, pegou um pacote. Planejava comprar mais preservativos, mas depois de conhecer tanta gente mudou de idéia. Devia ter feito isso na outra cidade para evitar olhares curiosos.

Pensou na possibilidade de fazer amor com Luna sem proteção e sentiu o desejo renascer. Como nunca havia considerado unir-se definitivamente a uma mulher, nunca correria riscos. Até agora. Jamais pensara em si mesmo carregando um bebê nos braços.

Contudo, ao fitar Austin com os cabelos sempre embaraçados e o corpo magricela, Joe sentiu o coração se aquecer. No fundo, queria que o menino fosse seu filho.

Ao pensar em filhos, bebês e sexo sem preservativo, as imagens progrediram em velocidade alarmante. Não seria justo inserir um bebê na vida de Austin e Willow. Tampouco seria bom para Luna. Naquele momento, o papel de guardiã representava uma responsabilidade gigantesca. Mas tudo estaria melhor em alguns anos. Joe demoraria algum tempo para completar quarenta e...

Ele se deteve atônito. Deus, planejava aumentar a família quando nem sequer se tornara um membro oficial daquele grupo tão singular. Primeiro, precisava unir-se a Luna, o que não seria nada fácil já que ela ficara perplexa quando o assunto casamento viera à tona durante a visita da senhora Grady.

No entanto, o clima melhorava dia após dia. As crianças estavam indo bem e, com exceção do vandalismo, Joe não vira sinal de outras ameaças. Antes de Luna decidir se ele ficaria ou não, precisava ser pega de surpresa.

Pensativo, dirigia-se ao caixa quando Dinah Belle bloqueou-lhe a passagem. Como seus pensamentos estivessem apenas em Luna, Joe quase a empurrou.

Dinah o cumprimentou com a familiaridade de uma antiga namorada.

—Olá, Joe.

Então, sem avisar, ela o abraçou pelo pescoço e colou o corpanzil em Joe.

Com certo esforço, ele conseguiu se desvencilhar, mas já havia atraído a atenção de curiosos. Para maior segurança, segurou Dinah com uma das mãos. Teria usado as duas, se não fosse o pacote de absorventes.

—Olá —cumprimentou-a sem muita vontade.

—Achei que já tivesse ido embora.

—Por que eu iria embora? —Joe ficou aliviado por ela atacá-lo no fundo da loja. Do contrário, haveria mais espectadores.

Ela olhou para Austin, que torceu o nariz e empinou o queixo com desdém, como Joe instruíra.

—Pensei que um homem como você... —Dinah o fitou da cabeça aos pés —...ficaria logo cansado da rotina doméstica.

—Na verdade, estou gostando. —Joe notou que Austin observava o rosto de Dinah com o binóculo.

Em uma reação exagerada, o garoto soltou um grito de horror. Joe quase riu, mas não queria que o menino fosse grosseiro.

—Comporte-se —pediu, tirando o binóculo dele. Infelizmente, Dinah aproveitou a deixa e voltou a atacar.

—Você é tão bondoso por querer ajudar essas crianças. —Ela colou-se a Joe outra vez. —Mas detesto vê-lo envolvido em tanta confusão.

—Que confusão?—Joe perguntou-se quanto Dinah sabia. Em deferência a Austin, ela abaixou o tom de voz.

—Fiquei sabendo o que aconteceu. A cidade toda sabe, aliás. E óbvio que essas crianças estão sendo excluídas da comunidade por causa do comportamento deplorável. Ora, causam tantos problemas que cedo ou tarde serão levadas para algum orfanato. Então, você estará...

—Eles não vão a lugar algum.

O tom de voz soou tão feroz que Dinah recuou.

—Não cabe a mim decidir. —Ela riu de nervoso.

—Não mesmo. —Joe fez menção de sair, mas ocorreu-lhe algo. —Quem a contratou como governanta, Dinah?

O semblante ficou pálido.

—Patrícia, é claro.

Joe fitou-a nos olhos, sabendo que ela mentia.

—Vá até o caixa e me espere lá. —ele disse a Austin. —O senhor Peterson separou balas de goma para você.

—Oba! —Austin correu até a frente da farmácia.

Joe aproximou-se de Dinah. Precisava mantê-la interessada até conseguir o que desejava. Tocou os cabelos loiros, fingindo roçar um dos seios sem querer.

—O que fazia para Patrícia? —perguntou sedutor.

—Como assim? —ela murmurou. Estava ofegante. Perfeito.

—Também não acho que uma mulher como você se adapte à rotina doméstica. —Joe olhou os lábios trêmulos e sorriu. —E feminina demais, Dinah Belle, para cuidar de uma casa.

—Eu... Precisava do emprego —ela balbuciou.

—Claro que Patrícia logo percebeu que você não gostava de ser governanta. Ela não era cega.

—Tive uma boa referência.

—É mesmo? Que tolo a recomendaria para um cargo desse? —Joe roçou a boca entreaberta com o dedo.

Dinah fechou os olhos, quase desfalecendo.

—Quincy Owen.

—Ah. —Joe afastou-se vitorioso. —Vocês se conhecem muito bem, certo?

Piscando, Dinah tentou voltar à realidade.

—Não —respondeu confusa. —Moramos na mesma cidade. —Imediatamente ela acrescentou: —Ele é feliz no casamento.

—Com um enteado.

—Sim. —Sabendo que fora usada, Dinah bufou. —O senhor Owen é um bom homem.

—Sei. E ele a mandou para Patrícia com a melhor das intenções?

—Ele queria ser útil. Sabia que Patrícia precisava de ajuda com aqueles dois. Estavam aprontado demais e nenhum pai da vizinhança os mantinha na linha...

Joe virou-se e caminhou até o caixa. Dinah continuou a segui-lo mesmo depois de pagar os produtos e sair. Ignorando-a, ele olhou as nuvens que encobriam o céu. O ar tomava-se pesado, anunciando uma tempestade.

Esperando chegar em casa antes da tormenta, ele se dirigiu à caminhonete e logo avistou um homem de óculos escuros e chapéu que, ao vê-lo, acelerou o passo. Sob a aba do chapéu, Joe divisou os cabelos.

Loiros!

Não era Quincy. Não, aquele homem era mais alto e mais musculoso. Joe observou-o virar na esquina, apressado.

O instinto entrou em ação. Conseguiria alcançá-lo em questão de segundos. Quando se preparou para correr, Austin puxou-lhe a mão.

—Posso comer as balas de goma agora?

Austin encarava Joe com total inocência. Era pequeno demais para ser deixado sozinho na calçada. Joe sentia-se impotente, e isso o enfurecia.

Dinah escolheu a pior hora para chamar sua atenção outra vez.

—O que vai fazer?

—A respeito de quê? —Joe perguntou irritado.

—A respeito do que lhe contei —ela respondeu em voz baixa. — Sobre Quincy Owen.

Dividido, Joe olhou para a esquina a tempo de ver o sedan marrom que o seguira à cidade. O veículo atravessou o cruzamento e se foi. Teria Bruno Caldwell enviado um capanga? Bruno era tão avarento e rudimentar que não pagaria alguém para tanto. Não, Bruno sempre fazia o trabalho sujo. Quem seria o homem?

—Joe? —Austin chamou-o apreensivo.

—Coma as balas, Austin.

O menino não esperou um segundo mais. Rasgou o pacote, quase derrubando as balas.

—Joe? —O tom de Dinah foi ainda mais apelativo que o de Austin.

—Diga a Quincy que estou farto. —Joe explodiu. Dinah arregalou os olhos. —Diga-lhe que vou falar com ele. —Joe segurou a mão de Austin e atravessou a rua.

Mesmo paralisada de medo, ela o chamou duas vezes. Mas Joe acabava de notar um pedaço de papel no pára-brisa e não mais prestava atenção a Dinah.

—Vá para o inferno, Joe Winston! —ela gritou, entrou no carro, sob o olhar de várias pessoas, e deu a partida.

Estaria ela pensando em falar com Quincy? Joe tinha quase certeza de que ambos eram amigos de longa data.

Tomando cuidado para tocar apenas as pontas do papel, ele o desdobrou. Não precisou de óculos para ler o texto: *“Achei que você gostaria de saber que seu piromaniaco² dirige uma picape velha.”*

No mesmo instante, Joe virou-se para a rua. Dinah parou no cruzamento antes de acelerar e sair cantando os pneus de uma picape caindo aos pedaços. Cretina.

Luna atendeu ao primeiro toque.

—Alô?

—Sou eu, querida.

—Joe?

² **Piromania**, para a [Psiquiatria](#), consiste no desejo [mórbido](#) e incontrolável de provocar [incêndios](#) ou de atear [fogo](#) às coisas. É definida como o comportamento repetitivo de atear fogo de forma proposital e intencional.

Ele torceu o nariz e examinou o céu. As nuvens ficavam cada vez mais negras e o vento chegava a envergar as árvores.

—Há outro homem que a chama de querida? Se houver, diga para ele desaparecer.

—Desculpe, Joe, mas pegou-me de surpresa. Estão quase em casa? A tempestade vai começar em breve.

A preocupação pareceu-lhe tão familiar que Joe sorriu, contente consigo. Jamais vivera em uma casa que pudesse chamar de lar, até agora.

—As pizzas ainda estarão quentes quando chegarmos.

—Pizzas? Achei que compraria apenas uma.

—Eu como uma inteira. Portanto, comprei três.

—Entendi.

—Eu só queria ter certeza de que estão bem. Falei com Willow, e ela me disse que você estava no banho.

—Willow está descansando e eu, brincando com meus cabelos.

—De que cor eles estão agora? —Joe indagou curioso.

—Não disse que mudei a cor.

—Eu sei, querida. Mas, dessa vez, você esperou tempo demais para colori-los novamente.

Houve um momento de silêncio.

—Estão avermelhados agora.

—Ruiva?

—Muito ruiva. Gostei do resultado.

—Darei meu parecer em breve.

Luna continuava a ser o espírito livre que o atraía de início. Joe apreciava essa faceta e não queria que ela mudasse.

—Tranque as portas e não deixe ninguém entrar.

—Joe, o que está havendo?

—Não encoste os dedos sujos de açúcar no banco, filho. —ele disse a Austin e entregou-lhe um lenço de papel.

Sonolento, o garoto limpou as mãos e recostou-se na porta, fechando os olhos.

—Austin está ouvindo?

—Talvez. Acho que dormiu, mas não tenho certeza.

—Então, diga-me o que está acontecendo.

—Lembra-se do sedan marrom? Eu o vi na cidade.

—Meu Deus.

—Não entre em pânico. —A última coisa que Joe queria era assustá-la. —Vou ligar para Scott agora. Ele irá verificar o veículo. —Os dois veículos, na verdade, pois Joe acrescentaria o carro de Dinah. —Também esbarrei com Dinah e ela me disse umas coisas interessantes. Contarei tudo quando chegar, está bem?

—Prometa tomar cuidado, Joe. Não saia correndo atrás de ninguém, entendeu?

Luna sempre se mostrava mandona quando estava preocupada. Joe gostava desse jeito autoritário.

—Austin está comigo, Luna. Não o colocarei em risco.

—Joe? —A voz soou emotiva. —Eu...

Joe esperou atento. Após uns instantes, murmurou:

—Sim?

—Tome cuidado. —ela repetiu.

—Pode deixar. Até logo. —Joe recusava-se a enfrentar o desapontamento. Luna acabaria fazendo confissões profundas.

Ele digitou o número da delegacia e perguntou por Scott.

—Diga-me que nada aconteceu. —Scott pediu, assim que atendeu a ligação.

—Nada tangível. —Joe precisava ter cuidado. Scott era um amigo, mas também um oficial da lei. Sabia que a polícia local não apreciaria a intrusão de nenhum forasteiro. —Tenho algumas perguntas e talvez peça dois favores.

—Pode falar.

—Primeiro, os favores. Pode ficar de olho em um sedan marrom?

—O homem que os seguiu até aqui?

—Eu o vi hoje na cidade. Não pude persegui-lo porque Austin estava comigo, mas ele deixou um bilhete em minha caminhonete.

—Um bilhete? —Scott repetiu interessado. —Você o guardou?

—Lógico. Pode passar em casa hoje à noite para pegá-lo, mas não se trata de uma ameaça. Diz apenas que o piromaniaco dirige uma picape velha. Sabe quem possui um veículo nesse estado? —Joe preferiu ser indireto.

—Sei reconhecer uma pergunta retórica, Joe.

—Dinah Belle. Ela me aciou na farmácia e vi que possui uma picape bem velha. Coincidência?

—Se bem me lembro, você não acredita em coincidências.

—Não mesmo.

—E eu não acredito em bilhetes covardes. Se o homem tinha uma informação importante, por que não falou com você diretamente?

Joe já tinha se feito a mesma pergunta inúmeras vezes.

—Por que ele mentiria?

—Vejamos se entendi. Um idiota que o seguiu até aqui lhe deixou um bilhete e agora você acredita que Dinah iniciou o fogo e riscou seu carro?

—Não, foi um homem. Mas como Dinah conheceu Quincy Owen?

Joe conseguiu a reação que esperava. Scott bufou e praguejou.

—Não acredito que esteja culpando Quincy Owen.

Joe riu.

—Não acha que ele seria capaz de tantos vandalismos?

—Sei que tem motivos para acreditar nisso, Joe, e estou ansioso para ouvi-los, pois o vídeo que deixou aqui não mostrou nada.

—A câmera revelou cabelos loiros. —Joe considerava diferentes ângulos e possibilidades. —E hoje de manhã, enquanto eu tirava a tinta do abrigo, encontrei pegadas no solo. Elas devem ser de Quincy.

—E de mais cem pessoas. Ele não é o único loiro que faz negócios aqui. E, além do mais, achei que o homem que o seguia fosse loiro. Ele está na cidade agora, rondando e deixando bilhetes. Deve estar aprontando alguma.

—Concordo. Mas não foi ele que iniciou o fogo.

—Quem disse?

—Eu consegui vê-lo muito bem hoje. Ele é muito maior que o homem que persegui naquela noite. Mas Quincy se encaixa no tipo físico. O infeliz era fraco demais, não conseguiu nem sequer me dar um soco.

Scott resmungou.

—Para alguém que não acredita em coincidências, está apostando muito nesse jogo, Joe. Qual é a probabilidade de haver dois homens loiros atrás de você?

—Tenho um pressentimento muito forte, Scott.

—Joe, você foi policial e sabe que não posso trabalhar com pressentimentos. Preciso de algo mais concreto.

—Eu lhe darei fatos concretos. Mas, nesse ínterim, procure o sedan marrom. Eu gostaria muito de interrogar esse sujeito.

—Eu também e, já que represento a lei, devo ser o primeiro. Entendeu?

—Sei como tudo funciona, Scott. —Joe flexionou os dedos e sorriu. —Se eu o pegar e ele for gentil comigo, não haverá motivos para agredi-lo.

—Oh, está bem. —Scott desistiu. —Algo mais?

—Sim. Por acaso, sabe onde Chloe trabalhava antes de comprar a propriedade do lago?

—Foi antes de eu vir para cá, mas deve ter sido na fábrica ou no Shopping, já que são os únicos lugares que oferecem a maioria dos empregos daqui.

E ambos pertenciam a Quincy Owen.

—Posso perguntar, se você quiser.

—Averse-me se descobrir alguma coisa. Então, explicarei em detalhes o que estou pensando. —Antes que Scott reclamasse, Joe acrescentou: —Luna e Willow estão me esperando e não gosto de deixá-las sozinhas. Tenho a sensação de que com a chuva o teto vai desabar.

—Acho que você está curtindo a vida pacata à beira do lago, Joe. Planeja passar mais tempo conosco?

—Claro que sim. Mas Luna ainda não sabe. Portanto, não diga nada.

—Vai fazer uma surpresa?

—Quero que ela se acostume à idéia. —Assim que Joe se estabelecesse de verdade com ela é as crianças, Luna começaria a entender que ficariam juntos para sempre.

Capítulo XVI

A garoa começou no momento em que Joe estacionou diante da casa e, a julgar pelos trovões, transformaria se em tempestade a qualquer segundo.

Viu a cortina mover-se na janela e deduziu que era Luna. Era uma experiência única ter alguém a sua espera, e Joe apreciava a sensação.

Ela saiu à varanda e cruzou os braços para se proteger da brisa. Joe tomou Austin nos braços, que continuou a dormir apesar das gotas de chuva no rosto.

Luna deixou a porta aberta quando Joe atravessou correndo o jardim.

—Ele está bem?

—Está. Apenas desmaiou de cansaço no carro. —Joe notou as mexas avermelhadas dos cabelos de Luna e parou para beijar-lhe os lábios. —Olá. —Murmurou. —Senti saudade.

Surpresa, ela tocou a boca e nada disse.

—Devemos acordá-lo? —ele perguntou.

—Acho que sim. —Luna verificou o relógio. —Se ele dormir muito agora, à noite ficará perambulando pela casa.

—Tem razão. —Joe entrou na sala e colocou Austin no sofá. Eram somente cinco horas da tarde, mas o céu já estava escuro. Quando Austin abriu os olhos, a tempestade começou. Ele se sentou alarmado.

—Calma, é somente a chuva. —Joe sentou-se com ele. —Depois das balas que comeu, acha que ainda terá fome? Vou pegar as pizzas que deixei no carro.

Austin bocejou, espreguiçou-se e, em seguida, abraçou Joe.

Nunca se acostumaria a isso, Joe pensou. Era bom demais. Quando se levantou, viu Luna ainda à soleira da porta com um sorriso nos lábios.

Desejou que as coisas pudessem ser simples com ela, assim como acontecia com Austin.

—Olá, dorminhoco. —ela disse a Austin. —Por que não vai lavar o rosto e as mãos? Pergunte a Willow se ela está com fome.

Um tanto sonolento, Austin cambaleou à escada.

—Onde está meu binóculo? —perguntou a Joe.

—Aqui.—Joe tirou-o do pescoço e o entregou ao garoto. Então, voltou à porta, seguido de Luna. —Espero que minha irmã tenha o bom senso de sair da estrada. Não gostaria de saber que Alyx resolveu enfrentar esse dilúvio.

—Ela chegará logo. Não se preocupe. Talvez deva esperar alguns minutos. Ficarà encharcado só de ir ao carro e voltar.

Joe examinou a chuva. Precisavam de uma garagem com acesso interno a casa. Talvez deversem pensar nisso após a abertura do lago.

—Não vou derreter.

—Não sei, não. —Luna comentou. —Willow me disse que foi à farmácia para ela. —Com um sorriso, segurou-o pelos braços. —Você é tão meigo.

Joe fez menção de protestar, mas deteve-se quando Luna beijou-lhe os lábios.

—E doce também.

—Engraçadinha. —Ele a segurou pela nuca e beijou-a com ardor. Luna soltou um suspiro de prazer e colou-se ao corpo viril.

Por fim, ela o fitou embevecida. Estava descalça, deixando à mostra as unhas pintadas de vermelho para combinar com o novo estilo dos cabelos.

—Se eu não for agora. —Joe resmungou. —Vou evaporar quando sair na chuva.

—Sente-se tão quente assim?

—Escaldante. —Ele beijou-lhe a testa e saiu. Quando voltou, a camiseta estava encharcada e a calça jeans colava-se às pernas. Ele protegera as pizzas com o corpo, mas as caixas haviam molhado. Entregou-as a Luna para tirar a camiseta. Então, notou que ela o admirava.

—Continue a me olhar desse jeito e eu invadirei seu quarto na calada da noite.

—Promete? —ela perguntou séria.

—Eu adoraria dormir com você, querida. —Joe aproximou-se. —Amaria senti-la a meu lado a noite toda.

Nervosa, Luna umedeceu os lábios.

—Gostaria de me acordar pela manhã?

—Sim.

—Você logo ficaria entediado, Joe.

—Não mesmo. —Fitou os lindos olhos dourados, querendo que ela confiasse nele. —Não com você.

—Talvez devêssemos conversar sobre isso. —Luna arriscou indecisa.

—Verdade?

—Verdade.

De repente, Austin saiu da cozinha.

—Posso enxergar os peixes do lago através do binóculo. Venha ver, Joe.

Ele precisava de privacidade para dizer a Luna quanto a amava e queria fazer tudo do jeito certo.

—Hoje à noite. —combinou.

Joe pegou os pacotes e entrou na cozinha com as crianças e Luna.

Willow sentou-se à mesa e, apoiando o queixo na mão, fitou o espaço. Ela parecia morosa demais. Estaria se sentindo mal? Joe não sabia nada a respeito daqueles dias do mês, mas não queria ver Willow triste ou incomodada.

—Tome, querida. —Entregou a ela o pacote da farmácia.

—Obrigada, Joe. —Willow corou.

—Da próxima vez, não se acanhe, Willow. Pode vir a mim a hora que precisar, mesmo que seja para isso. —Ele apontou o pacote um tanto constrangido.

Hesitante, Willow assentiu.

A tempestade parecia ter alterado o humor de todos. Luna mantinha o semblante sério, enquanto arrumava a mesa e Willow torcia os dedos, nervosa. Somente Austin divertia-se, observando a tempestade através da janela da cozinha.

—Joe? —Willow chamou-o. —Há algo que quero lhe contar.

Joe pretendia trocar de roupa, mas deteve-se.

—Muito bem. —Willow estava tão preocupada que ele esqueceu que as roupas molhadas encharcavam o piso.

—Clay foi à escola hoje e conversei com ele.

—Ele disse alguma coisa que a magoou?

—Não. Ele se desculpou, na verdade. —Willow olhou para o irmão, que se ocupava em arrastar uma cadeira até a janela para ver melhor. —Clay tinha alguns arranhões no braço.

Luna virou-se com uma fatia de pizza nas mãos.

—Arranhões?

Willow levantou-se e caminhou até Joe.

—Como esses. —Indicou as marcas no pescoço de Joe.

—Não são tão profundos como os seus, mas... Eu não sei. —Ela encarou Joe e Luna com tristeza. —Acha que Clay pode ser o vândalo?

Ela parecia arrasada com a possibilidade. Joe meneou a cabeça, convicto.

—Não, querida, não foi Clay.

—Como sabe? —Willow indagou desesperada. —Os machucados pareciam tão feios quanto os seus.

—O homem que ateou o fogo tinha cabelos loiros, lembra-se? Clay tem cabelos castanhos. E também encontrei pegadas ao redor do abrigo. Eram de sapatos sociais. Clay usa apenas tênis.

—Creio que sim. —O olhar de Willow encheu-se de esperança.

—Como ele conseguiu os arranhões?

—Disse que o padrasto levou um gatinho para casa. Eu... Não sei se acredito nele. Quincy Owen não é o tipo de homem que adotaria um bicho de estimação. Muito menos, um gatinho indefeso.

—Também acho que não. —Joe murmurou pensativo. Um raio iluminou o céu negro, seguido pelo estrondo de um trovão. A tempestade chegava ao lago.

Assustado, Austin afastou-se da janela e teria caído da cadeira, não fosse Luna ampará-lo.

—Ele está aqui! —o menino gritou. —Ele está aqui!

—Quem? —Joe correu à janela.

—O vândalo. —Austin pulava de nervoso. —Eu o vi lá fora. Quando o raio atravessou o céu, pude vê-lo com meu binóculo. Ele está perto do lago.

Austin voltou à janela, mas Joe o afastou.

—Fiquem longe das portas e janelas. Luna, tranque tudo depois que eu sair.

—O que vai fazer? —Willow perguntou aflita.

—Ele vai atrás do bandido, é lógico. —Luna respondeu veemente.

—É exatamente isso que vou fazer. —Joe precipitou-se à porta.

—Willow, Austin, obedeçam. Fiquem longe das janelas. —Luna correu atrás dele. —Joe, mudei de idéia.

Ele parou antes de abrir a porta. De que ela estava falando?

—Agora não, querida. —Joe abriu a porta.

A chuva atacava a varanda e as paredes da casa.

—Joe?

—Droga, Luna. Não quero que ele escape dessa vez.

—Nem eu. —Ela se virou e disse a Willow: —Ligue para o delegado Royal.

Willow obedeceu no mesmo instante. Austin permaneceu onde estava, confuso.

—Eu menti para nós dois. —Luna confessou. —Eu o trouxe para cá porque queria ficar com você.

Joe encarou-a perplexo.

—Você sabe como desarmar um homem.

—Desculpe-me. Não quis insultar suas habilidades. Sei que é capaz de se cuidar.

—Sou, sim.

—Então, vá pegá-lo, Joe. Mas... Tenha cuidado, por favor. É tudo que lhe peço. Por mais que pense o contrário, você não é invencível.

—Dê um soco no nariz dele! —Austin pediu.

—Fiquem aqui dentro —Joe ordenou e fechou a porta atrás de si.

Ocultando-se nas sombras, ele se esgueirou pela chuva. Enquanto atravessava, já ensopado, o campo que levava ao lago, pôde divisar um homem diante da porta do abrigo, tentando arrombá-la com um pé-de-cabra.

Joe aproximou-se sorrateiro, até estar a um metro do intruso. Vibrando de revolta, endireitou o corpo e encarou o loiro de sapatos sociais.

—Quincy. —esbravejou.

O homem gritou tal qual fizera na noite do fogo. Tomado pelo pânico, ele escorregou na lama e caiu, soltando o pé-de-cabra.

—Seu covarde. —Joe o agarrou pelo colarinho e o ergueu. —Agora está perdido.

Quincy Owen tentou se libertar.

—O que está fazendo? —ele perguntou. —Como ousa me atacar?

—Atacá-lo?

Ambos gritavam para se fazerem ouvir na tempestade. Joe sacudiu Quincy.

—Sorte sua eu não parti-lo ao meio. A única coisa que irá salvá-lo é o fato de Scott Royal querer prendê-lo. —Joe o soltou. —Entregue-se para não apanhar.

—Entregar-me? —Quincy recuou um passo. —Por quê? —Ele parecia histérico. —Estou aqui para... Uma visita.

—Por isso pretendia arrombar o abrigo?

—Não seja ridículo. O que eu poderia querer aqui?

—Estou pensando no que você não queria, Quincy. Convenceu Patrícia a fechar o lago. Ateou fogo em uma lata e quase incendiou meu carro. Escreveu insultos em paredes e portas. —Joe sempre conseguira se conter ao lidar com a escória, mas aquele homem o tirara do sério. —Você quer que as crianças vão embora.

Quincy olhou para os lados, na tentativa de buscar um meio de escapar. Mas Joe estava em frente a ele e o lago achava-se atrás; portanto, não tinha para onde ir.

—Que crianças? Não sei do que está falando.

Joe avançou.

—Você comprou esta propriedade para Chloe, não? Pensou que conseguiria aquietá-la e escondê-la aqui. Mas o que aconteceu, Quince? As crianças começaram a se parecer com você? Teve medo de que todos descobrissem quem é o pai delas? Quando comessem a notar a semelhança, sua reputação estaria arruinada. Estou certo?

—Cale a boca.

—Sua mulher não vai gostar disso. A cidade toda ficará decepcionada. Não somente é pai de duas crianças ilegítimas, como também negligenciou sua responsabilidade para com elas.

—Cale a boca, Winston!

—Pobre Quince. Eles são tão parecidos com você, não? —Joe o conduziu para a lateral do abrigo, evitando que ele fugisse. —São seu sangue e você queria se livrar deles. Espalhou boatos maldosos e tornou a vida deles um inferno. Foi Dinah quem ligou para a assistente social, não foi? E usou o carro dela para fugir naquela noite do fogo.

—Tudo mentira!

—É um canalha miserável, Quince, e quando as pessoas descobrirem, não farão nada para salvar sua pele.

Traíçoeiro como um rato, Quincy fechou o punho e atacou. O murro pegou no queixo, mas, devido à raiva, Joe nem sequer sentiu dor.

—Muito bem, Quince. Já que me bateu, serei obrigado a reagir.

O golpe de Joe fez Quincy dobrar-se e cair de joelhos no barro.

—O que pretendia fazer no abrigo? —Aproveitando a impotência de Quincy, Joe revistou os bolsos do homem e achou uma caixa de fósforos dentro de um plástico para mantê-la seca. —Outro incêndio? Que falta de criatividade. Mas é apenas mais uma maneira sórdida de impedir a reabertura do lago, certo? Na verdade, você tencionava espalhar boatos para incriminar Austin.

—Vá para o inferno.

—Esperava nos arruinar, Quincy? —Joe insistia. —Claro que sim, pois, se conseguíssemos reabrir o lago, não teríamos motivos para partir.

—Não!

Joe puxou a capa de chuva que Quincy vestia para expor os ombros.

—Arranhões idênticos aos que eu ganhei quando o persegui mata adentro. O gato que deu a Clay foi a explicação que inventou para justificar essas marcas? Sua mulher acreditou nessa história patética?

—Joe meneou a cabeça. —Não se preocupe. Vou esclarecer tudo para ela assim que você estiver atrás das grades.

Devagar, Quincy conseguiu se levantar.

—Por que se importa tanto, seu filho da mãe? Patrícia estava partindo. Ela levaria as crianças embora e tudo ficaria bem. Mas você e a outra vagabunda tinham de aparecer.

—Quer morrer, Quincy? É isso? —Joe o ameaçou.

—Por que não vão embora? —Quincy apavorou-se. —Podem levar as crianças com vocês por uma boa quantia. Estou disposto a pagar bem.

—Você não tem nada que eu queira, Quincy. —Exceto seus filhos. Mas Joe não admitiria nada àquele patife.

De súbito, viu os olhos de Quincy se arregalarem alarmados.

Joe manteve Quincy imóvel, apertando-lhe o pescoço, e virou-se para enfrentar a nova ameaça. Teve uma surpresa. A poucos metros, entre ele e a casa, estava o homem que vira na cidade.

Também loiro. Também invasor.

Joe odiava coincidências.

Em segundos, concluiu que poderia vencer o sujeito. Ele devia ter o mesmo peso e, a julgar pelo corpo musculoso, também sabia lutar. Mas Joe tinha a adrenalina a seu favor. Mesmo vigiando Quincy, conseguiria se garantir.

Na verdade, estava ansioso para brigar.

Mas isso foi antes de avistar Luna atrás do homem, segurando uma pá nas mãos.

—Não! —Joe gritou na hora em que o sujeito notou Luna.

Pego de surpresa, o homem reagiu automaticamente. Com total agilidade, ele se virou, agarrou Luna pelo ombro e braço e jogou-a no chão. A pá tombou na terra e ela gritou antes de se estatelar na lama.

—Luna. —Joe sussurrou apavorado. A fúria o dominou completamente.

Praguejando, o estranho tirou uma sacola que levava no ombro e aproximou-se de Luna. Os músculos ainda estavam tensos e a postura, agressiva.

Joe nem sequer parou para raciocinar. Golpeou Quincy, que colidiu a nuca na parede e desmaiou na hora. Joe deixou-o despencar no solo a fim de acrescentar-lhe mais ferimentos.

O homem, ajoelhado ao lado de Luna, ergueu os braços.

—Calma, Winston. Ela está bem. Estou aqui para ajudar.

—Você está morto.

—Bruno Caldwell o seguiu até aqui, seu idiota.

Joe avançou e esmurrou o queixo do homem, derrubando-o. Com toda a fúria que possuía, o intruso levantou-se e sacudiu a cabeça para se recompor. Joe sorriu. Ao menos, o safardana lhe oferecia um desafio.

Luna sentou-se lentamente.

—Joe?

—Fique onde está. —Ele ordenou sem tirar os olhos do oponente.
—Irei falar com você em um minuto.

—Não quero lutar com você, Winston! —o sujeito esbravejou.

Joe riu para provocá-lo.

—Não estou lhe dando essa opção. —Joe avançou outra vez e socou o estômago do adversário, fazendo-o inclinar-se. No mesmo momento, levou o joelho ao queixo do homem, que tombou no barro e lá ficou.

—Não me escutou? —o estranho gritou, cuspidando sangue. —Bruno está aqui.

—Eu escutei. Por isso ainda não usei minha faca em você. Quero algumas respostas. Está trabalhando para Bruno? —Joe o chutou com toda a força.

—Pare com isso! —Luna exclamou, tentando se levantar. —Não o machuque.

Gemendo de dor, o sujeito conseguiu se erguer e, mais uma vez, encarou Joe.

—Não aguento mais. Para mim chega. Se preferir deixar que Bruno o mate, eu...

Uma bala atingiu a parede do abrigo e tanto Joe quanto o estranho se moveram rapidamente. O homem agarrou sua sacola de couro e abaixou-se atrás do abrigo, próximo a Quincy. Joe jogou-se sobre Luna, protegendo-a com o próprio corpo.

—Joe! —Ela tentou se desvencilhar.

—Fique quieta.

—Meu nome é Bryan Kelly. —o homem se apresentou. —Estou perseguindo Bruno Caldwell.

—Por quê? —Joe cobriu a cabeça de Luna com os braços, abafando os protestos.

—Sou caçador de recompensas.

Outra bala passou, quase atingindo Joe. Ele abraçou Luna e correu abaixado para se juntar aos outros atrás do abrigo.

Bryan já havia tirado a capa de chuva quando Joe se aproximou com Luna nos braços. Ela tremia e estava encharcada.

—Estou bem. —disse, batendo o queixo de frio. Bryan cobriu-a com a capa de chuva.

—Temos de sair daqui ou seremos mortos. Bruno é um covarde, e está usando um rifle de longo alcance.

—A menos que tenha praticado muito, Bruno não tem mira. —Joe ajudou Luna a vestir a capa. —A propósito, como sabe de tudo isso?

Com a confiança de alguém acostumado a armas de fogo, Bryan puxou sua pistola.

—Estive vigiando todos vocês da colina. —Ele se levantou e atirou. Logo em seguida, uma bala raspou na parede do abrigo.

—Se estiver mentindo, vou matá-lo.

—Sei disso. —Bryan esquadrinhou a área. —Vi Bruno seguindo essa trilha e, então, avistei você perdendo tempo com este outro imbecil. Eu não queria que nada me atrapalhasse dessa vez. Mas por causa das crianças tive receio de agir. —Ele encarou Luna. —Também não queria machucá-la.

—Sei. —Joe retrucou desconfiado.

—Bruno deve estar se posicionando agora. —Bryan falou. —Tudo que tem de fazer é continuar atirando para que saíamos de nosso esconderijo. O problema é que não enxergo nada com essa chuva.

Luna gemeu de preocupação e dor, esfregando as costas.

—Lamento muito. —Bryan murmurou. —Não vi que era você porque seus cabelos estão diferentes... Pensei que fosse Amélia ou Dinah, e confesso que não teria o menor remorso de nocautear uma delas ou as duas.

Luna ficou alerta e Joe resmungou agastado.

—Amélia? Dinah? —ela perguntou. Ainda examinando a área, Bryan assentiu.

—Amélia está trabalhando para Bruno. —Ele fitou Joe. —Pelo jeito, não gostou de ser dispensada e, quando Bruno apareceu procurando por você, ela decidiu se vingar. É uma cretina, mas não sabia que Bruno pretendia matá-lo. Achou que com a surra teria a chance de cuidar de você.

—Aquela vagabunda! —Luna indignou-se. —Ela participou da cilada. Eu sabia!

Joe tentou abafar os protestos, mas não conseguiu. Joe pensou em socar Bryan por ter fornecido tal informação a Luna. Agora ela não o deixaria escutar o restante da história.

—Posso saber como descobriu tudo isso?

—Segui Bruno na noite em que ele o atacou no estacionamento, mas o canalha escapou. Novamente. Então, Amélia apareceu e resolvi...

—Eu lhe disse. —Luna resmungou.

— ...observá-la também. Ela fez várias ligações para Bruno, que ouvi com um equipamento de escuta. Planejaram seguir você, e eu fiz o mesmo.

—Estava me espionando todo esse tempo?

—Felizmente, sim. —Bryan olhou para Quincy, que, embora desperto, nada dizia para se preservar. —Este palhaço está mancomunado com Dinah Belle. Só descobri isso hoje, na verdade. Vi o carro na noite do fogo e identifiquei a placa. Quando avistei Dinah

saindo do mesmo veículo diante da farmácia e percebi o jeito que ela se jogou em você, concluí que também estava envolvida.

Luna agarrou Joe pelos cabelos e o puxou.

—Ela se jogou em você?

—Bryan exagerou. —Joe gentilmente soltou-se. —Eu não o vi na farmácia.

—Claro que não. Não quis que me visse. E além do mais —ele piscou para Luna. — você estava ocupado com Dinah.

—Você descobriu que ela agia com Quincy e me deixou aquele bilhete ridículo?

—Foi a única coisa em que pude pensar. Sabia que Bruno estava na área. Se lhe dissesse quem eu era, você sairia atrás dele na mesma hora. —Bryan encarou Joe implacável. —Mas ele é meu.

—Bruno está devendo muito? —Joe perguntou irônico.

—Não. Nossa relação é mais pessoal.

—Como assim?

—Não é da sua conta. —Bryan atirou entre as árvores. Mais balas retornaram, e eles correram para o outro lado do abrigo.

—Aposto que o problema envolve uma mulher. —Luna arriscou.

—Agora não importa mais. —Bryan se queixou. —O idiota complicou demais a situação. Só sei que não deixarei a polícia local botar as mãos nele.

Joe ponderou por um momento. Se não prestasse queixa e ninguém mais testemunhasse o ataque de Bruno, Bryan poderia agarrá-lo. Isso simplificaria muito as coisas para Joe. Não queria mais rupturas na vida das crianças. A paternidade de Quincy já seria um problema grave a elaborar.

Portanto, tomou uma rápida decisão. Sabia o que tinha de fazer e como Luna reagiria. Segurou-a pelos ombros e respirou fundo.

—Vou pegá-lo.

—Mas Bruno está armado. —Luna argumentou.

—É um rifle de longo alcance. —Bryan repetiu.

—Não podemos ficar aqui por muito tempo —ponderou Joe.

Bryan o encarou admirado.

—Vai agarrá-lo pelas costas?

—Exato.

—Ao menos, leve Bryan com você. —Luna sugeriu.

—E deixá-la sozinha com Quincy? Nem pensar.

—Então, eu vou com você. Posso usar uma arma. Não deve ser difícil.

Bryan riu.

—Você vai ficar aqui, sem se mover, até que Bryan lhe diga o contrário. Entendeu? —Joe ordenou.

—É um plano estúpido, Joe.

—Não abuse, Luna.

As lágrimas nos olhos dela o comoveram, mas não podia fraquejar naquele momento.

—Você já se envolveu demais, saindo de casa.

—Vi Bryan caminhando em sua direção! —ela argumentou angustiada. —Você estava ocupado com Quincy. O que eu deveria fazer?

—Deveria ter confiado em mim. —Joe esbravejou. —Mas isso nunca lhe ocorreu, certo, Luna? Não confia em mim nem em seu coração.

Bryan desviou o rosto. Quincy os observava intrigado.

—Claro que confio em você.

—Então, faça o que digo. —Joe tirou a faca do bolso e dirigiu-se a Bryan. —Você tem cordas ou algemas?

—Claro. —Bryan tirou um rolo de corda de náilon da sacola. —Isso deve servir.

—Mantenha-o distraído enquanto atravesso a mata atrás de nós.

—É bom o bastante para evitar um tiro?

—Sou. —Joe encarou Luna. —Sou muito bom.

—Tenho o pressentimento de que ela me dará trabalho. —Bryan empurrou a perna de Quincy. —O que faço com nosso amigo, se ele se mover?

Joe olhou para Quincy e sem hesitar socou-lhe o queixo. Quincy desmaiou novamente.

—Fracote.

Bryan riu, deixando Luna furiosa.

—São dois idiotas. —Ela encarou Joe. —Se você se machucar, Joe Winston, não vou lhe perdoar nunca mais.

Sorrindo, Joe beijou-a na boca e desapareceu. Havia uma grande probabilidade de pegar Bruno, mas, caso não conseguisse, afastaria o perigo de Luna. Se levasse um tiro, conseguiria viver com a cicatriz. Mas não aguentaria vê-la machucada.

Bryan voltou a atirar, dando a Joe a chance de localizar Bruno quando este respondeu ao ataque.

Como um elefante, Bruno se deslocava sem o menor cuidado, pois ele acreditava ter cercado suas vítimas.

Por cinco minutos, Joe percorreu a mata sem fazer ruído algum, circulando a região de onde vinham os tiros de Bruno.

E, finalmente, encontrou seu alvo.

Capítulo XVII

Luna jamais conhecera um medo tão paralisante. Bryan Kelly, no entanto, demonstrava certa tranquilidade. Sorria com frequência, principalmente ao disparar sua arma. Ele assemelhava-se muito a Joe quanto a se divertir com jogos letais.

Bryan olhou para ela, notando a expressão agoniada.

—Pare de se preocupar, mulher. Winston sabe o que está fazendo.

—Claro que sabe. —Luna confirmou, mas sabia que Joe não era onipotente, não conseguiria lutar contra uma bala.

Quincy resmungou e ergueu a cabeça. O rosto estava machucado, inchado e havia sangue escorrendo do nariz até o queixo. Luna não sentia a menor pena do imbecil. A bem da verdade, fazia questão de ignorá-lo. Se Joe se ferisse, ela o responsabilizaria.

Luna observou Bryan enxugar a testa com a manga da camisa. Era tão loiro quanto Quincy e também tinha olhos castanhos. Contudo, Bryan possuía um olhar mais dourado.

—Lamento tê-la machucado. —desculpou-se outra vez. —Agir por instinto nem sempre é uma boa pedida. —Bryan virou-se para vigiar Bruno. —Quando chegou perto de mim, deduzi que fosse uma daquelas mulheres.

—Se esta é sua maneira de pedir perdão, esqueça. Não lhe perdão.

—Não?

—Você deixou Joe se arriscar sozinho.

Bryan soltou uma risada sonora.

—Esperava mesmo que eu tentasse impedi-lo?

De repente, tudo silenciou. Não se escutavam tiros ou algum outro ruído. O coração de Luna disparou. Levantou-se para vasculhar os arredores, mas Bryan puxou-a, obrigando-a a se abaixar.

As folhagens moveram-se. Subitamente, Joe emergiu, alto e poderoso, de cabeça erguida. Ele mancava um pouco devido ao homem gordo que carregava sobre um ombro. Na outra mão, ele segurava um rifle. Luna observava-o incrédula.

—Vejam só —Bryan murmurou, afastando-se da duvidosa segurança do abrigo.

Joe não parecia abalado. Na realidade, transmitia uma energia ameaçadora, como se pudesse enfrentar uma tropa de soldados armados.

Apesar da pouca iluminação, Luna notou o início de um olho roxo, mais arranhões no peito e ombros. Porém, o que lhe chamou atenção foi

o brilho triunfante dos olhos azuis. Joe, sem dúvida, divertia-se a valer com o perigo, mais um motivo para ela querer socá-lo.

—Este é Bruno? —Luna perguntou.

Joe assentiu e passou por ela, dirigindo-se a casa. O homem pendurado sobre o ombro de Joe assemelhava-se a um buldogue tanto em aparência quanto em comportamento. Ele grunhia e se debatia a fim de soltar as cordas que amarravam suas mãos e pés, não tinha muito a dizer já que um pedaço de sua camisa fora usado como mordança.

—O que vai fazer com ele? —Luna indagou, preocupada com o joelho de Joe, com o desdobramento de tudo e com o próprio coração.

Ainda nutria a tola esperança de que Joe se apaixonasse por ela e resolvesse ficar. Mas como Joe Winston aguentaria morar em Visita se adorava correr, riscos?

—Vou entregá-lo a Scott. —Joe respondeu com indiferença.

—Bruno é meu. —Bryan reclamou.

Joe parou, virou-se para encarar Bryan e, satisfeito, derrubou o homem no chão barrento. Bruno urrou. Se não estivesse amordaçado, os piores palavrões ecoariam pela mata.

—Tudo bem. —Joe levou as mãos à cintura. —Você arrasta até a casa.

—Tudo bem? —Luna repetiu perplexa.—Vai entregá-lo a Bryan? Você me disse que acabaria com Bruno quando colocasse as mãos nele.

—Eu coloquei as mãos nele.

—Sim, mas achei que quisesse se vingar ou algo do gênero.

—Para mim é pessoal. —Bryan insistiu. —Não fiquei noite após noite ao relento, observando a casa de vocês, só para dar a outro a satisfação de pôr Bruno atrás das grades.

Joe ignorou Bryan.

—Não ligo para o que acontece com Bruno desde que ele fique longe de nossa vida. —Muito carinhosamente, Joe abraçou Luna. —O mais importante para mim é garantir sua segurança e a das crianças, querida.

—Só isso? —A voz de Luna soou trêmula.

—Posso assegurar que Bruno ficará fora de circulação por um longo período. —Bryan soltou a corda que prendia os calcanhares de Bruno para que ele pudesse andar.—Você o cortou —comentou ao notar o ferimento à faca.

—Bruno pretendia atirar em mim. Precisei desarmá-lo. —Joe massageou os ombros para relaxá-los. —Ele ficará bem. Sou bom com a faca. Sei como ferir sem matar. Quer que eu demonstre com o velho Quince?

Joe empunhou a faca quando reparou que Quincy tentava fugir. Ele se deteve apavorado. Então se virou para encarar Joe e quase desmaiou.

—Vamos, Quince. —Joe ordenou. —Scott vai querer interrogá-lo.

—A propósito, por que ele tentou arrombar o abrigo? —Luna perguntou.

Os olhos de Joe tornaram-se sombrios. Foi o suficiente para Quincy lhe obedecer, sem emitir som algum.

—Ele é o pai de Willow e Austin. Queria afugentar as crianças porque começavam a se parecer com ele. —Joe abraçou Luna pela cintura. —Não demoraria muito tempo para as pessoas notarem as semelhanças, o que destruiria a reputação de Quincy.

Quincy cruzou os braços e virou-se.

—Tenho esposa, enteado e uma vida aqui. Se as pessoas descobrirem...

O coração de Luna se apertou ao pensar em como as crianças enfrentariam aquela realidade, e Quincy, sendo o pai, não mostrava o menor interesse nos filhos.

—Eles também têm uma vida aqui, seu safado! —ela esbravejou.

Joe segurou-a antes que Luna pudesse atacá-lo por completo.

—Você não consegue ficar longe de problemas? —uma voz feminina reverberou, interrompendo a discussão.

Todos se viraram para olhar em direção à casa, onde avistaram uma mulher esguia e alta. Os cabelos negros e cacheados dançavam com a brisa; ela usava uma calça jeans coberta de lama e uma camiseta que certa vez devia ter sido branca. As mãos estavam na cintura e havia um sorriso largo no rosto.

Bryan fitou-a com total interesse.

—E essa é...?

—Minha irmã. —Joe resmungou.

Alyx aproximou-se e examinou o corpo imóvel de Bruno no chão.

—Excelente trabalho. —disse a Joe. —Ele está morto?

O interesse de Bryan tornou-se espanto.

—Que mulher sanguinária.

Resmungando, Bruno tentou se sentar. Alyx pareceu frustrar-se ao ver sinais de vida no bandido.

—O que aconteceu a você, Alyx? —Joe aproximou-se da irmã, puxando Luna consigo. —Está tudo bem? Por acaso sofreu algum acidente?

—Claro que não. —Alyx beijou o rosto de Joe e abraçou Luna. —Esbarrei com um homem incrível no meio da estrada que se chama Jamie Creed. Ele apareceu do nada, como se pretendesse me encontrar. Foi uma experiência assustadora, mas excitante.

—Oh, não. —Joe fechou os olhos.

—Ele é delicioso, não? —Alyx comentou com Luna. —Tão misterioso e...

—Alyx.

—Está bem. —Ela suspirou. —Jamie me disse que estavam com problemas aqui e que tínhamos de nos apressar. Pareceu-me tão convincente que acreditei nele.

—Deixou um estranho entrar em seu carro?—Joe tentou conter a ira.

—Ainda bem que deixei, dada a situação dramática que estão vivendo aqui! Mas foi Jamie quem dirigiu, e, devo confessar, o homem é um maniaco.

—Qual é a conclusão dessa história? —Joe ralhou impaciente.

—Não seja mal-humorado, Joe. Chegamos a tempo de ver Amélia se esgueirando pela propriedade. Quando lhe perguntei o que queria, ela tentou me bater. Mas eu a peguei de jeito. —Alyx mostrou o punho. —Fiz como me ensinou, Joe. Foi bem no nariz. Ela desabou como uma pedra.

Luna jamais vira uma mulher como Alyx Winston e, naturalmente, estava admirada.

—Não sei o que ela estava aprontando, mas evitei que entrasse na casa. —Alyx sorriu triunfante.

—A casa está trancada. —Luna disse. —Willow não deixará ninguém entrar, exceto eu, Joe ou o delegado Scott.

—Ela deixou Jamie entrar. —Alyx ficou preocupada. —As crianças pareciam conhecer e confiar nele. Espero que esteja tudo bem.

—Sim, está tudo bem. —Luna garantiu.

—Não está, não. —Joe retrucou. Alyx ouviu apenas Luna.

—Ótimo. A propósito, o delegado já chegou. Ele apareceu na hora em que eu derrubei Amélia e, como se meteu na briga, o pobre acabou ganhando um soco também. —Alyx apressou-se a explicar a Joe. —Eu não sabia que ele era da polícia. Se soubesse, não teria usado tanta força. O homem gritou e disse coisas horríveis. Então, ele me afastou de Amélia. Foi uma pena porque eu adoraria nocauteá-la.

Joe começava a ficar nervoso.

—Onde está Scott agora, Alyx? Você não o machucou, certo?

Luna ficou atônita. Joe falava como se a irmã fosse capaz de ferir um homem adulto e, ainda por cima, policial.

—Ele está bem. —Alyx sorriu. —Deve estar trancando Amélia na viatura. —Então, Alyx comentou com Luna: —Ela não é do bem, mas Joe já saiu com cada mulher que nem vale a pena mencionar.

Naquele momento preciso, Scott apareceu na lateral da casa. Ele parecia enfurecido e estava mais enlameado que Alyx.

Joe suspirou e cruzou os braços. Luna aproximou-se dele. Estava tão aliviada por vê-lo são e salvo que não conseguia parar de tocá-lo.

—Você —Scott apontou o dedo para Alyx . — também vai ganhar um par de algemas.

—Só se conseguir me pegar. —Alyx o desafiou sedutora. O rosto de Scott ficou ainda mais vermelho de raiva. Ele passou as mãos nos cabelos cheios de barro e encarou Joe.

—Ela me deu um soco e me derrubou na lama.

—Você estava em meu caminho. —Alyx explicou-se calmamente. — E como eu podia saber que era um policial?

Bryan levantou Bruno, observou Alyx e Scott, e riu.

—Não há um minuto de tédio por aqui, certo, Winston?

Scott travou o maxilar e enfrentou Alyx.

—A sirene não significa nada? As luzes da viatura? Meu uniforme? Por acaso, pensou que eu fosse um escoteiro?

—Assim que vi o uniforme, parei na mesma hora. —Alyx se defendeu.

—Não antes de acertar minha boca. —Scott agarrou o pulso de Alyx e puxou-a para si.

Luna não sabia se o delegado pretendia beijá-la ou chocá-la. De qualquer maneira, achou melhor assumir o controle da situação antes que houvesse mais derramamento de sangue.

—Scott, lamento interromper a discussão, mas poderia pedir reforços? Preciso ver as crianças e agradecer Jamie pela ajuda, mas quero esses idiotas fora daqui antes que um deles machuque Joe.

Houve um silêncio profundo, até a brisa parou de soprar nas árvores. Ninguém respirava. Devagar, Joe virou-se para encará-la.

—Como disse?

Se não estivesse emocionalmente abalada, Luna jamais pronunciaria frase semelhante.

—Eu o amo, e por isso não quero que arrisque sua pele.

—O quê? —Joe perguntou espantado.

Luna meneou a cabeça, agora surpresa com a própria declaração.

—Luna? —Joe chamou-a, usando aquela voz amorosa que a fazia arrepiar-se.

—Não. —Ela se sentiu uma completa idiota. —Não vou repetir. Esqueça.

—Eu a ouvi em alto e bom som. —Alyx disse. —Ela disse que o ama. Aleluia! Finalmente, terei uma cunhada.

Luna sabia que estava fazendo papel de tola. Nunca dissera a um homem que o amava, e agora resolvera, sem planejar, anunciar a todos os presentes o que sentia no coração. Contudo, somente Joe prestava atenção a ela naquele momento.

Scott e Bryan investiam em Alyx, fitando-a com a mesma cautela utilizada para avaliar uma víbora atraente.

—Muito bem, meninos, vamos nos ocupar. —Alyx avisou. —Não há tempo para bate-papo. Scott, você chamou outra viatura? Acho que vamos precisar, pois Joe agarrou dois bandidos de uma só vez. Eu não os colocaria junto com Amélia, por piores que eles sejam.

—Sei o que devo fazer. —Scott resmungou.

—Que bom. Isso significa que outra viatura já está a caminho. Obrigada.

—Não me agradeça por fazer meu trabalho!

—Está bem. —Alyx virou-se para Bryan. —Prazer em conhecê-lo, Bryan. Você é grande, não? —Ela não lhe deu a chance de responder. —Poderia arrastar um desses bandidos até a frente da casa? Que gentil. Conseguiremos nos organizar em tempo recorde.

Fascinada, Luna ficou observando Alyx comandar os dois homens.

—Ela é perigosa.

—Você também, querida. —Joe beijou-lhe a face. —Fez meu coração parar com aquela declaração.

—Qual declaração? —ela perguntou, fazendo-o rir. Scott aumentou a voz.

—Desculpe-me, Joe, mas precisamos conversar.

Alyx segurou o braço do delegado.

—Sobre o quê?

Scott ignorou-a, mas não se soltou dela. Apenas fingiu que Alyx não estava lá.

—Quincy levou uma surra feia; esse outro infeliz todo amarrado não sei de onde surgiu e assisti a uma briga de mulheres minutos atrás. —Scott tocou o lábio que Alyx atingira.

—Posso explicar. —Joe prontificou-se. —Em resumo, Quincy foi pego tentando arrombar o abrigo. Ele me agrediu e eu reagi.

—É mentira!

—Sou testemunha. —Bryan ofereceu-se. —Posso confirmar que Winston agiu em legítima defesa depois de flagrar Quincy arrombando a porta do abrigo.

—Eu também. —Luna assentiu.

—Preciso de uma ambulância. —Quincy reclamou. —Acho que meu nariz está quebrado.

Suspirando de cansaço, Scott pegou um par de algemas e prendeu os pulsos de Quincy.

—Há uma ambulância a caminho. Será examinado antes de eu o levar para a cadeia.

—Precisa ir atrás de Dinah Belle também. Ela ajudou Quincy a armar as travessuras e o vandalismo.

—Está certo. Farei isso. —Scott prometeu. —Pelo jeito, a delegacia ficará lotada esta noite.

—Este está sob controle. —Bryan informou, apontando Bruno. —O ferimento é superficial. Ele viverá... O que é uma pena.

—Odeio ter de perguntar, mas quem é você? —Scott indagou.

Bryan mostrou um pedido de prisão em nome de Bruno e o documento que o autorizava a agir.

—Foi Joe quem o amarrou. Estou atuando conforme a lei para que não haja impedimentos.

—Nesse caso, tire-o daqui.

Bryan puxou Bruno, que ainda tentava se soltar das cordas.

—Precisarei de uma carona até meu carro. —Bryan disse. —Mas esperarei na frente da casa. Tenho alguns assuntos a tratar com Bruno. —Ele empurrou o homem, que trotou em direção à casa.

—Que pesadelo. —Scott murmurou. —Agora só falta a briga de mulheres.

Alyx riu e colou-se a Scott, deixando-o mudo.

—Alyx, solte o homem e comporte-se. —Joe ralhou. —Pegue o rifle de Bruno, Scott. E, Quincy, pare de choramingar. —Ele voltou a fitar Scott. —Quero que Luna vista roupas secas antes de continuarmos a conversar. E só Deus sabe como preciso de uma aspirina. Estou velho demais para tudo isso.

—Ah, como quiser. —Scott ergueu as mãos, rendido. Então, olhou para Alyx e murmurou: —Não tenha pressa.

Ao se virarem, quase colidiram com Jamie Creed. Os olhos intensos e profundos pareceram captar a cena inteira sem se mover. Não havia expressão alguma em seu rosto.

Willow e Austin apareceram atrás dele, um tanto incertos.

—Vão. —Jamie encorajou-os. —E lembrem-se do que eu disse.

Os dois assentiram.

Jamie estudou Luna por um momento.

—Tudo vai ficar bem agora. —declarou.

—Lá vamos nós. —Joe resmungou agastado. Luna o beliscou antes de sorrir.

—Acha mesmo, Jamie? —perguntou e olhou para Joe. —Tudo?

—Sim. Pode parar de se preocupar.

—Sinto que vou desmaiar. —Alyx sussurrou, apoiando-se em Scott.

—Eu lhe disse para não se preocupar. —Joe esbravejou com Luna. —Alguma vez me escutou? Não. Mas um estranho desce da montanha, e você resolve acreditar em tudo que ele diz.

—Joe, por favor!

—Juro, Luna, se me disser que acredita nas bobagens místicas de Jamie, eu...

Luna esperou.

—Você o quê?

Joe fitou-a por um segundo e a beijou, furioso.

—Não sei. Vou pensar em algo.

—Acho que Jamie tem mais influência sobre as mulheres que você, Joe. —Alyx opinou.

—Também acreditou nessas idiotices? —Scott questionou Alyx.— Metade das mulheres da cidade está apaixonada por Jamie Creed. Elas criaram uma aura romântica e misteriosa ao redor dele e Jamie alimenta a idéia com essa mania de aparecer e desaparecer de repente.

—O fato de ele ser alto, moreno e bonito não me incomoda —Alyx provocou o delegado. Mas ao virar-se para flertar com Jamie, ele já havia sumido. —Onde foi o homem?

Willow olhou para trás.

—Não sei. Ele estava aqui agora mesmo.

—Nossa, Jamie é muito bom na arte de desaparecer. —Luna comentou fascinada.

—Ele vai voltar. —Scott reclamou.

—Infelizmente. —Joe completou.

—Acho que vocês dois têm ciúme de Jamie. —Luna pontuou, o que gerou uma grave indignação.

—Talvez ele esteja na frente da casa. —Alyx puxou Scott, que, embora a contragosto, seguiu-a.

Quincy teve de ir atrás deles, uma vez que o delegado estava com a chave das algemas.

—Vocês estão bem? —Willow perguntou a Luna e Joe.

—Estamos, querida. Desculpe ter deixado vocês dois sozinhos. Eu não raciocinei...

—É verdade. —Joe ratificou. —Devia ter ficado dentro de casa.

—Ela não poderia. —Willow explicou. —Luna o ama e jamais o deixaria aqui fora sozinho. Foi o que Jamie me disse.

—Foi mesmo? —Pela primeira vez, Joe não criticou a percepção de Jamie.

—Também amo você e Austin. —Luna disse. —Espero que não tenham ficado muito assustados.

—Ficamos bem. —Willow sorriu com serenidade. —Você trancou todas as portas e eu liguei para o delegado. Estávamos em segurança.

—Acredita que eu a amo? —Luna indagou, sem poder acreditar.

—Acredito. Jamie disse que você veio para ficar e que nunca nos abandonaria.

Joe gemeu, mas não retrucou.

—Jamie também disse que você ficaria, Joe. —Austin contou, caminhando à frente deles. —Falou que tudo se arranjará graças a você.

—Como Luna, eu também me apeguei muito a você e sua irmã. Eu sentiria muita saudade, se não os visse todos os dias.

Austin sorriu.

—Jamie disse que vai ficar aqui para sempre.

Luna parou diante da porta da cozinha e encarou Joe.

—É verdade?

—Vai começar a duvidar de Jamie agora? —Joe ficou irritado. —Depois de todo esse tempo, achou mesmo que eu iria embora?

—Eu...

Joe tomou-a nos braços e a beijou.

—Você me ama, eu a amo. —ele argumentou. —As crianças parecem estar de acordo. —Joe olhou para ambos. —Concordam em que eu fique aqui para sempre?

—Vai me ensinar a usar uma faca? —Austin animou-se.

—Não sei...

—Será nosso pai? —Austin encarou Joe. —Não gosto de Quincy, não quero que ele seja meu pai. Prefiro você.

Joe emocionou-se.

—Vocês sabem?

—Sabemos. —Willow respondeu. —Jamie conversou conosco. Ele disse que qualquer um pode fazer um filho, mas somente um homem especial consegue ser um pai.

—Eu adoraria ser o pai de vocês. —Joe declarou comovido.

Willow abraçou o irmão e sorriu. Havia alívio e aceitação nos olhos expressivos.

—Está tudo bem. —disse, com os olhos marejados. —Pelo menos agora entendemos porque Quincy nos odeia tanto. De certa forma, sinto pena dele. E lamento muito por Clay.

—Clay parece ser um rapaz inteligente e cheio de recursos. É forte e irá superar.

—Você podia ajudá-lo. —Austin sugeriu a Joe.

—Sim, posso tentar agora que todos vocês me convidaram para ficar.

—Precisa se casar com Luna. —Willow avisou. —Ela quer sossegar e ter uma família.

Luna sentiu-se corar.

Solene, Joe segurou-lhe a mão e perguntou:

—Quer se casar comigo, Luna?

—Você me ama mesmo?

—Amo tanto que chego a ficar com medo do que sinto.

—Você não tem medo de nada. —Austin argumentou duvidoso.

—Ainda tem muito a aprender a respeito das mulheres, garoto. Elas são de apavorar, e Luna é a mais difícil de todas. No dia em que a conheci, percebi que meus dias de solteirão estavam contados.

De tão perplexa, ela permaneceu quieta.

—Vamos tentar outro ângulo. —Joe sugeriu. —Imagine o choque que Zane terá ao saber da novidade. Provavelmente vai desmaiar. Não seria divertido?

—Quem é Zane? —Willow perguntou.

—Meu primo, um sujeito ótimo. Vão conhecê-lo no casamento, junto com o resto da família. Isso, se Luna me livrar desse sofrimento e aceitar meu pedido.

Ela continuava muda.

—Sabe, Luna, já que deseja uma família, tenho muitos parentes para dividir com você. —Joe prosseguiu, listando as vantagens. —Austin e Willow ganharão vários primos. Assim que reabirmos o lago, estou certo de que o clã Winston passará as férias aqui. E aposto que Alyx está pensando em se mudar. Se juntarmos suas economias, as minhas e o lucro do lago, poderemos...

Luna jogou-se nos braços dele.

—Sim!

Joe a abraçou aliviado e convidou Austin e Willow para participar daquela união. Enfim, Luna começou a chorar.

—Está tudo bem, querida. —ele sussurrou.—Lembre-se do que Jamie lhe disse.

Luna riu.

—Acredito que está tudo bem porque você me disse, Joe.

—Ah, agora estamos nos entendendo.

Naquela noite, alguém bateu à porta. Willow foi atender, seguida por Joe. Clay estava na varanda, cabisbaixo e com as mãos no bolso.

O coração de Willow disparou ao vê-lo.

—Olá.

—Olá. —Clay olhou para Joe. —Eu poderia...

Willow saiu à varanda.

—Pode, sim. Ele não se importa. —Ela encarou Joe, pedindo-lhe através do olhar que os deixasse a sós. Apesar da aparência assustadora, Joe era um homem incrível.

Em silêncio, ambos caminharam pelo jardim. Clay chutou uma pedra, tenso.

—Sinto muito. —Willow tocou-lhe o braço. Ele riu e fitou o céu.

—Era isso que eu pretendia lhe dizer. —Clay a encarou, revelando sua angústia. —Eu juro que não sabia, Willow. Lembro-me de me perguntar do gato e de quão perturbada ficou. Se eu soubesse...

—Você não é responsável pelos atos de Quincy, Clay.

—Está zangada? —Ele segurou as mãos delicadas.

—Não com você.

—Obrigado. —Clay baixou os olhos. —Estou tão envergonhado.

Willow não sabia se era certo ou errado, mas, levada pelo impulso, ela o abraçou. Ficaram alguns instantes assim até Clay dizer:

—Minha mãe vai se separar de Quincy. Não pelo que ele fez, mas sim pelo escândalo que causou. A cidade toda está comentando. Meus amigos já me telefonaram.

—Ela pretende se mudar daqui? —Willow perguntou ansiosa. Odiaria mais uma perda.

—Acho que não. No momento, ela só fala em como fazer Quincy pagar.

—Que bom. Não gostaria de me afastar de um amigo.

Clay beijou o rosto de Willow com carinho.

—Vai fazer quinze anos em breve, não vai?

—Sim. No mês que vem.

—Então, quando tudo se acalmar, talvez possamos ser mais que amigos.

Lentamente, Willow sorriu.

—Talvez.

Três semanas depois, Bryan, Scott, Jamie e Julie Rose compareceram à bela festa de casamento. Joe e Luna haviam optado por uma cerimônia simples, somente com a família e os amigos queridos.

Alyx concordara em ficar com as crianças, enquanto Luna e Joe estivessem na pequena lua-de-mel de cinco dias. Ficariam isolados em um chalé no meio da floresta com nada mais a fazer, a não ser se amar. Joe achou perfeito. Voltariam para casa a tempo da grande abertura do lago, cujas atividades recreativas seriam inauguradas com uma competição de pesca.

Naquele dia ensolarado, todos estavam reunidos ao redor do lago. Vendo que Luna se ocupava com Alyx, Joe foi conversar com Bryan. O caçador de recompensas achava-se encostado a uma árvore e esquadrihava os arredores, atento aos convidados. Joe conhecia muito bem aquela postura tensa que jamais relaxava.

—Você parece estar sofrendo dentro desse terno. —ele brincou.

—Detesto gravata. —Bryan aceitou a bebida que Joe lhe oferecia. —É um lindo casamento.

—O tempo cooperou, apesar de minha família barulhenta não ter a mesma disposição.

—São barulhentos mesmo. —Bryan riu.

—Você precisa de férias, Bryan. —Joe notou o rosto abatido do colega. —Pode vir passar uma temporada conosco a hora que quiser. Sei que nos conhecemos de uma forma estranha, mas...

—Esqueça, Winston. Joguei sua namorada no chão. Você reagiu. Sem ressentimentos. —Bryan tomou o restante da bebida. —Deixei que me batesse naquele dia porque precisava de você para pegar Bruno. Mas se tentar de novo...

—Quando o tédio nos pegar, poderemos inventar algum tipo de brincadeira corporal. —Joe sugeriu, rindo.

Bryan esperou um instante e disse:

—Obrigado pelo convite, mas não será necessário. Comprei um pedaço de terra a poucos quilômetros daqui. É apenas um acre e fica perto de um riacho. É silencioso e tranquilo.

—Pretende construir uma casa aqui?—Joe indagou com surpresa.

—Estou pensando nisso. Mas tenho alguns negócios a tratar antes de qualquer resolução.

—Sairá à caça de alguém?

—Não. Dessa vez, é meu irmão quem precisa de uma ajuda.

Luna e Alyx juntaram-se a ele a tempo de escutar a última frase.

—Você tem um irmão? —Luna perguntou.

—Ele se parece com você? —Alyx quis saber. Ela se aproximou e acariciou a lapela de Bryan. —Está lindo de terno e gravata.

Joe puxou Alyx.

—Na verdade, Bruce é idêntico a mim —Bryan contou. —Somos gêmeos, mas a semelhança fica apenas na aparência.

—Então, ele é um cara legal. —Joe zombou.

—Muito legal. É um padre. —Aproveitando o espanto de todos, Bryan resolveu partir. —Por falar em irmão, preciso ir. —Ele abraçou Luna, apertou a mão de Joe e disse a Alyx: —Scott está vindo. Sua artimanha para deixá-lo enciumado funcionou.

—Por que acha que eu quis provocar ciúme nele? —Alyx sorriu.

—Porque uma princesa como você jamais flertaria comigo. Precisaria ser inteligente demais para tanto. —Bryan saudou Scott ao se retirar.

Joe riu da expressão atônita da irmã.

—O feitiço virou contra a feiticeira?

—Não mesmo. —Alyx protestou. —Veja como Scott está furioso.

O delegado aproximou-se, corado de raiva.

—Bryan precisou ir. —Alyx contou. —Mas onde está Jamie? Não o vejo há horas.

Sem uma palavra, Scott agarrou-a pelo pulso e a puxou. Alyx piscou para Luna e seguiu o policial, fingindo obediência.

—Sua irmã é uma peça rara.

Joe beijou o pescoço da esposa.

—A raridade é você, amor.

—Você me ama, Joe?

—Vamos sair daqui para eu lhe mostrar como a amo.

Eles escutaram Austin gritar e olharam para o jardim, onde o garoto vencia uma luta com Chase Winston, o primo mais tímido de Joe. Zane colocou Austin no ombro, comemorando a vitória.

A poucos metros, Julie Rose conversava animadamente com Tamara, a esposa de Zane.

—Onde estará Jamie? —Luna perguntou curiosa.

—Deve ter evaporado nas brumas ou se materializou em algum canto. Quem sabe? Mais importante ainda, quem se importa?

—Não acredito que ainda tenha ciúme dele, Joe.

—Sou possessivo, não ciumento.

—Pois saiba que Jamie gosta muito de você. Ele até me contou que meu marido tem um presente especial para mim.

—Ele disse isso? —Joe ficou chocado.

—É mentira? —Luna pareceu desolada. —Juro que ele quase sorriu ao dizer isso.

—Aquele filho da... —Joe se calou. —Vamos sair daqui. Vou mostrar seu presente quando ficarmos a sós.

—Agora estou ainda mais curiosa.

Duas horas depois, Joe tomou Luna nos braços e chutou a porta do chalé na floresta.

—Finalmente. —ele disse, levando-a para o quarto e deitando-a na cama.

—Joe. —Luna sussurrou, quando o marido começou a beijar-lhe o decote ousado do vestido de noiva. —Onde está meu presente?

—Espere um pouco. —Joe deslizou as mãos sob a saia e puxou a calcinha. —Diga que me ama.

—Eu o amo. —ela gemeu.

—Ótimo. Vou tirar seu vestido agora mesmo. —Joe despiu-a rapidamente e começou a beijar cada curva e protuberância de Luna.

—Tire suas roupas, Joe. —ela suplicou, ávida de desejo. —Eu o quero.

Joe levantou-se e lhe obedeceu. Quando chegou o momento de tirar a calça, sorriu e virou-se de costas para ela. Luna soltou uma risada divertida.

—Este é meu presente?

—E. —Joe jogou-se na cama. —Gostou?

—Pensei que tivesse medo da dor que iria sentir.

—Doeu muito, mas você vale qualquer sacrifício, meu amor. Além do mais, foi preciso apagar só algumas letras.

—E acrescentar outras?

—Sim. —Joe sorriu. —Troquei o “ou” pelo “una”.

A tatuagem agora dizia: “*Eu amo Luna*”.

—Você tem minha marca, Joe Winston. Não há como voltar.

—Sou seu desde o dia em que me atacou, Luna.

—Promete não ficar entediado? Não sentir falta da aventura?

Rindo, Joe abraçou a mulher que tanto adorava.

—Você é minha maior aventura, Luna. —Ele a beijou com ardor. —
Acredita em mim?

—Sim, Joe. —Ela sorriu. —Dizer “sim” a Joe Winston foi a atitude
mais sábia que tomei em minha vida.

Fim

Sobre a Autora:

Lori Foster é uma das autoras da lista dos livros mais vendidos do jornal The New York Times. Publicou sua primeira história em 1996, e desde então lançou mais de quarenta livros. Embora adore escrever, sua prioridade sempre será a família: o marido e três filhos.